

ALEX LIGHT



ROUBEI-TE UM BEIJO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ALEX LIGHT cresceu a ler demasiados livros e a ouvir demasiadas músicas da Taylor Swift. Escreve histórias que fazem as pessoas rir e, por vezes, chorar. Começou a dedicar-se à escrita quando era adolescente e partilhou dezenas de histórias de amor *online*, que acumularam mais de 150 milhões de leituras. Com uma licenciatura em Literatura Inglesa, tem a desculpa perfeita para ler ainda mais livros, quando não está demasiado ocupada para os escrever. Vive em Toronto, no Canadá, com os seus três animais de estimação. É consumidora compulsiva de donuts, às vezes faz bolachas e adora os meses frios de inverno.

Roubei-te um beijo

Alex Light

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Meet me in the middle

2022, Alex Light

Publicado por acordo com *HarperCollins Children's Books*,
uma divisão de HarperCollins Publishers.

Tradução: Fátima Martins

Design da capa: © 2023 Corint Books SRL Romania / Oana Zorlescu

1.^a edição em papel: maio de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-69332-7

Para a minha Mãe, por tudo.

EDEN

Uma pesquisa rápida no Google diz-me que uma mulher acordou depois de ter estado em coma durante vinte e sete anos, e eu não consigo assimilar isso. São quase dez mil dias de inatividade, de estar presa algures entre a realidade e um outro mundo. Tento imaginar a sensação de fechar os olhos e ver um buraco negro interminável. Um vazio sem fim. É tão horrível, que fecho o motor de pesquisa.

Não preciso de imaginar como se deve ter sentido a família daquela mulher. Conheço demasiado bem a sensação.

Dez mil dias. É uma loucura. Há cinco meses que estou à espera de que a Katie acorde, e isso partiu-me o coração em tantos pedaços, que já deixei de os contar.

– Pedido pronto para a mesa!

Ignoro deliberadamente a voz do Manny que vem da cozinha e mergulho mais fundo na minha angústia mental. Normalmente, sempre que começo a pensar no estado da minha melhor amiga, no hospital ao fundo da rua, desligo poucos segundos depois e tento pensar noutra coisa. Mas hoje sinto-me estranhamente masoquista. Talvez consiga controlar esta minha mente – ou pelo menos pôr-lhe uma rédea. Mas antes que possa decidir o que fazer, a campainha atrás de mim começa a tocar. Sei que o Manny está a carregar nela de propósito, insistentemente, só para me irritar. Não que esteja a funcionar. De todo.

– Eden – grita o Manny.

A quantidade de desdém que ele consegue concentrar numa única palavra é verdadeiramente notável.

Bebi bastante café e descansei bem, por isso, naquele momento, juro a mim mesma que vou moderar o meu mau humor habitual em, pelo menos, uns 35 por cento. Deixo o telemóvel deslizar para dentro do bolso do meu avental, ponho um sorriso e viro-me. O Manny observa-me com uma típica expressão de irritação mal dissimulada que se confunde com ar de gozo. A sua pele cor de azeitona está vermelha por estar na cozinha, e os olhos semicerrados são comicamente compensados pela linha curva ténue da sua boca.

Se alguém consegue parecer zangado de uma forma simpática, esse alguém é o Manuel Álvaro.

– Precisa de alguma coisa, chefe? – pergunto-lhe, inocentemente, porque sou uma boa empregada. Tecnicamente, ele não é meu patrão. O Manny é só dois anos mais velho do que eu. O pai do Manny, por outro lado, é o meu patrão. Mas não está aqui neste momento.

Além disso, eu e o Manny já nos beijámos uma vez. Qualquer ar de autoridade que ele pudesse ter desapareceu no preciso momento em que a sua boca tocou na minha.

– Era só para, tipo, fazeres o teu trabalho. – Ele faz deslizar um prato de frango com batatas pelo balcão, depois cruza os grandes braços sobre o peito. É com grande esforço que levanto lentamente os meus olhos de volta para o seu rosto. – Achas que consegues levar isso?

– Se consigo levar um prato de comida a um cliente sentado a quatro metros de distância? Que pergunta ridícula – digo eu, pegando no prato. – Claro que não.

As gargalhadas do Manny perseguem-me pelo restaurante até onde o Earl, um dos nossos clientes habituais, está sentado na mesa do canto – a mesma mesa onde se senta todas as sextas-feiras à noite, desde que comecei a servir aqui há dois meses. A mesma mesa, a mesma bebida, a mesma refeição, a mesma gorjeta miserável. Embora não o possa culpar realmente por esta última. Não tenho sido propriamente um raio de sol ultimamente – mais uma nuvem negra de tempestade permanente a pairar, à espera de encharcar tudo e todos

os que passarem por baixo.

Mas, como já referi, o nível de cafeína que flui pelo meu corpo é verdadeiramente notável, e, por uma vez na vida, estou determinada a não ser uma chata. Por isso, talvez pela primeira vez, sorrio para o Earl ao pousar o prato. Ele reage com um sobrolho franzido.

– Batatas extra? – pergunta ele, como sempre.

– Claro – respondo eu, porque tatuar na testa “sim, lembrei-me do raio das tuas batatas” talvez seja um pouco excessivo.

O Earl começa a atacar a comida, e eu fico ali, como uma anormal, a ver um homem de sessenta e tal anos a comer. Finalmente, lembro-me de me ir embora. Boa escolha. Lanço uma vista de olhos rápida pelo restaurante. O TugaChicken está estranhamente calmo para uma sexta-feira à noite. Para além do Earl, há mais dois clientes. Os pais do Manny abriram este restaurante no ano passado, servindo comida portuguesa num pequeno bairro de Toronto, repleto de negócios duvidosos e de lojas de *fast food* – pessoalmente, a minha cozinha de eleição. Antes de o TugaChicken nascer das cinzas, havia aqui um *diner* à moda antiga, cujas especialidades de comida frita nos levavam direitinhos até a um ataque cardíaco.

O Manny *jura* que o TugaChicken costumava estar cheio todas as noites. Nas suas próprias palavras: “O raio daquele restaurante mexicano deu cabo de tudo” – uma referência ao Chipotle que abriu ao fundo da rua há uns meses. Roubou todos os clientes, como um buraco negro. Ao que parece. Não sei se acredito nisso. Mas a comida aqui é fantástica, por isso talvez ele tenha razão.

Ansiosa por ir implicar com alguém, passo o balcão e atravesso pela porta da cozinha. O Manny está em pé, junto da grande mesa de metal, a esticar com o rolo um bocado de massa até se tornar num retângulo perfeito. Não preciso de perguntar para saber que ele está a fazer pastéis de nata, uma sobremesa portuguesa que consiste num creme de ovos aninhado dentro de massa folhada. Acho que conseguia comer cinco de uma vez só, em teoria. Mas claro que nunca fiz isso – pelo menos, não muitas vezes.

– Tens algum para mim? – pergunto, como um cão a pedir migalhas. O Manny, como o verdadeiro anjo que é, tira do nada um prato com um pastel de nata. – Já te disse que és a minha pessoa preferida em todo o mundo?

O Manny ofusca-me com o seu sorriso rasgado.

– Ultimamente, não.

Sento-me à mesa e começo a comer. A massa é um paraíso de manteiga, e o doce de ovos é tão delicioso, que sufoco um gemido. Em dez segundos, consigo engolir o pastel inteiro.

O Manny para de enrolar a massa. Aponta o rolo de massa para mim de uma forma muito acusatória que me deixa um pouco desagradada.

– Foi a primeira coisa que comeste durante todo o turno?

– Se calhar.

– Eden – resmunga ele, como se eu fosse a única responsável pelos seus cabelos brancos inexistentes. – Até parece que não trabalhas a cinco metros de uma cozinha com um chefe extremamente talentoso que te prepara tudo o que quiseses.

Faço questão de olhar com ar teatral à volta do pequeno espaço.

– Chefe extremamente talentoso... onde?

O Manny já não se dá ao trabalho de me responder. Cala-me atirando-me uma mão cheia de farinha à cara. Sacudo-a, deito-lhe a língua de fora de uma forma muito digna e continuo a comer todas as migalhas de massa do meu prato.

– Devíamos fechar mais cedo esta noite – digo.

O Manny revira os olhos perante a minha má ideia. Observo-o a dobrar habilmente a massa num quadrado, embrulhá-la em película aderente e enfiá-la no frigorífico, como faz sempre. Assim, a maior parte do trabalho já está feita para amanhã de manhã. Além disso, ele afirma que a massa é sempre mais fácil de trabalhar depois de ter sido refrigerada. Não que eu saiba muito sobre isso – ele mantém-me bem longe dela, como se a massa fosse a *Mona Lisa* e eu uma criança com os dedos pegajosos.

Depois de lavar as mãos e colocar um pano à volta do pescoço, o Manny responde-me com um abano rápido de cabeça.

– Não podemos fechar mais cedo – diz ele.

– Porque não?

Ele franze o sobrolho.

– Porque fechamos às dez. São só oito e meia.

Meu Deus, nenhum jovem de vinte anos deveria ser tão certinho. Se ele não fosse tão giro, seria bem irritante.

Sinto necessidade de lhe chamar a atenção para o facto de, nas últimas três horas, só terem entrado quatro clientes. O Manny contrapõe:

– Talvez as coisas melhorem em breve.

Ambos sabemos a verdadeira razão pela qual ele não fecha mais cedo. É apenas uma questão de saber se ele o vai admitir.

– É tão provável quanto eu ganhar asas e começar a voar – digo.

– Não vamos fechar mais cedo, Eden.

– Porque não? Seria tão divertido – insisto. – Há um mundo inteiro lá fora, Manny. Não estás mortinho por ir vê-lo?

Ele arrebatava o pano que tem ao ombro e começa a limpar o balcão. Evita olhar para mim, o que significa que o estou a cansar.

– Não sejas tão chatinho. Vá lá, podemos ir comprar *donuts*. Ou então compro-te uma bengala, ponho-te no alpendre de alguém e podes ficar a gritar aos miúdos que passam que a juventude de hoje em dia está perdida, se é isso que te dá mais gozo. É isso, Manuel?

Nesse momento, para de esfregar o balcão.

– Porque é que eu havia de gritar com os miúdos? – pergunta, com total sinceridade.

– Esquece os gritos. Podes falar com toda a gente num tom muito civilizado e amigável, desde que essa conversa tenha lugar fora destas quatro paredes. Alinhas?

Nesta altura, já estou praticamente aos saltos só com a ideia de sair mais cedo do trabalho. Até que o Manny cede e profere aquilo que ambos temos estado a pensar:

– O meu pai não vai gostar disto, Eden.

A esperança esvazia-se do meu peito como um balão, porque, se há alguma coisa em que ambos concordamos, é que desiludir o pai do Manny devia ser considerado crime.

A primeira vez que conheci o Sr. Álvaro foi quando ele me entrevistou no banco do passeio do outro lado da rua. Ele deve ter para aí um metro e oitenta e está coberto de tatuagens, o que é suficiente para fazer qualquer pessoa olhar duas vezes. Mas depois basta-lhe sorrir que a dureza desaparece e a suavidade de um ursinho de peluche espreita por baixo da pele. É capaz de ser a pessoa mais simpática que já conheci – o Manny incluído, o que é dizer *muito*.

A campanha de aviso da porta toca e lembra-me de que estou a trabalhar. O Manny espreita ansiosamente pela janela que separa a cozinha da sala de jantar. Sei que ele está à espera de ver outro cliente, mas é apenas o Earl a sair. Lanço ao Manny um olhar que diz: *Vês, eu disse-te que não vinha mais ninguém*, e depois vou limpar a mesa do Earl porque *estou* de serviço.

Enfio a gorjeta de dois dólares no bolso, coloco os pratos no carrinho e limpo a mesa. Quando termino, os outros clientes já se foram embora, deixando-me sozinha com os meus pensamentos, que são, de longe, a companhia que menos gosto de ter. Os meus dedos formigam por uma distração. Volto para a caixa registadora e deixo-me cair no meu banquinho, apoiando os pés na borda do balcão, violando não sei quantos códigos de segurança e saúde alimentar diferentes. Tenho o telemóvel na mão e, em segundos, abro o artigo sobre a mulher em coma. Desta vez, leio todos os parágrafos, mesmo os que falam da felicidade da família por este “milagre”. Algo sombrio e cinzento serpenteia pelo meu coração. Inveja? Culpa? Nestes últimos tempos, não sou lá muito boa a reconhecer os meus sentimentos.

Algo quebrou dentro de mim depois do acidente da Katie. Se houvesse um interruptor interno que faz as pessoas sentir empatia, amabilidade e carinho, e todos esses sentimentos fofos, o meu desligou-se com um simples *estalar de dedos*. Apenas sinto cansaço. Às

vezes, tristeza. Mas, como já disse, tento não pensar nisso durante muito tempo. Se o fizer, sufoco.

Tal como o Manny, dou por mim a olhar para a porta do restaurante, à espera de que entrem clientes, à espera de uma distração antes de começar a perder todo o controlo. Estou à espera do dia em que não mais consiga voltar a dar corda a mim própria.

De repente, o calor começa a irradiar através da minha pele. O Manny encostou-se a mim, o seu braço toca no meu. Semicerro os olhos durante um minuto e suspiro. Recuso-me a deixar-me desanimar hoje.

Quando encontro o olhar do Manny, vejo que me está a sorrir. Não sei como ainda me surpreendo constantemente com isso. Talvez seja porque ele faz a felicidade parecer tão fácil.

– Tenho uma ideia – diz o Manny. Tenta fingir grande descontração, mas percebo que está quase a rebentar.

– Diz.

O Manny levanta a mão. Um par de chaves balança nos seus dedos.

– Queres sair daqui?

Demoramos vinte minutos a limpar tudo e a fechar a porta. Estou no passeio à porta, de mãos impacientes a brincarem com as alças da minha mala, vendo o Manny a trancar a porta. O entusiasmo que sinto é a prova de como a minha vida é absolutamente monótona. Se sair do trabalho mais cedo é suficiente para me deixar assim, talvez tenha de pensar em arranjar um passatempo. Ou em expandir a minha vida social. Ou uma coisa ou outra.

O Manny dá-me o braço e guia-nos pela rua. Para meu alívio, no cruzamento, dirige-se para oeste, e não para norte, a direção que conduz ao hospital onde está a Katie. Esta noite, estou a tentar *sair* da minha vida. Aquele hospital é uma lembrança iminente da minha realidade sombria.

Gostava de perguntar ao Manny o que o fez mudar de ideias sobre sair mais cedo, mas, para dizer a verdade, não me interessa. Só estou

feliz por estar *livre*. E parte de mim teme que se eu falar nisso, ele mude novamente de ideias.

As ruas da cidade estão cheias de movimento, e o ar perdeu a humidade agora que o sol se pôs. Também cheira ligeiramente a esgoto – é completamente impossível romantizar esta cidade. O Manny segue, passando pela lavandaria – que tenho a certeza que é uma fachada para algum negócio ilegal –, e continua a andar. Passamos por lojas de conveniência, livrarias de livros em segunda mão, lojas de *bubble tea*. Nem me dou ao trabalho de perguntar para onde estamos a ir. Sinto-me apenas feliz por não estar a ir nem para o meu prédio nem para um quarto de hospital nem para o restaurante.

Quando passamos pelo Chipotle, puxo-o para pararmos. Ficamos a olhar pela grande montra e sei que estamos a pensar na mesma coisa: a fila ridiculamente longa de clientes devia era estar no TugaChicken.

– Vou entrar – digo eu, ressaltando sobre as pontas dos pés, como um pugilista a ganhar ânimo antes de um combate.

O Manny põe-se à minha frente, bloqueando-me a visão da fila. O seu rosto expressa imensa preocupação. Mas que choque.

– O quê? Porquê? – Os seus olhos estão arregalados e ansiosos.

– Vou lá dizer-lhes que mais vale irem gastar o dinheiro num restaurante familiar ao fundo da rua.

– Eden.

O Manny pega na minha mão e começa a arrastar-me para longe da porta. Os meus pés quase deslizam sobre o passeio. Piso com força e mantenho-me firme. Cruzo os braços como uma verdadeira criança de dezoito anos.

– Estou simplesmente a tentar salvar o negócio da tua família, Manny – digo.

O canto da sua boca ergue-se.

– É isso que estás a fazer? – Assinto. – O nosso negócio não é teu. Não tens de o salvar. Agora, podemos continuar a andar antes que sejas expulsa do Chipotle para sempre?

Solto um suspiro de desaprovação, mas acompanho-lhe o passo.

– Gostava de os ver a tentar expulsar-me. – Fazemos uma pausa no cruzamento. Apercebo-me novamente de que não faço ideia para onde vamos. – Para onde me estás a levar?

– Para o parque – diz o Manny, o que me deixa um pouco desiludida. Ele não para quieto enquanto esperamos que o semáforo mude. Presumo que se refira ao parque de Trinity Bellwoods, que fica a poucos quarteirões de distância. – Gosto de apanhar ar fresco depois do trabalho – continua. – Ficar preso na cozinha o dia todo mexe com a minha cabeça.

O semáforo dos carros passa a vermelho. Avanço um passo, mas o Manny estende a mão para me impedir, com o braço à frente da minha barriga. Olha para os dois lados – obviamente –, depois pega na minha mão e apressa-se a atravessar a rua. Apetece-me gozar com ele por ser um completo totó. Vá se lá saber porquê, mas não o faço. Em vez disso, digo:

– Devias falar com o teu pai para contratar outro cozinheiro e não teres de trabalhar o dia todo.

Quando o negócio começou a fraquejar, os lucros também foram diminuindo. O Manny contou-me que o pai teve de despedir os outros dois cozinheiros porque não tinha dinheiro para lhes pagar. Agora, é o Manny quem tem de aguentar com tudo. O Sr. Álvaro ajuda-o na cozinha sempre que pode. Mesmo assim, não consigo imaginar a pressão que o Manny deve sentir, com todo esse peso sobre os ombros.

– Não é assim tão fácil – diz simplesmente o Manny. Qualquer vestígio de ânimo desapareceu da sua voz.

– Dinheiro?

O Manny acena com a cabeça, o maxilar contraído sob o brilho das luzes da rua.

– A razão de todos os problemas, não é?

– A quem o dizes – profiro-o como se carregasse todo o cansaço do mundo.

Claro que contratar pessoal novo não é assim tão fácil. Sempre que há dinheiro envolvido, raramente é. Sou uma empregada de mesa de

dezoito anos em dificuldades, a viver com uma colega de casa numa das cidades mais caras do país, por isso posso dizer que sei bem o que é viver com um orçamento apertado.

Por momentos, penso em enfiar uma balaclava e ir assaltar um banco. Qualquer coisa que facilitasse a vida ao Manny e à sua família – ainda que a possibilidade de ser presa complicasse as coisas.

Ao cimo, avista-se o parque. As árvores altas e cheias de folhas ladeiam a relva, e as luzes do campo de ténis já estão acesas, agora que o sol se está quase a pôr. Consigo ouvir o som das raquetes no campo. Mesmo a esta hora, o parque está banhado por uma luz cálida e há muita gente a circular, a maioria sentada na relva ou a passear os cães pelos caminhos. Apercebo-me de que o Manny tinha razão – estar ao ar livre depois do trabalho é agradável. Pelo menos é melhor do que a minha viagem habitual de metro para casa e o subsequente colapso na minha cama.

Atravessamos os portões que dão acesso ao parque e depois trocamos o passeio pela relva. O Manny encontra um lugar sossegado debaixo de uma árvore e deixa-se afundar. Estou prestes a deixar-me cair também quando ele tira o casaco e o coloca no chão para que me possa sentar. Por um breve instante, desejo que o meu coração não se parecesse com uma manta de retalhos, unida apenas por fita adesiva barata e pensos rápidos. Talvez se fosse um órgão completo, a funcionar e a bater em pleno, pudesse estar com uma pessoa tão boa como o Manny.

Mas ele merece muito melhor do que eu. E eu, definitivamente, mereço muito pior.

Sento-me em cima do seu casaco e cruzo as pernas, certificando-me de que não toco com os sapatos na ganga macia. Como, pelos vistos, não percebi a indireta do Manny, continuo a insistir.

– Devias falar com o teu pai – digo. – Pelo menos, diz-lhe que estás a esforçar-te demasiado. Não achas que ele gostaria de saber?

– Não estou assim com tantas dificuldades – responde o Manny. Ele estende as mãos num gesto largo e esboça um grande sorriso. –

Estás a ver? Estou perfeitamente bem.

Claro, ele parece perfeitamente bem. Perfeitamente bem é dizer pouco. Mas, além da aparência, só me consigo concentrar nas olheiras debaixo dos olhos, como manchas de tinta azul desbotada. E já reparei que está sempre a bocejar. Até agora, quando ele inclina a cabeça para trás contra o tronco da árvore com os olhos fechados, parece que conseguiria adormecer aqui mesmo na relva.

– Se calhar, eu podia ser a tua subchefe – digo. A tal provocação, os olhos do Manny abrem-se, como se odiasse tanto a ideia de eu a cozinhar quanto beber três cafés seguidos. – É esse o termo? Não importa. Eu sei fazer massa e bater ovos. A sério, é assim tão difícil? – Já me estou a imaginar com um avental branco elegante e um daqueles chapéus altos. O olhar do Manny, por sua vez, diz-me que me está a imaginar a pegar fogo à cozinha. – A sério, Manny, diz-me o que achas de verdade.

E ele di-lo, claro.

– Serias uma péssima cozinheira – responde.

– Eu não estava a dizer isso literalmente!

Olho à minha volta à procura de algo para lhe atirar. Um ramo. Uma pedra pequena, mas eficaz. Nada. A natureza e os seus caminhos traiçoeiros.

– Porque – continua – os clientes nunca iriam chegar a ver a comida. Tu ias comê-la toda.

– Comemos um pastelinho à frente de alguém e a pessoa pensa que sabe tudo sobre nós – resmungo.

Mas ele tem razão, e tem noção disso, porque arqueia as sobrancelhas. Sei que está a conter uma gargalhada, à espera que eu negue.

– E então? Estou errado? – pergunta.

– Seria simplesmente uma certificação de qualidade – digo eu, no que espero ser uma forma de mostrar conhecimento. Tento pensar em palavras mais pomposas para lhe atirar e que possam ajudar a minha causa.

Não consigo.

– Como assim? – insiste ele. E agora que passei a estar do outro lado da brincadeira, já não estou a gostar muito.

Felizmente, uma mulher passa por nós com o cão atrás. Isso dá-me alguns segundos para pensar numa resposta. O cão para de andar para fazer chichi, e reparo que traz vestida uma camisola rosa-choque com lantejoulas prateadas que soletram *BITCH*. Volto-me para o Manny, com o queixo praticamente no chão. Tem a cara completamente iluminada. É a coisa mais engraçada que já vi desde há muito tempo.

O Manny curva-se, encolhido, a rir para as mãos, no que eu suponho ser uma forma de mostrar discrição, mas estranhamente consegue chamar ainda mais a atenção para si. Acho que nunca o tinha visto tão divertido, e tudo por causa de um cão com uma camisola ridícula. Tenho eu andado a atirar-lhe piadas incríveis desde que nos conhecemos e que recebo em troca? Um abanar de cabeça e um olhar de desaprovação. Francamente. Se calhar também devia usar uma camisola a dizer *BITCH*.

Percebendo o riso do Manny, a mulher puxa, finalmente, a trela do cão e afasta-se, deixando bem claro que sabe que nos estamos a rir dela. Era impossível não o fazer.

– Será que há uma camisola daquelas em tamanho de pessoa? – pergunto eu, pensando em voz alta.

De forma demasiado previsível, o Manny abana a cabeça na minha direção, ainda a rir. Os caracóis escuros caem-lhe sobre a testa de uma forma muito perturbadora.

– Eu compro-te uma para o teu aniversário – diz ele.

– Não vou aceitar nada menos que isso.

– Estavas a falar de certificação de qualidade – diz o Manny.

Começo, novamente, a procurar uma arma na relva.

– Estava? Não me parece que tenha usado essas palavras.

– Foram as palavras exatas que usaste.

– Bem. Certificação de qualidade, sim, hum. O que eu queria dizer era... Tu tens de provar a tua comida antes de a servir, Manny. É a

regra número um de qualquer chefe de cozinha. – Desenrasco-me.

– Hum. – A única sílaba que pronuncia sai-lhe com surpresa e... espera, soar *impressionado*? – Por acaso, tens razão.

– Tenta não parecer tão surpreendido. Eu vejo o *Chopped*.

Parece ficar ainda mais surpreendido.

– É isso que fazes nos teus tempos livres?

– Não queres mesmo saber.

– Quero, sim – diz o Manny, docemente. – É por isso que estou a perguntar.

Acho que, se ficasse aqui sentada durante as próximas três horas a divagar sobre mim própria, o Manny ia ficar a ouvir o tempo todo. Mais do que ouvir. Ele ia memorizar tudo. Imagino-o a tomar notas mentais e a ordená-las por cores. Talvez até me ajudasse. Mas esta fachada toda acabaria por desabar. A Eden, a rapariga das respostas na ponta da língua, que não leva nada a sério, acabava por se transformar na Eden, a miúda com uma confusão de sentimentos que parece não conseguir pôr a vida nos eixos.

Nem sequer sei se ainda sou capaz de me abrir com alguém, depois de ter passado meses a construir muralhas à volta do meu coração, como um animal selvagem. Galhos, cacos de vidro, folhas secas – tudo aquilo a que consegui deitar a mão está colado ao meu peito, como a pior armadura do mundo. Vai ter de ser assim. Mantém cá dentro toda a escuridão e afugenta qualquer vestígio de luz.

E o Manny está a revelar-se uma fonte de muita luz.

– Basicamente, durmo. – É o que respondo. Talvez consiga aborrecê-lo com os factos da minha vida o suficiente para que ele deixe de perguntar.

Sinceramente, o caminho mais fácil teria sido não sair com ele depois do trabalho. Mas aquele artigo sobre a mulher em coma fez-me querer sair do restaurante, sair da minha *mente*. Talvez porque, se continuar a pensar demasiado sobre o assunto, receio nunca vir a sentir o alívio que a família da mulher teve a sorte de sentir.

Tenho medo de que a Katie não volte a estar aqui. Não como

costumava estar.

– Não acredito em ti.

As palavras do Manny são como um puxão que me traz de volta à realidade.

– O quê?

– Que tudo o que fazes é dormir – diz ele, lentamente. Os seus olhos perscrutam o meu rosto, como se tivesse reparado que a minha mente vagueou por instantes.

– Ah. Pronto, temos pena.

As minhas capacidades de manter uma conversa são inigualáveis. Ou talvez seja difícil manter uma conversa com alguém quando damos tudo para que essa pessoa saiba o mínimo possível sobre nós.

– A sério, Eden – continua o Manny. – Trabalhamos juntos todos os dias há, o quê, dois meses? E a única coisa que sei sobre ti é o teu nome e que és uma péssima empregada de mesa. – O Manny profere a última parte com um sorriso tão giro, que eu mal consigo reunir energia para o contrariar.

– A minha vida é uma seca. Não perdes grande coisa.

Exceto todas as cenas tristes que ninguém quer ouvir.

– Põe-me à prova. – Proclama essas três palavras como uma carícia suave. Como se eu fosse feita de cristal e qualquer coisa afiada me partisse em duas. Ou me assustasse. Foi tão sincero que me apetece contar-lhe tudo.

Desde o acidente da Katie, não houve uma única pessoa a quem sentisse necessidade de abrir o meu coração. Nem aos meus pais. Nem à minha colega de casa. Nem a um psicólogo ou a qualquer outro estranho. O Manny é o primeiro – e, mesmo assim, continuo a recusar-me a fazê-lo.

Há mais uma pessoa que sabe o que estou a passar. Uma outra pessoa que tem nome. Infelizmente, não faço a menor ideia de onde ele se encontra atualmente.

Apodera-se de mim uma grande tristeza. Afasto-a como se fosse um cobertor. Cruzo as pernas e fico a olhar para o pedaço de relva entre

as minhas pernas. Os meus dedos apanham as ervas verdes, arrancam-nas e depois desfazem-nas.

– Não, obrigado – respondo.

– Se valer de alguma coisa, podes perguntar-me tudo sobre mim – diz ele.

Olho para cima e vejo o Manny a olhar para mim com um nível de expectativa para o qual não estava preparada. Este rapaz – este rapaz simpático e fantástico – está apenas à espera de que eu morda o isco. À espera de que eu lhe dê aquele lado de mim que perdi há meses.

Devia desencorajá-lo, gentilmente. Devia dizer algo simpático. Mas mostrar gentileza e compaixão não é fácil para mim.

– E porque é que eu havia de querer fazer isso? – pergunto, desta vez com um sorriso. Isso posso dar-lhe.

– Porque é isso que as pessoas fazem, Eden. Falam umas com as outras.

– Não gosto de falar.

Ele enfia as mãos nos bolsos da camisola com capuz.

– Exceto se forem comentários sarcásticos. Não é?

– Bingo.

– És impossível.

– Nada é impossível, Manny – respondo, com outro sorriso. Estou a ser demasiado generosa.

– Isso é o que eu espero.

Algo no seu rosto muda quando o diz. Fica melancólico, pensativo. Faz-me lembrar a noite em que ele me beijou. Com ternura. Suavemente. Como se estivesse prestes a admitir algo que eu não queria ouvir.

– Seja como for – começo, atirando um balde de água fria para cima do que quer que seja que este momento se estivesse a tornar. – Voltemos à questão da contratação. Só estou a olhar por ti. Tens apenas vinte anos, mas já tens a ética profissional de um homem de meia-idade. Devias estar a divertir-te. A fazer as cenas malucas que os rapazes fazem às sextas à noite. – Embora eu tenha quase a certeza de

que, seja lá o que for que os rapazes normais façam, o Manny vai fazer o contrário. Ele deve passar as noites de sexta-feira a fazer voluntariado num banco alimentar ou a usar um fato de super-herói, a salvar a cidade e a combater o crime de forma anónima.

De repente, dou-me conta de que não faço a menor ideia do que o Manny faz fora do trabalho. Nunca me lembrei de lhe perguntar. Que estranho.

O Manny arranca um punhado de erva e atira-o para cima de mim.

– Diz o roto ao nu, não é?

– É suposto eu perceber o que isso significa? – pergunto, sacudindo as ervas da minha roupa.

– Significa que é um pouco irónico que *tu* me chateies por não ter uma vida social.

– Estás a deduzir que eu não tenho vida social, Manny? – pergunto, fingindo-me ofendida.

– Não – diz ele. – Estava a insinuar.

– Como queiras, totó. Seja como for, estás enganado. Sou muito concorrida. Devias agradecer por te ter conseguido encaixar na minha agenda extremamente ocupada.

O Manny ri-se. Observo os seus olhos castanhos a dançarem no escuro.

– Certo. Tenho a certeza de que foi bem difícil encaixar-me num espacinho do teu horário das dez às duas da manhã, que diz *consumir quantidades pouco saudáveis de televisão*.

Nem tenho como negar, porque ele está absolutamente correto.

Com a minha última réstia de dignidade, profiro:

– Estás a mudar de assunto.

O Manny solta um longo suspiro, sinal de que o assunto está a chegar ao fim.

– Não vou pedir ao meu pai para contratar mais ninguém, Eden. Não posso arriscar que ele contrate alguém mais giro do que eu. Como é que vou sobreviver se não for constantemente o único alvo da tua atenção?

– Não sei – respondo honestamente, esforçando-me por não sorrir.
– É possível que implodisses em mil pedaços.

O Manny encosta-se ao tronco da árvore enquanto se ri. Dá pontapés com o pé esquerdo e cruza os tornozelos.

– Se calhar. – Depois fica calado, de olhos postos na relva. – Então – começa ele, e os seus olhos voltam-se para os meus –, quando é que me vais deixar ter um *date* contigo?

Ora aí está.

Se eu fosse qualquer outra pessoa no mundo, o meu coração iria aumentar para o dobro e ia a correr para casa para escrever no meu diário dezassete páginas sobre este preciso momento. Iria detalhar até o mais leve sorriso no rosto do Manny, e toda a sua vulnerabilidade em bruto que nos faz querer beijá-lo de imediato. Mas este meu coração de retalhos não funciona assim. Em vez disso, o que sinto é irritação, por ter de o rejeitar, mas gentilmente.

Em retrospectiva, beijar o Manny se calhar não foi boa ideia. Qualquer idiota com dois dedos de testa consegue perceber que ele é do tipo romântico. Mas eu era burra, estava stressada e sentia-me sozinha. Bastou um olhar para o peito do Manny, quando ele despiu a camisa do trabalho, para eu praticamente me atirar a ele de uma forma incrivelmente atraente e nada desesperada. Absolutamente nada.

Talvez um bocadinho.

Bem sabia que isto ia acontecer, e apercebo-me agora de que o nosso momento na cozinha deu origem a uma ligação que nos trouxe até *esta* situação, com o coração do Manny em risco e eu a ter de lho partir. Ou, pelo menos, de o magoar um pouco.

– Manny... – começo, porque sou uma cobarde, e as palavras foram abandonando o meu cérebro uma a uma.

O Manny bate com a sapatilha no meu joelho.

– Credo – diz ele, com uma gargalhada. – Isto não me soa nada bem.

Arranjo coragem para o olhar nos olhos. Não o devia ter feito. A

vergonha na sua cara despedaça o que restava do meu coração.

Deslizo pela relva até ficarmos lado a lado, com as costas encostadas ao tronco da árvore. Talvez o facto de não o olhar nos olhos torne isto mais fácil.

– Ouve...

O Manny interrompe-me.

– Não tens de te explicar, Eden. Podes simplesmente dizer não. Eu sou adulto. Consigo lidar com a rejeição.

E pronto, odeio-me. A minha cabeça vai parar ao ombro do Manny. Noutra vida, talvez pudesse sentir-me bem, terna e digna de alguém assim.

– Acho que és o meu único amigo – digo-lhe – e uma das melhores pessoas que já conheci. Podemos ficar assim? Por favor?

Eu não quero explicar. Só quero que ele perceba. Que perceba isto, que entenda esta pequena parte de mim que lhe estou a oferecer.

Sinto a pressão quente da cabeça do Manny encostada à minha. O alívio que me invade o peito quase me derruba.

– Foi a coisa mais simpática que já me disseste – diz.

Consigo ouvir o sorriso na sua voz.

– Não te habitues – digo, perguntando-me se ele conseguirá ouvir o meu sorriso.

EDEN

O Manny insiste em acompanhar-me até ao metro, e eu não discuto. É tão tarde, que as ruas já estão escuras e silenciosas, e a única luz que existe vem das janelas iluminadas das lojas de conveniência abertas vinte e quatro horas. Se não fosse pelo matacão de um metro e noventa que caminha ao meu lado, eu estaria a olhar por cima do ombro. Para meu alívio, o Manny deixou de falar de encontros, de amor e de romances agoniantes em geral. Respiro melhor assim, deixando os meus pensamentos distanciarem-se, enquanto ele fala de um novo prato que está a tentar convencer o pai a acrescentar ao menu do TugaChicken. Na verdade, não ouço nada. Em vez disso, a minha mente detém-se numa cena de um dia frio de primavera, em que a Katie me cortou a franja na borda da banheira, e do dia seguinte, em que fomos para a baixa para ver apartamentos. Andámos pelas ruas da cidade como se fôssemos donas delas, a tomar nota dos restaurantes que planeávamos experimentar e a memorizar o mapa da cidade.

As memórias são agora nebulosas. Ficaram cinzentas nas pontas, amarrotadas como um livro cujas folhas já foram dobradas demasiadas vezes. Ainda me lembro de pequenos momentos: a mão quente e firme da Katie na minha; os burritos embrulhados em papel de alumínio que comíamos ao almoço; aquele brilho a florescer no meu peito, como se estivéssemos no ponto de entrada para o resto das nossas vidas. Mas tudo o resto parece distante, como tentar encontrar estrelas e não perceber que não se tirou a tampa do telescópio. Não me consigo lembrar dos nomes das ruas por onde passámos nem se

chegámos a passar por elas. Apanhámos o autocarro? Apanhámos um Uber? Não me lembro de como eram os edifícios que explorámos, se eram altos e brilhantes apontados para o céu ou se estavam degradados, com varandas enferrujadas.

Nos espaços dentro de mim onde as memórias se desvanecem, a culpa cresce. Estou a perder pedaços da Katie. Todos os dias se desvanecem, ficando cada vez mais longe do meu alcance. Só se passaram meses. Não é nada no espaço de uma vida. É insignificante. Se me estou a esquecer dela agora, o que irei conseguir recordar daqui a cinco anos? Daqui a dez? A ideia é tão arrepiante, que quase começo a chorar.

À minha direita, o Manny caminha ao meu lado. E tudo o que consigo pensar é que deveria ser ela em vez dele.

Todos os dias parecem um jogo em modo pausa, como se eu estivesse suspensa no limbo e só houvesse dois resultados possíveis: ou a Katie acorda, pega na minha mão e tira-me deste pesadelo, e voltamos à vida em que andávamos de carro até tarde à noite e a mandar vir comida para o jantar; ou a Katie nunca mais acorda – e o resto dessa possibilidade é demasiado horrível para sequer pensar nisso. Por mais pequena que seja, neste momento, ainda existe uma possibilidade remota de ela acordar. E, no segundo em que os seus olhos se abrirem, o jogo recomeçará e estaremos de volta, a avançar para os nossos futuros, porque eles são *nossos*, ligados entre si. Mas, se ela não acordar, acabou. Este dia a dia sombrio deixará de ser apenas a minha realidade atual e passará a ser *o resto da minha vida*. Não posso aceitar isso. Preciso da luz ao fundo do túnel, mesmo que ela se apague um pouco todos os dias.

É esgotante sentir que não se tem controlo sobre o rumo da vida.

Paramos à entrada da estação de metro, e sinto-me como se tivesse terminado uma maratona. Está sempre a acontecer-me: com as voltas que a minha mente dá, o meu corpo sente-se exausto fisicamente. Acontece sempre que me ponho a pensar livremente na Katie, e é por isso que estas recordações estão fechadas atrás de uma porta de ferro,

presa com correntes grossas.

Do seu ponto de visão elevado, o Manny observa-me com olhos arregalados e cuidadosos. Deixo que as correntes se soltem um pouco, e vejo-o transformar-se numa pessoa completamente diferente. Os caracóis castanhos do Manny transformam-se em ondas soltas, pretas como tinta derramada numa folha de papel. Os seus olhos suaves endurecem para um azul frio, o seu calor arrefece até se tornar gelo. Consigo ver a curva do sorriso do Truman, consigo lembrar-me do seu toque leve como uma pena. Quero afundar-me nele como num lago tranquilo. Quero cair para trás, deixar-me descair no antes.

Mas o vento uiva contra os tijolos dos prédios, bate no metal dos candeeiros da rua, e todos os vestígios do Truman desaparecem, como fumo que se dispersa no ar da noite. É o Manny que está à minha frente. Olha-me como se me quisesse perguntar o que se passa, mas sabe muito bem que a resposta que vai receber está longe da verdade.

– Vais chegar bem a casa sozinha? – É o que pergunta, mas os seus olhos dizem: *Deixa-me apanhar o metro contigo, Eden. Deixa-me acompanhar-te até ao teu prédio e dar-te a mão no elevador. Deixa-me meter-te na cama e certificar-me de que estás bem, certificar-me de que esse lugar para onde acabaste de vaguear não está escondido debaixo da tua cama ou à espera no teu armário.*

– Eu fico bem – respondo.

Já fiz isto sozinha, centenas de vezes. Posso fazê-lo mais umas quantas centenas.

Antes que eu pudesse começar a descer as escadas a correr para o metro, o Manny puxa-me e abraça-me, apertando-me contra o seu peito. Queria sentir-me segura, sentir-me protegida. Em vez disso, sinto-me sufocada, como um animal que foi deixado à própria sorte nas ruas durante tanto tempo, que começa a desconfiar de qualquer forma de afeto. O meu corpo retesa-se. Não sei se o Manny se apercebe, porque continua a apertar-me como se eu fosse o Humpty Dumpty e ele pudesse voltar a juntar todas as minhas peças.

– Manny – murmuro, empurrando-o no peito. Ele solta-me

imediatamente, pigarreia e enfia as mãos nos bolsos das calças de ganga. Ambos sabemos que algo está errado. Que *eu* não estou bem. Mas esquivamo-nos da situação prontamente. Eu sou o assunto incómodo que não queremos abordar.

– Vemo-nos amanhã – diz ele. Estou a descer as escadas a correr, já a meio caminho do túnel do metro, quando ouço o Manny chamar: – E não te atrases!

Não respondo. Não posso fazer promessas.

A esta hora, quase não há ninguém no metro: um homem mais velho, de cabelo grisalho, com a cabeça encostada ao vidro; uma rapariga da minha idade, com os pés apoiados no banco da frente, a folhear um livro decorado com notas adesivas. Ocupo o último lugar de uma fila de três lugares vazios. O anúncio publicitário mesmo à minha frente é de um festival de outono qualquer, com fotografias de paus de gelado com neve e xarope de ácer fresco. É um estereótipo canadiano tornado realidade, e agora apetece-me panquecas. Raios.

A viagem de metro dura apenas cinco minutos, mas mesmo assim vasculho na mala em busca dos meus auscultadores. Quando consigo desembaraçar o fio, a voz no intercomunicador anuncia “Chegou à estação de St. George”, e as portas do comboio abrem-se. Recordo a mim mesma que tenho de comprar uns AirPods, mas depois faço um cálculo mental do dinheiro que tenho atualmente na conta, e, pois, esquece. Se calhar, pagar a renda deste mês é mais importante... Se calhar.

Sinto-me exausta por ter tido de trabalhar, socializar – terá sido isso que eu e o Manny fizemos? – e existir em geral, por isso vou pela escada rolante em vez das escadas. Para cima, para cima, para cima. Segundos depois, estou a empurrar o portão, a sair da estação e a irromper de novo nas ruas sinistras. O fio dos meus auscultadores recorda-me que estou falida, mas consegui desemaranhar o nó, por isso ligo-os ao meu telemóvel e enfio-os nos ouvidos. Digo a mim mesma que não me interessa o que vai dar quando carrego no botão da reprodução aleatória, mas passo à frente todas as músicas até

aparecer a que procuro: *Robbers* dos The 1975. Era a preferida da Katie... E lá está ela, a memória a empurrar a minha muralha mental, a tentar esgueirar-se por entre as fendas. *Não*, penso eu, *hoje não*. Passo a canção à frente. Não vou voltar a fazer isto.

Começa a tocar uma música qualquer de uma banda que vi em concerto há anos. Não é muito boa, mas serve. Esta música não me desperta emoções ligadas a ela nem memórias prontas para serem desenterradas e passarem na minha mente num *loop* infinito durante a próxima hora.

Ponho o volume mais alto. Mais alto. Depois mais alto ainda, até deixar de ouvir as minhas sapatilhas a baterem no cimento ou o zumbido dos carros a passar. Sei o caminho de cor – poderia fechar os olhos e mesmo assim acabava por parar em frente do meu prédio. Passo pela mercearia asiática, onde a fruta é mais fresca e mais barata. Viro à esquerda no Starbucks. Ouço mais uma música e lá estou eu, por baixo do edifício imponente que se estende até ao céu noturno. É o edifício que a Katie escolheu... *Nã*.

Encosto o meu cartão ao leitor, e a porta abre-se. As luzes são brilhantes e amarelas, o chão está forrado com uma alcatifa bege gasta. O Robert, o segurança, senta-se à secretária e sorri para mim quando entro. Passo pela estranha fonte de água vertical que ainda não está a funcionar e dirijo-me diretamente para os elevadores. Carrego no botão para subir. Há um novo póster colado na parede, de uma *slot machine*, a anunciar uma viagem de fim de semana ao Casino Fallsview, nas Cataratas do Niágara. Penso nos AirPods, nos cento e tal dólares que tenho na conta. Neste momento, não me posso dar ao luxo de me tornar viciada em jogo.

O elevador demora demasiado tempo a chegar, como sempre. Só há quatro, e um está parado para reparação. Estou irritada, e o meu cansaço aumenta a cada segundo que passa. Sinto o corpo pesado, como se estivesse a carregar pedras. Mesmo assim, dirijo-me para as escadas. Quando chego ao décimo quinto andar, sinto demasiada falta de ar e o peito a arfar para alguém de apenas dezoito anos.

O corredor é comprido e reto, forrado com uma alcatifa castanha manchada por décadas de uso e desgaste. É tão diferente do edifício onde a minha família vivia, com o chão de mogno polido e as paredes brancas brilhantes. Aqui, as paredes são da cor de manila desbotada. É sombrio e deprimente. Nada parecido com o que eu e a Katie imaginámos. Na batalha entre a estética e a capacidade financeira, ganhou a última, claramente.

Desço o corredor, passo pelos elevadores mesmo no meio do patamar – dois de cada lado. A minha porta é a primeira à direita. Ninguém me avisou quão má ideia é arrendar uma casa diretamente ao lado dos elevadores. Ouve-se o ranger ritmado dos elevadores a subir e a descer a noite toda. Mas já nos habituámos. Agora nada mais é que ruído branco a preencher o silêncio sinistro.

Apartamento 1519. Meto a chave na fechadura e abro a porta. Já estou a visualizar a paz e o sossego. Um duche rápido antes de saltar para a cama, embrulhada num cobertor grosso, e ver as repetições de *Brooklyn Nine-Nine* até adormecer, sem que um único pensamento prejudicial entre na minha mente. Aprendi que se torna mais fácil evitar pensar em todos os momentos do passado de que nos estamos a tentar esquecer, se estimularmos constantemente o nosso cérebro com música, redes sociais ou qualquer outra distração.

Mas, quando a porta se abre, a paz prometida transforma-se num verdadeiro caos. Os sapatos da Ramona estão espalhados pelo corredor estreito, o casaco está amontoado no chão de madeira, em vez de estar pendurado no cabide que está literalmente *ali mesmo ao pé*. Penduro o meu casaco e a minha mala no gancho e vou afastando a confusão com o pé. O corredor dá para a sala de estar, que está muito pior. O sofá cinzento que trouxemos da loja de segunda mão está no meio da pequena sala, completamente coberto de caixas de cartão vazias. As embalagens e o plástico-bolha estão empilhados numa pequena montanha em cima da mesa de centro. Estão espalhados sobre o tapete e enfiados nas almofadas do sofá. É como se os Correios do Canadá tivessem explodido no nosso apartamento. Mas

não, foi apenas a Ramona que recolheu, finalmente, todas as suas encomendas da caixa do correio. Todas estas caixas estavam cheias de produtos inúteis que as marcas lhe enviaram em troca de uma publicação patrocinada no Instagram para os seus quase cem mil seguidores. A maior parte deles vai acabar no lixo.

Sei que não sou a pessoa mais arrumada nem com a vida mais organizada, mas caramba. Isto é demasiado até para mim.

Tiro os auscultadores dos ouvidos e coloco o fio à volta do pescoço.

– Mona? – chamo, avançando um pouco mais pela destruição. Contorno o lixo em bicos de pés, tentando encontrar um centímetro de chão vazio por onde caminhar.

A Ramona não responde, mas consigo ouvi-la a falar sozinha na cozinha – ou, muito mais provavelmente, a falar com os seguidores. O nosso apartamento é bastante pequeno, com apenas setenta e cinco metros quadrados, por isso atravesso a sala de estar e entro na cozinha em cinco passos.

Na nossa cozinha, saltam à vista as luzes fluorescentes pouco favorecedoras e os armários de madeira velhos e gastos. Não temos máquina de lavar loiça, por isso os pratos e os copos sujos estão empilhados no lava-loiça. Vou para me queixar à Ramona, até que vejo a minha taça de cereais meio cheia na pilha, exatamente onde a deixei antes de ir para o trabalho esta tarde. A Ramona está em frente ao frigorífico, com o cabelo loiro mel apanhado numa trança extravagante, que, sem dúvida, aprendeu no YouTube.

Na *t-shirt* azul-clara lê-se a frase *donuts are life* cosida em letra cursiva branca. Tem uma camisola diferente para cada uma das comidas favoritas e alterna entre elas consoante o que está a filmar nesse dia. Vejo que está, de facto, uma caixa de *donuts* meio comidos na ilha da cozinha, ao lado do seu telemóvel, que está apoiado num tripé sofisticado.

– Sinceramente – diz a Ramona, com os olhos fixos no telemóvel e um *donut* de chocolate numa mão –, *nunca* diria que este *donut* é

vegano. É tão leve. Tão, *tão* fofo. – Ela dá uma dentada e segura o que resta do *donut* mesmo em frente à câmara, separando a massa com os dedos. – Estão a ver esta textura? É literalmente uma nuvem, malta. Nem consigo acreditar como isto é bom. – Ela dá outra dentada, mastigando enquanto sorri para a câmara, e depois vê-me a rondar no corredor. – Vou só parar a transmissão em direto por um segundo. A minha colega de casa acabou de chegar. – Ela mexe no telemóvel e depois vira-se para mim, com a franja a cair-lhe nos olhos. – Deixei-te um pouco de frango *chow mein* no frigorífico. Mas comi todos os rolinhos primavera. Desculpa.

– Não faz mal, comi no trabalho. O que é que aconteceu na sala? – pergunto.

O rosto da Ramona ruboriza, e ela começa a roer o verniz cor-de-rosa que tem nas unhas.

– Eu limpo tudo de manhã. Prometo. Uma empresa nova de cereais proteicos enviou-me duas dúzias de caixas para promover este fim de semana. Acho que têm sete gramas de proteína por chávena ou qualquer coisa assim.

– É suposto ser muito?

A Ramona encolhe os ombros.

– Não faço ideia. Está no armário, se quiseres experimentar.

O armário range quando o abro. Há pelo menos dez caixas de cereais em tons pastel arrumadas ordenadamente nas prateleiras. Tiro a caixa cor de laranja-clara – os cereais de manteiga de amendoim *Crunchy Os*. Passo os olhos pelas informações nutricionais. Uau, ela tem razão quanto à proteína.

– O Robert vai odiar-te se continuares a entupir a nossa caixa do correio – digo eu, rasgando a caixa e enfiando a mão no saco de plástico.

– Comecei a deixar-lhe um café na secretária todas as manhãs. Sempre equilibra as coisas. E então? Que tal são?

Enfio algumas bolinhas tufadas na boca.

– Nada de especial – digo eu. Aponto com a cabeça para o seu

telemóvel e depois para a caixa de *donuts* meio vazia em cima da bancada. – Em que estás a trabalhar?

A Ramona empurra a caixa pela bancada na minha direção, no topo da qual vejo escrito *Blossoms* em letra cursiva roxa.

– Abriu uma padaria vegana nova na semana passada na Queen Street. Toda a gente me tem chateado para fazer uma crítica. – Ela revira os olhos, mas eu bem sei que ela adora. Sei que ela está feliz. Ela olha repentinamente para o relógio e volta-se para mim. Os olhos arregalam-se quando repara na minha mudança de rotina. – Porque é que estás em casa tão tarde?

Eu limito-me a mastigar mais uns cereais, pois é aqui que eu e a Mona estabelecemos limites. Ela fala do trabalho, dos patrocínios das marcas, dos dias que passa a correr pela cidade à procura da padaria mais gira ou de um café menos conhecido, para partilhar no Instagram com os seguidores prontos a devorar todas as suas publicações. Ela fala e fala sem parar, como uma torneira avariada que não se consegue fechar. Constantemente a deitar água. Mas eu sou o oposto, como uma torneira velha e enferrujada da qual já não sai nada.

– Onde estiveste? – insiste ela, encostando a anca ao balcão, como se estivesse a acomodar-se, porque sabe que vai demorar algum tempo a arrancar-me o mínimo de informação.

É a nossa cantilena habitual: ela pergunta, eu evito-a; acabo por me irritar e ir para o meu quarto e fechar a porta; no dia seguinte, ela volta a tentar. Os seus esforços são inúteis.

– Então? – pergunta de novo.

Não sei se foi porque ela me perguntou com tanto jeitinho, ou talvez porque o seu cabelo loiro à luz da cozinha me lembre o da Katie sob o sol de verão, ou talvez apenas porque responder me pareça o caminho mais rápido para o fim desta conversa, mas dou por mim a dizer:

– Dei um pequeno passeio depois do trabalho com o Manny.

A Ramona revira os olhos. Ela sabe do meu trabalho no

TugaChicken, do Manny e do seu pai.

– O que é que o Manny tem de mal? Não o podes odiar. É como odiar um cachorrinho.

– Eu não o *odeio*. Nunca o conheci, sequer – recorda-me ela, com um olhar fixo, como se dissesse *E sabemos bem de quem é a culpa*. Desculpem lá por manter a minha vida profissional e a pessoal separadas. Não posso permitir que estas partes da minha vida igualmente deprimentes colidam. Era possível que o mundo acabasse devido a uma tristeza incurável, se isso acontecesse – ou pior, há uma grande possibilidade de o Manny e a Ramona falarem de mim como dois pais desiludidos.

– Poupa-me, Mona. Já me bastou ouvir hoje uma pessoa da minha idade a tentar ser meu pai. Não posso levar com isso outra vez. – Levanto a caixa de cereais. – E já agora, isto sabe muito mal.

Ela afasta a minha mão da caixa e prova os cereais. A sua cara enruga-se instantaneamente, como se tivesse chupado um limão.

– Oh, meu Deus. É como comer areia.

– E agora temos catorze caixas de areia no armário.

Ela desata a rir. Não é a primeira vez que a Ramona recebe produtos patrocinados horríveis. Primeiro, foram as papas de aveia de couve-flor que deixaram todo o apartamento a cheirar a chulé. Depois, o preparado de *brownie* sem cereais que era, basicamente, uma pedra feita de cacau. O pior foram as bolachas recheadas que se estragaram durante o transporte. Ficámos as duas com uma intoxicação alimentar e fizemos um concurso para ver quem vomitava mais. Ganhei.

– Posso oferecê-las num sorteio aos meus seguidores – sugere.

– Ou podemos simplesmente deitá-las fora? – Deixo os cereais e procuro no frigorífico os restos da comida chinesa. – Ainda que deitar fora tanta comida pareça errado. – Penso no Manny, a empacotar os restos de comida no final da noite para doar a bancos alimentares ou dar a pessoas sem-abrigo. Odeio que a sua bondade se tenha infiltrado na minha mente como um parasita. Que nojo.

– Bem visto. Fica o sorteio – diz a Ramona. Volta-se para o telemóvel, com os dedos a pairar sobre o ecrã. – Vou retomar a minha transmissão em direto. Tens três segundos para pegares no que quiseses e esconderes-te no teu quarto. Três, dois...

Pego no *chow mein* com uma mão, na caixa de *donuts* com a outra, e saio da cozinha antes que ela consiga acabar a frase.

– Diz aos teus seguidores para não comprarem esses cereais! – grito-lhe quando me encontro em segurança na sala de estar, a tentar passar pela confusão de caixas vazias no chão.

– Podem utilizar o código RAMONA25 para obter vinte e cinco por cento de desconto na vossa compra! – grita ela. Ouço o timbre da sua voz a ficar mais agudo, num tom elevado e açucarado, e depois começa de novo a falar de *donuts*.

A nossa sala de estar estaria às escuras, não fosse a luz da lua que entra pelas janelas que vão do chão ao teto. Não temos vista para o Lago Ontário, mas... Mas, bem, nada. De facto, não há nenhum lado positivo. É o prédio errado, a colega de casa errada. Nada contra a Ramona – simplesmente não é a pessoa com quem eu deveria estar a fazer isto. É uma suplente. Uma cedência. Uma última tentativa de me agarrar a algum tipo de convivência apesar de tudo ter mudado.

Quando me deito na cama à noite e fecho os olhos, ainda vejo luzes vermelhas e azuis a piscar nas minhas pálpebras. Lembro-me de como iluminaram o céu noturno nessa noite, de como a sirene da ambulância rompeu a quietude daquele beijo. Como tudo ficou virado do avesso numa questão de segundos.

No presente, na nossa sala de estar, vejo a porta aberta do quarto da Ramona, e vislumbro todos os pedaços da sua vida brilhante, em tons de arco-íris. As paredes estão cobertas de fotografias Polaroid penduradas em luzinhas decorativas, com os rostos sorridentes dos amigos e da irmã gémea a brilharem à luz suave. A cama às bolinhas está tão atulhada de almofadas, que quase não há espaço para se deitar. Vasos de plantas cobrem o chão e as cómodas – a Mona esquece-se sempre de as regar e acabam por murchar. Depois, esvazia

os vasos e vai ao IKEA comprar novos e diz: *Desta vez vou ter mais cuidado*. Nunca tem.

Passo pela porta do seu quarto e chego ao meu, que está bem fechado. Giro a maçaneta, e a porta abre-se com o ranger das dobradiças velhas. O meu quarto está banhado pela escuridão. Não há janelas nem paredes exteriores que deixem entrar a luz do sol ou da lua. É como viver num túmulo. A minha cama está encostada à parede, com os lençóis cinzentos e lisos amarrotados no fundo. Na secretária em segunda mão, está o meu velho MacBook que os meus pais me compraram quando entrei para o secundário e a velha cadeira de secretária do meu pai que riscava o soalho de madeira. Não há decoração. Não há plantas nem fotografias penduradas nas paredes. Não tem vida. Não há qualquer vestígio de mim, como se alguém tivesse pegado numa tesoura e cortado todas as ligações à minha vida – tanto quem sou como quem fui.

A Mona chama-lhe a minha caverna. O antro sombrio, frio e inabitável que escolhi para viver.

Na realidade, é temporário. Não me fazia nenhum sentido decorar as paredes para depois ter de tirar tudo, quando o nosso contrato de arrendamento terminar dentro de um ano. Mudei-me para a cidade pela Katie. Queria fazê-lo por ela. Queria viver esta versão do seu sonho, porque ela não o pode fazer. Mas não foi nada como eu pensava que seria. Não damos passeios à meia-noite pelas ruas tranquilas. Não pedimos *takeaway* enquanto bebemos vinho tinto. Nada de nos esparramarmos no sofá a ver temporadas inteiras dos seus programas favoritos em poucos dias.

Ela não está aqui.

Quando me mudei para cá há três meses, pensei que uma manhã iria acordar e tudo se iria encaixar, como se esta vida e esta cidade se fossem adaptar a mim perfeitamente, tal como uma camisola que se vai ajustando. Como se eu me fosse adaptando a este prédio, este trabalho, esta colega de casa, estas ruas e estas aparências falsas. Em vez disso, tudo piorou. Eu segui com o nosso plano de vida – o meu e

o da Katie – sem a Katie, a peça mais essencial de todo o *puzzle*. Sem ela, tudo parece errado. Incompleto. Esta vida está-me dois tamanhos acima.

Até a ideia de começar a universidade no outono já não me parece possível. Nada parece.

Afundo-me na cadeira e dou impulso nas rodas em direção à minha secretária. O meu velho computador portátil demora um minuto a arrancar, por isso carrego no botão de ligar/desligar e começo a comer o *chow mein*. Ainda consigo ouvir a voz da Mona através das paredes demasiado finas. A massa está seca e dura. Mas como na mesma. Penso no Manny a oferecer-se para me cozinhar algo no trabalho. *Um chefe extremamente talentoso que te prepara tudo o que quiseres*. Detesto estar sempre a dizer não, a afastar toda a gente como se fosse uma espécie de íman invertido.

Afasto o pensamento. Quando o ecrã do meu portátil se ilumina, abandono a comida. Os meus dedos voam pelo teclado numa rotina memorizada e bem ensaiada. Abro o Instagram, e a primeira coisa que vejo é a notificação da transmissão em direto da Mona a pairar no topo da página. Ignoro-a e vou à barra de pesquisa. Introduzo o nome da conta. Nesta altura, era capaz de o fazer de olhos fechados. Abro a conta do Truman, que está igual há quatro meses. As publicações foram apagadas. A *bio* foi apagada. A foto de perfil é o seu reflexo na montra de uma loja. Atualizo a página uma, duas, três vezes. Nada acontece. Quatrocentos e oitenta e quatro seguidores. Ele está a seguir setenta e duas contas. É tudo.

Começo a abrir a página da Katie, mas detenho-me. Não quero ver a última publicação, datada da noite da festa do Truman. Era de nós as duas, com as cabeças a tocarem-se, a sorrirmos imenso, deitadas na sua cama com os pés no ar.

Mas, sobretudo, não quero ler os comentários. Da última vez que verifiquei, havia quase mil. *Tenho tantas saudades tuas. Espero que voltes em breve. Não desistimos de ti, Katie*. São mil maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Nunca deixei um comentário. Nunca pus

sequer um *like* na foto. Não sabia que ela a tinha publicado até ser demasiado tarde. Até ela já ter partido. Estava demasiado ocupada, naquela noite, para verificar o meu telemóvel e ver a notificação: *@katiefalls identificou-te numa foto*. Não consigo descrever o que senti quando vi aquilo na manhã seguinte. Como... como podia ela estar ali? Como podíamos ter tirado aquela fotografia doze horas antes e depois ela tinha simplesmente... partido? Não consegui nem pôr um *like* nem deixar um comentário. Parecia-me tão errado, sabendo que ela não o ia ver. Sabendo que a notificação iria pairar no ecrã do seu telemóvel indefinidamente.

Estou a entrar em parafuso. Sei que estou. E não consigo parar. Por vezes, preciso de encontrar esta espécie de conforto que só o passado me permite, por mais distorcido que seja. Por vezes, deixo-me enterrar nele por completo. Deixo-me mergulhar completamente nas nossas memórias, até quase parecer que ela ainda está aqui e que os últimos cinco meses foram um sonho. Quero fazer isso agora, mas não o vou fazer. Não posso.

Saio do *browser* e fecho o portátil. As minhas roupas cheiram à comida que o Manny cozinhou, por isso tiro-as e visto qualquer coisa confortável antes de ir para a cama. O meu armário está cheio de roupa suja, e digo a mim própria que amanhã vou à cave lavá-la. Vou tratar de dar um nó em todos os sacos do lixo e atirá-los pela conduta do lixo. Vou levar as caixas de cartão da Ramona para baixo e deitá-las nos caixotes da reciclagem. Vou lavar os pratos sujos no lava-loiça. Vou fazer um milhão de tarefas diferentes para distrair a minha mente da única coisa em que ela se quer fixar.

Enfio-me debaixo dos lençóis. No silêncio, na escuridão, sou um barco que se encheu de água. A água sobe-me pelos dedos dos pés, passa-me pelos tornozelos e aproxima-se dos joelhos. Sinto-me frenética, numa correria, a tapar os buracos com pedaços de tecido soltos, tentando tapar as minhas feridas. Remendo um buraco, mas logo outro se destapa. Estou exausta. Estou sem fôlego. A minha mente diz-me para parar. Para ficar quieta. *Deita-te. Deixa que as ondas*

te embalem até adormeceres. Até descansares. Mas o meu corpo tem vontade própria. Continua a mexer-se, continua a tentar. Não vai desistir de mim. Ainda não.

E, então, o meu telemóvel toca, um farol na escuridão. Pegó nele do chão, semicerrando os olhos contra a luz do ecrã. É uma notificação qualquer. Não consigo ler as palavras – os meus olhos ainda se estão a habituar à luminosidade. Clico às cegas, e o telemóvel desbloqueia-se, abrindo a aplicação do Instagram. Demoro um minuto a entender o que está a acontecer, e depois estou na página do Truman. Levanto-me de repente porque algo está diferente. *@trumanfalls publicou pela primeira vez desde há algum tempo!* O zero transformou-se no número um.

Há uma nova publicação.

Os meus dedos tremem ao clicar nela.

A fotografia está escura. Semicerro os olhos para o ecrã, a tentar ver o que é. Parece uma sala vazia. Chão de madeira clara. Paredes brancas. A câmara está virada para o chão, mostrando as pontas das sapatilhas Converse pretas e brancas. Vejo uma mesa branca com aspeto frágil com algo em cima. Faço *zoom*. É uma tela. Ao lado, estão latas de tinta por abrir e dois ou três pincéis. A legenda é uma palavra: *casa*. Olho para a localização. Toronto.

Ele está de volta.

TRUMAN

Sinto uma exaustão profunda. Física, mental, emocional.

Estou farto de acordar num quarto vazio só porque estou demasiado cansado para desempacotar as caixas que chegaram finalmente de Montreal. Estou farto de ver o meu telemóvel a rebentar de mensagens intermináveis da minha mãe, com listas de tarefas que, aparentemente, preciso de despachar assim que o sol nasce. Por falar nisso, também estou farto de ver o sol nascer todos os dias. Estou farto do estranho nó que sinto no ombro há alguns dias e que está a subir lentamente para o meu pescoço. Os meus amigos bem me avisaram que fazer uma viagem de autocarro de seis horas do Quebec de volta para a cidade não era a melhor das ideias.

Quando lhes disse que não podia ir de carro, porque tencionava dormir durante todo o percurso, responderam: *Então apanha um avião*. Mas apanhar um avião apenas por um voo de uma hora pareceu-me algo reservado para os snobes ricos. Não, obrigado. Já para não falar do facto de eu não gostar de andar de avião. Nunca consegui perceber a obsessão da minha irmã Katie pelo céu. Por isso, decidi ignorar as sugestões de toda a gente, porque dezanove anos neste planeta não me ensinaram absolutamente nada.

O autocarro estava apinhado com um grupo de adolescentes completamente pedrado – não que tivesse inveja; já não faço isso –, demasiadas criancinhas aos gritos e um tipo que ouviu a mesma música em repetição durante toda a viagem.

Em retrospectiva, talvez esta sensação de cansaço extremo se justifique, afinal.

O meu quarto no novo apartamento da minha família ainda não está completamente mobilado. O colchão está no chão, o que provavelmente não é o melhor para as minhas costas e faz com que sair da cama seja uma seca. Ainda preciso de comprar cortinas opacas para as janelas – neste momento, a luz do sol entra com toda a intensidade, tornando impossível dormir até mais tarde. Apanho o meu telemóvel no chão e vejo as horas. Sete e meia. Com esta luz toda, é impossível dormir depois das *sete e meia*. Ainda me lembro dos tempos em que não me deitava antes das sete e meia.

O que eu queria era arrancar o sol do céu e dormir durante o próximo mês. O que faço é desbloquear o telemóvel e ler as mensagens da minha mãe. *Podes ir buscar flores frescas a caminho do hospital? As que o teu pai comprou na semana passada morreram. Obrigada.* Respondo com um *emoji* de polegar para cima e sento-me na cama. Tento massajar o meu ombro direito, mas o nó aperta cada vez mais, e a dor sobe ainda mais para o meu pescoço. Desisto. Se o meu corpo decidiu que hoje é dia de dar cabo de toda a minha estrutura óssea, que assim seja. Ele que faça o que quiser.

Saio do meu quarto e desço pelo corredor largo, ladeado de imitações de obras de arte e de aparadores finos com plantas e livros – ambos artificiais e de decoração – e fotografias de família – muito reais, tudo decorado pela minha mãe. A cara sorridente da Katie persegue-me até à sala de estar. Ninguém diria que a minha família só vive aqui há dois meses, pela forma elaborada como a minha mãe decorou cada centímetro do espaço, como se estivesse à espera que os fotógrafos da revista *Lifestyle* aparecessem a qualquer momento, para fazerem um artigo de dupla página sobre as suas técnicas de *design*. Bem, visto que ela é uma *designer* de interiores conhecida, até não é completamente impossível, mas é bastante improvável, na melhor das hipóteses.

Esta manhã, só estou eu em casa. Mesmo como eu gosto. O silêncio é convidativo, esta quietude que sinto no meu corpo, na minha mente. O chão de mármore da cozinha está frio como gelo sob os meus pés

descalços. Ligo a máquina de café e fico ali, a ver como ganha vida, com o botão de ligar a piscar a azul. Depois de o café escorrer para a caneca, bebo-o avidamente em grandes goles, enquanto ainda está bem quente. É a única forma de o fazer. Queima-me a língua e deixa-me o céu da boca a formigar, mas faz com que tudo à minha volta vá ganhando forma, deixando as margens desfocadas da minha visão mais nítidas.

Toda a casa está pintada de três cores: branco, bege e um tom a que a minha mãe chama *estanho*, mas que na verdade não passa de cinzento. Como artista, consigo apreciar as suas escolhas – a sobreposição de tapetes que cobrem o chão da sala de estar, o sofá em forma de L em pele esbranquiçada, o mármore branco e cinzento nas bancadas da cozinha, os candeeiros pendentes de metal brilhante com detalhes dourados pendurados sobre a ilha da cozinha. Parece tudo perfeito. Encaixar-se-ia perfeitamente na primeira página de qualquer revista. O único problema é que não me sinto em casa. Talvez seja porque só estou a viver aqui há doze horas. Ou talvez seja porque todas as minhas memórias estão empilhadas na nossa casa antiga.

Os meus pais não se mudaram definitivamente. Vender a nossa casa antiga não era uma possibilidade. Perder todas aquelas memórias – perder o quarto da Katie – seria arrasador. Quando transferiram a Katie para o Mount Sinai, um hospital aqui na cidade, fizeram-no porque sabiam que o sonho da Katie era viver em Toronto. Ela tê-lo-ia feito se não fosse... tudo. Os meus pais queriam estar mais perto do hospital. A minha mãe quase vive lá atualmente e estava a ficar farta de ficar em hotéis. O meu pai trabalha na cidade, pelo que assim não tem de se deslocar quase duas horas. Arrendaram este apartamento no prédio em frente ao hospital e começaram a dividir o seu tempo entre ambas as casas. São as facilidades de se ter dinheiro – a capacidade de mudar a vida inteira numa questão de dias, quando a maioria das pessoas teria passado anos a poupar, a planear, a preparar-se.

Não demorou muito para que eu decidisse mudar-me para cá permanentemente. Primeiro, tem uma vista espetacular. Segundo, as

memórias que trouxemos não são tão barulhentas nem tão sufocantes. Embora tenha mudado para aqui todas as minhas coisas em junho, antes de ir para o Quebeque, na altura não tive hipótese de desfazer as malas.

A porta da frente abre-se com um estrondo. Fico à espera de ver a minha mãe, mas é o Milo que está a dobrar a esquina. O Milo, que não tem chave.

Se calhar ainda estou meio a dormir. Se calhar não é ele que está aqui.

– Meu Deus, estás com péssimo aspeto – diz ele.

Engulo mais um gole de café e solto um esgar quando me queima a garganta.

– Tens a certeza de que queres que essas sejam as primeiras palavras que me dizes em dois meses?

– Esperavas que dissesse que senti falta do teu rabo magricela? É que não senti. – Ele observa o espaço, as janelas do chão ao teto, a forma como tudo grita «dinheiro!». O Milo assobia. – Uau. Estás a viver como um rei – diz ele, e depois põe-se demasiado confortável, remexendo no frigorífico e tirando restos de lasanha e peixe frito embrulhados em papel de alumínio e recipientes de plástico com azeitonas recheadas. – Senti falta disto. – Pega num prato e senta-se num dos bancos de couro.

O café começa realmente a fazer efeito nesse momento, porque me dou conta de uma coisa.

– Como é que entraste?

O Milo mete a mão no bolso e deixa um porta-chaves cair na bancada. As *minhas* chaves. Grande merda. Devia estar mesmo cansado ontem à noite!

– Deixaste-as na porta. Tens sorte por ter sido eu a entrar e não um tarado qualquer.

– Diz-me lá: qual é a diferença?

O Milo crava os olhos nos meus, o mesmo olhar que já o vi lançar a inúmeros tipos, antes de levantar o braço para lhes dar uma coça.

Num segundo estão bem, noutro é um banho de sangue. Ele tem o hábito de se apaixonar por raparigas que não gostam de monogamia.

Vejo o meu reflexo no vidro do armário e estremeço. Ao lado dele, pareço um pau de virar tripas.

– Noite difícil? – pergunta ele, apontando com a cabeça para o café ao qual me agarro com demasiada força, ou para o meu cabelo, que está a fazer sabe Deus o quê na minha cabeça.

– O autocarro só chegou à Union quase à meia-noite.

– Se pelo menos alguém te tivesse aconselhado a não apanhares um autocarro. Espera...

– Foi para isto que me arrombaste a casa? Para me chatear? – pergunto.

– Não há muito mais para fazer numa sexta-feira de manhã. – Ele para de enfiar a lasanha na boca por um instante e faz deslizar as chaves pela bancada na minha direção. – Além disso, eu não arrombei coisa nenhuma.

O banco alto guincha quando me sento. O porta-chaves brilha sob o reflexo das luzes intensas. Por um breve instante, sinto-me aliviado por ter sido o Milo a encontrá-las penduradas na porta. Se tivessem sido os meus pais, não teriam gritado comigo. Pelo contrário. Ter-mas-iam devolvido apenas, como se não fosse nada de especial, o que é bastante pior. Quem me dera que eles gritassem. Quem me dera que me tratassem como faziam antes do acidente da Katie, como se vissem em mim muito potencial.

Desde o acidente da Katie, passei a ter toda a liberdade possível. Quando chego a casa muito depois da meia-noite, a tresandar a álcool, a minha mãe limita-se a limpar o meu vómito do chão em silêncio. Quando apareço para jantar com três horas de atraso, a minha mãe tira um *tupperware* do frigorífico e diz-me apenas *Guardei-te um bocadinho*, a sorrir. Não há quaisquer consequências. Não há quaisquer repercussões, por pior que me comporte. Mas eu percebo, a sério que percebo. Eles sentem-se apenas gratos por eu estar aqui, vivo, a respirar, ao seu lado.

– Como está a tua irmã? – pergunta o Milo, olhando-me diretamente nos olhos ao mencioná-la. Ele é a única pessoa que o faz. Todos os outros têm de desviar o olhar – para o passeio, para as paredes, para os pés, para qualquer outro lugar.

– Na mesma – respondo. Ainda presa a uma cama de hospital com os olhos fechados. Quem me dera ter uma barra cronológica, um calendário colado no frigorífico com uma data específica marcada a vermelho que dissesse: *Hoje, a Katie acorda!*

– Precisas de alguma coisa? – O Milo bufa com ar sério, a sua forma muito masculina de dizer que está aqui para mim.

– Sim, preciso que pares de comer toda a minha comida. A sério, meu, tens a certeza de que não és uma máquina?

Ele olha para o meu corpo magro.

– Não é como se tu andasses a comê-la – responde.

– Eu *como*. Eu apenas não... ganho peso, acho eu. Não interessa. Vai-te lixar.

A porta abre-se de novo. Desta vez, tenho a certeza de que é a minha mãe – porque quem mais é que poderia ser? Mas, então, vislumbro um reflexo de cabelo ruivo intenso.

– Bom dia, rapazes – diz a Santana, entrando à vontade na cozinha, como se vivesse aqui. Vai até à ilha e bate com as suas longas unhas vermelhas no mármore. O Milo olha para a minha ex-namorada com a boca aberta e a massa meio mastigada pendurada.

– Não posso ter deixado dois porta-chaves na porta – digo.

– Não precisei de chave. A porta estava destrancada – diz a Santana, sorrindo, a mostrar claramente o espaço de intervalo entre os dois dentes da frente.

Olho de relance para o Milo. Ele encolhe os ombros, e os seus olhos voltam-se imediatamente para a Santana – por quem está claramente apanhadinho, de uma forma muito subtil, nada óbvia.

– O que estás a fazer aqui? – pergunto, porque é bastante evidente que o cérebro do Milo está a funcionar mal.

– Vim ver-te. – Ela vira-se então para o Milo, reconhecendo-o pela

primeira vez. – O que estás *tu* a fazer aqui?

– A mesma coisa – diz ele. – Vim ver o Tru.

A Santana olha para a montanha de comida que ele está a meio de ingerir com um ligeiro olhar de nojo. O seu rosto é um livro aberto. Não consegue esconder nenhuma emoção. O Milo também repara nisso, porque, de forma muito dramática, pousa o garfo e empurra tudo para alguns centímetros de distância.

Estarmos os três sentados numa sala juntos é um milagre. O nosso passado é, no mínimo, bastante confuso. A Santana andou comigo no secundário. Passámos todo o 12.º ano a fazer a cena do “agora andamos, agora não”. Depois, formei-me, tirei um *gap year* e mantivemo-nos assim. Em maio, começámos outra vez. Pensámos que podia resultar na altura – a minha família tinha acabado de se mudar, para estar mais perto da Katie, e a Santana tinha acabado de vir para cá, para começar a carreira de modelo. Encontrámo-nos uma noite num bar qualquer, porque não gostamos de restaurantes de cinco estrelas nem de pratos que nem sequer se conseguem pronunciar. Resumindo: cheguei cedo demais, vi o carro da Santana e aproximei-me antes de me dar conta de que ela não estava dentro do carro *sozinha*. E também não estava vestida.

A minha reação inicial foi *tentar* dar uma coça ao tipo com os meus braços escanzelados, mas acontece que esse tipo era o Milo, um grego de cento e quinze quilos, com músculos do tamanho da minha cabeça. Achei melhor ficar quieto.

Não sei bem como, mas a noite terminou com a Santana e eu a acabarmos, o Milo ileso e nós os três sentados juntos no bar, a beber cerveja barata e a rirmo-nos das nossas vidas tristes. Pode ser uma amizade disfuncional, mas funciona.

– Que tal foi o acampamento de arte em Montreal? – pergunta a Santana, enquanto enche um copo com água da torneira.

– Um acampamento de arte é para onde os pais mandam os filhos quando precisam de uma pausa deles, San – digo eu.

– Desculpa. Como foram os maravilhosos dois meses que passaste

no Quebeque, a aperfeiçoar a tua arte e a tornares-te o próximo Miguel Ângelo?

Olho para o Milo. Ele encolhe os ombros, como quem diz *Não me metas nisto*.

– Ainda é demasiado para tanto sarcasmo.

A Santana revira os olhos, enrolando um longo caracol de cabelo vermelho à volta do dedo.

– A sério, Truman. Como é que foi?

Honestamente? Muito bom. Passar dois meses fora, noutra cidade, não foi tanto para melhorar a minha arte, senão mais para melhorar a minha saúde mental. A arte é a única coisa em que tenho segurança total. Sei que tenho futuro nela. Sei que posso ser ainda melhor. Acredito no meu talento, e isso deve-se sobretudo ao facto de uma pessoa me ter convencido de que deveria acreditar, há muito tempo, no meu quarto antigo.

Afasto as memórias da Eden. Tivemos a nossa oportunidade. Em apenas alguns segundos, conseguimos estragar tudo.

– Qualquer lugar era melhor do que Montreal – digo, com os olhos fixos nos restos de café no fundo da minha caneca.

Ficamos todos em silêncio. Eles acenam com a cabeça, como se compreendessem, só que não compreendem. Claro que não. Mas tentam. E isso é o mais importante.

– Já pensaste melhor na oferta do Angelo? – pergunta a Santana, mudando de assunto rapidamente, como se varresse o mau ambiente para baixo de um tapete.

– Quem é o Angelo? – pergunta o Milo, encontrando finalmente coragem para falar.

– Não – respondo à Santana com sinceridade, ignorando-o.

– Truman, ele precisa de uma resposta. Recebo chamadas dele todos os dias – diz ela. Tira o telemóvel do bolso das calças de ganga, tão apertadas que me surpreende que o tenha conseguido enfiar lá dentro, e mostra-me o ecrã. Várias chamadas não atendidas, todas do Angelo. – Ou bloqueio o número dele ou dou-lhe o teu, e tratas tu do

assunto diretamente.

– Quem é o Angelo? – pergunta de novo o Milo.

Os olhos da Santana olham para ele, depois para mim. Ela não consegue olhar para o Milo durante mais do que alguns segundos. Porquê? Ou ainda tem um fraquinho por ele – mesmo depois da noite (hora?) que passaram juntos – ou está a fazê-lo por mim. Ela recusa-se a esclarecer. Seja como for, não me incomoda. Já não gosto da Santana, e desta vez é a sério. A Santana e o Milo podiam ir a cavalo juntos em direção do pôr do sol, tal e qual o final feliz de um filme romântico, que para mim era igual.

– Não lhe contaste? – pergunta-me ela. Finjo estar distraído com uma mancha invisível na camisola. A Santana solta um suspiro, como se estivesse pelos cabelos com estas cenas, e depois explica. – O Angelo é fotógrafo. Conheci-o num trabalho de modelo que fiz há umas semanas. Ele disse-me que tem um estúdio onde vai fazer uma exposição de arte, por isso mostrei-lhe alguns dos quadros do Truman e ele adorou-os. Quer mostrar alguns na próxima exposição, mas o Truman tem-no andado a enrolar – ou, mais especificamente, tem-me andado a enrolar a *mim*.

– Porque é que eu não sabia disto? – pergunta o Milo. Depois, para deitar ainda mais lenha para a fogueira, acrescenta: – E ainda não vi nenhuma das tuas obras de arte.

– A sério, Truman? Como é que vocês os dois são amigos? Tu não lhe contas nada. – A Santana pega no telemóvel e toca sem parar no ecrã, enquanto eu fico ali especado a vê-los a discutirem a minha vida. – Toma – diz ela, estendendo o telemóvel ao Milo. – Esta é a conta secreta dele no Instagram. Totalmente anónima.

– Adoro que saibas que é segredo e, no entanto, já contaste a duas pessoas – digo eu, voltando à conversa.

Fico a ver o Milo a percorrer as publicações. Há cerca de três dúzias, todas fotos de pinturas que fiz no último ano. A Santana tem razão: é completamente anónima. Não há fotografias minhas, e o meu pseudónimo é *Capote*, de Truman Capote, o escritor de que o meu pai

está sempre a falar.

Ninguém sabia da conta, até certo dia em que a Santana tirou *selfies* com o meu telemóvel e abriu o Instagram para as publicar. Não desistiu até que eu lhe mostrasse as telas guardadas num caixote de plástico velho no meu armário.

O Milo assobia baixinho e devolve o telemóvel à Santana.

– São mesmo bons, meu. Tipo, mesmo bons. E tens quase dez mil seguidores, seu famoso da treta.

– Se até o Milo te acha talentoso, tem de contar para alguma coisa – diz a Santana.

É estranho ver alguém tão grande e corpulento como o Milo a corar.

– O que é que isso quer dizer? – pergunta ele.

A Santana encosta a anca à bancada, sacudindo os caracóis para trás das costas.

– Quer dizer que nunca mais tentaste nada comigo depois daquela noite, Milo, por isso não és muito bom a reconhecer quando a beleza está mesmo à tua frente.

Hm, então talvez ela *esteja* interessada nele. A cara do Milo passa de cor-de-rosa a vermelho-tomate. Coitado.

– Mas então – diz a Santana, ignorando o desconforto do Milo e voltando-se para mim –, vais fazer a exposição ou não?

– Vou pensar nisso – respondo. Estou mais inclinado a recusar, mas ainda não tenho a certeza.

– Disseste isso há três semanas.

– E ainda estou a pensar.

A Santana abana a cabeça, finalmente farta de nós.

– Como queiras. Eu tenho de me ir embora. Tenho uma sessão fotográfica e já lá devia ter chegado há dez minutos. Vou enviar o teu contacto ao Angelo esta noite, por isso passa a ser problema teu.

Ela puxa a alça da mala por cima do ombro, volta a enfiar o telemóvel no bolso apertado e sai sem olhar para o Milo, que se afundou tanto na cadeira, que está quase no chão.

– Que raio se passa com vocês os dois? – pergunto, quando a porta se fecha.

– Sei lá – resmunga ele.

O Milo passa uma hora a desabafar sobre a Santana: que ela é linda, que ele a odeia, que provavelmente está apaixonado por ela. Dá cabo de mais uns quantos *tupperwares* de comida antes de se ir embora. Dessa vez, verifico duas vezes se não está nenhum porta-chaves na porta antes de a trancar.

A minha mãe disse que a Katie precisa de flores novas, então vou tratar disso. Tomo um duche e vasculho na minha bagagem qualquer coisa para vestir, decidindo-me pelo que estiver menos sujo. Neste momento, ou lavo a roupa ou continuo a adiar o tempo necessário para que a minha mãe o faça por mim.

Estão quase trinta graus lá fora, e a humidade faz com que a minha camisa se cole instantaneamente à minha pele assim que saio. Empurro os óculos de sol para cima da cana do nariz e dirijo-me para a direita, em direção à florista. São nove horas, e as ruas estão cheias com a correria matinal. Sai uma multidão do metro, e empurram-se uns aos outros, a correr para atravessarem a rua antes que o semáforo mude. É isto que eu adoro na cidade, o facto de ser uma distração natural.

A florista fica a um quarteirão do hospital. Podia dar um salto à loja de lembranças no primeiro andar do hospital para comprar flores, mas a mãe insiste que as do quarto da Katie têm de ser colhidas de fresco, as mais brilhantes e as mais perfumadas. Não discuto com ela, porque tem razão. A loja de flores é luminosa e perfumada, e o cheiro é tão forte que se agarra à minha roupa. A mulher ao balcão sorri ao ver-me. Não é a primeira vez que aqui venho. Cheiro as rosas, os lírios e outras flores de que não sei o nome. Cheiram-me todas ao mesmo. Escolho o ramo mais colorido, porque é o que a Katie iria querer, e mando-o embrulhar em papel amarelo-vivo, como o sol da manhã. Pago à mulher em dinheiro, e ela sorri, sem perguntar pormenores.

Ambos ignoramos o tremor das minhas mãos.

Quanto mais me aproximo do hospital, mais os tremores pioram. Depois, começam também no meu peito, tornando-se difícil respirar. Penso que preciso de me sentar e fazer uma pausa, mas a minha mãe já está à espera há muito tempo, por isso continuo a andar. Com os nervos, apanho as folhas que pendem dos caules das flores. Vejo-as cair no chão, deixando um rasto brilhante no cimento.

Já se passaram dois meses desde a última vez que vi a Katie. Visitei-a para me despedir antes de partir para Montreal. Lembro-me da minha mãe, sentada na velha cadeira de *tweed* a chorar, e o meu pai ao seu lado, com uma mão firme no seu ombro. Eu sabia que eles nunca iriam perceber porque me ia embora. Era difícil de explicar. Como se diz aos pais que se precisa de ir embora porque a cada dia que passa é mais difícil respirar? Mais difícil acordar de manhã? Mais difícil viver?

Embora eu tentasse esquecer, passaram-se já dois meses desde a última vez que vi a Eden. Foi no mesmo dia: a mesma luz fluorescente trémula do hospital, os mesmos corredores beges. Estava a sair, a meio caminho em direção do elevador, quando ouvi as portas rangerem ao abrir-se. Ali estava ela. Só a vi de relance, mas foi o suficiente para me fazer parar. Quando as portas se abriram completamente, já eu estava agachado ao lado da máquina de venda automática, escondido como um cobarde.

Nunca planeámos seguir em frente ao evitarmo-nos um ao outro. Porém, depois da noite do acidente da Katie, foi exatamente o que começámos a fazer. Não conseguia olhar para ela sem me lembrar do que tínhamos feito nessa noite, sem me lembrar de que, se não estivesse com a Eden, podia ter estado com a Katie, podia tê-la impedido de sair da festa e de entrar no carro.

Sentia demasiada culpa. Cada vez que via a Eden, lembrava-me de como tinha falhado com a minha irmã. Cada vez que ela olhava para mim... Na verdade, não sei o que ela sente quando olha para mim. Mas nunca mais me olhou nos olhos desde aquela noite. Isso não pode

ser um bom sinal.

O Hospital Mount Sinai não se parece com um hospital. É só mais um edifício numa rua cheia de milhares deles. É apenas um conjunto de betão e janelas, erguendo-se suficientemente alto no céu para se tornar intimidante. Para nos fazer sentir pequenos. Paro de andar. Fico paralisado como sempre. Não consigo deixar de imaginar a Katie lá dentro, atrás de uma daquelas janelas de vidros baços no sétimo andar. Viva, mas não verdadeiramente. Vem-me ao pensamento a mesma constatação de sempre: *devia ter sido eu*.

Tenho vontade de me sentar nos degraus que levam à entrada, apenas durante um minuto ou dois. Se calhar, uma hora. Mas sei que, se o fizer, talvez nunca mais me levante nem entre. Faço a minha rotina habitual: respiro fundo, olho para o chão, conto até cem, depois entro. As portas automáticas abrem-se. São vinte e sete degraus até ao elevador. O meu estômago contrai-se quando o elevador chega ao sétimo andar. Depois, é só descer o corredor, virar à direita, depois à esquerda, e o quarto da Katie é mesmo ali: 708. Cá fora, está uma maca azul com um cobertor amarelo desbotado em cima. Os meus olhos fixam-se em todos os pormenores: a enfermeira a ler uma ficha ao fundo do corredor, o miúdo sentado no chão, com o telemóvel em posição horizontal, provavelmente a jogar algum jogo com que os pais o tentam distrair. É isto que preciso de fazer, é desta forma que me recomponho, antes de entrar pela porta do quarto.

Porque assim que lá estou, os meus pulmões esvaziam-se.

Penso sempre que vê-la assim vai acabar por se tornar mais fácil. Nunca vai. É sempre igual à primeira vez: o choque, a raiva, a incredulidade. A vontade de a embalar junto a mim. De chorar. De me sentar e nunca mais me levantar.

A minha mãe está sentada na cadeira ao lado da cama da Katie. Os estores da janela estão completamente abertos, um raio de luz do sol entra pelo quarto. Reparo no vaso de flores no parapeito da janela. A minha mãe tinha razão quando disse que estavam mortas. As pétalas estão castanhas e endurecidas, descaídas para fora do vaso de

cerâmica.

Os meus olhos interiorizam todos os pormenores – a forma como a luz do teto pisca, a tinta das paredes a descascar, a televisão sem som a passar uma repetição de *A Teoria do Big Bang*, o casaco e a mala da minha mãe sobre a mesa –, antes de olhar de relance para a Katie. Normalmente, preciso de olhar para ela aos poucos. Vislumbro o seu rosto durante um segundo, depois fico a olhar pela janela durante dez. Toco-lhe na mão, e só depois no metal frio da cama onde está deitada. Mas hoje é diferente. Depois de passar dois meses sem a ver, sinto uma espécie de privação. Olho e olho para ela, e continuo a olhar sem desviar o olhar, sem vacilar. Tem o cabelo loiro, liso e sedoso, espalhado pela almofada. Está deitada na cama, com o cobertor até à cintura, mostrando o pijama de algodão cor-de-rosa que a minha mãe lhe deve ter vestido.

Quase parece que está a dormir. Parece que, se eu me fosse embora durante umas horas e depois voltasse, ela estaria aqui sentada, bem direita, a falar com a minha mãe, com o riso a ecoar pelo corredor.

A minha mãe vê-me à entrada da porta e levanta-se. Reparo na forma como solta a mão da Katie, colocando-a suavemente na cama.

– Trouxeste as flores – diz.

Passaram-se dois meses. Sessenta dias desde que a vi pela última vez. E a primeira coisa que ela me diz é sobre as flores.

Tira o ramo das minhas mãos e, quando estou prestes a abraçá-la, ela afasta-se, vai até à janela e pega no vaso antigo. Vejo-a lançar as flores murchas para o caixote do lixo, antes de colocar as novas. Pega na garrafa de água em cima da mesa e esvazia-a no vaso. Fá-lo por hábito. É a pequena tarefa que ela faz todas as semanas.

Fico ali a observar, à espera de que ela diga alguma coisa, à espera de que ela me pergunte sobre Montreal. Que me pergunte como estou. *Qualquer coisa*.

Quando acaba de tratar das flores, volta-se para mim e seca as mãos nas calças de ganga.

– Que tal o apartamento novo? – pergunta. – Gostaste?

– É bonito – respondo. A minha voz soa sem vida. Distante.

– Já desfizeste as malas?

Abano a cabeça. Não. Não, não desfiz.

Não consigo perceber se ela ainda está chateada comigo por ter ido embora durante dois meses. Para ela, foi como se eu tivesse abandonado a Katie, em vez do que foi realmente: tinha de me salvar. Tentei explicar-lhe isso. Que não fui para Montreal por causa da escola de arte nem de um passatempo qualquer. Fui para poder respirar de novo, porque o ar neste quarto de hospital, o ar em toda a cidade, estava viciado e seco. Cheirava demasiado a ela e a todas as memórias. Via a cara da Katie em todo o lado onde fosse, por isso precisava de me afastar por um pouco, ir para um sítio que não tivesse sido tocado por ela, um sítio onde pudesse andar na rua sem que o meu peito ficasse apertado, sem ter de me sentar durante dez minutos para evitar desabar.

Acho que a minha mãe não percebeu isso. Para ela, eu fui-me embora. Era tão simples quanto isso. Mesmo quando lhe tentei explicar que a Katie iria querer que eu fosse, ela continuou a não acreditar.

– Como é que ela está? – pergunto, porque nestes dias a Katie é o nosso tema de conversa principal. Agarro a cadeira desdobrável preta da mesa e arrasto-a até à cabeceira da cama da Katie. Sento-me ao seu lado e pego-lhe na mão.

– Os médicos disseram que não houve alterações – responde. – Se houvesse, eu ter-te-ia enviado uma mensagem.

Não passa de um comentário espontâneo, mas parece uma indireta, um golpe baixo. Mais um lembrete de que eu me fui embora.

– Ainda continuas a falar com ela?

Os médicos dizem que é possível que ela nos ouça. Que já houve casos de pacientes em coma que acordaram e se lembraram de conversas que as pessoas tiveram com eles. Pode não ser muito provável, mas é alguma coisa. Vale a pena agarrarmo-nos a qualquer pedaço de esperança.

A minha mãe senta-se no banco à minha frente. Reparo nos cabelos brancos que lhe nascem na raiz, que ela costumava pintar de preto assim que apareciam. É um mistério de onde veio o cabelo loiro da Katie. A minha mãe e o meu pai têm o cabelo tão preto como um corvo, assim como eu. Mas o cabelo da Katie é tão brilhante como o sol.

– Continuo – diz a minha mãe, pegando novamente na outra mão da Katie. – Estava a contar-lhe que a tua avó telefonou esta manhã de Roma. Vai viajar para a Alemanha amanhã e diz que nos enviou um postal pelo correio há um mês, mas ainda não apareceu. Estranho.

– Estranho – repito, acariciando as costas da mão da Katie com o polegar. Tem as unhas pintadas de amarelo. – É aquela cor de que ela gostava tanto? – pergunto.

A minha mãe sorri e acena com a cabeça.

– É verdade. Encontrei-o numa gaveta do quarto dela. A tonalidade chama-se “luz da manhã”. Lembras-te de como ela a adorava?

Claro que me lembro.

– Ela até costumava pintar as minhas unhas dessa cor. As do pai também.

Ficamos ambos em silêncio, perdidos algures no passado. Lembro-me dos dias quentes de verão, de adormecer no sofá. Acordava com as minhas unhas pintadas de todas as cores do arco-íris. Por vezes, ela também me pintava as dos dedos dos pés. A Katie era assim: acordada quando toda a gente estava a dormir. A introduzir sorrateiramente a cor no nosso mundo.

Desperta-me outra recordação, uma de que já não me lembrava há algum tempo: a obsessão da Katie pelo céu. Era por isso que ela gostava tanto daquela cor de verniz, porque brilhava como o sol. Era também por isso que ela passava tanto tempo deitada na relva, a olhar para o céu, no verão.

A minha mãe suspira e regressa aqui, ao presente, comigo.

– Ela não ia querer isto – sussurra tão baixinho, que não tenho a certeza se ouvi bem.

– Onde está o pai? – pergunto.

– Ele tem estado a trabalhar até muito tarde. A firma dele está a trabalhar num grande caso empresarial. Alegações de agressão sexual contra um diretor executivo.

– Quem é que ele representa?

– As mulheres – diz ela.

– Boa.

Ficamos em silêncio.

Precisei de fazer muitas pesquisas no Google às três da manhã para perceber o que aconteceu à Katie. Os médicos tentaram explicar tudo da forma mais clara possível, mas o meu cérebro parou de funcionar assim que entrei por aquelas portas do hospital. É impossível entender o jargão médico quando a nossa irmã está deitada numa cama ao fundo do corredor, com a vida em risco. Apaguei completamente. Foi como aquilo que os meus professores do secundário costumavam dizer aos meus pais nas reuniões de pais: *O Truman não presta atenção nas aulas. Ele está num mundo completamente diferente. Não fixa a matéria. Entra-lhe por um ouvido e sai pelo outro.*

Nas primeiras noites, quando ficava sozinho na cama, o mundo acalmava um pouco. A dor que me apertava o peito abrandava um pouco, e conseguia respirar sem ter de me lembrar de o fazer. Ficava acordado durante horas a pesquisar na WebMD e na Wikipédia. *O que significa estar em coma? Uma pessoa em coma consegue ouvir-nos?* Lia resultados atrás de resultados, até adormecer com o telemóvel na mão e a luz branca do ecrã contra as minhas pálpebras.

O cerne da questão é que, quando o acidente aconteceu, a Katie não estava a usar cinto de segurança. Meses depois, esse pensamento ainda me deixa furioso. Não consigo contar a quantidade de vezes que lhe disse para o usar sempre. Era a primeira coisa que lhe dizia sempre que a levava de carro: *Põe o cinto de segurança ou não vou a lado nenhum.* Depois, ela deitava-me a língua de fora e apertava o cinto. Mas naquela noite eu não estava lá para a lembrar, por isso ela não o usou. Quando o outro carro lhe bateu, o impacto fez com que

ela voasse pelo para-brisas. Os médicos disseram que o traumatismo craniano grave provocou o estado de coma. Disseram que os estudos de imagiologia cerebral sugerem que é possível que os doentes em coma nos ouçam, mas que não são conclusivos. Pensei que talvez fosse apenas algo que diziam a parvos como eu, para nos dar uma dose mínima de esperança para continuarmos a avançar. Funcionou.

Era uma treta, mas funcionava.

– Então, e Montreal? – pergunta a minha mãe.

Fico à espera de que ela continue a querer saber mais, que me pergunte como era ou o que fiz lá. Não o faz.

– Foi bom – digo eu. Tento acrescentar alguma coisa, antes que o silêncio se instale de novo. – O professor de arte disse que viu em mim muito potencial. – Palavras suas, não minhas.

O sorriso de boca fechada da minha mãe não grita exatamente *conta-me mais*.

– Isso é ótimo, Truman.

Continuo ali sentado, à espera de que ela faça a pergunta. Ela volta a falar da viagem de dois meses da minha avó pela Europa, das suas aventuras recentes depois de se ter divorciado do meu avô e ficado com metade do dinheiro. Depois da Alemanha, foi para França. Grécia. Suíça, talvez. Eu desligo.

Olho fixamente para a Katie, à espera, à espera, à espera. *Como estás, Truman?* Continuo à espera. Ela nunca pergunta.

Nessa noite, decido que está na altura de desfazer as malas. Primeiro, lavo uma carga de roupa, despejando tudo da minha bagagem diretamente na máquina. Fico ali durante os quarenta minutos do ciclo de lavagem, a ver a roupa girar para a esquerda e para a direita, a espuma a colar-se ao vidro embaciado. O zumbido suave é calmante, hipnótico. Não penso em nada. Literalmente em nada. A minha mente é uma tela em branco no silêncio. Mantenho todas as luzes apagadas, exceto as luzes de presença da cozinha.

Quando a roupa está lavada e seca, dobro-a e arrumo-a em pilhas.

Coloco-as nas gavetas da minha cómoda, uma a uma, com cuidado desnecessário. Faço a minha cama – o colchão continua no chão. Depois de sair do hospital, fui de carro até à nossa casa antiga, algo que nunca é fácil de fazer. Entrei e saí em poucos minutos. Peguei no que me pareceu mais importante: o meu cavalete estragado, um caixote cheio de alguns dos meus quadros antigos, caixas cheias de tintas e pincéis. Quando acabo de tratar da roupa, desempacoto o que trouxe. O meu cavalete fica perto da janela porque preciso da luz natural, embora prefira pintar à noite. Empilho os quadros antigos na prateleira do meu armário, viro o caixote ao contrário e uso-o como mesa. Desempacoto os frascos de tinta e alinho-os em linha reta no topo. Os pincéis vêm a seguir.

O meu quarto ainda está vazio. Ainda não está acolhedor. Mas assim está melhor.

Penso em pintar qualquer coisa. Fico a olhar para a tela e espero, mas não me ocorre nada. Desde o acidente da Katie, a minha criatividade secou como um pequeno riacho. As imagens e cenas que costumavam inundar a minha mente, ao ponto de eu não conseguir pensar até as pintar, simplesmente... pararam. Em Montreal, pintava porque tinha de o fazer. Pintava com base em sugestões – uma paisagem, o rosto de uma mulher idosa, uma taça de fruta. Mas não era a mesma coisa. Já não era natural.

Penso na Katie e no céu. Na cor do verniz das suas unhas, “luz da manhã”. Parece que sinto qualquer coisa, um pedaço ínfimo de inspiração, mas está enterrado demasiado fundo dentro de mim. Não consigo lá chegar. Ainda não.

Sinto-me frustrado. Quero criar, mas não consigo. Preciso de um escape, algo que não seja a pintura. Volto a deitar-me na cama e encosto-me às almofadas. Olho para o meu telemóvel pela primeira vez durante todo o dia. Duas mensagens da Santana: *Já te decidiste??* Depois: *Dei o teu e-mail ao Angelo. Boa sorte.* Isso faz-me pensar na minha conta de arte anónima, por isso abro o Instagram. Há três semanas que não publico nada, a última foi uma fotografia cheia de

grão de uma pintura que fiz de um lago ao nascer do sol. O tema era a *quietude*. Não era a minha preferida, mas mesmo assim a publicação teve quase mil gostos.

Depois, mudo da minha conta artística para a pessoal. A primeira coisa que vejo é uma fotografia nova da Santana, com o rosto maquilhado, o cabelo alisado e caído abaixo da cintura. Está a usar um vestido dourado justo, com os olhos cheios de brilhantes. Deve ser uma foto da sessão fotográfica de hoje. Vejo que trezentas pessoas gostaram dela, incluindo o Milo. Reviro os olhos.

Olho para o meu perfil: zero publicações. Apaguei-as todas há meses. Depois de tudo o que aconteceu, pessoas que eu mal conhecia começaram a inundar as minhas publicações com comentários a dizer *lamento muito a tua perda e estou aqui para ti*. Agiam como se a Katie tivesse morrido, quando ela ainda estava aqui. Retirei todas as publicações, apaguei tudo.

Mas agora estou deseioso de algo novo. E como a pintura já não é uma opção, talvez a natureza-morta seja melhor.

Abro a câmara do meu telemóvel e levanto-me da cama. Quero que seja algo aleatório, sem contexto. Deixo todas as luzes apagadas e ponho-me em frente ao meu cavalete. Os estores estão abertos para que se veja a linha do horizonte da cidade do lado de fora da janela. Inclino a câmara para o chão, mostrando as pontas dos meus Converse e alguns dos materiais de arte em segundo plano. Tiro a fotografia sem pensar muito no assunto.

Publico-a. Na legenda escrevo apenas *casa*. Marco a minha localização atual: Toronto. Depois, deixo cair o telemóvel na cama, porque duvido que alguém se dê ao trabalho de gostar. A Santana vai deixar um comentário engraçadinho. O Milo vai gostar do comentário dela, mostrando que está apanhadinho de forma estranha e silenciosa.

É quando me estou a vestir, com a camisa meio posta, que vejo o ecrã acender-se. Pego no telemóvel, sem pensar em nada, até ver o nome. *@edenflora gostou da tua foto*.

Tudo muda.

EDEN

Quando tínhamos dezassete anos, eu e a Katie passámos as férias de março em sua casa, acampadas no quarto, a ver séries e a encomendar comida descontroladamente. Ainda estava demasiado frio em Ontário para fazermos muito mais; a piscina ainda estava coberta. O Sr. Falls não a iria abrir, pelo menos, até maio, quando o tempo aquecesse.

Naquela sexta-feira foi diferente. Os pais da Katie estavam fora da cidade. Tinham ido de carro aos casinos nas Cataratas do Niágara e só iam voltar para casa no domingo de manhã.

A Katie já estava a planear das suas, a fazer uma lista de ideias de como devíamos passar as próximas noites, já que os pais não estavam.

O Truman antecipou-se a nós.

– Vêm cá uns amigos meus, esta noite – disse ele.

Estávamos os três acampados no sofá, a ver um episódio de *Impractical Jokers*. Era uma hora da tarde. A Katie bebia ruidosamente um pacote de sumo.

– Tipo, uma festa? – perguntou ela.

– Não, não é uma festa. São só algumas pessoas – corrigiu-a ele.

Os meus olhos saltavam de um para o outro, como se estivesse a assistir a um jogo de pingue-pongue.

– Presumo que eu e a Eden estejamos convidadas.

O Truman soltou uma gargalhada.

– Presumiste mal. – Depois, virou-se para mim e disse, sorrindo: – Mas a Eden pode vir, se quiser.

– Eu...

A Katie cortou-me a palavra.

– Ela não quer – disse ela, rapidamente. – Então, e o que é que ganhamos com isso? Porque tenho aqui o meu telemóvel, e seria bem fácil mandar uma mensagem rápida à mãe e ao pai...

– Katieeeeeeeeeee – guinchou o Truman. – O que é que queres?

Ela esticou-se de forma melodramática no sofá, levantando os braços acima da cabeça.

– Hum – disse ela, a pensar. Esperei que ela me viesse pedir ideias.

– Quero fazer um acordo mútuo: nenhum de nós dirá uma palavra à mãe nem ao pai sobre o que acontecer neste fim de semana.

O Truman parou de fazer *zapping* pelos canais e sentou-se muito direito.

– Que raio estás a pensar fazer esta noite?

– Quem é que falou em hoje à noite? Além disso, ainda não tenho a certeza – disse ela, olhando para mim.

– Ainda estamos a decidir – acrescentei.

O Truman olhou para nós as duas, desconfiado.

– A mãe e o pai disseram-me para vos vigiar.

A Katie bufou.

– Temos quase dezoito anos. Não precisamos de um acompanhante. E tu não és propriamente uma autoridade em matéria de decisões, Tru. Não acabaste com a Santana na semana passada, pela quinta vez? – disse ela.

O Truman acabou com a Santana e ninguém me disse nada?

Claro que ninguém me disse nada. Não era suposto eu querer saber – não queria saber.

Os olhos do Truman desviaram-se para mim. Ele estava sempre a fazer isso – a lançar-me olhares furtivos.

– Quarta vez – murmurou ele.

– Continua a não ajudar o teu caso. Temos um acordo ou não?

O Truman desligou a televisão e levantou-se do sofá.

– Claro, como queiras.

Ele subiu as escadas. Ouvi a porta do quarto a bater.

– Katie – avisei.

– Que é? – disse ela, pegando no comando.

O cabelo caía-lhe com um corte pontiagudo pelos ombros. Tinha-o cortado apenas alguns dias antes, depois de ter visto a fotografia de uma modelo com o mesmo estilo numa revista. Não passou sequer um dia a pensar no assunto. Teve a ideia de manhã, e a marcação estava feita para depois do meio-dia. A espontaneidade era o seu forte. E o corte assentou-lhe na perfeição.

– Mas o que é que estás a planear para este fim de semana? – perguntei.

A Katie mostrou-me o seu típico sorriso de covinhas.

– Tal como disse, ainda não tenho a certeza.

Sete horas depois, estavam a levá-la numa ambulância.

Luzes vermelhas furiosas piscam na minha cabeça. Os alarmes soam, as sirenes tocam. Sustenho a respiração. O meu peito contrai-se.

Oh, não. *Oh não, não, não, não, não, não, não.*

Atiro o telemóvel, com um grito. Bate contra a parede e cai no chão.

Sou a ex-namorada obcecada, sempre a persegui-lo – espera, menos a parte da ex-namorada. O Truman e eu nunca namorámos. *Então porque é que ativaste as notificações das publicações dele?* Cala a boca, cérebro.

Devo ter falado mais alto do que pensava, porque a Ramona entra a correr no meu quarto. A porta abre-se com um estrondo, e a luz fraca do corredor entra no quarto.

– O que é que se passa? – pergunta ela. Já deve passar da meia-noite, porque a Ramona tem o cabelo apanhado num nó desajeitado e fez uma máscara facial cinzenta. A máscara, outrora lisa, está agora rachada em cima da sua pele. – *Eden.* – Ela solta as duas sílabas de modo tão aflito, que me deixa arrepiada. – Que raio aconteceu? Porque estás a gritar?

Carrega no interruptor da luz, e a escuridão desaparece num

segundo. Olho para os meus lençóis desarrumados e amassados, as bolas de algodão a esconderem-se nos cantos e o meu telemóvel no chão com uma racha nova a brilhar no ecrã.

A Ramona vê-o ao mesmo tempo que eu. Dirige-se para o pedaço de metal desgraçado e inclina-se para o apanhar.

– Não! – Levanto-me da cama. – Não lhe toques. Deixa, deixa...

Eu coloquei um *like*. Pus um *like* no raio da publicação no Instagram. Nem sequer tinham passado cinco segundos depois de ele a ter publicado.

Merda. Merda. Merda.

A Ramona paralisa, meio agachada, meio levantada. Observa-me como se eu estivesse psicótica. Sinceramente, se calhar tem razão.

Fui demasiado descuidada a mexer no *zoom*, com os meus dedos estúpidos e atarracados a beliscarem o ecrã de um lado para o outro. Estava a tentar ampliar, ver melhor. O que estava na tela? Estava novamente a pintar? De que cores eram os frascos de tinta? As cores poderiam dizer-me tanta coisa – cinzentos e pretos significavam que ele estava a criar algo murcho; amarelos e cores pastel, algo feliz, brilhante. Eu queria ver mais. Eu precisava de mais.

Porque é que o Truman voltou?

Sentiu a minha falta?

Foi um pensamento inesperado. Porque não importa se ele sentiu a minha falta nem se pensou em mim nem se está a pintar outra vez. Nada disso importa. A nossa oportunidade dissipou-se antes mesmo de acontecer. Fomos egoístas. Descuidados. Arruinámos... bem, tudo.

Estragámos tudo.

Eu estava a fazer *zoom* na linha do horizonte, achando que era uma perita em geografia ou qualquer coisa, que podia identificar a localização exata com base nos edifícios ao fundo ou se visse um M amarelo brilhante de um McDonald's que reconhecesse – esse é literalmente o auge do meu conhecimento culinário.

E depois o meu dedo escorregou. O estúpido coração branco ficou vermelho. Carreguei no *like*.

Posso tirar o *like*, mas o mal já estava feito. Se calhar ele já o viu. Se calhar está a pensar que ainda sou a mesma miúda de quinze anos obcecada por ele. Não sou. Juro que não sou.

Então porque é que ativaste as notificações das publicações dele?

Exclusivamente para fins de pesquisa. Para poder saber quando ele voltasse. Para poder continuar a evitá-lo a todo o custo, tal como costumava fazer. Nos últimos dois meses, consegui ir ao hospital ver a Katie sem ter de ir muito devagarinho até à porta do seu quarto, espreitar para dentro e certificar-me de que o Truman não estava lá antes de entrar. Saber que ele estava a quilómetros de distância era um conforto. Uma garantia. Não tinha de me preocupar com a possibilidade de o ver. Mas preocupe-me, porque ver o Truman era como levar um murro no estômago – uma recordação do que aconteceu na noite do acidente. Quando fecho os olhos, ainda consigo imaginar o seu rosto a centímetros de distância, a cor dos seus olhos, as pupilas dilatadas. Os dedos na minha perna. Os lábios nos meus, exatamente onde eu tinha passado tanto tempo a desejá-los. Ainda sinto tudo o que senti naquele momento. Aquele momento fugaz e terrível que ainda me acelera o coração.

Beijar o Truman foi a escolha mais egoísta que alguma vez fiz. Arrependo-me todos os dias que passam. Vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana.

Mas parte de mim sabe que, se ele estivesse aqui, se estivesse à minha frente neste momento, eu correria para ele, deixar-me-ia desabar nele; aceitar qualquer pedaço que ele me oferecesse, por mais pequeno que fosse. Porque aquele momento que tivemos juntos foi arrasador, como um terramoto, e ainda assim não foi suficiente.

– Quem é este? – A Ramona está com o meu telemóvel na mão, a olhar para o ecrã. – Truman Falls? – indaga ela. – É por isto que te estás a passar? Porque gostaste da foto dele no Instagram?

Ela não percebe. A Ramona andou no secundário connosco, mas não conhece os pormenores, os segredos. Para ela, é muito simples: a Katie teve um acidente; a Katie está em coma; eu precisava de uma

nova colega de casa, porque a Katie já não era uma opção; a Ramona mudou-se para cá. São quatro acontecimentos simples que não têm qualquer significado para ela. Ela vê tudo a preto e branco. Mas há tanto cinzento. Tanta escuridão.

A Ramona senta-se calmamente na beira da minha cama. A sua máscara facial de carvão tem já tantas fissuras, que começa a descolar-se do rosto, e pequenos flocos vão caindo sobre a camisola do pijama. Ela pousa o meu telemóvel no colchão entre nós as duas. Não consigo ler-lhe a mente, mas conheço aquele olhar. Está a perguntar-se o que se passa comigo. Está a pensar no que não lhe estou a contar.

Não é só uma foto estúpida, quero dizer-lhe. É um alvo iluminado pelos faróis de um carro. É estar à beira de um precipício. É uma colisão entre o antes e o agora. O regresso do Truman é um lembrete dos erros que passei meses a enterrar. E agora ele voltou com uma pá, pronto para os desenterrar a todos, enquanto a terra ainda está fresca.

– Vais dizer-me o que se passa, Eden, ou é melhor voltar para a cama?

Ela parece exausta, completamente farta das minhas merdas. Nem consigo imaginar como deve ser viver comigo. Tentar todos os dias aproximar-se, descobrir os meus segredos, as minhas confidências, e continuar a dar de caras com uma parede de pedra. Porque é exatamente isso que eu sou: implacável e fria como uma pedra.

Parte de mim está desejosa por lhe contar. Falar e falar e falar, até me soltar de todos os meus segredos, como água a correr. Sei que poderia ser tão libertador, que algum do peso que me está a desgastar iria desaparecer. Além disso, a Ramona e o Manny, também, estão aqui, prontos e dispostos a ajudar. Mas a ideia de reviver os momentos que levaram ao acidente da Katie... A ideia de falar deles em voz alta é tão dolorosa. Não quero ver o seu olhar, a repulsa quando ouvirem o que fiz, como traí a Katie, como lhe falhei. Não quero que eles me vejam da mesma forma que me vejo a mim própria. Preciso de me agarrar à pequena possibilidade de ainda haver pessoas que pensam o melhor de mim.

Com a decisão tomada, digo:

– É melhor voltares para a cama.

A Ramona já me atura há tanto tempo, que nem parece surpreendida. Levanta-se e vai-se embora. Fecha a porta. Ouço-a caminhar pelo corredor até à casa de banho, ouço o correr da água e sei que está a tirar a máscara da cara, o carvão a descer pelo cano. Depois, vai dormir e acordar bem cedo, às seis da manhã, como sempre. Vai dar uma corrida, tomar um duche e depois sair com uma amiga, rir, comer e viver a vida de uma jovem normal de dezoito anos sem uma sobrecarga de problemas.

Eu queria essa simplicidade com a Katie. Era esse o caminho que as nossas vidas supostamente deveriam ter seguido, antes de chegarmos a um cruzamento no percurso e nos termos desviado.

Pego no telemóvel e tiro o *like* da foto. Não importa se o Truman já viu a notificação, porque ambos decidimos apagar-nos um ao outro das nossas vidas há meses. Isto não é suficiente para mudar isso.

Passaram dois dias, e encontro-me no TugaChicken. Esta noite, eu e o Manny trabalhamos só até às sete. É uma das muitas razões pelas quais adoro os domingos: fechamos mais cedo.

Ainda assim, hoje *não vai haver saídas antes da hora*, e, obviamente, não vou dar passeios meio românticos pela cidade ao fim do trabalho. Não mexo no telemóvel durante todo o turno, nem sequer para procurar no Google outra história deprimente sobre algum doente em coma. Fico sentada no meu banco em frente à caixa registadora, a olhar pelas janelas enquanto o céu passa de laranja a índigo. Sinto-me estranha. Alheada. Há qualquer coisa que me está a afetar e não consigo perceber o quê. Ou talvez consiga, mas não quero. Ou ambas as opções.

Por vezes, tenho de me questionar se o facto de estar tão fora de contacto com as minhas emoções é uma escolha minha.

O Manny não saiu da cozinha nem uma vez para falar comigo. Não me ofereceu comida nem fez comentários ao meu vício recentemente

curado por telemóveis. Por acaso, tem estado muito calado todo o turno. Não é nada típico dele, a sério. Pergunto-me se ele terá sequer sorrido para mim quando entrei. Pergunto-me como poderia estar tão absorvida pelo meu próprio sofrimento mental para nem sequer ter reparado nisso.

O relógio bate as sete, e eu atravesso os azulejos creme desbotados até à porta, viro o sinal de ABERTO para FECHADO e rodo a chave na fechadura. É o som mais agradável do mundo. Estabeleço contacto visual com algumas pessoas que vão a passar através das janelas. *Nem pensem. Estamos fechados.* Continuam a andar. Fico parada, com os dedos no vidro frio. Preciso de descomprimir mentalmente. Preciso de espremer o meu cérebro como uma esponja. Preciso de silêncio, de escuridão. Mas ir para casa é ainda pior do que ficar aqui.

A Ramona virou-me as costas desde o desastre do Instagram. O que é estranho, uma vez que ela parece nunca desistir de mim. Talvez tenha finalmente desistido. Talvez tenha decidido que eu não valho a pena, que tentar fazer com que eu me abra é como rezar por uma tempestade no deserto. E, no entanto, estranhamente, isso magoa-me ainda mais do que lidar com a sua insistência em querer que eu lhe conte as coisas.

Não estou a gostar disto. Nem um bocadinho.

Meu Deus, mas o que é que se passa comigo hoje? Quem me dera ser um robô sem emoções. Será que a ciência pode apressar-se a inventar uma coisa dessas?

As mesas já foram limpas, e a última hora passou tão devagar, que consegui varrer e esfregar o chão. Antes de entrar na cozinha, agarro no meu telemóvel. Há uma notificação de há sete minutos: *@trumanfalls acabou de publicar uma foto.* Passo o dedo sobre ela tão rápido, que o reconhecimento facial do telemóvel nem funciona corretamente. A foto foi tirada no exterior de um edifício estranho com uma estrutura artística no topo. Apercebo-me que é o IADO: o Instituto de Arte e Design de Ontário. O Truman mencionou uma ou duas vezes que queria estudar lá. Terá sido aceite para se matricular

no outono? Estaria a fazer uma visita?

Desta vez, controlo os meus dedos estúpidos e não ponho um *like* accidental na fotografia. Prometo a mim mesma que vou desativar as notificações das publicações hoje, mas eu conheço-me e sei que sou uma grande mentirosa.

Quando me dirijo à cozinha, completamente preparada para pegar na minha mala, sair pela porta e vaguear pela cidade – durante o tempo necessário para ter a certeza de que a Ramona já foi para a cama e que não me cruzo com ela em casa –, vejo o Manny debruçado sobre a bancada de metal, com a cabeça entre as mãos, tão diferente do rapaz sorridente e despreocupado que ele mostra ser sempre – por vezes até de forma irritante.

Pego numa cadeira e sento-me à sua frente.

– O que aconteceu? – pergunto, como se fosse uma psicóloga. Só me falta um bloco de notas e uma caneta para fazer apontamentos.

O Manny levanta a cabeça, e os seus olhos encontram os meus.

– O que é que queres dizer com isso? – Ele boceja, colocando a mão sobre a boca para a tapar.

– Pareces um bocado distante – digo eu, medindo as palavras.

– Estou apenas cansado.

– Poupa-me. Essa é a minha mentira preferida para evitar falar com as pessoas. O que se passa?

Ele solta um suspiro, descaindo os ombros, enquanto se inclina nos cotovelos, com o queixo apoiado numa mão. Reparo como o seu corpo parece pesado, inclinado para a frente, como se não se conseguisse manter firme. Sem aquele à-vontade que ele normalmente parece ter. Talvez esteja mesmo cansado.

– Estou cansado, Eden – diz ele de novo, lendo o meu pensamento.

– É só isso. Estou mesmo, mesmo cansado.

Não acredito nessa história.

– O teu pai disse alguma coisa sobre termos saído mais cedo na outra noite? – O Manny não responde, o que me diz tudo. Ele morde o lábio inferior, mostrando a sua preocupação. – Podes dizer-lhe que a

culpa foi toda minha – digo. – Põe as culpas todas em mim. Afinal de contas, sou uma péssima influência para bons rapazes como tu.

– Isso não é completamente verdade – diz ele.

– Mas é parcialmente verdade.

Os seus lábios curvam-se num sorriso minúsculo.

– Parcialmente.

A iluminação da cozinha é demasiado forte, o tipo de luz que não favorece ninguém. O Manny continua giro, claro, mas a luz também realça todas as partes do rosto que revelam a intensidade do seu cansaço. Apetece-me embrulhá-lo num cobertor, metê-lo na cama e ficar de guarda à porta, para que ninguém o incomode durante pelo menos doze horas.

O Manny parece aperceber-se de alguma coisa, porque diz:

– Espera. O que estás ainda a fazer aqui? Normalmente saís às sete em ponto.

– Isso não é verdade – minto.

O Manny limita-se a erguer as sobrancelhas, esperando pacientemente. É por isto que não faço perguntas. Eventualmente, voltam-nas contra mim.

– E então? O que é que te prende aqui? – pergunta ele. – E não digas que sou eu. Ambos sabemos que não é verdade.

– Tu és muito giro, Manny, mas não, não é por tua causa. – Agora sou eu que estou a suspirar, com a frustração a sair de mim em ondas.

– Não estou propriamente com pressa de ir para casa – admito.

Isso parece chamar-lhe a atenção. Ele endireita-se, e vejo um músculo do seu maxilar contrair-se.

– Aconteceu alguma coisa?

Foi como se eu tivesse carregado num botão. Modo de superproteção ativado.

– Eu e a minha colega de casa... Não sei bem. Não discutimos, propriamente. Foi mais um impasse, acho eu.

E, se eu for para casa agora, há uma grande probabilidade de ficar a noite inteira acordada, a fazer zoom em cada centímetro da publicação do

Truman no Instagram e a registar na minha memória toda a informação disponível sobre o IADO.

– Sobre quê?

– Sobre eu não lhe querer revelar todos os pormenores da minha vida – respondo.

O Manny solta uma gargalhada, e os caracóis do seu cabelo balançam como numa dança.

– Uau, nunca poderia imaginar tal coisa vinda de ti – diz ele. – És tão aberta comigo, Eden. Nunca consigo fazer com que te cales.

– Ah, ah, ah – respondo com o entusiasmo de um calhau. – Tenho de vos apresentar. Talvez pudessem falar durante horas sobre a grande decepção que eu sou.

– Tu não és uma decepção – diz o Manny, suavemente.

Encolho os ombros, desviando o olhar. De repente, fica tão difícil olhar para ele.

– Em dois meses, nunca faltaste ao trabalho – diz o Manny.

– Estou sempre atrasada – respondo, com os olhos no chão.

– Tens vindo a melhorar.

– Estou agarrada ao telemóvel durante todo o horário de trabalho – prossigo, pois a minha boca estúpida adora enterrar-me ainda mais.

– Não te vi tocar no telemóvel uma única vez hoje – diz ele.

Ah. Afinal, ele esteve atento.

– Nunca recebi uma gorjeta de mais do que dois dólares.

– Porque os nossos clientes são forretas – diz o Manny, com um sorriso. – Não é culpa tua.

– És exatamente igual à Ramona. Sempre à procura da melhor versão de mim.

– Não é assim tão difícil fazê-lo, Eden. Devias experimentar um dia destes.

Ele faz com que pareça tão fácil.

– Esta conversa está a ir longe demais. – Tamborilo com os dedos no tampo imaculado da mesa brilhante. Não tem um único grão de sujidade, porque o Manny não deixa nada a meio, nem a limpar nem a

cozinhar. Nem quando me tenta animar. – Bem – digo eu, levantando-me. – Tenho de ir para casa.

– Pensei que estavas a evitar ir para casa – diz o Manny.

– E estou, mas estás claramente exausto. Não te vou obrigar a ficar aqui comigo só porque sou cobarde demais para enfrentar a minha colega de casa demasiado atenciosa.

Tento empurrar a minha cadeira para trás para me levantar, mas o Manny enrolou as pernas à volta dela por baixo da mesa, segurando-me no lugar.

– Não me obrigas a fazer nada – diz ele com firmeza.

– Manny.

– O que vais fazer quando chegares a casa? – pergunta ele.

– Sinceramente? Provavelmente, vou ficar deitada na escuridão total até ter de acordar para vir trabalhar amanhã.

– Eden, isso não me parece nada saudável. Mesmo nada.

– Relaxa. Estou perfeitamente bem.

Deve ser o eufemismo do século.

– Queres saber o que faço quando me sinto uma merda? – pergunta ele. Aquiesço com entusiasmo. – Cozinho.

– Mas tu estás sempre a cozinhar – digo.

– É por isso que raramente me sinto uma merda.

– Exceto hoje – replico.

O Manny revira os olhos.

– Estou *cansado*. Já te disse isso. Então, que dizes? Queres distrair-te um bocadinho e cozinhar qualquer coisa juntos?

Eu torço o nariz.

– Manny, sou péssima cozinheira. Pensei que tínhamos isso assente?

– Tínhamos, mas posso ensinar-te umas coisas. ‘Bora lá.

Penso na decepção da Ramona que parece pairar como uma nuvem no nosso apartamento; no som constante da porta do seu quarto a fechar-se; no estranho silêncio da cozinha quando ela não está lá de um lado para o outro, a filmar um vídeo.

– Está bem, vamos a isso – digo.

O Manny levanta o punho no ar, demonstrando que mesmo na derrota mantém o otimismo. Vou até ao frigorífico industrial e abro as portas gigantescas de aço inoxidável. São muito mais pesadas do que eu pensava, por isso tem de se puxar com muita força. As prateleiras estão cheias de carne embrulhada em película aderente, *tupperwares* cheios de pimentos cortados em tiras, caixas de ovos sem fim e tudo o mais que se possa imaginar. Ponho as mãos nas ancas, examinando toda a comida como se soubesse o que estou a fazer, como se não tivesse comido *pizza* de há uma semana esta manhã, ao pequeno-almoço.

– Encontrei o que procuravas? – pergunta o Manny, atrás de mim. Não me viro, mas *sei* que se está a rir de mim.

Talvez fosse desespero ou vergonha, mas o meu cérebro arrancou uma memória de quando era miúda, talvez com sete ou oito anos. Estava na cozinha com os meus pais. A minha mãe estava a ensinar-me a fazer *gnocchi* caseiro, como a sua avó costumava fazer. Cozeu as batatas, e depois eu esmaguei-as. Ela media a olho a quantidade exata de farinha, enquanto eu amassava a massa até formar uma bola macia. O meu pai fazia rissóis de camarão, uma empadinha portuguesa com camarões. A minha mãe não os podia ver à frente – ela odeia peixe. Mas eram, de longe, os meus favoritos. Eu ficava ao lado do meu pai enquanto ele os fritava em óleo. Comíamos e comíamos e comíamos, até ficarmos com a barriga cheia.

Fecho as portas do frigorífico e viro-me para o Manny.

– Vamos fazer rissóis de camarão – digo.

A sua cara ilumina-se.

– Gostas? – pergunta ele, sem hesitar.

– O meu pai estava sempre a fazer quando eu era pequena – partilho.

Não tinha sido por acaso que começara a trabalhar num restaurante português. Depois de sair da casa dos meus pais e ir para a cidade, comecei a sentir-me... sozinha. Bem, já me sentia sozinha

antes disso, mas só piorou. Trabalhar aqui é como uma pequena lembrança de casa. Os cheiros da cozinha fazem-me lembrar o meu pai a cozinhar os jantares de domingo. O sotaque do Sr. Álvaro é tão forte como o do meu avô.

O Manny está radiante, a olhar para mim como se tivesse acabado de ganhar o dia.

– O meu pai também fazia. Só não os pôs na ementa porque usa a receita secreta da minha avó. Disse que são demasiado pessoais. Não queria que ninguém fora da família os comesse.

– Eu não pertenço à família – chamo a atenção.

– Considera-te a exceção – diz ele. As suas palavras enchem-me de conforto. – Queres começar a cortar os ingredientes?

– Claro.

O Manny dá-me uma faca enorme com uma lâmina curva. Não confio em mim para a usar. Surpreende-me que ele confie.

– As tábuas de cortar estão atrás de ti – diz ele.

Há uma pilha delas, tanto de madeira como de plástico. Agarro numa de madeira. Quando me viro, o Manny já está a empilhar os ingredientes em cima da mesa: barras de manteiga, litros de leite, pacotes de farinha, ovos, pão ralado, sal.

Depois, entrega-me um ramo de salsa fresca e uma cebola.

– Pica o mais fino que conseguires – diz. Pega no avental que está na cadeira e coloca-o à volta do pescoço.

– Sim, senhor.

O Manny ocupa-se do fogão. Coloco a salsa sobre a tábua de cortar e olho para a faca com desconfiança. Não pode ser assim tão difícil. Balanço a faca para a frente e para trás sobre as ervas, cortando-as em todo o tipo de pedaços irregulares. Mas são pequenos. Pelo menos isso consegui fazer. Arrasto o monte de salsa para o canto da tábua para deixar espaço para a cebola. Quando olho para cima, o Manny mexe-se habilmente no fogão, como se estivesse nisto há horas. Tem manteiga a derreter numa panela e deita o leite diretamente do pacote, sem se dar ao trabalho de o medir. Vejo-o a mexer tudo antes

de baixar o lume. Quando o lume fica brando, ele acrescenta a farinha.

– Eden – chama-me, olhando para mim por cima do ombro. – Podes polvilhar a mesa?

Entro em ação, polvilhando a mesa com uma camada de farinha e nivelando-a com a mão. O Manny passa do fogão para a mesa num passo rápido, como um bailarino que já o praticou centenas de vezes. Ele vira a panela, despejando a massa diretamente na superfície enfarinhada. Por um instante, abandonei esta cozinha e estou de novo na casa dos meus pais, a cozinhar numa tarde de domingo, quando as horas pareciam dias.

O Manny começa a amassar a massa, fletindo os braços enquanto trabalha sobre ela. Começo a prestar-lhe demasiada atenção, abandonando completamente a minha tarefa. Reparo que, quando fica concentrado, enruga o rosto e franze as sobrancelhas espessas.

Ele olha para cima e vê-me a observá-lo.

– Como está a correr com a cebola? – pergunta ele, esboçando um sorriso.

Tendo em conta que ainda está em cima da mesa sem ter sido tocada, não muito bem.

Agarro nela e começo a tirar-lhe a pele.

– O teu pai ensinou-te a cozinhar? – pergunto.

O Manny aquiesce, concentrando-se novamente na massa. Parece mais lisa. Ele polvilha-a novamente com farinha.

– O meu pai fazia turnos à noite numa fábrica da cidade, mesmo depois de a minha mãe ter falecido. Mas durante o dia, por mais cansado que estivesse, cozinhasse sempre para mim. Vivíamos na cozinha – diz, com um sorriso. – Os meus avós também moravam connosco. Eles tomavam conta de mim quando o meu pai estava a trabalhar.

– Também costumava cozinhar com o meu pai – digo eu.

– Dá para ver – diz o Manny. – Aquilo é que é saber cortar a sério.

– Ele aponta para a montanha de cebolas cortadas. Para minha

surpresa, até estão bem cortadas, em quadradinhos iguais. Ele pode estar a brincar, mas eu decido pensar que não está.

– Como é que sabes quando a massa está pronta? – pergunto eu.

– Fazes isto... – Ele pega na massa com as mãos e amassa-a, alisando todos os lados até ficar uma bola macia. Estende-a. – Toca com um dedo – diz.

– Hã, ok. – Pressiono com o meu dedo.

– Vês como a massa volta ligeiramente à forma, mas deixa uma pequena marca? – Confirmo, analisando cuidadosamente a massa. – É assim que se sabe que está pronta. Se voltar completamente à forma que tinha, precisa de ser mais amassada. Se não voltar, é porque se amassou demasiado.

– O que é que se faz se isso acontecer? – pergunto.

– Começa-se do zero. – O Manny corta a massa em dois pedaços iguais, embrulha-os em película aderente e afasta-os para um dos lados da mesa. – Deixamos a repousar, enquanto começamos o recheio. Podes trazer-me outra barra de manteiga, um pouco de leite e o camarão do frigorífico? – pergunta, enquanto se dirige para o fogão, segurando uma frigideira numa mão e a tábua de cortar na outra.

Volto a abrir o frigorífico, pego no leite e na manteiga, coloco-lhos na mão e procuro o camarão.

– Manny?

– Sim? – pergunta. Já consigo ouvir o crepitar da manteiga a derreter e sentir o cheiro das cebolas a saltear.

– Não consigo encontrar o camarão.

Ele espreita para a porta do frigorífico.

– Pega nisto – diz, entregando-me a colher de pau. – Continua a misturar até as cebolas começarem a alourar.

Eu vou para o fogão, enquanto ele se encarrega de procurar no frigorífico. Mexo as cebolas na frigideira, o vapor sobe diretamente para a minha cara e faz-me começar a suar. Agora percebo porque é que o Manny está sempre de *t-shirt* e a esfregar a cara com panos.

Levanto os olhos da frigideira e dirijo-os para as grandes portas do

frigorífico.

– Encontrei?

– Ainda não.

Volto a concentrar-me nas cebolas. Merda, estão a ficar castanhas.

– Manny, estas coisas estão a alourar depressa. O que é que eu faço? – Estou a começar a entrar em pânico. Não quero ser responsável por estragar esta refeição.

– Está tudo bem – responde, ainda escondido atrás do frigorífico. – Baixa o lume e deita leite suficiente para cobrir a frigideira.

– Está bem. Eu consigo fazer isso. – Ajusto o botão do fogão, e a intensidade da chama diminui. Depois, pego no pacote de leite e despejo-o até as cebolas ficarem cobertas. – Está bom assim?

A cabeça do Manny espreita por detrás do frigorífico. Ele olha para a frigideira e pisca-me o olho.

– Está ótimo, Eden. Tens um talento natural. Agora, podes tirar do lume e juntar uma pitada de sal, pimenta, noz-moscada e a salsa que cortaste.

Já nem sequer hesito. Faço tudo o que ele diz, juntando a salsa em último lugar. Mexo a frigideira com a colher de pau, observando os ingredientes a misturarem-se. Sinto-me orgulhosa de mim própria. Pego no meu telemóvel, tiro uma fotografia e envio-a ao meu pai. Escrevo: *Adivinha o que estou a fazer!*

– Bom – diz o Manny, fechando as portas do frigorífico. – Temos um problema.

– O que é?

– Acabou-se o camarão.

– Não faz mal – digo, estranhamente otimista. – Eu vou comprar. – Entrego de imediato a colher de pau ao Manny, sentindo-me uma boa ajudante.

O Manny olha para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

– Eden, o mercado do peixe só abre *amanhã* às seis da manhã.

– É por isso que vou ao supermercado Loblaws ao fundo da rua e compro um pacote congelado.

– Congelado? – diz ele, como se eu tivesse acabado de sugerir que cortássemos a minha perna direita e a cozinhássemos.

– Estamos a cozinhar só para nós, Manny. O Gordon Ramsay não vai aparecer a qualquer momento com um pão de forma e chamar-te “sandes idiota” por usares marisco congelado.

– Teria toda a razão se o fizesse – diz.

– *Teria toda a razão se o fizesse* – resmungo, troçando em voz baixa como se fosse uma criancinha. Deixo o Manny com a sua desilusão e corro para a arrecadação para ir buscar a minha mala. Quando regresso, está de novo junto da mesa, a misturar amido de milho e água.

O Manny vê-me e sorri. Tudo volta ao normal. Ele parece o mesmo de sempre.

– Obrigado por isto – diz-me ele. – És uma ótima subchefe.

Apetece-me abraçá-lo.

– Não fiques tão surpreendido – provoco. – Volto daqui a dez minutos.

Lá fora, está um friozinho pouco normal. Fico com a pele dos braços arrepiada, faz-me desejar ter trazido um casaco ou ter levado o do Manny. A caminhada até ao supermercado é rápida, apenas cinco minutos. Ando o mais depressa que posso sem começar a correr. Sou demasiado preguiçosa para me pôr a desemaranhar os fios dos auscultadores, por isso ouço os carros a circular e a conversa das pessoas que passam por mim, sentadas nos bancos dos passeios ou à saída dos restaurantes. O vento bate no meu cabelo, empurrando-o para a frente do meu rosto. Imagino o pulso da Katie e o elástico de cabelo extra que ela trazia sempre consigo. Teria sido útil neste momento.

O meu telemóvel toca com uma mensagem do meu pai. Ele escreve *Quem diria! Estão fantásticos, meu docinho*. E depois: *Traz alguns para casa, para mim e para a tua mãe. Vem visitar-nos este fim de semana, sim?*

Há um mês que não vou a casa. Só fui nessa altura porque o

Ahmed, o outro empregado do TugaChicken, concordou em fazer o meu turno, se eu lhe desse uma semana de gorjetas. A cara que me fez quando lhe entreguei um total de nove dólares foi impagável. Duvido que ele aceitasse substituir-me de novo. Teria de fazer a viagem logo de manhã e sair à tarde para chegar a tempo ao meu turno... Digo ao meu pai que sim, que vou tentar passar por lá. E estou a falar a sério.

Entro e saio do supermercado Loblaws em poucos minutos, com um saco de plástico pendurado no pulso e um saco de camarão congelado lá dentro. Eles tinham uma secção com marisco fresco, mas eu gosto de chatear o Manny, por isso comprei congelado. Além disso, que diferença é que pode fazer? Quando os rissóis estiverem feitos e a flutuar no óleo, não vai importar de que tipo de camarão são. Não é possível dar-lhes uma dentada e pensar: *Uau, estes camarões estavam congelados!*, e depois prenderem-me por cometer crimes contra os deuses da culinária. Por outro lado, se há alguém exigente o suficiente para notar alguma diferença, esse alguém é o Manny.

Estou a pensar se dou ou não meia-volta para ir comprar o camarão fresco quando cabelo preto me chama a atenção. Paro de andar, paro de respirar; o saco no meu pulso para de balançar. O tempo parece parar. Ou talvez o mundo inteiro tenha parado, porque os carros também paralisaram. Primeiro, vejo o cabelo que parece um borrão de tinta, depois as sapatilhas Converse sujas. Tudo se torna nítido. É o Truman, ali mesmo, no passeio do outro lado da rua. Quero continuar a andar. Quero mexer-me antes que ele me veja. Quero que ele me veja. Meu Deus, como eu quero que ele me veja.

E então, ele vê-me.

Ele vai a andar de cabeça baixa, com os olhos no passeio, e de repente volta a cabeça para a direita, como se tivesse sido puxado. Os nossos olhos cruzam-se instantaneamente. Estamos tão longe um do outro e, no entanto, colidimos.

Vejo o reconhecimento a aflorar-lhe ao rosto, vejo os seus olhos a arregalarem-se, a sua boca a abrir-se.

Ele parece... parece exatamente o mesmo. Como nos dias de calor

do sol de verão, quando nos deitávamos à beira da piscina, e a Katie servia de barreira no meio de nós. Como nos dias do barulho das folhas a caírem das árvores e nós a pô-las em sacos do lixo. Ele parece-se com o passado. A minha mente transforma-se num caleidoscópio de recordações: o calor dos seus lábios nos meus; a curva do seu sorriso; as manchas de tinta agarradas ao seu cabelo; o olhar de surpresa no seu rosto quando ultrapassei todas as suas barreiras e o vi realmente pela primeira vez. Todas estas memórias que reprimi regressam tão rápido, que me sufocam.

Ficamos ali, suspensos no tempo, a olhar um para o outro. Estamos apenas a seis metros de distância, mas há quilómetros entre nós. Fico à espera de que ele atravesse a rua. Que me agarre pelos ombros, abanando-me até eu acordar; pegue na minha mão e me leve de volta ao conforto do passado. Penso que talvez ele esteja à espera de que seja eu atravessar a rua, porque não se mexe. Mas não posso. Não posso fazer isso. Se estiver perto dele, não vou conseguir afastar-me de novo.

E depois começamos os dois a andar, em direções opostas, em passeios opostos, em lados opostos da rua. Os carros começam a mover-se novamente. O vento está a uivar. Volto para o restaurante e estou bem. *Estou bem.*

As minhas mãos não param de tremer.

EDEN

Era a noite da “festa” do Truman. A campainha começou a tocar por volta das oito e não parou mais.

Eu estava a morrer de curiosidade, dividida entre querer ficar aqui em cima com a Katie e ir lá baixo ver o que o Truman andava a fazer.

A Katie não parecia nada feliz por estar presa no quarto. Estava sempre a abrir a porta e a tentar espreitar lá para baixo.

– Há bastante mais gente do que apenas algumas pessoas – dizia ela, vezes sem conta.

Estávamos deitadas na sua cama, de barriga para baixo, com o portátil apoiado numa almofada à nossa frente. O chão estava coberto de caixas de *pizzas* meio comidas, latas de Pepsi e papéis de rebuçados amachucados. Os seus pais tinham-nos deixado cem dólares na bancada da cozinha para comida antes de irem embora. A Katie gastara vinte e cinco na entrega da *pizza*, e piscou-me o olho enquanto enfiava o resto no bolso das calças de ganga. Eu achava-a tão inteligente, tão fixe. Madura e responsável, a encomendar o nosso jantar pelo telefone, a pagar ao homem à porta com toda a confiança do mundo, enquanto eu ficava sentada à mesa da cozinha, à sua espera.

Precisava de uma forma de distrair a Katie antes que ela não aguentasse mais e fosse lá para baixo fazer uma cena enorme. O Truman dissera que os pais lhe tinham dado a responsabilidade de tomar conta dela, mas parecia que a responsabilidade tinha passado para mim.

– Vamos começar a planear o nosso futuro – disse eu.

A Katie estava deitada de costas, a mexer no telemóvel.

– Que queres dizer?

– Podemos começar a procurar apartamentos na baixa – propus.

Elaborámos um plano em três etapas. O primeiro passo já estava cumprido: ser aceite na Universidade de Toronto. Os passos seguintes eram arrendar um apartamento e depois ir vivermos juntas. Os pais da Katie já tinham concordado. Concordavam com tudo o que ela dissesse. Entretanto, eu ainda nem sequer tinha ganhado coragem para pedir aos meus, mas queria isso mais do que tudo: uma vida com a Katie fora desta cidade minúscula. Queria ficar acordada até tarde, a dançar até o soalho de madeira ranger e os vizinhos de baixo reclamarem; acordar cedo e ver o nascer do sol na varanda; ir buscar *bagels* à padaria no fim da rua depois das aulas e comê-los diretamente do saco ao jantar; sentadas bem juntinhas no sofá.

Quando contei isto à Katie, ela revirou os olhos.

– Como é que consegues romantizar *tudo*? – perguntou ela. Mas estava a sorrir, como se também já tivesse um pé fora da porta.

Estivemos distraídas durante uma ou duas horas a procurar apartamentos para arrendar na cidade. Eu queria algo mais perto da margem do lago, com vista para o Lago Ontário, mas significava uma deslocação maior até ao campus, coisa que a Katie detestava. Ela queria viver mais perto da escola, para não ter de se preocupar em apanhar o metro ou andar na rua no inverno. Era a única coisa em que não conseguíamos concordar. Fora isso, tínhamos as mesmas ideias: pelo menos dois quartos; só uma casa de banho era viável; e o tamanho da cozinha não era nada importante, porque nenhuma de nós gostava de cozinhar.

Vimos dezenas de anúncios, mas nada batia certo. Talvez estivéssemos a ser demasiado exigentes, a tentar chegar à perfeição. Mas, com a Katie, a perfeição parecia sempre alcançável.

– Vamos encomendar comida quase todas as noites e beber vinho tinto barato – disse ela, com o tom de voz a ganhar uma inflexão de certeza. Ela estava a meio da série *Scandal* e tinha decidido que o

vinho era a sua bebida preferida.

– Sim, quando fizermos dezanove anos e tivermos idade suficiente para o comprar – acrescentei. Ela suspirou, descartando as minhas palavras com um aceno de mão.

O barulho que vinha do andar de baixo começou a aumentar. A Katie parecia ter-se esquecido completamente do assunto. Estava no *site* do IKEA, a ver fotografias de cabeceiras. Eu não me conseguia concentrar. Ouvia o Truman a rir-se algures por baixo de nós, pessoas a falar, música a tocar.

Não precisava de descer as escadas todas. Podia simplesmente ir espreitar.

– Vou à casa de banho – declarei.

A cama rangeu quando me levantei. A Katie limitou-se a emitir um som de assentimento e continuou a teclar no portátil. Eu tinha de passar pela casa de banho para chegar às escadas.

A casa dos meus pais era, numa palavra, acolhedora. *Queremos que as pessoas sintam que a casa também é delas*, dizia a minha mãe. Os sofás estavam cheios de almofadas e mantas. Os móveis tinham todos alguma história: os baús de madeira de castanheiro da sala de estar tinham vindo da família do meu pai em Portugal; os copos da cozinha eram da minha avó materna. A nossa casa era feita de tantas histórias diferentes.

Comparativamente, a casa da Katie tinha a mobília mais sofisticada possível. O chão era de mármore frio; os sofás eram de pele importada de Itália; a cozinha tinha um fogão a gás sofisticado que eu e a Katie tínhamos demasiado medo de ligar. A escadaria era enorme e seguia em espiral mesmo até meio do piso principal. Os degraus eram suspensos e feitos de vidro, por isso, quando me inclinava no corrimão, conseguia ver todo o andar de baixo. Havia pessoas a passear na cozinha, e em cima da bancada estavam caixas de *pizza*, latas de refrigerante, caixas de cerveja. Alguém tinha montado um jogo de *beer pong* na mesa da sala de jantar.

Espreitei para a sala de estar e vi que os amigos do Truman

estavam a descansar no sofá. Reconheci alguns de quando ele andava no secundário, mas a maior parte eram desconhecidos. Sacos abertos de batatas fritas cobriam a mesa de centro, e na televisão estava a dar o jogo dos *Blue Jays*.

Parecia tal e qual todas as festas de sábado à noite para que a Katie me tinha arrastado. Então, qual era o problema? Porque é que o Truman não nos deixava participar? Como se eu e a Katie nunca tivéssemos visto pessoas a atirarem bolas para copos de cerveja.

Larguei o corrimão e comecei a andar de volta para o quarto da Katie, já sem caminhar em bicos de pés. Depois, reparei numa coisa estranha: a porta do quarto do Truman estava aberta. A porta do quarto do Truman *nunca* estava aberta. Mas naquele momento estava. Era uma fresta mínima, mas foi o que bastou para me aproximar e espreitar. Consequia ver o cinzento-escuro das paredes, o castanho-escuro da mobília. Mesmo sabendo que não devia, enfiei o pé na pequena fresta, e a porta abriu-se um pouco mais. Entrei. Não era nada do que eu estava à espera. Estava à espera da desarrumação de um adolescente: roupas atiradas para o chão, a cama por fazer, pratos sujos e cheios de comida a cobrir o tampo da cómoda e copos vazios na secretária.

Em vez disso, estava tudo arrumado e organizado. O ar cheirava a algodão fresco. A cama estava feita na perfeição, o edredão bem enfiado e vincado nos cantos, à semelhança do que encontramos num hotel. Uma pilha de roupa bem dobrada repousava em cima da cómoda. Mas o que me tinha chamado a atenção, o que me fez passar pela porta e atravessar o espaço, foi o cavalete de madeira colocado em frente à grande janela que dava para o jardim. O cenário noturno era composto por uma mistura de árvores finas e de azul-escuro. Estava um quadro apoiado no cavalete. A obra de arte era tão impressionante, que não conseguia desviar o olhar. As pinceladas eram vigorosas e propositadas, suaves e delicadas em simultâneo. Tinha a paleta de cores da *Noite Estrelada* de Van Gogh: os azuis profundamente ricos, os verdes suaves, o brilho do amarelo... Mas não

era um céu. Os redemoinhos eram os mesmos, amplos e em curva sobre a tela. Era um rosto. Uma rapariga, consegui perceber. O azul compunha as ondas sinuosas do cabelo. O amarelo quente pintava as linhas do rosto, o brilho da pele. Parecia que estava a olhar através de um caleidoscópio, como um retrato distorcido. Era uma pessoa, mas ao mesmo tempo não era. Era assombroso.

Fez-me lembrar o que o Sr. Sullivan, o meu professor de arte do 9.º ano, tinha dito sobre os quadros de Van Gogh: que as pinceladas não misturadas expressavam a emoção, faziam a pintura ganhar vida, faziam-na parecer mover-se, à medida que os olhos acompanhavam as cores vibrantes. Esta pintura transmitia essa sensação. Inclinei a cabeça para a esquerda, e as cores moveram-se, para fazer parecer que a rapariga estava a chorar. Depois, para a direita, e a boca inclinou-se para cima, no mais ténue vestígio de um sorriso.

Estava tão perdida em pensamentos, que não me apercebi de que já não estava sozinha.

– Gostas?

Gritei e virei-me. O Truman estava atrás de mim. Apanhara-me em flagrante, a vasculhar-lhe a vida.

– Não te queria assustar. Desculpa – disse, entrando no quarto.

– Porque não estás lá em baixo? – perguntei, sem rodeios.

– Porque estás *tu* no meu quarto?

Merda. Ele tinha razão.

– A porta estava aberta – respondi.

O Truman dirigiu-se para a secretária. Encontrava-se vazia, com exceção do seu telemóvel que estava a carregar. Ele desligou-o do carregador, digitou algo e depois virou-se para mim.

– Estava só a brincar contigo. Podes ir lá para baixo, se quiseres.

– Estou bem aqui – respondi.

A boca do Truman esboçou um leve sorriso.

– Estás bem no meu quarto?

– Não é isso. Tu sabes o que quero dizer. – Bufeí, e a minha cara começou a ficar quente. Não queria que ele reparasse no quanto

estava perturbada por estar sozinha com ele. Voltei-me para a tela. – Foste tu que pintaste isto? – perguntei.

– Não. Roubei-a do MRO.

– Como é que conseguiste tirar isto do Museu Real de Ontário?

– Sim, fui eu que pintei, Eden – disse ele. Vi a sua sombra no chão crescer, à medida que se aproximava de mim. – Gostas?

Assenti, com os olhos fixos na tela. Não sabia porquê, mas não conseguia desviar o olhar. Como se, ao fazê-lo, tudo desaparecesse. Era um momento estranho. Frágil.

Nunca tinha estado sozinha com o Truman.

Tinha uma vaga noção de que a Katie estava ao fundo do corredor, à minha espera no quarto. De repente, ela parecia tão distante, como se o corredor tivesse aumentado, alongando-se e curvando-se. A casa estava estranhamente silenciosa. Esperei que as tábuas do soalho rangessem, que o zumbido do ar condicionado disparasse ou que um carro passasse lá fora, banhando o quarto com o brilho dos faróis. Nada aconteceu. Tudo parecia estar parado, exceto o Truman, que se tinha afastado do cavalete, virado para mim, à espera da minha resposta. *Gostas?*

– É incrível – respondi, cortando o silêncio com a minha voz. – Quando pintaste isto?

– Há uns dias.

O Truman pegou na tela. Com o polegar, acariciou as linhas estriadas da tinta, enquanto eu me fixava nos seus dedos, os ossos longos e finos terminando em unhas curtas aparadas em linhas limpas. Mãos de artista. Cerrei as minhas mãos em punhos, para ocultar as unhas que roía até ao sabugo.

– Não sabia que pintavas.

Era uma coisa parva de se dizer. Claro que eu não sabia o que o Truman fazia nos tempos livres, quando estava fechado neste quarto, com a porta a bloquear o resto da casa. Tudo o que eu realmente sabia sobre ele era que não gostava de cortar o cabelo e que nunca acordava antes do meio-dia.

O Truman e eu falávamos muito. Falávamos sobre um programa qualquer que estivesse a dar na televisão. Falávamos sobre o tempo. Falávamos junto à piscina, na cozinha a almoçar ou no corredor do andar de cima, quando eu saía da casa de banho ao mesmo tempo que ele saía do quarto. Passávamos muito tempo a conversar. O problema é que nunca dizíamos muito. Era tudo conversa de circunstância, tudo conversa fiada. Conversas sem sentido, em que andávamos à volta do que realmente queríamos dizer – ou pelo menos do que *eu* queria dizer: que o achava misterioso e interessante. Que queria saber todos os seus pensamentos. Que ele era cativante e hipnotizante, e que se a Katie não estivesse constantemente connosco, talvez pudéssemos ter mais do que olhares roubados e comentários de passagem sobre o calor do verão.

Só que, agora, a Katie não estava aqui. Era só eu e ele.

Ao lado do cavalete, estava um caixote de plástico virado ao contrário. Os frascos de tinta estavam espalhados por cima, juntamente com um copo de água esbranquiçado no qual deixava os pincéis de molho. Ele pegou num frasco aberto de tinta branca. Vi-o apertar a tampa e pousar o frasco.

– Não é nada sério – disse ele. Os seus olhos voltaram-se de novo para os meus. – É só um passatempo parvo.

Mas a forma como ele pintava não parecia nada parva. O seu olhar voltava sempre para a tela com tanto carinho, que parecia que estava desejoso de falar sobre ela. Como se estivesse à espera do dia em que alguém transpusesse a entrada do seu quarto e fizesse todas as perguntas certas. Como se estivesse à espera de que alguém entrasse sorrateiramente, que escavasse um pouco mais no seu interior.

Queria que ele me confessasse os seus segredos, deixando-os escorrer pelo chão. Queria apanhá-los e guardá-los num frasco.

– Não acho que seja parvo – disse eu. Senti que algo me impelia para a porta, um lembrete de que devia ter saído e voltado para junto da Katie. Mas não conseguia. Queria saber mais. – Quando é que começaste?

– Precisava de créditos na disciplina de arte para passar de ano no ano passado. Ou era pintura ou fotografia – disse.

– Qual era o problema da fotografia?

– Nenhum – disse ele. – Apenas pensei que andar com pincéis daria muito menos trabalho do que andar com uma câmara.

Então, pelos vistos, foi tudo uma questão de preguiça.

– Quem é ela? – perguntei.

O Truman parou de brincar com os frascos de tinta.

– O que é que queres dizer? – perguntou.

– A rapariga do quadro – esclareci.

Ele ficou calado. Os seus olhos azuis percorreram o teto, como se estivesse a pensar. Depois, voltaram ao quadro, antes de se fixarem em mim.

– Não sei – disse ele, por fim. – Alguém. Talvez ninguém.

– Como é que não sabes? Tu pintaste-a.

Ele encolheu os ombros.

– Nunca pensei nisso.

Os meus olhos seguiram os traços amarelo-pálidos da sua pele. Acima da superfície da tela, elevavam-se rugas num relevo macio. Queria estender a mão e tocar-lhe. Queria limpar-lhe as lágrimas.

– Ela está a chorar ou a sorrir?

– O que é que achas?

O que é que *eu* pensava? E que importava isso?

– Ela parece triste. Isto... – Estendi o braço e apontei para a mancha de tinta amarela por baixo do olho direito, intacta e intocada.

– Parece uma lágrima. E as cores...

– O que têm? – perguntou.

– Os azuis, os verdes. Foi de propósito, certo? Usar cores tão escuras e suaves. Aumenta a melancolia. Mas depois o amarelo... Não faz sentido. Não encaixa.

– É arte, Eden. Não tem de fazer sentido.

Era uma afirmação tão vaga, mas pareceu-me tão sábia. Tão inteligente. De imediato e de forma assustadora, fiquei maravilhada

com ele e com o talento evidente que ele tentava minimizar.

– Suponho que tenhas razão – disse eu.

Virei-me de costas para o quadro, e a sensação de atordoamento desapareceu, o peso do momento diminuiu. Depois, éramos só eu e o Truman, em frente à janela do seu quarto. Ele pôs-se a olhar para mim, e surgiram-lhe duas pequenas linhas na pele, onde as sobrancelhas se tinham franzido. Queria saber em que estava ele a pensar. Queria saber quem era a rapariga do quadro e porque estava ela tão triste.

Tinha a sensação de que ele sabia e que estava a mentir sobre isso.

– Tu és mesmo boa nisto – disse o Truman, afastando-se da janela em direção à cama. Sentou-se na beira do colchão. Formaram-se rugas no edredão, em redor do seu corpo. Eu queria passar a minha mão pelo algodão, alisá-las. Ele continuava a observar-me com uma intensidade que eu não conseguia explicar.

– Em quê?

– A analisar. A descrever.

Encolhi os ombros, como se não fosse nada de especial. Na verdade, estava a rebentar de orgulho. Queria dizer algo ainda mais inteligente, que ele me elogiasse.

– Tu pintas? – perguntou ele.

A pergunta deteve-me.

– Nunca tentei – disse eu.

Nunca tinha pensado em fazê-lo. Nunca pensei que fosse algo que eu conseguisse fazer.

– Devias – disse o Truman. – Aposto que serias muito boa.

Eu tinha quase a certeza de que não seria. Ou não seria nem de perto nem de longe tão boa como ele. Para desviar a conversa de mim e voltar para ele, perguntei:

– Tens mais quadros?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Queres ver os meus quadros? – A pergunta foi lenta e hesitante, como se fosse a última coisa que ele esperava que eu lhe perguntasse.

– Sim – respondi, com um pouco de entusiasmo a mais. Comecei a fazer marcha atrás. – Mas não tens de me mostrar. Deves querer voltar lá para baixo, para junto dos teus amigos, por isso...

– Eles podem esperar – disse ele, já a dirigir-se para o armário.

O meu peito inchou com uma sensação de vitória, como se ele me tivesse preferido a mim em vez de aos amigos sentados lá em baixo e do jogo de basebol na televisão.

Era patético ter-me parecido tão especial – tão importante.

Já não pensava na Katie, que se encontrava no quarto, a esgueirar-se pela janela.

TRUMAN

A visita ao IADO era para ter terminado às seis. São quase sete horas, e ainda estamos na Oficina de Plásticos no primeiro andar. O guia — um tipo qualquer na casa dos vinte com barba e uns *piercings* enormes — explica como transformam os ficheiros digitais dos estudantes em objetos físicos. Ou algo do género. Eu desliguei mentalmente depois de sairmos do Centro de Fotografia, com as telas pintadas a cobrir as paredes. Existem salas inteiras que servem de espaços criativos, com dezenas de cavaletes no espaço aberto, onde os estudantes se sentam a pintar retratos, paisagens, naturezas-mortas. É tudo tão diferente das aulas de arte do secundário. Em primeiro lugar, porque as pessoas estão aqui de livre vontade. Em segundo lugar, porque todos são artistas.

Sinto mesmo que posso pertencer aqui. O que é bom, tendo em conta que já aceitei matricular-me para começar em setembro. A visita guiada termina, e eu afasto-me do grupo. Coloco os meus AirPods nos ouvidos e subo as escadas, duas de cada vez, até chegar ao chão de cimento do piso principal. As paredes têm pelo menos nove metros de altura e são cobertas inteiramente por janelas. A luz natural é incrível. É o sonho de qualquer pintor. O ambiente aqui tem um estilo moderno e industrial. Imagino-me a subir estas escadas todos os dias, a expor o meu trabalho numa das muitas galerias. Por um breve instante, o futuro parece-me promissor.

Saio pelas portas vermelhas. O meu telemóvel toca. Uma mensagem da Santana. *Envia-me a tua localização*. Nada intimidante, de todo. Respondo: *Porquê?*

O exterior da escola é a minha zona preferida. O campus principal é constituído pelo típico edifício de Toronto do século XIX, feito de tijolo vermelho enferrujado e com janelas baças. Recentemente, adicionaram a estrutura artística que já venceu prémios, que se ergue por cima do edifício. É um tampo de mesa preto e branco que parece estar suspenso no ar. Está sustentado por pernas de aço multicoloridas que foram concebidas para se parecerem com lápis de cera. É a coisa mais louca que já vi. Pego no meu telemóvel, tiro uma fotografia e publico-a no Instagram com a legenda *setembro*.

Espero um minuto e depois atualizo a página. Não há gostos. Hum. Então, o facto de a Eden ter gostado da minha última publicação em cinco segundos não foi mais do que... uma coincidência? Não sou convencido o suficiente para pensar que ela anda a espreitar as minhas redes sociais a toda a hora. O que não quer dizer que não seja vaidoso o suficiente para esperar que sim.

Aparece uma notificação no topo do ecrã – outra mensagem da Santana. *Estás no IADO??* Bom, pelo menos uma pessoa viu a minha publicação. *Vem ter comigo ao Second Cup na Queen Street*, acrescenta.

Podia perguntar porquê, mas a verdade é que estou cheio de fome, e sair deste calor parece-me fantástico. As minhas calças de ganga pretas transformaram-se numa segunda pele, completamente coladas às minhas pernas em camadas de suor. Quase consigo ouvir a voz da Katie na minha cabeça: *Porque é que usas calças de ganga num clima de 30 graus? Não sejas tão “emo”*, diria ela com um sorriso.

Escrevo *Está bem* como resposta à Santana e envio.

Estou a caminho do café quando passo pelo Fran's – o restaurante preferido da Katie. Ela fazia sempre um grande drama para escolher o que comer. Lia a ementa inteira, de trás para a frente, mas depois pedia a mesma coisa de sempre: *nuggets* de frango com batatas fritas e molho de mostarda com mel. Eu costumava pedir-lhe que decidisse mais depressa para podermos encomendar. Neste momento, daria literalmente tudo para ter outro momento desses com ela.

Pensar na Katie é como entrar numa realidade paralela. Começa

com um pensamento insignificante, que se transforma numa espiral e que me leva a uma memória tão vívida, que parece real. Foi em março, há cinco meses, um dia ou dois antes do acidente da Katie. As visitas guiadas ao campus tinham acabado de começar, e nós metemo-nos no meu carro, conduzimos uma hora pela autoestrada, até as casas de dois andares com relvados imaculados se transformarem em edifícios altos, ruas apinhadas de gente e a Torre CN a aparecer no horizonte. A Eden ia sentada no banco de trás, a usar um casaco vermelho-vivo, com um gorro sobre as orelhas. Eu estava sempre a olhar de relance para ela pelo espelho retrovisor. Os seus olhos permaneceram fixos na vista da janela, a observarem os enormes edifícios.

A Katie ia sentada ao meu lado no banco do passageiro. Tinha a janela totalmente aberta, deixando entrar o ar gélido do início da primavera, que mais parecia ar de inverno prolongado. Até abril, pelo menos, o tempo não aquece – se tivermos sorte.

– Fecha a janela, Katie – disse-lhe. Estava a começar a perder a sensibilidade nas maçãs do rosto.

– Não devíamos ter de sofrer só porque decidiste que és demasiado fixe para usar um casaco apropriado para o inverno – disse ela, com um ar presunçoso e quente no seu anoraque rosa-choque.

Olhei para a minha camisola com capuz cinzenta e para o casaco de ganga forrado a lã.

– Isto é quente o suficiente – disse eu.

– Então vou deixar a janela aberta – disse ela, em tom de desafio.

– Está um frio de rachar lá fora. Não estou para chegar atrasado às visitas à faculdade só porque morremos todos de frio. – Subi o vidro e acrescentei: – Podes cheirar todo o ar que quiseses quando fores tu a passear pela Universidade de Toronto.

– Mas o ar cheira tão bem aqui. – Ela voltou-se para trás, virada para a Eden. – Não tem um cheiro diferente?

Desviei os olhos da estrada, para olhar para a Eden pelo espelho.

– Sem dúvida. – Ela olhou para mim, sorriu e acrescentou: – Se

calhar é da poluição.

Ri-me tanto, que não sei como é que o carro não se desviou para o trânsito em sentido contrário. Os olhos da Eden brilhavam, divertidos. A Katie fechou a janela e encolheu-se no lugar, como uma criança que ouviu um sermão.

– Está bem. Como queiras – disse ela. – Peço desculpa por me tentar divertir um pouco hoje.

Inclinei-me para ela e dei-lhe um toque no braço.

– Vá lá, não fiques assim. Estamos só a brincar. Vá, cheira o ar que quiseses – disse eu, baixando o vidro da janela. O vento parecia gelo. A Katie tinha razão. O meu casaco não era, nem de longe nem de perto, quente o suficiente.

Ela voltou a fechar a janela.

– Agora já não quero – disse ela, e depois aumentou o volume do rádio para me abafar.

Conduzimos em silêncio até eu virar para a College Street. A rua estava cheia de carros. Não havia um único lugar para estacionar.

– Está ali um – disse a Eden, apontando para um carro que estava a sair.

– Em cheio, Eden.

Dava sempre comigo a dizer-lhe coisas deste tipo, a elogiá-la acidentalmente. Não era burro. Não completamente, pelo menos. Eu sabia que a Eden tinha um fraquinho por mim. Era a única explicação para estar sempre a olhar para mim, sempre a arranjar desculpas para passar pelo meu quarto, como se estivesse à espera do dia em que eu a convidasse a entrar. Nunca o tinha feito. Nunca o *iria* fazer.

Em retrospectiva, provavelmente não devia ter agido assim com ela. Devia ter traçado uma linha vermelha: irmão mais velho, melhor amiga da irmã mais nova. Mas... A Eden era introvertida. Ou se calhar toda a gente parecia automaticamente introvertida ao lado da Katie. Ela sentava-se confortavelmente na sombra da Katie, deixando-a falar, deixando-a tomar todas as decisões. Estes pequenos momentos em que a Eden fazia alguma coisa diferente, contra a corrente, apanhavam-me

desprevenido. Faziam-me vê-la sob uma nova luz; tão ofuscante, que ela era praticamente tudo o que conseguia ver.

A sorte é que não acontecia muitas vezes. Teria sido muito mais difícil manter o meu papel.

Liguei o pisca e dirigi-me para o lugar livre de estacionamento. Depois, desliguei o motor. A Katie ainda estava amuada. Eu sabia que ia demorar pelo menos uma ou duas horas até ela se decidir a perdoar-me por... não querer ficar em hipotermia?

Ela estava de mau humor nesse dia.

– Muito bem – disse eu, virando-me para as duas e usando a minha melhor voz de pai. – Não se afastem do grupo da visita. Não falem com estranhos...

– Como é suposto fazermos *amigos*? – investiu a Katie.

– Fácil: não fazem. – Ela lançou-me o revirar de olhos mais melodramático na história da humanidade. – Mantenham-se juntas, está bem? A mãe e o pai matam-me, se vos acontecer alguma coisa.

– Tal como deviam – disse a Katie, sorrindo docemente, de forma sarcástica, e depois saiu do carro com um salto.

Virei-me para a Eden.

– Toma conta dela, está bem?

Ela não precisava de concordar. Sabia que o faria.

A Eden remexeu-se no assento. Com uma mão na maçaneta da porta, disse:

– Não vens connosco?

Os seus olhos estavam tímidos e ansiosos. O cabelo saía-lhe do gorro em tufo castanhos-escuros e brilhantes. De maçãs do rosto rosadas, sentada no meu carro, ela olhava para mim como se ganhasse o dia se eu lhe respondesse que *sim*.

– Vou dar uma olhadela a Ryerson. A Katie não te disse? – perguntei.

A cada segundo que passava, tornava-se cada vez mais tentador trocar a visita ao campus por passar algum tempo com ela.

– Não. Ela não disse nada.

Vi a desilusão atravessar-lhe o rosto. Foi numa fração de segundo, mas aconteceu. Já sabia. Eu devia tê-la deixado sair do carro. Não devia ter continuado a falar.

– Queres encontrar-te mais tarde para almoçar? – disse o raio da minha boca grande. Os olhos da Eden eram grandes, castanhos e incrivelmente expressivos; o seu sorriso, um pequeno declive, a curva mais tímida. Acho que ela estava prestes a dizer que sim, e então eu disse: – Com a Katie. – Senti a minha cara começar a esquentar. Teria feito qualquer coisa por uma boa lufada do ar gelado de inverno naquele momento. – Almoço. Tipo, nós os três – consegui balbuciar.

A Eden puxou o gorro mais para baixo, até lhe cobrir as sobrancelhas. Estava prestes a dizer qualquer coisa, prestes a concordar, talvez, até que a mão enluvada da Katie bateu na janela. A Eden saiu a correr do carro tão depressa, que fiquei a pensar no que raio teria feito de errado.

Ainda hoje me pergunto se me deveria ter preocupado menos com o que a Katie poderia pensar e ter ido almoçar com a Eden. Nem sequer tinha de ser um almoço. Qualquer coisa teria sido ótimo.

A campainha da porta do Second Cup toca quando entro. Vejo imediatamente a Santana sentada na mesa mais escondida, no canto mais afastado. Ela acena-me. Reparo que há duas chávenas na mesa e imagino que tenha sido ela que pediu por mim. Não vai chegar. Não como desde o pequeno-almoço e estou esfomeado, com tanta fome, que até a comida que está há horas na montra me parece apetitosa.

Deixo-me cair na cadeira em frente da Santana.

– Finalmente chegaste – diz ela. – O que se passa contigo e com as redes sociais? Pensei que tivesses desaparecido do mapa há meses.

– Não sei bem – digo eu. – Estou a passar por um bloqueio criativo na pintura. Pareceu-me o melhor a fazer.

Ela bebe um gole do seu chá preto – sempre preto, com leite de amêndoa e dois adoçantes.

– Plenamente de acordo. Sempre é mais um *like* e um comentário nas minhas publicações.

– Certo, porque mil não te chega – digo eu.

– Mil e um soa melhor, não achas? – Ela sorri, pousa a chávena na mesa e inclina-se. – E então, como foi a visita? Achas que fizeste a escolha certa com o IADO?

– Não é aquilo que tinha planeado, mas parece bom.

– Tiveste de fazer algumas mudanças depois do acidente.

A Santana diz isto de forma tão casual, que me apanha desprevenido. O acidente. Como se fosse uma recordação qualquer, mais um momento no tempo que se pode facilmente incluir nas conversas.

Mas ela tinha razão. Eu fiz *muitas* mudanças.

– Tirei um *gap year* depois do secundário, como a Katie queria, para podermos fazer isto juntos: a universidade, estar na cidade... Parte de mim sente-se culpada por estar a fazer isto tudo sem ela – digo.

– Então não vejas as coisas dessa forma – diz simplesmente. – Não estás a fazer isto sem ela, Truman. Estás a fazer isto *por* ela. Não achas que ela iria querer que continuasses com a tua vida?

Será que iria? A Katie queria sempre fazer parte de tudo. Ela não deixava a minha mãe ir à mercearia sem a acompanhar. Será que ela iria querer isto? Que as nossas vidas continuassem a avançar sem ela? Ou queria que ficássemos à espera? Recordo-a em criança, sentada no último degrau das escadas, com uns calções amarelo-vivo. Tentava atar os atacadores tão depressa, que os dedos se atrapalhavam. Eu estava a meio caminho da porta, a dirigir-me ao parque do outro lado da rua, para me encontrar com os meus amigos. Ela não queria que eu saísse sem ela.

Então seria mesmo isto que ela iria querer? Que eu fizesse tudo sem ela?

É uma pergunta estúpida. Não tenho alternativa. Pelo menos, por agora. Não até ela acordar.

Vou para pegar na outra chávena – uma espécie de batido gelado, branco e espesso –, mas a Santana desvia-me a mão.

– Isso não é para ti – diz ela.

– Então é para quem?

Observo-a por breves instantes. Está a usar uma camisa de cetim, um colar volumoso e uns brincos ainda maiores. Os lábios formam um sorriso; estão brilhantes e vermelhos como o seu cabelo em chamas. Mas os olhos... é *neles* que me concentro. Porque ela está a tramar alguma coisa. Já a conheço há demasiado tempo. Sei bem quando ela está a maquinar.

– O que é que fizeste? – pergunto, demasiado tarde.

Um homem puxa a cadeira vazia ao lado da Santana e senta-se. Deve estar na casa dos trinta e tem o cabelo cor-de-rosa pastel penteado para trás e um bigode retorcido nas pontas, como um vilão de banda desenhada.

– Truman – diz a Santana, sorrindo alegremente –, este é o Angelo.

Angelo. O fotógrafo. Aquele de quem me ando a esquivar a torto e a direito há semanas.

A Santana armou-me uma cilada. E pela cara que me faz, não está arrependida.

– É um prazer conhecê-lo finalmente – diz ele, estendendo-me a mão acima da mesa. – Foi difícil encontrá-lo.

– Enfim, artistas – acrescenta a Santana, com um suspiro. – São sempre tão melodramáticos, a tentar ser misteriosos.

Depois, ficam os dois a olhar para mim. A observar, à espera. A sala volta rapidamente ao foco, e percebo que a mão do Angelo ainda está estendida, aguardando que eu a aperte. Não quero. Não posso. Apertar-lhe a mão é como concordar com isto – concordar em colocar a minha arte na sua galeria, prender o meu coração às paredes para que todos o possam julgar. A ideia é tão traumatizante, que nem consigo ver bem. Tudo à minha volta começa a oscilar. Preciso de ar. O ar quente e húmido cola-se aos meus pulmões, e, de repente, não consigo respirar.

– Truman?

A Santana continua a proferir o meu nome. A voz vai baixando de

volume. A minha cadeira raspa contra os azulejos. Reparo que o Angelo deixa cair a mão, mas já estou a meio caminho, em direção à porta. Uma mulher entra, e eu passo por ela, batendo-lhe com o meu ombro. Ela grita-me. Acho que grita. Talvez tenha apenas exclamado qualquer coisa. Já estou a descer o passeio, mais longe, mais longe, mais longe, até dobrar a esquina. Sento-me no parapeito de betão da janela de uma loja de conveniência e digo a mim próprio para respirar. Concentro-me numa bicicleta enferrujada presa a uma árvore. Respiro, contando até dez. As cores começam a ganhar foco. Consigo ouvir os carros a passar. Já não ouço a minha pulsação nos ouvidos, de tão intensamente que a sentia latejar.

Está tudo bem, penso. Tu estás bem. Mas é a voz da Katie que ouço na minha cabeça.

Não. É a da Eden.

Antes de sequer conseguir pensar no significado disso, a Santana surge na minha direção. Ela é realmente um espetáculo quando se zanga. O cabelo ruivo transforma-se em chamas que lhe emolduram o rosto, deixando um rasto atrás de si pelo passeio.

Merda. Ela está a vir na *minha* direção.

– Que raio foi aquilo, Truman? – Está mesmo à minha frente, a bloquear a rua inteira. É uma parede de fúria. – Aquilo foi muito embaraçoso. Não posso *acreditar* no que fizeste. Ele só te queria conhecer! Só tinhas de ficar ali a ouvi-lo!

Preciso que ela pare de gritar.

Ela continua.

– Semanas. Passei *semanas* a falar com o Angelo sobre ti, a dizer que és incrível, que és um artista subestimado, que mereces a atenção dele. Ele quer expor o teu trabalho na galeria dele, Truman. Sabes a quantidade de pessoas que matavam por isso? E é assim que ages? Literalmente a *fugir* como uma criança? Não lhe podias ter apertado o raio da mão?

Não digo nada. Fico a olhar para a ponta do meu sapato esquerdo. Tem uma mancha verde – uma mancha de relva. Hum! Tenho de

descobrir como se tira.

– E então?

Olho para a Santana. Tem as mãos nas ancas, a raiva a irradiar. Faz-me pensar na noite em que acabámos. A noite em que ela me traiu. Lembro-me que ela gritou comigo, como se a culpa tivesse sido minha. *Agora andas tão desligado*, disse ela. Não me importava com os gritos nem com a culpa. O que me incomodava era aquela palavra. *Agora*. Porque o que significava era *agora, depois do acidente da Katie*. Como se fosse suposto eu perder a minha irmã e isso não me mudar. Como se a Katie fosse a culpada pelo fim da nossa relação, por ela me ter traído.

Agora.

Na altura, meteu-me nojo. E agora também.

– Truman. – Ela diz o meu nome como um pai a repreender um filho. – Vais dizer alguma coisa?

Sim, decido. Sim, vou dizer alguma coisa.

– É a minha arte. Eu decido quando a quiser expor numa galeria ou na merda do MoMA.

– O Angelo está a tentar ajudar-te – diz ela. – Eu estou a tentar ajudar-te.

– Meu Deus, Santana, eu não quero a tua ajuda, não percebes? Há semanas que me andas a enfiar isto pela goela abaixo. Se eu quisesse aceitar a oferta do Angelo, já o teria feito quando me falaste disto.

Havia uma razão para eu estar sempre a voltar para a Santana. Por mais zangados que estivéssemos um com o outro, ela acalmava-se sempre tão depressa. Vejo a raiva desvanecer, os olhos a alongar-se, suaves. Parece mais pequena, como se estivesse a encolher-se. É a forma mais fácil de me manipular, de fazer com que eu a queira consolar, quando devia ser ao contrário.

– Não percebo – diz ela, docemente. – Pensei que fosse algo que quisesses.

Estou tão farto de consolar toda a gente à minha volta quando ninguém me retribui o favor.

– Eu não quero isto – respondo-lhe. – Pelo menos, não para já.

– Porquê?

Porque os meus quadros são pessoais. Porque muitos deles são sobre a Katie. Sobre a Eden. Sobre tudo o que senti quando perdi primeiro uma e depois a outra. Sobre tudo o que sinto e que é demasiado difícil de dizer em voz alta. Porque esses quadros são feitos com a minha dor e não consigo lidar com a possibilidade de alguém os rejeitar.

– Não estou pronto – é o que lhe digo.

– Até quando vais ficar à espera de estares pronto, em vez de dares o salto, Truman? – Não sei como responder. – De que é que estás à espera? De algum sinal?

Estou à espera de não me sentir doente com o mero pensamento de mostrar a minha arte ao público.

– Não estás a perceber – digo.

Vejo a irritação da Santana. Ela quer dar-me o empurrão. Quer arrastar-me de volta para o café e obrigar-me a falar com o Angelo, para não fazer má figura. Mas estou tão cansado de tentar agradar a toda a gente, de ser puxado para um lado e para o outro. Qualquer dia, vou partir-me ao meio.

– Vou falar com o Angelo – diz ela, recompondo-se. Alisa o cabelo, ajeita a bainha da camisa. – Digo-lhe que estavas... Hei de pensar em alguma coisa.

– Claro, Santana.

Inventa qualquer coisa que te deixe bem-vista.

Ela vira-se e vai-se embora sem dizer mais nada. Não sei como chegámos a este ponto. Ainda me lembro de quando a Santana parecia ser a única pessoa que me compreendia.

Não é inteiramente verdade. Eu sei o que nos aconteceu. Mas estou a ficar farto de responsabilizar o acidente da Katie por todos os meus problemas.

São quase oito horas. O sol está finalmente a começar a pôr-se. Quero ir ao hospital ver a Katie, mas ainda me sinto demasiado agitado. Parece-me errado levar esse tipo de energia para o espaço da

Katie. Decido que vou amanhã de manhã, depois de dormir sobre o assunto.

Começo a caminhar para casa. Não vou de elétrico nem de metro. Quero sentir o ar fresco; ajuda-me a desanuviar a cabeça. Faz-me pensar no que a Santana disse. *De que é que estás à espera? De algum sinal?* Lembro-me da notificação quando a Eden gostou da minha publicação – a sensação de felicidade avassaladora logo a seguir. Era efémera, mas senti-a. A Eden foi das primeiras pessoas que viu a minha arte – que me viu *a mim*. E ela não fugiu. Não se riu nem gozou comigo por ser sensível, quando sempre mostrei o contrário. Lembro-me da forma como os seus dedos tocaram na tela, como se fosse feita de cristal. A forma como ela olhou para mim, como se também eu fosse feito de cristal. Se eu soubesse que as pessoas iriam tratar o meu trabalho como ela, com tanta delicadeza, tanto cuidado, então talvez fizesse a exposição do Angelo. Talvez fizesse todas as exposições e mais algumas. Até expunha o meu trabalho em cartazes na Dundas Square.

Mas não estou em condições de me expor a uma multidão, de deixar à vista todas as minhas feridas, quando as cicatrizes de há meses nem sequer começaram a desaparecer. Preciso de mais tempo. Se calhar, preciso mesmo de um sinal.

Atravesso a rua, já sem prestar atenção por onde vou. Olho para cima e vejo um supermercado Loblaws em frente, no lado oposto da estrada. Estou a pensar em mandar uma mensagem à minha mãe e perguntar-lhe se precisa que lhe leve alguma coisa.

A Eden.

O reflexo do cabelo escuro. Aquele rosto redondo. Os olhos grandes que fazem parecer constantemente que apanhou um susto. Tem um saco de supermercado pendurado no pulso. É tão... normal. Tão insignificante. No entanto, custa-me respirar porque se passaram meses.

Passaram-se meses, e ela está aqui.

A olhar diretamente para mim.

De que é que estás à espera? De algum sinal?

Só me consigo virar em direção do café passados alguns minutos depois de ela se afastar.

A Santana e o Angelo continuam sentados no mesmo sítio. Está um *croissant* cortado em dois num prato no meio da mesa. Não quero nem imaginar o que ela lhe terá dito, que desculpa terá inventado para justificar a forma como agi. *A irmã dele quase morreu há uns meses*. Se calhar resultava.

Dirijo-me à mesa, mas só penso na Eden. A Eden a entrar no meu quarto e a encontrar as pinturas; a Eden a passar os dedos pela superfície rugosa da tela, pelas pinceladas de tinta em relevo; a Eden e a forma como olhou para os meus quadros, como se fossem importantes.

A Santana vê-me primeiro; depois, o Angelo.

– Truman – exclama ela, com uma ponta de surpresa.

– Eu faço a exposição de arte – digo. – Quatro quadros. Apenas.

Estendo-lhe a mão. Ele pega nela, aperta-a e sorri como se tivesse ganhado a lotaria.

– Para que conste – diz ele –, eu só ia pedir três.

EDEN

O metro está atrasado. Como sempre. Estamos parados na estação St. Clair West há quinze minutos, o que não seria um problema não tivesse eu decidido apanhar o metro em hora de ponta. Ainda não são nove da manhã, tive de sair sem o meu café para evitar encontrar a Ramona na cozinha e agora estou presa entre dezenas de corpos nojentos. A tosse e os espirros são constantes, e ninguém tapa a boca, porque, pelos vistos, a decência humana não existe. Agarro-me com força à caixa cheia de rissóis de camarão. Não quero que fiquem arruinados antes de chegarem às mãos dos meus pais. Imagino o meu pai a pegar nos rissóis esmagados e a dizer *Foi isto que me trouxeste?* Mas sei que depois os comia à mesma sem se queixar.

Após ter avistado o Truman, juntei todas as emoções que foram despertadas e guardei-as num cantinho bem arrumado da minha mente. Voltei ao TugaChicken e acabei de cozinhar com o Manny. Devo ter sido uma bela atriz, porque nem o Manny – que está ridiculamente atento a tudo – se deu conta de que algo não estava bem. Recheámos os rissóis, fritámo-los em tanto óleo que me pareceu um crime e comemos quase todos. Consegui reservar meia dúzia para levar para casa para o meu pai, tal como ele me tinha pedido.

Não é a única razão pela qual estou a regressar a casa. Tenho saudades dos meus pais, da nossa casa. Sinto falta da familiaridade, da segurança de estar nas quatro paredes em que cresci. Estar no centro da cidade é revigorante, mas também intimidante. Normalmente, aguento bem, mesmo quando me sinto pior, quando a solidão deixa de ser uma dor no peito e passa a ser uma sombra que me persegue,

sempre atrás de mim. Com o silêncio da Ramona e com o Truman a aparecer do nada, preciso de uma pausa. Nos últimos três dias, parece que a cidade inteira encolheu. Tudo parece demasiado próximo.

O metro dá um solavanco e começa a andar sobre os carris a toda a velocidade. A satisfação é visível. Olho para o mapa do metro por cima das portas, para a linha amarela que vai de Toronto até à região metropolitana da cidade. Ainda faltam mais doze paragens até chegar à minha. São pelo menos mais vinte minutos. Resmungo, desejando ter tido tempo para desemaranhar os fios dos auscultadores antes de entrar no metro. Tento enfiar a mão no bolso dos calções, mas as pessoas estão demasiado perto. Não quero apalpar ninguém sem querer.

Alguém espirra demasiado alto, sem tapar a boca. Olho para cima, pronta para lançar um olhar fulminante a alguém. Vejo um reflexo de cabelo loiro. É a Katie, agarrada ao varão quando o metro se inclina para a frente. O cabelo espalha-se à sua volta, brilhando sobre os ombros. Está a rir, aquele riso demasiado contagiante. Com ela, tudo parecia uma aventura.

Pisco os olhos, e ela desaparece, o seu sorriso desvanece-se. É apenas outra rapariga. Agora que estou a olhar com mais atenção, o cabelo nem sequer é parecido. É demasiado castanho. O da Katie era loiro puro, como raios de sol.

A memória desintegra-se. Chegamos à estação seguinte. As portas abrem-se, e as pessoas apressam-se a sair. Quando vejo um lugar livre, corro para ele, abraçando o recipiente dos rissóis ao peito como se fossem meus filhos – e podem bem ser, já que fui eu que os fiz. Bom, isso faria do Manny o pai, o que significaria...

É demasiado estranho pensar nisso.

Sento-me no lugar vazio antes que mais alguém possa fazê-lo e recosto-me no banco almofadado vermelho. Aproveito para desemaranhar os auscultadores e inclinar a cabeça para trás, abafando o ruído.

Nos vinte minutos seguintes, faço algo demasiado autodestrutivo:

penso no Truman. Deixo-me mergulhar totalmente em toda a dor. O facto de o ter visto abriu uma galáxia inteira na minha mente, e continuar normalmente como se ele não existisse é esgotante. Não consigo parar de me perguntar como será ele atualmente – eu sabia quem ele era antes do acidente, mas quem é ele agora? Imagino que tenha mudado. Eu mudei. Pergunto-me para onde terá ido depois do acidente da Katie, por que razão terá voltado e se estará bem, ou se o seu mundo se terá reorganizado tal como o meu. Sinto uma enorme solidão quando constato que ele é, provavelmente, a única pessoa que compreende exatamente aquilo por que estou a passar neste momento. Não poder falar com ele sobre isso é angustiante, como se fôssemos as duas últimas pessoas vivas neste maldito planeta, mas estivéssemos presos em continentes separados.

Nunca consegui arranjar coragem para perguntar aos pais do Truman para onde é que ele desapareceu em junho. Pensar que eles lhe podiam ir contar era humilhante. Não queria que o Truman soubesse que eu andava a perguntar por ele. Ou que ainda me interessava por ele. Porque não me interessava. E *não me interessa*. Então, porque me sinto tão confusa desde que o vi na rua?

E, sinceramente, não me interessa saber para onde foi. O que importa é que ele foi embora. Deixou a família. Deixou a Katie. Deixou-me a mim. Não percebo como pôde fazer isso. É verdade que há dias em que me apetece enfiar-me numa mala e desaparecer, mas nunca conseguiria fazer isso. Em parte, porque a minha vida está aqui – as pessoas de quem gosto estão aqui. Mas, sobretudo, porque ir para um sítio novo não mudaria nada. A dor acabaria por me seguir até lá como um colega de quarto não desejado. Por isso, sei que, para onde quer que o Truman tenha ido, continuou a carregar a dor. É impossível que ele não a sinta.

Só me pergunto se estará melhor do que eu. Pergunto-me qual é a escala de intensidade desta dor, porque neste momento parece-me ser um sete. Quando irá melhorar, quando irá começar a desaparecer? Talvez quando a Katie acordar. *Se a Katie acordar.*

Se me tivessem perguntado há cinco meses, poucos dias depois do acidente, eu teria apostado que a Katie iria acordar a qualquer momento. Talvez estivesse em coma durante uma semana. Um mês, no máximo. Mas cinco meses? A cada dia que passa, a esperança que sinto diminui ainda mais, como uma chama a chegar ao fim do pavio. Estou a começar a perder toda a fé de que ela vai acordar. E isso é perigoso, porque sem a Katie eu não sei quem sou.

Faz-me lembrar a Ramona e a contingência do nosso contrato de arrendamento. Disse-me que se a Katie acordasse, o quarto passava a ser dela, que se mudava sem se queixar. Parece-me tão disparatado pensar que isso ainda possa ser uma possibilidade.

A reflexão termina quando o metro chega à minha paragem. Só quando vou a meio da escada rolante é que a rede do meu telemóvel volta a funcionar. Uma mensagem do meu pai: *Estou aqui*. Fazia parte do nosso acordo. Andar de metro é tolerável, mas não gosto de autocarros nem de Uber, nada acima do solo. Não gosto de conduzir. Não gosto que ninguém me leve de carro. Os meus pais são a única exceção. Gosto de pensar que não é mais um *problema* que surgiu depois do acidente da Katie, mas é. Os carros já não me parecem seguros. Se um acidente apagou a luz de alguém tão brilhante como a Katie, não consigo imaginar o que aconteceria a uma mera faísca baça como eu.

O Toyota prateado do meu pai está estacionado na berma da rua, mesmo ao lado de um sinal que diz PROIBIDO ESTACIONAR. Faz-me sorrir. Faz-me lembrar do que a cidade não me dá: família. Ele vê-me e toca a buzina para chamar a minha atenção, apesar de estarmos literalmente a fazer contacto visual. Aceno de volta, segurando o recipiente de rissóis de camarão como um troféu. Consigo distinguir o seu sorriso do outro lado da rua. Apresso-me a chegar e sento-me no banco do passageiro. Ele baixa imediatamente o volume do rádio. Preparo-me para o ataque de perguntas.

– Ora cá estás tu – diz ele, com um sorriso de orelha a orelha.

A familiaridade do seu cabelo grisalho e dos olhos enrugados é o

suficiente para me emocionar. Ele veste um *blazer* de *tweed* à moda antiga e uma camisa de botões. Gozo sempre com ele por se vestir constantemente como se fosse trabalhar, mesmo nos dias de folga. Mais valia usar um cartaz a dizer PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.

– Estavas à espera há muito tempo? – pergunto, enquanto ponho o cinto de segurança. O clique faz-me estremecer. Outra memória, outra coisa que poderia ter mudado tudo.

– Acabei de chegar.

Tradução: provavelmente, está à espera há meia hora.

– Houve um atraso numa das estações. Ficámos parados durante uns quinze minutos.

– Quinze minutos não é nada. Quando eu tinha a tua idade...

– Já sei, já sei. Tinhas de caminhar centenas de quilómetros até à escola e atravessar o oceano Atlântico.

Ele aponta-me um dedo.

– Não te esqueças disso. Então, o que é que me trouxeste?

Tiro a tampa da caixa, e o cheiro a óleo e sal enche o carro. O meu pai agarra-a com mãos gulosas, examinando os rissóis perto da cara.

– Foste mesmo *tu* que os fizeste? Parecem totalmente comestíveis – brinca ele.

– Que piada. Fi-los com o Manny. O cozinheiro com quem trabalho – acrescento. Arqueia as sobranceiras, à menção de, Deus me livre, um homem. – É um *amigo*, pai. Tem calma. É quase meu chefe, embora não seja bem isso. Já te falei dele, lembras-te?

O meu pai ri-se, baixinho e com vontade.

– Confio em ti. Já a tua mãe... Sabes que não posso fazer promessas. Podemos comer?

No carro da minha mãe, ninguém pode comer. Se encontra uma única migalha no banco, arranja forma de descobrir quem foi, através de testes de ADN ou dos seus poderes aguçados de mãe ou seja lá o que for... Mas no carro do meu pai, comer é fortemente encorajado, e ele até espera que o faça.

– Vamos a isso.

Ficamos parados na berma da estrada durante mais cinco minutos, a saborear os rissóis de camarão. Não deixamos nenhum para a minha mãe, que faz questão de salientar que os fritos só causam artérias entupidas e problemas cardíacos. Uma verdadeira desmancha-prazeres.

Depois de lamermos os dedos como selvagens, o meu pai vira-se para mim e diz:

– Deliciosos. Melhores do que os meus.

– Agora sei que estás a mentir – respondo.

– Não estou nada. – Roda as chaves, ligando o motor. O som faz-me um nó no estômago de ansiedade. Ao sentir as minhas emoções, o meu pai vira-se para mim. – Precisas de um minuto?

– Não – respondo rapidamente, porque ter medo de andar de carro aos dezoito anos é ridículo.

– Não há pressa.

– Pai, eu estou bem. A sério, vamos embora. Já deixámos a mãe à espera tempo suficiente.

Basta apenas mencioná-la para o fazer acelerar rua abaixo. É à minha mãe que vou buscar todos os meus traços “adoráveis”, tal como o meu pai gosta de dizer. A teimosia, o temperamento explosivo, a tolerância zero às tretas. As características do meu pai – ser extremamente amigável, paciente, calmo e compreensivo – passaram-me completamente ao lado.

Passo a viagem a olhar para todo o lado menos para as janelas. É mais fácil ignorar que o carro está a andar quando não vejo o movimento. O meu pai faz-me perguntas, sem dúvida para me distrair. *Trancas a porta todas as noites? Precisas de dinheiro para as compras? Se quiseres vir para casa mais cedo, o teu quarto está à espera. Eu e a tua mãe fomos comer a um restaurante grego novo que abriu ao fundo da rua. Queres parar lá no caminho para casa? Eu pago.*

Não preciso de olhar pela janela para saber quando estamos a passar pela igreja, pela minha antiga escola secundária e primária, pela padaria que já ardeu duas vezes e pela mercearia italiana com a

melhor *pizza* de forno de lenha. Não poderia ser mais diferente do que viver na cidade. Não há arranha-céus nem carros em cima dos passeios em todas as ruas. Aqui, as pessoas passeiam os cães e param para beber café. Ninguém está constantemente com pressa, a andar de um sítio para o outro, sem parar para respirar. Surpreende-me a falta que sinto desta calma, já que uma das razões pelas quais me mudei para a baixa da cidade foi para ter o constante frenesim da cidade como distração.

O meu pai volta a falar do restaurante grego ao entrarmos na garagem. A nossa casa antiga mexe comigo, porque a realidade se altera. De repente, volto a ter dezassete anos e vejo o BMW novinho em folha da Katie na entrada, em vez do SUV vermelho da minha mãe.

Lembro-me daquela manhã de inverno em que a Katie chegou com um sorriso na cara. Quando entrei no carro, vi que segurava um envelope castanho grosso.

– E então? – disse ela, com a cara plena de entusiasmo.

Tirei um envelope igual da minha mala. Ficámos a olhar para eles num silêncio ansioso. Era este o momento. O momento que decidia o nosso futuro, que decidia se a vida que tínhamos planeado juntas se iria tornar realidade ou se teríamos de dar um passo atrás, replanear e repensar.

Ambos os envelopes eram grossos, que o meu pai disse que era bom sinal. No canto superior esquerdo, estava o selo da Universidade de Toronto, com o logótipo da escola e o lema “*velut arbor aevo*”. *Que cresça como uma árvore ao longo dos tempos*. Não sabia bem o que significava, mas soava-me bem, sábio. Tudo o que eu sabia era que queria fazer parte daquilo. Mais importante ainda, queria que a Katie também lá estivesse.

– Vamos abri-los? – perguntou a Katie.

Ainda me lembro da sua voz quando o disse, como parecia pequena e assustada. A Katie soava sempre segura de si. Nunca tinha ouvido o contrário. Vê-la tão insegura era como se houvesse uma

fenda na sua armadura. Uma falha no sistema. Humanizava-a de uma forma que por vezes me esquecia de reconhecer. Lembrava-me de que ela era como eu: uma rapariga de dezassete anos no limiar do resto da sua vida.

– Juntas – disse.

Demorámos tanto tempo a ganhar coragem, que nos arriscávamos a chegar atrasadas à primeira aula da manhã. Ficámos na entrada da minha casa durante trinta minutos, com o carro da Katie em ponto morto, o rádio desligado, a olhar para aqueles papéis que iriam alterar o resto das nossas vidas.

Rasgámos o envelope ao mesmo tempo. Estendi a mão para o interior e tirei a carta. Respirei fundo; todo o meu corpo estava a tremer.

– Cara Ederia Flora – li em voz alta.

Ao mesmo tempo, a Katie dizia:

– Cara Katie Falls.

Depois, dissemos em uníssono:

– Temos o prazer de comunicar...

Gritámos tão alto, que os meus pais vieram a correr até à entrada da garagem. Nesse momento, soubemos que os nossos futuros se iriam entrelaçar como uma hera a cobrir uma casa de pedra.

A Katie decidiu que não iríamos à escola nesse dia, por isso não fomos.

O momento desvanece e transforma-se na imagem do meu pai a abrir-me a porta do carro. Ele deve ter dito alguma coisa, porque parece estar à espera de uma resposta.

– Quê? – pergunto, saindo para a humidade da rua. A voz da minha mãe ecoa na minha cabeça: *Não se diz “quê”, diz-se “podes repetir”*.

– Não fales dos rissóis de camarão à tua mãe ou ela não nos deixa entrar em casa sem lavarmos os dentes – diz ele.

– Pensava que os italianos gostavam de peixe... Como é que ela é a única exceção?

– Um facto que gostaria de ter sabido antes de me casar com ela – diz ele, como provocação. Quando se trata da minha mãe, o meu pai é um cachorrinho apaixonado. Ele abre a porta, depois hesita na entrada. Olha para mim e aponta para o meu nariz. – De certeza que não queres tirar essa coisa antes de entrarmos?

– A mãe já viu o meu *piercing* no nariz.

– Não quer dizer que goste.

– Não o vou tirar – profiro, com demasiada firmeza. O meu pai recua e dirige-se para dentro de casa.

Descalço as sapatilhas no tapete.

– Mãe? – chamo, enquanto entro e penduro o meu saco no cabide.

– Aqui! – A sua voz ecoa vinda do fundo do corredor.

Passo pelo corredor, pelo chão de azulejos frio do ar condicionado, e entro na sala de jantar, que foi temporariamente transformada numa... estufa? Em cima da mesa, está um monte de papéis de jornal e, pelo menos, meia dúzia de vasos de plantas e dois sacos de terra. A minha mãe, a evidente criadora desta confusão, usa luvas de jardinagem azul-vivo e segura uma planta pelo caule, com as raízes penduradas no ar como pernas.

– Mãe – saúdo-a –, estás a fazer exatamente o quê?

Ela olha para cima, com o rosto sorridente. Na sua excitação, a planta cai em cima da mesa.

– Ui – diz ela, franzindo o sobrolho. – Acho que sobreviveu.

Tira uma luva de cada vez e dirige-se para mim. Quando me encontro com ela a meio caminho, ela abraça-me.

– Estou tão feliz por estares em casa, Ederia – diz ela, usando o meu nome completo.

O cheiro familiar de lavanda envolve-me – e também o da terra, que é muito menos agradável.

– Não seria melhor fazer isto no jardim? – pergunto.

Ela está a apertar-me com tanta força, que não consigo soltar-me.

– Com um calor de trinta graus? Não me parece. – A minha mãe dá um passo atrás e avalia-me: o meu cabelo comprido a precisar de um

corde, os calções e a *t-shirt* preta curta. Ela toca no metal do meu *piercing* no nariz e suspira. – Continuo a desejar que não tivesses feito isso – diz ela, fazendo uma careta.

– Já vens cinco meses atrasada, mãe. O que estás a fazer?

Dirijo-me à mesa e sacudo um pedaço de terra. O meu pai entra, beija a minha mãe na cara e vai diretamente para o frigorífico.

– A tua mãe está a tratar da decoração – diz ele, com a cara enterrada nas portas duplas.

Pergunto-me se estará com fome ou se está apenas a tentar refrescar-se. Depois, abre uma lata de água com gás de sabor a lima e passa-ma. Compram-me esta bebida sempre que cá venho.

Bebo um grande gole, e as bolhas fazem-me cócegas na garganta.

– Isso estou eu a ver. Mãe?

Ela alisa o avental que cobre as calças de linho e a blusa elegante.

– Estou a mudar os vasos das plantas. Não é óbvio?

A minha mãe não é o tipo de pessoa que veste roupa velha para fazer uma tarefa tão suja. Não. O cabelo está apanhado num penteado elegante com um grande gancho turquesa. Olho com mais atenção. Está a usar *eyeliner*?

– Desde quando é que gostas assim tanto de jardinagem?

Antes de me mudar, as únicas plantas que tínhamos eram artificiais.

– Desde que a minha filha se foi embora e me deixou sozinha nesta casa – diz ela, quase repetindo os meus pensamentos.

O meu pai para de beber uma lata de Coca-Cola e diz:

– Tens-me a mim.

Depois, arrota. Bem alto. Um pouco contraproducente.

A minha mãe fecha os olhos.

– Eden, imploro-te para voltares para casa.

Soa como se estivesse chateada, mas tem um sorriso tão grande, que não consigo desviar o olhar. O meu pai atravessa a cozinha e passa um braço à volta do seu ombro.

– Pensava que eu era a única companhia de que precisavas?

– E as plantas? – pergunto eu, sorrindo também. – *São seres vivos.*

– E também não arrotam tão alto – acrescenta a minha mãe.

O meu pai beija-lhe novamente a face. Quase vinte anos de casamento e ainda a deixa corada.

– Mas são muito menos bonitas do que eu. Não achas?

A minha mãe também é professora universitária. Ela ensina filosofia, o meu pai sociologia. As conversas entre eles são um monte de palavras caras que nunca apanhava quando era miúda, e até agora mal percebo. Conheceram-se na faculdade, tiraram o doutoramento juntos e depois começaram a ensinar.

Quando tinha oito anos, lembro-me dos rostos sorridentes dos meus pais quando me disseram que a minha mãe estava grávida. Estávamos no pico do inverno, mas sentimos um calor reconfortante. Eu ficava hipnotizada ao ver a sua barriga crescer. O meu pai comprou uma máquina fotográfica Polaroid e costumava tirar fotografias todas as semanas, para depois colar no frigorífico.

Em junho, a barriga da minha mãe tinha desaparecido, mas não havia bebé. E ela ficou triste de uma forma que eu não podia entender.

Os meus pais explicaram-me que eu não voltaria à escola em setembro. Não me disseram porquê, apenas que a minha mãe queria que eu ficasse em casa com ela. Tinha acabado de se despedir do emprego para me começar a dar aulas em casa. Por fim, o meu pai acabou por ter uma conversa comigo e mencionou um *aborto espontâneo*. Precisei de alguns anos para perceber completamente o que tinha acontecido. Era demasiado nova para sentir o desgosto, para sentir o peso da perda como eles a sentiram.

Estudei em casa até ao nono ano, altura em que finalmente convenci os meus pais de que queria estar novamente com crianças da minha idade. Quando comecei a escola secundária, conheci a Katie. Tudo mudou.

O meu pai senta-se à mesa.

– Muito bem. Quem está pronto para passar o dia a salvar a vida

destas plantas?

– Vocês sabem que eu fiz uma hora de viagem para vir cá a casa? – Ambos anuem. – E que tenho de sair às três e meia para chegar a tempo ao trabalho? – Anuem novamente. – E querem passar o tempo precioso que temos juntos a fazer isto? A tratar de plantas?

– Não é isso que os adolescentes fazem hoje em dia para se divertirem? – pergunta o meu pai.

Sento-me e calço um par de luvas.

– Pelos vistos.

Sigo as instruções da minha mãe: pego num vaso, coloco a planta lá dentro e preencho os espaços com terra. Ela calca a terra de forma delicada, dando o seu melhor ao novo passatempo do mês. Em julho, dedicou-se ao croché – tenho um cachecol que o prova. Em junho, passou os trinta dias a fazer velas. Tinha sido muito divertido acordar com mensagens do meu pai que diziam *A tua mãe quase incendiou a casa hoje* e *Progresso!!!*, com uma foto anexada de metade da sua sobancelha queimada.

– Como é viver no centro da cidade grande? – pergunta o meu pai.
– Já subiste ao topo da Torre CN?

O meu pai veio de Portugal para o Canadá quando tinha sete anos. Apesar de viver cá há quase quarenta anos, ainda insiste em comportar-se como um turista.

– Ainda não – respondo.

– Ouvi dizer que se mexe. – Ele volta-se para a minha mãe com o entusiasmo de uma criança. Ela ignora-o, com a atenção concentrada na planta que tem na mão. – Ouviste, “meu amor”? Mexe-se.

– Não se *mexe*, pai. Acho que o restaurante no cimo roda de hora a hora ou algo do género, por isso a vista está sempre a mudar. Podes passar-me o saco de terra? – Ele passa-o para o outro lado da mesa. Eu pego numa mão cheia e coloco-a no vaso de cerâmica. – Para onde vai esta?

A minha mãe olha para o vaso. É branco com riscas grossas e pretas no fundo.

– Talvez para a sala de estar – decide ela. – Como está a Ramona? Ainda se estão a dar bem?

– Porque se não estiverem – continua o meu pai –, podes voltar para casa. A universidade só começa daqui a quatro semanas. Pensa em todas as plantas que podemos salvar. A tua mãe até te pode ensinar a fazer croché.

– Esses pontos não me convencem – digo.

A minha mãe esboça um sorriso.

– Deixa lá, Laurentino.

– As coisas com a Ramona estão ótimas, mãe – minto. Finjo que estou muito interessada em juntar a terra em cima da mesa num monte. – De qualquer modo, mal nos vemos, devido aos nossos horários de trabalho. Eu estou fora à noite e ela está sempre a entrar e a sair durante o dia.

– Ela faz o quê exatamente? – pergunta o meu pai. Arranjou maneira de ficar com uma folha presa na barba. A minha mãe afasta-a com uma sacudidela.

– É uma *blogger* de comida. Ela experimenta a comida num monte de sítios diferentes pela cidade e depois faz críticas no Instagram.

– E as pessoas gostam disso? – pergunta a minha mãe, confusa.

– As pessoas adoram.

– Hum – dizem eles, em unísono.

Depois, o meu pai levanta-se, bate com as mãos sobre a barriga e diz, com um entusiasmo inacreditável:

– Estou cheio de fome! Eden, comprei o teu pão preferido na padaria da cidade, aquele com pimentos picantes. Vamos cortar um bocado?

– Ele já comeu metade – informa a minha mãe.

– Sim, mas guardei-te a outra metade, porque és minha filha e gosto muito de ti. O que é que dizes? Também vou cortar um pouco de *soppressata*.

– Parece-me ótimo, pai – digo, com alegria, levantando-me. Vou até à cozinha e lavo as mãos, esfregando a terra debaixo das unhas. –

Vou dar uma volta rápida e aproveito para ir buscar o correio, ver se me esqueci de mudar a morada de alguma coisa. Almoço daqui a quinze minutos?

O meu pai já está na bancada, a puxar de uma grande faca serrilhada e de uma tábua de cortar.

– Claro, querida. Esperamos por ti – diz ele.

A minha mãe olha para mim e abana ligeiramente a cabeça. Antes de eu sair pela porta, ele já terá comido o pão todo.

Quando estou a calçar as sapatilhas, com a argola da chave do correio pendurada no dedo, a minha mãe diz-me:

– Põe protetor solar! Vais agradecer-me quando tiveres trinta anos!

Ponho um pouco de *spray* desta vez, só porque sim.

EDEN

A nossa caixa de correio comunitária fica ao fim da rua. O metal geme quando introduzo a chave e a abro. Há algumas contas para os meus pais. A única coisa para mim são alguns cupões de desconto para o DavidsTea. Agarro nas cartas e continuo a andar. Não vou diretamente para casa. Como sou uma verdadeira idiota, acabo na rua da Katie.

A casa da Katie fica numa rua sem saída. É ridiculamente grande, com uma garagem para quatro carros e uma entrada de garagem aquecida – algo que eu nem sabia que existia até a conhecer. Lembro-me de ir a sua casa no inverno, depois de ter nevado toda a noite. Os caminhos para as garagens estavam todos cobertos de neve; os carros pareciam pequenas montanhas brancas. As pessoas estavam no exterior com pás e proteções para os ouvidos, a limpar o máximo que podiam, até os narizes ficarem vermelhos. Na casa dos Falls não era preciso. Não havia um único grão de neve. Com o aquecimento, derretia-se antes sequer de tocar no chão.

A casa surge à vista, com os tijolos cinzentos e as portas da garagem pretas. Um milhão de recordações ataca-me de uma vez só: eu e a Katie a sorvermos os granizados da estação de serviço, enquanto descansávamos à beira da piscina no jardim; a desenharmos os riscos do jogo da macaca na entrada com paus de giz cor-de-rosa, até a chuva os lavar; a escalarmos pela janela do quarto da Katie para o telhado plano onde ficávamos a olhar para o céu. É como se a totalidade da minha mente fosse composta por ela. Para qualquer lado que olhe, lá está ela.

Quando chego ao fim do caminho que leva à entrada da casa, sinto uma coisa macia a roçar-me nos tornozelos. Dou um grito, olho para baixo e vejo um gato malhado cor de laranja e branco a enroscar-se nas minhas pernas. *Purrnicus*, o gato da Katie – que ela só pode ter adotado do inferno. Uma vez, mordeu-me. Desde então, desconfio dele.

Dou um passo atrás e enxoto-o para longe de mim.

– Vai-te embora, bicho terrível.

Limita-se a piscar-me os olhos grandes e frios. Depois, solta um miado muito suave e esfrega o focinho no meu sapato. Antes que este gato de cinco quilos me ataque, lembro-me de que ele é malvado e que deve estar apenas a fingir, mas acabo por me inclinar para ele.

– Está bem. *Está bem*. Anda cá.

Ele encosta-se à minha mão. Coço-lhe o ponto macio atrás da orelha.

– Que estás a fazer aqui sozinho se a tua família se mudou? – pergunto. Ele começa a ronronar, esfregando a cabecinha contra os nós dos meus dedos. – Se calhar não és assim tão mau.

A Katie passou por uma fase em que era obcecada por astronomia. Obrigou o pai a comprar-lhe dezenas de livros, sobre o sistema solar, as estrelas, os buracos negros, e leu-os sem parar durante algumas semanas, até os enfiar debaixo da cama e nunca mais voltar a olhar para eles. Mas o nome *Purrnicus* ficou. Era uma versão do astrónomo Copérnico. Acho que foi quem descobriu que os planetas giram à volta do Sol.

Ainda estava a dar festinhas ao *Purrnicus* quando um Mercedes preto entra no caminho para a garagem. Perdi a conta de quantos carros tem a família Falls. A porta abre-se, e vejo um sapato aparecer. O meu coração fica preso algures na garganta, porque começo a pensar que é o Truman e estou extremamente consciente de que estou encharcada em suor. Mas é o pai da Katie que sai do carro. Volto a respirar.

Foi por pouco.

Ele vê-me debruçada na beira do passeio e acena.

– Olá, Sr. Falls – grito-lhe.

Levanto-me e abandono o *Purricus*, deixando-o insatisfeito. Bate agressivamente com a cabeça no meu tornozelo e depois cai de costas, de barriga para o ar, enquanto olha diretamente para a minha alma. *Faz-me festas, humana*, pedem os seus olhinhos.

– Vocês estão a dar-se bem.

O Sr. Falls aproxima-se, com o seu ar de milionário: o fato feito à medida, a pasta cara, os sapatos brilhantes e um Rolex preto no pulso. Nunca o vi com um único cabelo fora do sítio. Usa apenas camisas passadas a ferro na perfeição e perfumes de luxo.

De repente, dou-me conta de que estou a usar umas sapatilhas Vans com três anos e um buraco na ponta do dedo grande.

– Ele conseguiu conquistar-me – digo, com sinceridade.

Quando o pai da Katie tira os óculos de sol, fico a desejar profundamente que ele não o tivesse feito. É a cara chapada do Truman: o cabelo preto que se enrola à volta das orelhas, o rosto anguloso e afiado. Os seus olhos são os olhos do Truman. São um azul profundo, como o céu depois da trovoada. Como uma safira. Como veludo. Odeio-me por ter tantos adjetivos à mão para descrever o raio dos olhos do Truman.

Olhos que já não vejo há meses.

Tecnicamente, não é verdade. Vi-os há alguns dias na rua. Mas estavam demasiado longe, por isso não conta...

Estou a perder o controlo.

– Estás a passar a semana com a tua família? – pergunta ele, tirando-me do meu devaneio induzido pelo azul, porque não passo de uma miúda com uma paixoneta.

Paixoneta? *Uma paixoneta*? De onde é que veio essa palavra?

Obrigo-me a dizer alguma coisa, porque não devia estar a pensar tanto no Truman à frente do seu pai. Mas, oh, meu Deus, de onde vêm estes pensamentos? Será isto o que acontece ao meu cérebro quando estou a meia dúzia de metros da sua casa de infância? Avaria,

simplesmente?

– Acabei de chegar, mas vim só passar o dia – respondo, lembrando-me de que sei falar. – Tenho de regressar à cidade daqui a umas horas para trabalhar. E o senhor?

– Vim ver como está este pequenote.

O Sr. Falls inclina-se e acaricia o *Purrnicus*. Fico tão aflita, com medo de que ele lhe arranhe o fato Armani, que sustenho a respiração.

Não tens a menor ideia de como é um fato Armani, recorda-me o meu cérebro.

– Não sabia que não o tinham levado quando se mudaram – digo eu.

O sol escolhe este momento para sair das nuvens, deixando-me cega. Protejo os olhos com uma mão.

– Nós íamos levá-lo – diz ele, esfregando a barriga do *Purrnicus*, que se voltou a deitar no passeio. *A vender-se por atenção*. – Mas ele é um gato de exterior. Adora esta zona. Achámos que seria demasiado cruel levá-lo para um edifício sem espaço exterior. Por isso, mandámos instalar aqui uma porta para animais. Assim, pode entrar e sair quando lhe apetece. Não é, *Purrnicus*? – Faz cócegas por baixo do focinho do gato. Ele ronrona, ronrona e ronrona. – Passo por cá de vez em quando para lhe encher o comedouro.

Sinto a necessidade estranha e perturbadora de pôr o *Purrnicus* na minha mochila e levá-lo comigo para a baixa. Ele está aqui sozinho, tão longe da Katie, a pessoa que mais o ama.

– Enfim. – O Sr. Falls levanta-se e sorri para mim. Tudo nele é o Truman. Até têm o mesmo sorriso. E vê-lo no rosto do pai faz com que a dor aguda dentro de mim lateje como uma pulsação fraca. – Vou voltar para a cidade daqui a uma hora, se precisares de boleia.

É uma oferta simpática, mas prefiro ficar presa no metro malcheiroso do que passar uma hora num carro com o sócia do Truman. Já começo a sentir as memórias a pressionarem as paredes da minha mente, à espera de se libertarem.

– Não, obrigada – respondo, porque os meus pais me ensinaram boas maneiras básicas a certa altura da minha vida. – Ainda devo ficar por cá mais um pouco.

O Sr. Falls acena com a cabeça e começa a subir para a entrada da garagem. O *Purricus* larga-me para o seguir. Não sei bem porquê, mas sinto-me muito traída.

O Sr. Falls vira-se subitamente e pergunta o que menos queria ouvir:

– Tens visto o Truman ultimamente?

Quero enfiar-me num buraco. Aquela sensação familiar apodera-se de mim – uma vontade simultânea de mudar de assunto instantaneamente e de abrir a boca e disparar um milhão de perguntas de uma só vez.

– Não... – começo, e depois dou por mim a divagar. – Bem, vi-o de passagem. Uma vez. Mal o vi. Passámos um pelo outro na rua. Porque pergunta?

Dá um passo, apoiando-se na outra perna, e mete as mãos nos bolsos, tal como o Truman costuma fazer. E desde quando é que sei assim tanto sobre os tiques do Truman? Devo ter sido possuída por algum demónio do amor durante a breve sesta de cinco minutos no metro. Não há outra explicação. Nenhuma mesmo. Não.

Uma paixoneta.

Não.

– O Truman voltou recentemente de Montreal para casa. Pensei que vocês os dois...

Ele continua a falar, mas eu não ouço uma única palavra. Na minha cabeça, soam sinais de alarme. *Montreal*. É uma pista. A primeira pista que tenho relativamente à localização do Truman durante dois meses, quando parecia ter desaparecido da face da Terra. Mas o que há em Montreal? Para além do melhor *poutine* e dos crepes.

E *como* é que o Truman passou tanto tempo noutra cidade sem publicar uma única fotografia no Instagram? Somos da geração Z. Temos os telemóveis colados permanentemente às nossas mãos. Foi

provado cientificamente. Então, onde estão as fotos? As provas? A evidência com a qual eu possa ficar obcecada e pôr *like* em dois segundos sem querer? Felizmente, o miado carente do *Purrrnicus* acaba com a minha análise profunda do Truman.

– Tenho de ir encher a tigela de comida deste pequenote. Foi bom ver-te, Eden. Diz à tua família que lhes mando cumprimentos.

Lanço uma resposta apropriada, como “*eu digo*” ou “*bom vê-lo também*”. A minha mente está aos gritos, completamente descontrolada, exigindo que eu o siga até àquela casa e que não saia de lá até que ele me diga todos os detalhes sobre os últimos dois meses da vida do Truman.

Ou podia simplesmente perguntar ao Truman...

É tão absurdo que tenho de me rir.

TRUMAN

A particularidade da recuperação é que não sabemos a data final. Não há um tutorial de dez passos para lidar com o luto nem uma cura mágica que ponha alguém a sorrir num mês. É ainda mais difícil quando a pessoa por quem se chora a perda ainda está viva. Fica tudo confuso, estranho. É como se o meu sofrimento se dividisse em duas partes: uma parte é a tristeza profunda; a outra é o otimismo cego de que a Katie vá acordar um dia e este inferno acabe.

Gostava muito que ela acordasse agora. Dava-me jeito a sua capacidade de decisão.

A minha irmã nunca pensou muito em nada. O cérebro da Katie deve ter sido formado de uma forma diferente de todas as outras pessoas. Toda ela era impulsos. Quando queria cortar o cabelo, pegava numa tesoura; quando queria aprender a andar de bicicleta, aprendia sozinha num parque de estacionamento vazio. Não tinha tempo para refletir sobre as coisas nem pesar os prós e os contras. Fazia simplesmente o que lhe dava na real gana. Normalmente, eu adorava isso nela. Mas havia momentos em que não gostava assim tanto. Se ela tivesse pensado um pouco mais nas coisas, não teria saído do quarto naquela noite. Teria de certeza posto o cinto de segurança. Se ela tivesse pensado um pouco mais nas suas escolhas, talvez estivesse aqui agora para me ajudar.

Estou há quase uma hora a olhar para o chão do meu quarto. Ainda tenho um monte de caixas para desempacotar, mas tomei a decisão incrivelmente sábia de adiar por mais alguns dias e, em vez disso, colocar todas as minhas pinturas no chão. É um mosaico de arte

mediocre.

Quatro quadros. Foi o que o Angelo disse. Só preciso de quatro.

Não devia ser assim tão difícil.

Nenhum deles é um candidato óbvio. Alguns são demasiado embaraçosos para sequer olhar para eles, por isso empilho-os e volto a pô-los no caixote de plástico. Ainda me restam dezenas.

Estou a começar a dar em louco, arrependido de ter concordado com isto, quando o meu telefone toca.

Uma fotografia da Santana com a língua de fora aparece no meu ecrã.

– O que é que queres? – respondo.

– É *assim* que atendes o telefone?

– Sim. O que é que queres? – repito.

Bato com o pé no canto de uma tela. É uma pintura genérica que fiz de um mercado de comida em Otava, depois de uma visita de estudo. Não está nada boa.

– Que deixes de ser tão rabugento, para começar. Podes vir ter comigo?

Deixo o que estou a fazer e presto atenção total à voz da Santana. Consigo ouvir ruído de fundo vindo de onde quer que ela esteja – pessoas a falar, música a tocar.

– Ir ter contigo onde?

– Estou no Eight Ball – responde. É um dos bares mais antigos da cidade, com mesas de bilhar de feltro verde e *jukeboxes* verdadeiras. As pessoas só lá vão se se quiserem embebedar sem gastar muito dinheiro.

– Estou um bocado ocupado agora, San.

– Truman – queixa-se ela. – Olha, estou aqui com o Milo.

Isso chama-me a atenção.

– O Milo levou-te a um *date* no Eight Ball?

Ele está a tentar estragar tudo de propósito? Uma rapariga tão sofisticada e exigente como a Santana precisa de uma garrafa de *Pinot Noir* de duzentos dólares. Não a cerveja especial da semana de três

dólares. Fogo, Milo. Devia mandar-lhe uma mensagem.

– Num *date*? A minha camisola é de caxemira, Truman. Não me faças vomitar.

Abandono os quadros e sento-me no chão.

– Vou precisar de algum contexto.

Ela despeja tudo de uma vez.

– Vim com umas amigas, porque, pelos vistos, os bares *vintage* são a nova moda. Não consigo perceber porquê. Este sítio ainda cheira aos anos oitenta. Seja como for, entrei e reparei que o Milo trabalha aqui como porteiro, porque, pelos vistos, essa é a carreira que se escolhe quando se é alto e forte. E depois as minhas amigas deixaram-me aqui, porque conheceram uns rapazes que são, no máximo, quatros, de um a dez, para ser honesta. Por isso, aqui estou eu, sozinha num bar, e o Milo pagou-me uma bebida, e, meu Deus, Truman, ele não para de falar comigo e de me dizer que estou gira. Como se eu não soubesse. Estou literalmente a usar maquilhagem de trezentos dólares. *Gira*? Estou fantástica.

Ainda estou a processar a primeira frase quando, de repente, tudo fica em silêncio. A música e a conversa param abruptamente. Ouço uma porta a fechar.

– Eh, onde é que foste? – pergunto.

– Estou escondida na casa de banho. Então, quando é que chegas?

– Nunca – respondo. Ela guincha, praguejando. – Queres um conselho?

– Claro que não. O que eu quero é que pares o que estás a fazer, pegues nas tuas perninhas escanzeladas e venhas para aqui.

– Por que razão haveria eu de ir aí se tu podes simplesmente ir-te embora? – pergunto-lhe.

Ela fica em silêncio.

– O quê?

– Vai-te embora. Se não queres estar aí com o Milo, vai-te embora. Ele entende.

Provavelmente não.

– Mas... – Ela cala-se.

– Mas tu não te queres ir embora.

– Claro que quero. Não ouviste uma palavra do que eu disse? Cheiro dos anos oitenta? Música horrível? *Quatros*?

Debaixo da minha cama, encontro um quadro que escondi descuidadamente. Apenas se vê o canto inferior, mas é o suficiente para o reconhecer de imediato.

– Truman, por que raio estás tão distraído? – pergunta ela, irritada.

Ignoro-a e dirijo-me para a minha cama. Sento-me e fico a olhar para as cores que se destacam na tela: verdes, castanhos profundos.

– Sai do bar, Santana – digo. – Ou fala com o Milo. Ele está apanhadinho por ti.

– Isso... isso é absurdo – diz ela.

– Não tão absurdo como tu insistires que não sentes a mesma coisa. Adeus.

Desligo antes que ela possa começar a gritar comigo ou arrancar-me a cabeça através do telemóvel. É estranho tentar juntar uma ex-namorada com o tipo com quem ela te traiu, mas tenho coisas mais importantes com que me preocupar agora.

Tiro o quadro de baixo da cama. Mal me lembro de o ter pintado. Foi alguns dias depois do acidente da Katie, à noite, quando a minha mente estava tão cheia, que a única maneira de conseguir dormir era ao transferir alguns dos pensamentos para a tela. Pinteí várias coisas nessa noite. Esta foi uma delas.

É a Eden. Não há como negar.

Mal me lembro da viagem até ao hospital. Tinha acabado de receber a chamada sobre a Katie. O mundo tinha parado, deixou de girar por completo. Sentia-me num estranho sonho febril. Só me lembro do frio que senti, do silêncio do carro, da Eden no lugar do passageiro. Era a primeira vez que estávamos os dois num carro sem a Katie. Tinham passado apenas alguns minutos, mas sentíamos o peso da perda.

Passaram horas até a Katie sair da cirurgia. Não acreditei que

estivesse em coma. Ou se estava vivo ou morto; não havia meio-termo. Não fazia sentido que a minha irmãzinha estivesse ali, na cama, mesmo à minha frente, e eu não pudesse falar com ela. Não a pudesse olhar nos olhos. Talvez nunca mais o fizesse.

Naquele momento, senti uma derrota avassaladora. Era culpa. Era saber que devia ter lá estado para ela, devia tê-la protegido, tê-la impedido, mas não o fiz. Não pude, porque estava a 30 metros de distância, distraído com outra pessoa.

Falhaste com ela. Era esse o pensamento que não parava de me martelar na cabeça. O meu falhanço.

Os meus pais estavam a chorar. Sempre que olhavam para mim, via a pergunta nos seus olhos: *Onde é que estavas?*

Não sei porquê, mas agarrei a mão da Eden. Acho que precisava de algo familiar, algo a que me agarrar, e ela era a coisa mais próxima. Peguei-lhe na mão, e ela estremeceu.

Ela estremeceu.

Depois, deixou-a cair. Afastou-se de mim. Nunca mais olhou para mim, pelo menos não diretamente. Depois disso, sempre que eu entrava no quarto, ela saía. Mandeí-lhe mensagens a perguntar como estava, mas nunca recebi resposta. Tudo isso era a confirmação de que precisava para perceber que ela também me culpava por aquela noite. Claro que culpava. Ela *devia* culpar-me. Eu era o irmão mais velho. Fui eu quem estragou tudo.

Essa foi a última vez que falei com a Eden. Depois, vi-a na rua. Vê-la a passar por mim tão brevemente não me devia tirar todo o ar dos pulmões. É ridículo.

E este quadro – este quadro que escondi debaixo da minha cama – é da Eden. Pinteí-o à pressa, com pinceladas rápidas que as minhas mãos mal conseguiam acompanhar.

A Eden era fácil de pintar. Todas as coisas belas são.

Só quando o quadro ficou terminado é que dei um passo atrás e o avaliei como estou a fazer agora. É um jardim. Há relva verdejante e árvores grossas em espiral. Um rio corre ao fundo, com uma cadeia de

montanhas desvanecida por trás. O céu é azul-celeste com redemoinhos de luz solar amarela. Nesta utopia, tudo é vivo e brilhante.

No meio, está uma rapariga sentada num banco. A relva cresce tanto, que sobe pelas pernas de madeira. A hera serpenteia pelos tornozelos da rapariga, enrolando-se à volta do seu tronco, dos seus braços, do seu pescoço. O seu cabelo é de um âmbar profundo como o mel. Os seus olhos não têm vida. Tudo o que lhe toca está morto.

A relva é verde até ao ponto em que chega às suas pernas; depois, fica murcha e castanha. A hera morre assim que roça a sua pele. Uma das mãos está enroscada num ramo de árvore baixo que se afunda, partido e dobrado. Ela é uma força de destruição. A natureza afasta-se, estremece à ideia de lhe tocar.

É o Jardim do Éden, a ruína de algo belo.

Não me deixo pensar a fundo no significado subjacente. Na verdade, digo a mim próprio que não significa absolutamente nada. Nada de nada. Era apenas o produto dos meus pensamentos às quatro da manhã, da energia pulsante e desfeita dentro de mim que precisava de se libertar.

É um quadro da Eden, uma rapariga que já não conheço. Simples.

É o primeiro quadro que escolho dos quatro para expor.

Fico a pensar nisso durante alguns minutos. Não me parece que pôr algo tão vulnerável em exposição para ser contemplado por estranhos seja a decisão certa. A ideia de as pessoas me perguntarem o significado já me está a dar vontade de me atirar pela janela. Há coisas que não precisam de ser ditas. E não é suposto a arte fazer-nos sentir? Fazer-nos pensar? Estar ali a expor o significado como se fossem instruções passo-a-passo não iria tirar todo o propósito de criar arte? É uma questão de interpretação. Tento ver este quadro através dos olhos de outra pessoa. Eles podem ver uma rapariga que está amaldiçoada. Ou podem inverter completamente a situação e ver a Eden como a salvação, a restaurar a vida em vez de a tirar.

Decidi que não importa o que as outras pessoas veem, desde que

não vejam a verdade. E como poderiam? Eles não estavam lá no quarto do hospital. Eles não a viram a tremer. Não a viram afastar-se de mim como se eu fosse veneno. Não viram o vazio e a decepção no olhar dos meus pais. E não viram o arrependimento no olhar da Eden. Como se beijar-me tivesse sido a pior escolha que ela já fez.

Porém, pergunto-me se alguém terá reparado no meu olhar. Ou se estávamos todos demasiado ocupados a atribuir culpas para nos apercebermos de que não estavam apenas três pessoas em sofrimento naquela sala.

Vou para o hospital, porque não consigo dormir. Treinei aos poucos o meu corpo para funcionar com apenas cinco horas de sono. Sinto-me cansado e abatido a toda a hora, mas parece funcionar. É muito melhor do que antes, quando só dormia duas horas. Não conduzo nem apanho o autocarro. Vou a pé, olhando para as fendas do passeio com as mãos enfiadas nos bolsos. É quase meia-noite. As únicas pessoas que estão na rua a estas horas saem aos tropeções dos bares ou amontoam-se para partilharem um isqueiro. Os bares fazem-me pensar na Santana. Puxo do meu telemóvel e vejo uma mensagem: *Onde estás?*

Por um segundo, penso em pedir-lhe que vá ter comigo ao hospital. Não gosto de ir sozinho. O silêncio é avassalador. É como se eu estivesse à espera de que a Katie dissesse alguma coisa. Podia pedir à Santana – sei que ela viria se eu precisasse –, mas não vale a pena. Eu não a quero lá, e ela também não quer lá estar. Ela nunca soube como agir relativamente à Katie, depois do acidente. Deixava-a desconfortável. É absurdo que algumas pessoas ainda tenham o luxo desse conforto.

Além disso, sempre tive a sensação de que a Katie não gostava da Santana. Não sei porquê. Nunca pensei em perguntar. E agora talvez nunca mais o possa fazer.

Interrompo esse pensamento. Hei de poder fazê-lo. Hei de fazê-lo.

Demoro cinco minutos a chegar ao hospital. Faço a minha rotina

habitual: respiro fundo, faço a contagem e preparo-me mentalmente. As portas automáticas abrem-se, e entro. Já não reparo no cheiro nem semicerro os olhos ao encarar as luzes fortes. Mais uma coisa a que já me habituei.

A viagem de elevador é curta até ao sétimo andar. Os corredores estão silenciosos quando saio. As enfermeiras do andar da Katie já me reconhecem e sorriem-me. Não são os mesmos sorrisos que oferecem à Eden – tenho a certeza disso. Estes eram sorrisos de surpresa, de pena. A interrogar-se por que razão o irmão mais velho da Katie não a visita mais vezes. Não lhes posso dizer que a culpa me mantém afastado. Acho que só a Eden pode entender.

Fui a um psicólogo depois do acidente. Não contei a ninguém. Nem à Santana nem aos meus pais. Foi um mês depois de a Katie entrar em coma. Eu não dormia há semanas. A tristeza pesava-me como um cobertor de mil quilos. Não me conseguia levantar da cama. Sempre que fechava os olhos, via a Katie deitada no chão, fria e sozinha, a gritar o meu nome, enquanto eu estava a beijar a sua melhor amiga.

Sentia que me estava a afogar cada vez que acordava desses sonhos. A minha garganta fechava-se. Não conseguia respirar. Estava debaixo de água, e o meu corpo estava pesado com pedras. Conseguia ver o rosto da Katie à superfície, ondulando para trás e para a frente, antes de desaparecer completamente.

Às vezes, também via a cara da Eden.

Contei tudo ao psicólogo. Sobre o beijo. Sobre o acidente. Sobre a culpa, as insónias e o facto de nunca me ter despedido. Estive ali durante uma hora inteira à procura de respostas, mas só obtive mais perguntas. Saí de lá a sentir-me pior. No dia seguinte, decidi que precisava de me ir embora, sair desta cidade durante um mês. Talvez dois. Senti que fugir era a única forma de encontrar o meu caminho de volta.

Para a maior parte dos problemas, funcionou. Sinto-me melhor. Já não tenho pesadelos. A tristeza é atenuada na maior parte dos dias.

Alguns dias são mais difíceis, cheios de recordações, mas são cada vez menos frequentes. O único problema é que toda a gente pensa que eu abandonei a Katie. Só que não se tratou de abandono. Foi para... Foi mais para me salvar.

As horas de visita terminaram às oito, mas ninguém diz uma palavra quando passo pelo corredor. Abro a porta do quarto da Katie com cuidado, como se tivesse medo de a acordar. As mantas no sofá estão amarrotadas, o que significa que a minha mãe passou cá o dia. A Katie está deitada na cama.

Há uma razão para as minhas visitas à Katie serem à noite. Vê-la aqui deitada durante o dia reforça que algo está errado. Porque a Katie era uma bolinha de energia. Não havia um único dia em que não andasse aos saltos, a fazer um milhão de coisas ao mesmo tempo. Mas, quando venho aqui à noite, digo a mim próprio que ela está apenas a dormir. A dormir uma sesta. Que o sol nascerá dentro de sete horas, e os seus olhos vão abrir-se.

Ela está apenas a dormir. É isso mesmo.

Puxo a cadeira para junto da sua cama e sento-me. O seu cabelo está macio e solto – a minha mãe deve tê-lo escovado. As unhas acabaram de ser pintadas de azul-claro. O cobertor está aconchegado debaixo do queixo, e tem a cabeça apoiada numa almofada.

Estendo a mão e toco-lhe na face.

– Não tenho saudades nenhuma das tuas – digo.

Era a nossa brincadeira. *Não te amo nem um bocadinho. É melhor não te ver amanhã. Espero que tenhas uma noite péssima.* A Katie e eu éramos tão diferentes, mas quanto a fugir o mais longe possível das emoções? Nisso sempre concordámos.

Em miúdos, nunca ninguém pensou que eu e a Katie fôssemos da mesma família. Ela tem o cabelo loiro e o meu é preto. Os seus olhos são grandes e castanhos, os meus são azuis e de pálpebras caídas, fazendo-me sempre parecer meio sonolento. Sempre que visitávamos os nossos tios e tias, ela fazia questão de dar beijos nas bochechas de cada um e pedia para tomar conta dos primos aos fins de semana. Já

eu era o irmão mais velho que ficava no canto a desejar que fôssemos embora.

As pessoas gostavam sempre mais da Katie. Ela era brilhante e alegre. Era extrovertida e faladora. Ela era incandescente, e eu enervantemente aborrecido.

O ano que passei no secundário antes de a Katie entrar foi preenchido com o desenvolvimento de maus hábitos: a andar com as pessoas erradas, faltar às aulas, fumar aqui e ali atrás do campo de futebol. Aparecia tarde e saía cedo das aulas. Não me importava com nada. Não me importava se tivesse de me contentar com o mínimo necessário. Não me importava que as pessoas associassem o nome Falls à mediocridade.

Até que a Katie começou o nono ano e mudou tudo.

Todas as pessoas com quem se cruzava eram imediatamente atraídas para a sua bolha. Os professores adoravam-na. Os rapazes do meu ano faziam-me demasiadas perguntas sobre ela. Alguns miúdos decoraram-lhe o cacifo no dia do seu aniversário, forrando-o com papel estampado com arco-íris e enfiando balões lá para dentro. Ela era uma força indomável.

E, de repente, eu passei a ser uma desilusão. Os professores liam o meu nome nas folhas de presenças cheios de expectativas. *É o irmão da Katie! Deve ser tão incrível como ela!* Só precisavam de uma semana para perceber a verdade: eu não era, nem de longe nem de perto, tão especial como ela.

Isto não é uma história triste. Ser o pior dos irmãos Falls não me destruiu emocionalmente. Na verdade, queria exatamente que a atenção estivesse sobre a Katie. Eu gostava de passar despercebido; ao contrário da Katie, que tinha pessoas a fazer fila para se sentarem com ela ao almoço. Mas ela era seletiva quanto às pessoas de quem era amiga. Via-a falar com as pessoas nos corredores e sentar-se com elas no refeitório ao almoço, mas nunca se estendia para além da escola. Ela nunca trazia amigos a casa. Nunca fazia festas do pijama, nunca saía depois da escola.

Até conhecer a Eden.

Num dia, era só a Katie. No dia seguinte, passou a ser a Katie e a Eden, duo inseparável.

Acabei por me deixar levar para a sua bolha também. Passava os fins de semana a dar-lhes boleia, a passar pelos *drive-through* do Starbucks e a deixá-las na entrada do centro comercial. Em parte, porque os meus pais me diziam para o fazer, mas também porque andava intrigado.

A Eden. Ela era tão calma, o oposto da Katie.

Sempre me perguntei porque é que a Katie a escolhera, o que é que as teria unido.

Queria que os seus olhos se abrissem para lhe poder dizer que lamentava. Que ia tentar fazer melhor agora. Que desta vez a iria proteger.

Agarro-lhe na mão, analiso o verniz azul das unhas, da cor do céu. Sinto-me novamente atingido por aquela sensação familiar, como se um pensamento ondulasse sob a superfície da minha mente, sem o conseguir alcançar. Tento segui-lo e ver onde me leva. Sei que a Katie adorava o céu. A minha mãe também sabe. Deve ter sido por isso que ela lhe pintou as unhas neste tom. A minha mente volta a lembrar-se de todas as vezes que vi a Katie no jardim, deitada na relva, com a cara virada para cima. Sempre me pareceu tão feliz assim. A única vez que a Katie ficava quieta era quando olhava para as nuvens.

As peças encaixam-se lentamente. Depois, resta-me um pensamento: seria mesmo incrível poder dar-lhe o céu.

10

EDEN

O Manny telefona-me duas horas antes do início do meu turno. Estou a sair do elevador, carregando ao peito um cesto cheio de roupa lavada, quando o meu telefone toca. Ainda penso em atirá-lo para o poço do elevador. Se o Manny me está a ligar, não podem ser boas notícias. Provavelmente, quer que eu entre mais cedo, coisa que não posso fazer neste momento. Estou obviamente muito ocupada a não fazer nada. E a pôr em dia as tarefas que passei as últimas três semanas a adiar. Hoje sou uma formiguinha atarefada.

Mas se eu ignorar a chamada, ele vai continuar a ligar e a ligar e a ligar e...

Coloco o telemóvel entre a orelha e o ombro.

– Não estou a ser paga de momento para falar contigo, por isso vamos ser breves – respondo.

– Tecnicamente, não te pagamos para falar comigo. Pagamos-te para falares com os clientes – responde.

Reviro os olhos e vou até ao fundo do corredor nos meus chinelos de camurça. Na verdade, acho que são da Ramona. Se calhar devia deixar de os usar.

– Que piadinha! Mas o que é que se passa?

– Preciso que chegues uma hora mais cedo – diz ele, tal como eu suspeitava. Pergunto-lhe o motivo, mas, seja ele qual for, não me vai mudar de ideias. – É demasiado para explicar pelo telefone. Podes estar aqui dentro de uma hora?

Chego à minha porta e tiro cuidadosamente o porta-chaves do bolso.

– Tens de me dar alguma coisa, Manny – digo, metendo a chave na porta e rodando a fechadura. Abro-a com o pé e entro. A Ramona está sentada no sofá a jogar *Animal Crossing*. Tem a Nintendo Switch ligada à televisão. Vejo a personagem a enrolar uma linha de pesca. *Apanhei uma lula! Está a sair do anzol!*

– Há um evento a decorrer este fim de semana – continua o Manny –, e o responsável contactou o meu pai para ser o fornecedor do *catering*.

– Uau, Manny. A sério? Isso é muito bom!

Fecho a porta com a anca e entro. A Ramona põe o jogo na pausa e vira-se para mim, claramente intrigada com esta conversa. Ainda não falamos muito, mas alguma da tensão foi-se desvanecendo com o tempo.

– Eu sei. Estamos a passar-nos. – Ele soa frenético, mas também feliz. Isto é importante. Pode ajudar muito o restaurante. – É tão em cima da hora. O tipo acabou de ligar e disse que vai passar por cá nas próximas horas, Eden. Temos de estar preparados, sabes? O Ahmed está cá, mas...

O Ahmed é um drogado de vinte e sete anos que aparece pedrado todos os dias. Guarda montes de gotas para os olhos e pastilhas para o hálito no cacifo. Uma vez abri-o por acidente e parecia uma avalanche. Na altura, perguntei ao Manny porque é que ainda não o tinham despedido, e ele disse qualquer coisa sobre os pais se conhecerem. Não prestei muita atenção.

– Mas o quê? – pergunto.

Sento-me no sofá e começo a dobrar a roupa lavada. Escolho primeiro as meias, dividindo-as em pares e empilhando-as num pequeno monte. A Ramona ainda tem o jogo na pausa. Inclina-se um pouco para ouvir o que o Manny está a dizer.

– O Ahmed não é exatamente o nosso melhor empregado de mesa – conclui.

– Só tens dois empregados de mesa – digo eu, a perceber a dica. – Queres dizer que eu sou a vossa melhor empregada de mesa? Não... a

melhor *funcionária*?

O Manny ri-se. Olho para a Ramona, e ela pergunta em voz baixa:

– O que é que se passa?

Levanto um dedo, dizendo-lhe para esperar um minuto.

– Se eu disser que sim, estás aqui às quatro? – pergunta o Manny.

– Diz que sim e logo vemos.

– És a nossa melhor funcionária, Eden – diz ele.

As minhas meias estão empilhadas num monte arrumadinho. Sorrio como uma parvinha.

– Nesse caso, parece que nos vemos às quatro.

Desligo antes que o Manny declare o seu amor por mim, o que seria justificado, uma vez que lhe estou a salvar a pele.

Hum. Apercebo-me de que hoje estou de muito bom humor. A tratar da roupa e a ir para o trabalho uma hora mais cedo? Se é assim que a minha vida entra nos eixos, talvez precise de repensar algumas das minhas escolhas.

Estou a tentar decidir se devo finalmente fazer a cama quando a Ramona me interrompe.

– Então? – pergunta ela, num tom que acrescenta mais três pontos de interrogação. Um pouco de curiosidade parece aliviar o ambiente tenso que andava a pairar entre nós. – O que é que foi isso? – Faço-lhe um breve resumo, como se acenasse uma bandeira branca, a pedir tréguas. Ela parece verdadeiramente feliz pela família do Manny. – Parece-me prometedor – diz ela, com ânimo.

– Esperemos que eu não estrague tudo – murmuro.

Já larguei as meias. Bem me esforço por dobrar as minhas camisas em quadrados perfeitos, mas acabam por parecer sempre um monte de retângulos desconsolados.

– Até me custa ver-te a dobrar assim tão mal – diz a Mona. Pega nas camisas e começa a dobrá-las de novo. – Que queres dizer com estragar tudo?

– Não sei.

Inclino-me para trás no sofá e dobro as pernas até ficar como um

pretzel. A Mona acabou de arrumar as minhas camisas e passou para o meu conjunto de partes de baixo: *leggings*, calções de pijama, calças de ganga rasgadas.

– Não sou muito boa com os clientes – digo.

Ela franze o sobrolho.

– Ser boa com os clientes não é o teu trabalho?

– Não sou muito boa a fazer o meu trabalho – corrijo-a.

A Mona dobra um par de calças de ganga ao meio e depois em quatro.

– Mas tu preocupas-te com o Manny. Preocupas-te com a família dele e com o restaurante. Por isso, vais esforçar-te mais esta noite. Vais fazer o melhor que puderes por eles.

Não digo uma palavra. Não sei o que dizer.

A Mona põe a roupa de lado. Olha para mim de uma forma intensa e desconfortável.

– Eden, tu és demasiado dura contigo própria – diz ela.

– Não, não sou – minto.

– És, sim. Só tens dezoito anos, trabalhas a tempo inteiro, comes a universidade no mês que vem e, à parte disso tudo, estás a passar por muita coisa. Coisas que eu não consigo entender – diz ela, com ternura, uma referência indireta à Katie. – Precisas de dar um desconto a ti própria.

– Não é assim tão fácil – digo eu.

Porque quando passamos tanto tempo a odiarmo-nos, a culparmo-nos por tudo o que correu mal na nossa vida, não podemos acordar um dia e decidir parar. Decidir dar-nos tempo. Decidir dar-nos *um desconto*.

Eu podia culpar a Katie por ter entrado num carro e por não usar o cinto de segurança. Podia culpar o condutor que bebeu demasiado e lhe bateu no carro. Podia culpar os seus pais por terem ido embora e nos terem deixado sozinhos naquele fim de semana. Podia culpar o Truman por me ter beijado nessa noite e por ter desviado a minha atenção para ele. Podia culpar qualquer pessoa pelo que aconteceu.

Mas escolhi culpar-me a mim própria. Naquela fração de segundo em que descobri o que tinha acontecido à Katie, o meu primeiro pensamento foi: *devia ter lá estado*. Essa culpa ficou entalada. Não havia como voltar atrás, não havia como redirecionar a minha raiva quando o pensamento me atingiu como uma pedra. Por isso, decidi carregá-lo. Mesmo agora, cinco meses depois, continuo a fazê-lo.

Eu não quero um desconto. É demasiado tarde para me dar um desconto quando se trata da Katie, porque já a desiludi. O mal está feito. Mas talvez a Mona tenha razão. Talvez eu não desiluda o Manny.

A Mona acabou de tratar da minha roupa. Deixa-me a roupa interior e os *soutiens* e empilha a roupa dobrada por cima, num monte. Faz-me pensar na minha mãe e nos pequenos gestos que ela faz para me mostrar que se preocupa.

– Dá o teu melhor pelo Manny esta noite – diz a Mona. – O melhor que puderes. Mesmo que deixes cair um prato inteiro de comida no chão ou entornes uma bebida no fato de dois mil dólares de um homem misterioso.

– Não acredito que acabaste de manifestar isso. Se acontecer, mando-te a conta da lavandaria dele.

– Eu passo-lhe um cheque – diz ela. – Mas a culpa não é minha se for devolvido.

Já vi as quantias que a Ramona ganha com os patrocínios das publicações no Instagram. Não há maneira de devolverem o cheque.

– Bem, acho que o melhor é ir tomar um duche e preparar-me para o trabalho.

Levanto-me e pego no cesto da roupa. A Mona retoma o jogo. A música suave enche o nosso apartamento.

– Obrigada por dobrares a minha roupa, mãe.

– Não podia ficar parada a ver-te massacrar aquelas camisas. Não era ético.

– Ou não passas de uma croma que gosta de dobrar roupa. – A sua personagem no ecrã da televisão apanha outro peixe. Desta vez, a

caixa de texto diz: *Apanhei um carapau! Não, espera – é pelo menos um cara de pau!* – E de apanhar peixes falsos. Não passas de uma croma que gosta de tratar da roupa e de pescar digitalmente.

– Podia ter passatempos bem piores – diz ela, com os olhos fixos na televisão. – Como dormir até às três e só lavar a roupa uma vez por mês.

– Uma vez *de três em três semanas* – corrijo-a.

– É suposto isso ser melhor?

– Estou a poupar água, Mona. A salvar os oceanos ou lá o que é... a salvar peixes, os a sério, não os que estás a apanhar – digo, acenando com a mão para a televisão.

De forma muito madura, a Ramona pousa o comando e mostra-me o dedo da asneira. Estamos de volta. A paz foi restaurada no apartamento 1519. Devíamos pendurar uma bandeira branca na nossa varanda.

Dou alguns passos para atravessar a divisão. Estou a meio caminho da porta do meu quarto quando a Ramona grita:

– Tive saudades tuas, sabias?

É um pouco ridículo que esteja aos gritos, tendo em conta que estamos a apenas um metro e meio de distância.

Volto-me para ela.

– Mona, eu vivo contigo.

– Percebes o que quero dizer – diz ela, desviando rapidamente os olhos do ecrã, para me lançar aquele olhar como quem diz *não sejas tão difícil*.

Observo-a no sofá, de pernas cruzadas e o comando da Nintendo Switch no colo. Tem o cabelo preso numa trança e o rosto limpo de maquilhagem. Usa a sua camisola branca preferida, com uma pequena fatia de *pizza*, a dizer *Cheesy AF*.

Ela não é a Katie. Nada disto se parece com o que imaginei que seria a minha vida neste verão. Mas podia ser bem pior. Não tenho a certeza, mas *acho* que podia ser pior.

– Se calhar, também tive saudades tuas – digo eu. As palavras

saem-me sem eu estar à espera. – Ou seja, tive um bocadinho. Mas um bocadinho mesmo minúsculo. Nem sequer suficiente para ser visível a olho nu.

– Vai trabalhar – diz ela, a sorrir.

Fecho a porta do meu quarto, mas não sem antes ouvir o pequeno efeito sonoro do jogo novamente. Apanhou mais um peixe.

Não sei bem o que espero encontrar quando entro no TugaChicken às quatro horas. Talvez uma equipa do FBI a andar de um lado para o outro, a esfregar o chão, a pintar as paredes – basicamente a fazer tudo menos aquilo que o FBI faz. Não que eu saiba ao certo o que é que eles fazem, mas deve envolver mais armas, pendurarem-se em cordas, partir janelas – e menos garrafas de detergente.

O Manny disse que esta noite era muito importante, por isso estou a preparar-me para entrar em loucura frenética. Em vez disso, quando entro pela porta, o sítio está deserto. Não há um único cliente, e o restaurante inteiro cheira a detergente de limão. O Ahmed está encostado ao balcão, a olhar para o espaço, provavelmente drogado, e o pai do Manny está debruçado sobre uma das mesas, a esfregá-la com tanta força, que não me surpreendia se se partisse em duas. Quando me vê, endireita-se e sorri.

– Ederia! – chama ele, aproximando-se rapidamente. Além dos meus pais, ele é a única pessoa que eu deixo que me chame pelo meu nome completo sem levar um murro.

– Olá, Sr. Álvaro – digo-lhe, num tom verdadeiramente acolhedor. Ele envolve-me nos seus braços grandes e tatuados. Normalmente, não sou fã de abraços, mas ele faz-me lembrar tanto o meu pai, que me deixo afundar nele. – O Manny disse que vai ser uma grande noite.

Passa uma mão pela cabeça careca, sorrindo de forma envergonhada.

– O miúdo tem razão. Isto pode ser o empurrão de que precisamos para ajudar o negócio.

Sem mais nem menos, levanta o peso do mundo e coloca-o em

cima dos meus ombros.

O Manny sai a correr da cozinha como um cachorrinho. Vê-se perfeitamente que está entusiasmado pela expressão dos seus olhos. Os caracóis escuros do cabelo, que normalmente andam soltos livremente, estão penteados e domados, caindo-lhe sobre a testa em espirais brilhantes. Até vestiu uma *t-shirt* branca sem uma única mancha de gordura. Ainda não sei como é que recusei o encontro com ele na semana passada. Devo ter algum problema. Devia ir a um médico imediatamente.

– Eden, vieste.

Ele olha para mim como se eu fosse o raio de sol à volta do qual este restaurante gira, o que é completamente ridículo. Eu não mereço isso. Sou desleixada e passo a maior parte do meu horário de trabalho ao telemóvel. O Manny é quem merece todos os sorrisos, todos os elogios.

Lembro-me das palavras da Mona: *Dá o teu melhor pelo Manny esta noite. O melhor que puderes.*

Está bem. *Está bem.* Por uma noite, vou ser uma empregada de mesa do caraças. Até vou sorrir, se for preciso.

– Então, qual é o plano de ataque? – digo, olhando para os dois.

Vendo-os lado a lado, pergunto-me como é que este sítio não tem uma fila à porta. Se colocassem uma fotografia desta dupla de pai e filho nas janelas, as pessoas fariam fila à volta do quarteirão.

– Estou a acabar estas mesas e o Manny está a preparar a cozinha – diz o Sr. Álvaro – Ele põe-te ao corrente.

Eu e o Manny dirigimo-nos para a cozinha, que parece ter explodido. A mesa e as bancadas estão cheias de ingredientes, e está massa fresca a meio caminho de ser estendida. As panelas estão a borbulhar no fogão, e o ar cheira a alho picante e azeite.

– Manny – exclamo, atónita –, nem sequer sabes o que é que o tipo vai pedir.

O Manny já está a enfiar o avental à volta do pescoço.

– Ele não vai pedir nada. O meu pai disse que íamos oferecer um

pouco de tudo.

Volta à preparação da massa, pegando num rolo e começando a estendê-la. Sento-me num dos bancos da mesa.

– O que é que estão a fazer exatamente? – pergunto.

– “Bolo do caco”, “bolinhos de bacalhau”.

– Em inglês, por favor.

O Manny ri-se e começa de novo.

– Pão quentinho com manteiga de alho, pastéis de bacalhau, aperitivos de chouriço e batata, asas de frango piri-iri, rissóis de camarão, tomates verdes fritos, bacalhau com broa... E “pastéis de nata” para a sobremesa. Talvez umas “bolas de Berlim”, se tiver tempo. – Deve ter visto a minha expressão intrigada, porque esclarece: – É um *donut* português recheado com creme de ovos e passado por açúcar.

– Sim, faz isso, faz, porque eu preciso de dez. O teu pai não devia estar aqui a ajudar-te?

O Manny começa a dobrar a massa em três partes, aperta os rebordos e depois enrola-a novamente. Pincela-a com manteiga e depois começa a dobrá-la novamente.

– Tem estado a ajudar a tarde toda – diz o Manny, um pouco na defensiva. – Já temos quase tudo pronto. Só preciso de acabar de enrolar a massa e de a arrefecer. – Ele faz isso e depois mete o rolo no frigorífico com um suspiro cansado. – O pão está no forno, as asas estão a marinar... Preciso de começar a fazer o recheio de bacalhau.

O Manny volta a correr para o frigorífico, deixando-me exausta só de o ver. Tira uma taça com qualquer coisa que parece ser peixe e pega numa panela do fogão que está cheia de batatas. Estou sempre à espera de que a porta se abra e o Sr. Álvaro entre.

– Fala-me desse tipo que vem cá hoje – digo eu.

Uma a uma, o Manny coloca as batatas numa grande engenhoca prateada com pequenos orifícios no fundo. Quando aperta a tampa, a batata sai pelo fundo em pequenos fios.

– O nome dele é Angelo – diz o Manny. – É dono de uma galeria de

arte toda moderna em Yorkville.

– Yorkville? Fogo.

É um dos bairros mais caros da cidade. Talvez do país. Qualquer evento que se realize lá não é para mim. Ia parecer um peixe fora de água. Ou uma adolescente falida. Uma das duas.

– Exatamente – diz o Manny, continuando. – Este fim de semana, ele vai organizar uma grande exposição que tem como objetivo mostrar os melhores talentos revelação de Toronto. Os artistas são todos locais, por isso ele quer que seja um restaurante local a fazer o *catering*.

Tamborilo com os dedos no tampo da mesa, sentindo-me extremamente inútil. O Manny já encontrou o seu ritmo, e se lhe oferecer ajuda vou estragar tudo.

– Faz sentido.

– Ele contactou o meu pai esta manhã e disse apenas que passaria por cá esta noite.

– Um bocado em cima da hora. Parece ser um bocado parvo – digo eu.

– *Eden*. – O Manny para de passar as batatas e olha para mim.

– Calma. Não lhe vou dizer isso na cara. – Ou seja, até diria. Mas não hoje, quando o sustento da família está literalmente em risco. – Então é por isso que estás a fazer todos estes petiscos? – pergunto.

– Exatamente. Têm de ser alimentos pequenos e portáteis, que possam ser transportados em tabuleiros e que as pessoas possam comer sem garfo e faca.

– Então, nada de frangos inteiros nem pratos cheios de arroz? – brinco.

O Manny solta um suspiro, limpa a testa com o pano que tem no ombro e sorri para mim.

– Nada de frangos inteiros.

– Já te disse que és um super-homem da culinária? A sério, Manny. Tu arrasas.

As suas bochechas coram ligeiramente. Nesse momento, a porta

abre-se e entra o Sr. Álvaro. Tira um avental do cabide e dá uma palmada nas costas do Manny.

– Faz uma pausa, Manuel. Eu acabo isto.

Mas o Manny não para. Óbvio que não. Começam a trabalhar em conjunto. É hipnotizante olhar para eles. Cada um antecipa exatamente o que o outro está prestes a fazer. O pai estende a mão e o Manny coloca nela uma cebola, uma faca, o que quer que ele precise, sem que ele tenha de pedir. Andam de um lado para o outro na cozinha, a mexer panelas e a cortar peixe. Enquanto isso, fico ali sentada a observar, de boca aberta, sentindo-me uma idiota inútil. Por fim, dirijo-me para a arrecadação. Eles nem dão pela minha saída. Guardo a mochila no meu cacifo, e até ponho lá o meu telemóvel, pela primeira vez na vida. Quando volto para a cozinha, vejo que ainda estão a fazer o mesmo, a rechear almofadinhas de massa com peixe e a cortar tomates.

– Posso ajudar nalguma coisa? – pergunto.

O Sr. Álvaro levanta a cabeça da tábua de cortar e aponta com a cabeça para a porta.

– Avisa-nos quando o Angelo chegar.

– Ele tem cabelo cor-de-rosa – acrescenta o Manny. – É impossível não dar por ele.

Dirijo-me para a frente e espero.

O esquivo Angelo não aparece durante as três horas seguintes. O parvalhão. Coincidentemente, também não temos um único cliente. O meu telemóvel está no meu cacifo. Estou tão aborrecida, que quase me ponho a contar quantos azulejos há no chão, quando a campainha da porta toca. Olho para cima, a porta abre-se e entra um homem de cabelo cor-de-rosa claro.

Faço a coisa mais estranha e menos natural que consigo: sorrio para ele.

– Bem-vindo ao TugaChicken – digo, pegando numa ementa do balcão e dirigindo-me a ele.

– Olá... – Ele faz uma pausa, olha para o meu crachá e depois diz:

– Eden. O teu patrão está por aí?

O teu patrão está por aí?, ironizo, imitando uma vozinha na minha cabeça. O Sr. Álvaro vem a correr da cozinha. Graças a Deus. Estava quase a fazer um comentário sarcástico sobre o seu bigode. Como consegue que fique assim tão retorcido? Penso em mandar uma mensagem à Ramona. Imagino-a a mandar-me algum tutorial do YouTube em três segundos.

– Angelo!

O Sr. Álvaro tem os braços bem abertos, como se estivesse a cumprimentar um velho amigo e não um snobe emproado que está a ver pela primeira – talvez segunda – vez.

Snobe emproado? Preciso mesmo de ser mais branda com o julgamento. Só porque alguém é da zona mais rica da cidade não significa que seja um snobe. Talvez. Possivelmente. Mais do que provável. Mas não é uma certeza.

Ok, é definitivamente uma certeza.

Estou tão distraída com o meu diálogo mental, que quase perdi a conversa toda. O Sr. Álvaro diz que lhe prepararam uma “refeição especial” para “provar a comida que vão servir no evento”. Quase consigo ver o Manny lá atrás, com o ouvido encostado à porta, a tentar ouvir cada palavra. Mais tarde, faço-lhe o resumo.

Reparo que os dois estão a olhar para mim. O Sr. Álvaro diz:

– A Eden acompanha-o até à sua mesa. Eu e o meu filho já lhe trazemos a comida. Por favor, sinta-se em casa.

Deixo de ficar ali de pé como uma parva, com a ementa agarrada ao peito, e conduzo o Angelo para uma mesa qualquer, porque são todas exatamente iguais. Indico-lhe uma mesa perto da entrada da cozinha, mais ao fundo, e ele senta-se no sofá de pele castanha. Começo a pensar que devia ter escolhido uma mesa mais perto da entrada, porque esta fica perto das casas de banho, e isso não pode ser bom. Mas depois penso que estou a fazer um drama, porque não é assim tão grave. Preciso de relaxar.

Pouso a ementa e sorrio de novo. Já me estão a começar a doer as

bochechas.

– Quer beber alguma coisa? – pergunto, com uma voz doce como mel.

– Só uma água. Obrigado, Eden.

A forma como ele diz o meu nome faz-me estremecer. Aceno com a cabeça, como se fosse um robô, e dirijo-me ao balcão. Vejo o Angelo a folhear a ementa enquanto encho um copo com gelo e água. Depois, pergunto-me se devo pôr uma palhinha ou não. Serão demasiado infantis? Mas e se ele achar nojento beber diretamente do copo? Será esta a coisa mais estúpida com que alguma vez me preocupei na minha vida? Sim.

Opto por uma palhinha de lado e coloco o copo à sua frente.

– Obrigado, querida – diz ele, com um sorriso. Apetece-me vomitar. Ele bate com a ponta da palhinha na mesa até a embalagem começar a abrir. Deita-a fora e depois mete-a no copo. – Trabalhas aqui há muito tempo?

– Há dois meses – respondo, forçando-me a não mostrar nenhum sinal de asco na minha voz. Há qualquer coisa neste homem que me parece duvidosa. E o bigode está mesmo a intrigar-me. A sério, como é que ele o deixa daquela maneira?

Os meus dedos anseiam por pegar no telemóvel.

– De que é que mais gostas da ementa? – pergunta o Angelo, porque, pelos vistos, isto é uma entrevista.

– Os “pastéis de nata”. São incríveis. Os melhores da cidade – acrescento, apesar de serem literalmente os únicos que provei.

– E isso é o quê?

– É uma pequena tarte com uma espécie de doce de ovos. Tenho a certeza de que o Sr. Álvaro lhe vai trazer um. – Lembro-me de sorrir, sorrir, sorrir.

A porta da cozinha abre-se, de onde sai o Manny, equilibrando habilmente três pratos nos braços. Apetecia-me agarrar-lhe na cara e beijá-lo agora mesmo. Ele começa a conversar com o Angelo de uma forma que me faz muita inveja. Como é que algumas pessoas são tão

boas a falar? A ser simplesmente *pessoas*? Os pratos que traz estão cheios de pão quente com uma espécie de manteiga de ervas e de bolinhos fritos, que devem estar recheados com o bacalhau que o Manny estava a preparar, e traz ainda um prato de batatas estaladiças com rodelas de chouriço. Tudo cheira divinamente. Estou com água na boca. Esgueiro-me para o balcão e deixo o Manny a lançar o seu charme. O Angelo está a rir-se tão alto, que penso que não há qualquer hipótese de escolher outro fornecedor de *catering* para o evento.

De forma alguma.

Quando o Angelo finalmente se vai embora, o Sr. Álvaro fecha a porta e nós os três sentamo-nos numa das mesas, a comer toda a comida que sobrou. Estou a comer o meu segundo pastel de nata, o Manny já comeu o prato inteiro de pão, e o Sr. Álvaro está a comer com grande voracidade uma asa de frango com piri-iri.

– Correu bem – digo, mergulhando o meu dedo no pastel, tirando o creme e lambendo-o. O Manny odeia quando faço isto, mas está demasiado cansado para comentar.

– Ele deve telefonar-me amanhã ou quinta-feira a comunicar a decisão.

O Angelo disse que a exposição de arte vai ter cerca de cem a duzentas pessoas.

– Mas o evento é no sábado – digo. – Isso não é nem de longe tempo suficiente para começar a preparar essa quantidade de comida.

O Sr. Álvaro limita-se a encolher os ombros, sorrindo com pouca convicção.

– Faremos o que tiver de ser feito.

Olho para o Manny, que está recostado no sofá com os olhos fechados.

O Sr. Álvaro estende o braço através da mesa e dá-me uma palmadinha.

– Obrigado pela tua ajuda esta noite. Agradecemos-te muito,

Ederia.

O pai do Manny faz-me sentir tão segura, como se estivesse em casa com a minha própria família e não a quilómetros de distância.

– Fico feliz por ajudar – respondo, retribuindo o sorriso.

– Então – diz ele, pegando noutra asa de frango –, o que é que sabem sobre arte?

À mente vêm-me paredes cinzento-escuras e móveis de madeira. Caixotes com telas empilhadas e um cavalete em frente a uma janela. Vejo o rosto do Truman e os seus olhos iluminados enquanto falava dos seus quadros.

– Muito pouco – digo eu, ignorando a dor no peito.

– Isso já é muito mais do que eu – diz o Sr. Álvaro, com uma gargalhada. – Se conseguirmos ficar com este evento, vamos precisar de ti no sábado para servir a comida. Consegues fazer isso? Posso pagar-te um extra de cinquenta por cento.

– Não precisa de me pagar mais. Eu até o fazia de graça, se isso significasse ajudar-vos – respondo.

Nesse momento, os olhos do Manny saem das órbitas. Ele olha-me fixamente, sem dizer uma palavra. Apenas sorri.

O Sr. Álvaro também está a sorrir.

– O que faríamos sem ti, miúda?

TRUMAN

O Milo e a Santana pensam que desisti do meu futuro e que estou a empatar enquanto me preparo para a exposição de arte desta noite. Estão enganados. A razão é simples: neste momento, não sei se consigo aguentar mentalmente. Os quadros que escolhi para a exposição desta noite não são sol e arco-íris. São sombrios. São tristes. São peças que criei nos meus estados mais depressivos. São pinturas da Katie quando ela ainda cá estava e pinturas da Eden quando também ela cá estava. São pinturas cheias de memórias reais e ligadas a sentimentos reais, e a ideia de um monte de estranhos a analisá-las enquanto bebem champanhe faz-me desejar que a noite acabe antes mesmo de começar.

É demasiado tarde para mudar de ideias. Não posso fazê-lo apenas por razões pessoais. Se dependesse de mim, mandava ao ar a noite inteira e assumia as minhas perdas. Mas a Santana e o Milo decidiram invadir o meu quarto. Estão a embrulhar os quatro quadros em papel e a colocá-los cuidadosamente em caixas, para os manter seguros durante a viagem para a exposição.

A Santana está sempre a dizer *Oh, adoro esta* e *Esta atinge-me mesmo no coração*. O Milo limita-se a olhar para ela, produzindo ruídos como se concordasse com tudo. Acho que se a Santana dissesse que a Terra é plana, o Milo iria olhar para ela como se fosse a pessoa mais sábia do planeta, antes de se pôr a tentar encontrar a borda da Terra.

– Estás pronto? – pergunta a Santana.

Usa um conjunto de fato de treino *oversized*, e tem o cabelo preso

num nó no cimo da cabeça, com caracóis vermelhos a tocar nos ombros. É óbvio que não vai à exposição. No entanto, deixou bem claro que me vai levar até lá, para, nas suas palavras, *garantir que não lixas tudo*.

O Milo veio por causa da Santana. Depois, vai para um bar a uns quarteirões daqui, onde trabalha durante a noite.

– O que acontece se eu disser que não?

A Santana aponta com a cabeça para o Milo.

– O Milo leva o teu rabo escanzelado ao ombro e põe-te no carro. Ou também pode levar-te ao colo como uma noiva, se preferires – diz ela.

O Milo sorri e flete os músculos. Os seus bíceps são do tamanho do meu tronco.

– Eu consigo andar – digo.

Cada um de nós pega num quadro e descemos no elevador.

– Os teus pais vão? – pergunta o Milo, por cima da música suave de elevador.

– Não.

– Porquê? – questiona a Santana.

Ela equilibra a caixa verticalmente contra a coxa e depois enrola algumas madeixas de cabelo solto à volta do nó emaranhado.

– Não os convidei.

Ignoro os olhares idênticos que ambos me lançam. Estão os dois totalmente convencidos de que sou um completo idiota. Ter a minha arte exposta para alguns estranhos é uma coisa – pelo menos, não me conhecem. Mas ver os meus pais a observá-la e criticá-la? Tenho limites.

– Que Deus nos livre se a tua família celebrar os teus feitos, Truman – murmura a Santana.

– Ainda bem que estamos na mesma onda.

O Milo solta uma gargalhada quando as portas do elevador se abrem. Dirigimo-nos para o carro da Santana, no parque de estacionamento, como o trio mais desconsolado que alguma vez

existiu. Empilhamos os quadros cuidadosamente na bagageira da carrinha, e depois o Milo senta-se no banco do passageiro da frente muito pouco subtilmente, enquanto a Santana conduz. Eu fico no banco de trás como uma criança.

Quanto mais nos aproximamos da exposição, menos ar consigo fazer entrar nos meus pulmões. A Santana canta ao som de uma canção qualquer que está a passar na rádio, e o Milo não lhe tira os olhos de cima. Ninguém repara que estou, literalmente, a poucos metros de distância de perder o controlo. A ansiedade sobe pelo meu corpo como uma cobra, apertando e enrolando-se em mim. Preciso que a Santana encoste o carro. Preciso de sair daqui. Preciso de guardar aqueles quadros de volta no meu armário, onde nunca mais ninguém os vai ver.

O meu coração bate tão alto, que o consigo ouvir por cima do rádio; consigo ouvi-lo por cima da voz terrível da Santana a cantar. As palmas das minhas mãos estão a suar. Limpo-as nas calças de ganga, mas não ajuda. Nada está a ajudar.

– Santana – grito, numa voz quebrada.

A minha voz é rouca e áspera como uma lixa. Parece que passei semanas a procurar água no deserto. Estou prestes a pedir-lhe para encostar, porque preciso que o mundo pare de girar por um segundo. Preciso que tudo *pare* por um segundo. Preciso de sair daqui. Nesse momento, passamos pelo hospital da Katie, e o carro inteiro fica em silêncio. A San para de cantar. O Milo olha pela janela, diretamente para o edifício imponente. E eu... sinto uma sensação de tranquilidade. Algures dentro daquelas paredes está a minha irmã. A rapariga que talvez nunca mais possa ver as minhas obras de arte. Nem assistir a uma exposição de arte. Não poderá sentar-se num carro e cantar ao som de canções que não prestam. Tudo muda de perspetiva. Todos os meus problemas diminuem em comparação. Nesse momento, mostrar a minha arte a algumas centenas de pessoas não parece ser um incómodo. Em vez disso, parece um privilégio. Quantos artistas não matariam por uma oportunidade como esta? E

aqui estou eu, pronto para fugir a correr.

Decido que já não devo nada a mim mesmo. Mas devo tudo à Katie. Por isso, vou engolir toda a dor e continuar por ela. É o mínimo que posso fazer.

A Santana para em frente à galeria onde está a decorrer a exposição. Tem janelas do chão ao teto, pelo que qualquer pessoa que passe lá fora pode espreitar para dentro. Daqui, consigo ver que a sala é um enorme quadrado branco, de tal forma aberto, que se torna, ao mesmo tempo, extremamente calmante e aterrador. Depois, tudo acontece muito rapidamente: tiramos os quadros do carro; a Santana cumprimenta o Angelo com dois beijos nas faces; os funcionários apressam-se a pegar nos quadros; o Angelo leva-me para o canto esquerdo do fundo da sala. *Este é o teu sítio*, diz ele. Ou qualquer coisa do género. Deixei de prestar atenção. Depois, o Milo e a Santana vão-se embora, e eu fico completamente sozinho. Só eu, a minha arte e os outros artistas, que conversam uns com os outros. Pois, devem obviamente ter muitas coisas em comum. Comigo, não. Sou a ovelha negra – o tipo esquisito. E mesmo sabendo que esta ansiedade está a acontecer na minha cabeça, parece verdadeiramente real. Nesse momento, destrancam as portas, e aflui uma multidão de pessoas, como se tivessem levantado as comportas de uma barragem. Algumas pessoas estão a beber, e empregados andam de um lado para o outro com tabuleiros de comida. Nem sequer me dou ao trabalho de olhar com atenção para nada daquilo. Sinto que vou vomitar tudo o que comi nos últimos dois anos.

Depois, algumas pessoas põem-se em frente dos meus quadros. Fazem sons como *hmmm* e *ahhhh*, e quero questioná-las. Quero saber o que pensam e se gostam, mesmo que as suas respostas sejam insignificantes. É subjetivo – é esse o objetivo. Gostar ou odiar não importa. Não altera a forma como me senti ao pintar estas peças ou o que elas significam para mim.

Ando pela sala algumas vezes, para desanuviar a cabeça. Olho para o trabalho de todos os outros artistas e sinto-me sortudo por estar aqui

com pessoas que são claramente muito mais talentosas do que eu, ou do que alguma vez virei a ser. Há esculturas esculpidas em pedra e mãos feitas de barro. Há fotografias de rostos de crianças e peças de metal entrelaçadas e trabalhadas para parecerem vidro derretido. Há esferas e formas que pendem de varas do teto e um corpo feito inteiramente de balões com um único prego, apoiado num pedestal de prata.

Sinto-me atordoado, como se a minha mente estivesse noutro lugar. Já nem sei bem o que estou a fazer, estou apenas a andar sem rumo pela sala. Por isso, quando a vejo, penso que devo estar a sonhar. Ou pelo menos a alucinar. Porque não é possível que a Eden esteja aqui, a segurar num tabuleiro de bebidas, vestida como empregada de mesa. Não é possível que ela tenha aparecido novamente na minha vida.

Depois, a Eden passa por mim e para. Para, porque me viu. *Ela vê-me*. E, nesse momento, volto rapidamente à realidade. Estou novamente ancorado.

12

EDEN

É ele.

O Truman é tão parecido com a Katie. Demasiado. Consigo ver o riso da Katie na forma como os seus olhos se enrugam nos cantos. Fixo o olhar nele até me dar a sensação de que ela não está deitada numa cama de hospital ao fundo da rua, mas que está aqui, mesmo à minha frente.

De repente, a memória daquela noite – a mesma que passei meses a enterrar – surge com tanta intensidade, que me deixa sem fôlego.

Pedi ao Truman para ver mais alguns dos seus quadros. Ele sentou-se na cama, perfeitamente enquadrado pelo luar que entrava pela janela. As suas sobrancelhas arquearam-se.

– Queres ver os meus quadros?

– Sim. Mas não tens de me mostrar. Deves querer voltar lá para baixo, para junto dos teus amigos, por isso...

– Eles podem esperar – disse ele, já a dirigir-se para o seu armário.

O Truman vasculhou no fundo do armário e tirou outro caixote branco. No interior, havia telas empilhadas numa fila organizada, com esquinas salpicadas com mil cores diferentes. Sentei-me na beira da cama. O colchão gemeu quando o Truman se sentou ao meu lado. Colocou o caixote aos nossos pés e tirou o primeiro quadro.

Ficámos ali sentados, talvez durante uma hora, a ver pintura a pintura. Algumas eram de quando ele tinha catorze anos, mas as mais recentes eram dessa mesma semana ou do mês passado. Fiquei admirada por cada quadro ser diferente do anterior. Não havia nada

em comum. Não havia uma utilização semelhante da cor nem do sombreado. Os estilos não eram nada parecidos, como se fosse tudo uma experiência. Algumas pinturas eram aguarelas, pinceladas com suaves tons de rosa claro e laranja desbotado. Uma era abstrata, com blocos duros de amarelo interrompidos por círculos de verde, azul, azul-turquesa. Sem lógica.

Quando perguntei ao Truman sobre isso, ele encolheu os ombros e disse:

– Ainda estou a ver do que gosto.

Não era preciso tentar perceber as suas pinturas. O que me agradava era estar ali sentada com ele, a olhar para aqueles quadros, aquelas janelas para a sua mente.

– És mesmo talentoso, Truman – disse eu, quando ele tirou o último quadro da pilha. Era um lago congelado no inverno. A Lua brilhava contra o gelo, que ele tinha pintado de tal forma que quase se conseguia sentir o frio a emanar.

Levantei os olhos do quadro e vi-o a olhar para mim. O seu rosto estava mesmo ali, a centímetros do meu, os seus olhos de um azul constante, aquele remoinho profundo da *Noite Estrelada*.

Algo mudara naquele momento. Uma cortina tinha sido aberta. O Truman revelara-me algo especial, algo secreto, uma parte que ele escondia de toda a gente. E ele tinha-ma mostrado.

Decidi ser cautelosa. Tinha de cuidar deste seu lado. Não me podia intrometer nem insistir. Ficaria à espera de que ele me oferecesse mais, ávida de cada bocadinho.

Se ao menos nessa altura soubesse que, mesmo que o tivesse por inteiro, não seria suficiente.

– Achas que sim? – disse o Truman. A insegurança suavizou-lhe as feições, deixando de parecer o irmão mais velho da Katie. Era apenas o Truman, um rapaz que adorava arte e que a criava em segredo.

– Mostraste a mais alguém? *Para além de mim*.

– Não – respondeu ele. – É por isso que a minha porta está sempre fechada.

– Exceto esta noite – disse eu.

A boca do Truman curvou-se num sorriso lento.

– Exceto esta noite – repetiu. – Estou contente por a ter deixado aberta. – As palavras dispararam diretamente para o meu coração e explodiram em fogo de artifício.

Nesse momento, fartei-me de nunca me permitir fazer o que queria. De andar a evitar o que quer que fosse que estivesse a crescer entre nós os dois, sabendo que ambos nos sentíamos demasiado hesitantes para agir. Devia ter-me sentido culpada por a Katie estar mesmo ao fundo do corredor, mas não senti.

A única coisa que senti foi um desejo intenso de agarrar o rosto do Truman nas minhas mãos e beijá-lo até ao último milímetro.

– Devias deixá-la aberta mais vezes – disse eu.

Eu fiz a minha escolha. E escolhi-o a ele.

Aproximei-me mais do Truman na cama, até não existir nem um bocadinho de espaço entre nós. Estávamos juntos, ao lado um do outro, perna com perna, ombro com ombro. Sentia o meu corpo vibrar em cada ponto onde o seu corpo tocava no meu.

Não era, nem de longe nem de perto, o suficiente.

Peguei na pintura que estava no seu colo e coloquei-a na cama atrás de nós. O Truman não mexeu um músculo. Olhou para mim por baixo das suas pestanas longas e escuras. Apetecia-me passar-lhe os dedos pelo cabelo. Queria tocar-lhe na pele.

Pousei a mão no seu braço. Era a segurança de que ele precisava. *Não é imaginação tua, queria dizer-lhe. Beija-me.*

E então, ele beijou-me.

Beijar o Truman era como um dos seus quadros, os redemoinhos das cores mais vívidas e dos cinzentos mais escuros, misturados num só.

Os seus lábios eram uma pressão suave, como se não tivesse a certeza de quanto de si eu estava disposta a aceitar.

Tudo.

Enrolei os meus braços à volta do seu pescoço e puxei-o para mais

perto. Os meus dedos enroscaram-se-lhe no cabelo, aquele cabelo absurdo de ondas negras que pareciam crescer mais a cada dia que passava. Pondo as mãos na minha cintura, o Truman puxou-me para mais perto, beijou-me com mais força.

A cama rangeu quando caímos de costas sobre ela. Depois, o Truman soltou um gemido. Afastei-me para ver o que se passava. A sua mão deixou a minha cintura e esticou-se debaixo das costas. Tirou o quadro, que estava mesmo por baixo – tinha-se deitado diretamente em cima da pintura.

– Isto meio que estragou o momento – resmungou o Truman.

Eu rasguei o sorriso mais aberto de sempre.

– Não, não estragou.

Estendi a mão e puxei-lhe o rosto para junto do meu. Ri-me com os lábios encostados aos seus, quando ele atirou o quadro para o outro lado do quarto sem qualquer cuidado.

– Truman! – exclamei.

– Não importa agora – murmurou ele, junto à minha boca.

O seu corpo deslocou-se sobre o meu, pressionando-me contra a cama. Peguei-lhe no rosto com as mãos, e os lábios do Truman voltaram a colidir com os meus com uma facilidade entorpecedora. Os seus braços pareciam tão sólidos à minha volta, quentes e seguros. Estava a fundir-me nele.

Fomos tão imprudentes. Tão gananciosos. Mas de que estávamos à espera? Depois de passarmos tanto tempo a viver de olhares roubados em espelhos retrovisores, estávamos desesperados um pelo outro. Fiquei feliz, pois parecia que ele desejava isto tanto quanto eu.

Agora que o Truman estava tão perto de mim, eu não conseguia imaginar ficar longe de novo, nem por um braço de distância.

Até que um barulho estrondoso nos separou. O telefone de casa estava a tocar, como um alarme a despedaçar o momento. O Truman afastou-se; os seus olhos pareciam vidrados. Depois, ouviu o barulho e percebeu o que era.

– Merda. Tenho de atender – disse ele, sem se mexer. O telefone

parou de tocar. Ele sorriu-me. – Pensando bem...

Já estávamos a voltar um para o outro quando alguém gritou o seu nome lá de baixo. Ele afastou o corpo do meu com um suspiro e depois sentou-se.

– O que é? – gritou ele, parecendo simultaneamente zangado e aborrecido.

– O telefone, é para ti!

Ele olhou para mim, como se me pedisse desculpa. O seu cabelo estava emaranhado, as madeixas escuras presas em ângulos selvagens e caindo sobre a testa, pendendo sobre as sobrancelhas. Num impulso de ousadia, estendi a mão e penteei-os para trás.

– Não faz mal – disse eu, pousando suavemente a mão no seu peito. – Vai atender.

– Volto já. – Ele levantou-se da cama e correu para a porta. Depois, parou no corredor e virou-se para mim. – Não te mexas – disse, com um sorriso. – A sério. Não saias daqui. – Depois, ouvi-o a descer as escadas.

Sem o Truman, caí na cama. Estava a sorrir para o teto como uma completa idiota, ainda a sentir-me nos céus por termos estado tão perto. Sentia-me tonta, quente. Tudo o que eu sempre quisera estava subitamente ao meu alcance.

Depois, lembrei-me da Katie no quarto ao fundo do corredor e soube que tinha de lhe contar. Fui tão ingénua – na minha cabeça, já estava a planear todo o meu futuro com o Truman. Imaginei que a Katie ia ficar chateada inicialmente, mas que se ia habituar. Teria de o fazer.

O Truman estava a demorar uma eternidade lá em baixo, por isso dirigi-me ao quarto da Katie e ensaiei o que lhe iria dizer. Mas, quando abri a porta do quarto, já nada disso importava.

A Katie tinha desaparecido.

– Katie? – chamei-a. A cama estava vazia, com o portátil ainda em cima e o separador do IKEA aberto. A porta do roupeiro estava entreaberta e havia roupas espalhadas pelo chão – roupas que não

estavam lá quando saí.

Percorri todo o quarto. Procurei em todo o lado, mesmo nos sítios onde era impossível ela caber. Depois, reparei que a janela estava aberta.

– Katie... – Corri para a janela e espreitei para fora, pondo metade do meu corpo de fora. – Katie!

Chamei-a. Gritei o seu nome vezes sem conta. Não houve resposta.

Corri para o corredor e chamei-a novamente. Não houve resposta.

Fui ver na casa de banho. Estava vazia.

Fui ver no quarto dos seus pais. No roupeiro. Na casa de banho. Tudo vazio.

Depois, senti o peso do meu telemóvel no bolso. Tirei-o rapidamente, liguei o ecrã. Uma nova mensagem da Katie, enviada há treze minutos. *Saí à socapa. Encobre-me, por favor! Vemo-nos amanhã.*

Não havia amanhã.

Só havia aquela noite e o som ténue das sirenes a tocar lá fora. Dirigi-me de novo à janela, para espreitar lá para fora. O céu negro estava iluminado por tons de azul e vermelho que dançavam por entre as nuvens.

Algo parecia errado. Não sabia bem o que era, mas havia uma mudança no ar. Parecia que algo... algo de mau tinha acontecido.

– Truman!

Gritei o seu nome a plenos pulmões, porque soube nesse momento. Soube que ela não estava bem.

Corri pelo corredor o mais depressa que pude. Os meus pés escorregaram pelo chão. Desci as escadas duas de cada vez, sem me importar com o facto de não estar autorizada a estar lá em baixo. Isso já não importava. Tudo o que importava era encontrar a Katie. Trazê-la para casa, para mim.

Os meus pés pousaram no mármore frio, e parei. Foi como se alguém tivesse carregado no botão de pausa de um filme. Estavam todos congelados.

Ninguém se estava a mexer.

Os amigos do Truman estavam à sua volta, de bocas abertas. Ouvi algumas pessoas a chorar.

Katie, Katie, Katie. Sussurravam o seu nome vezes sem conta, como o pior jogo do telefone estragado.

– Truman? – chamei. Corri para a cozinha.

Apercebi-me de que algo estava muito errado quando o vi desmaiado, ali mesmo nos azulejos. Ainda tinha o telefone sem fios agarrado a uma mão, encostado ao peito.

– Truman? – chamei novamente.

Caminhei até ele, mas o chão estava a tremer. As paredes pareciam estar a ceder. Não conseguia respirar. Não conseguia pensar logicamente.

Os momentos que não vemos chegar são aqueles de que mais precisamos de ter medo. Aparecem sorrateiramente, apanham-nos desprevenidos, desfazem-nos em pedaços sem um único sinal de aviso.

Esta sensação foi semelhante à de ser rasgada ao meio.

Aproximei-me do Truman, e ele caiu para o lado, encolhido sobre si próprio. As lágrimas estavam congeladas no seu rosto, e os olhos estavam longe, algures entre a Lua e outra galáxia.

– Truman? – perguntei-lhe, suavemente. Caí no chão ao seu lado e peguei-lhe na mão. – O que é que aconteceu?

Alguém carregou no *play*. Tudo se descongelou. As lágrimas do Truman começaram a escorrer-lhe pela face. Ele gritava, chorava; algo profundo e sombrio tentava sair de dentro dele.

Eu não... não sabia o que fazer. Como voltar a recompô-lo.

– Onde é que ela está? – perguntei.

Nessa altura, também eu chorava; as lágrimas quentes escorregavam-me pela cara e batiam no chão.

Depois, o Truman olhou para mim, e o que vi nos seus olhos foi... indescritível.

Foi nesse momento que soube.

O Truman levou-nos ao hospital. Ele pegou-me na mão, mas eu não conseguia... não conseguia tocar-lhe outra vez. Conduziu pelas

ruas escuras até ao hospital para onde tinham levado a Katie. O limite de velocidade era de noventa, mas nós estávamos praticamente a voar. Um sinal vermelho não nos iria impedir de alcançar a tempo.

O hospital era demasiado luminoso. Os corredores estendiam-se infinitamente num mar branco e ofuscante, e eu queria afundar-me. Não conseguia olhar para o Truman sem sentir um formigueiro nos lábios, sem me lembrar do beijo que nos deixou fechados no seu quarto, enquanto a Katie...

Um condutor embriagado bateu-lhe no carro. Ela estava apenas a algumas ruas de distância. Não me consigo lembrar do número de ossos que partiu, ossos que eu nem sequer sabia que existiam no corpo humano. A cabeça foi a parte que ficou mais danificada quando o seu corpo voou pelo para-brisas. Não estava a usar cinto de segurança. Não conseguia parar de pensar nas centenas de vezes que o Truman lhe dissera: *Katie, põe o cinto de segurança*. Mas, desta vez, ele não estava lá para a lembrar. Nenhum de nós estava.

Agora, ela estava inconsciente, suspensa pelo suporte de vida.

Estávamos juntos no quarto de hospital. O Truman e eu estávamos de um lado da cama, os seus pais do outro. Os médicos disseram que talvez ela nos conseguisse ouvir. A Katie... deitada à nossa frente, envolta em tantas ligaduras, que nem conseguia ver uma lasca da sua pele. Os seus olhos estavam inchados e com manchas escuras na pele. Só se viam as suas mãos, as unhas amarelo-pastel. Tão vívidas, tão deslocadas no meio de toda aquela escuridão.

Fiquei ali, à procura das palavras para pedir desculpa por ter beijado o Truman, por não ter estado lá, mas não vieram.

Eu sabia que o Truman também a sentia. A culpa.

Os seus olhos não voltaram a encontrar-se com os meus.

Não conseguíamos olhar um para o outro.

Não era possível falarmos sem que o nosso coração abrisse um buraco grande o suficiente para nos engolir aos dois.

Ficámos lado a lado junto à cama da Katie, em silêncio. Aquele beijo parecia ter sido há uma vida atrás. Éramos dois estranhos, a

chorar a perda de uma rapariga que amávamos de formas diferentes. E embora a Katie ainda estivesse viva, nunca tinha estado tão longe.

Depois daquela noite na festa, nunca mais vi o Truman chorar. Raramente o vi depois disso. Mas, neste momento, os seus olhos estão secos; já não há mais lágrimas. O acidente da Katie levou-as todas. Levou o seu coração e as suas lágrimas. Eu fiquei apenas a ver, a sussurrar um adeus à minha melhor amiga, enquanto o monitor cardíaco continuava a apitar.

Quem me dera poder voltar atrás no tempo.

Quem me dera poder voltar aos dias das gargalhadas e do verniz de unhas à prova de chuva. Quando bebíamos sumo e tínhamos o nariz enfiado nos livros escolares do nascer ao pôr do sol.

Mas era demasiado tarde.

Eu tinha decidido o destino da Katie no momento em que saí do seu lado nessa noite, quando escolhi o Truman em vez dela.

E só consegui perguntar-me porque é que achei que valia a pena perdê-la por um beijo de um rapaz que agora também estava despedaçado.

13

EDEN

Porquê, porquê? Porque tinha de acontecer desta forma?

Avistar o Truman na rua era uma coisa. Tínhamos uma estrada entre nós – uma distância mais que segura, que me permitia fingir que não o tinha visto. É verdade que os nossos olhos se cruzaram, mas ele podia ter pensado que a minha visão diminuía significativamente desde a última vez que nos vimos. Mas isto? Ver o Truman à minha frente é demasiado. Especialmente tão elegante e bonito, de *blazer*. Até cortou o raio do cabelo. Entretanto, eu estou de camisa branca com um laço, a segurar um tabuleiro de metal meio vazio, como uma idiota.

Nem sequer me dou ao trabalho de olhar para baixo. Se ele trocou as sapatilhas constantemente sujas por sapatos formais, então é que perco a cabeça.

Porquê? Porque é que estou a reparar se o seu cabelo está cinco centímetros mais curto do que o habitual? Esta não é a reação apropriada. A reação apropriada seria atirar este tabuleiro de champanhe para o chão e desatar a correr para a porta, porque isto não pode estar a acontecer. *Não quero que isto esteja a acontecer.*

O turbilhão de raiva que sinto dura apenas o instante que o Truman demora a dizer o meu nome.

– Eden?

Estou metade aqui, metade algures no passado, deitada ao sol com a Katie. O Truman também lá está, a nadar na piscina. A Katie grita, porque a água lhe bate no cabelo, nas pernas.

Eu podia simplesmente sair daqui. O meu trabalho é literalmente

andar à volta desta sala. Podia facilmente continuar a caminhar, fingir que não o reconhecia e ir ter com outro convidado.

Mas não o faço. Apercebo-me de que é porque não quero. Passei meses a temer que isto pudesse acontecer; meses a pensar em sair assim que nos reuníssemos, porque já não quero ter nada a ver com o Truman Falls. Não depois do que fizemos naquela noite – do que causámos. No entanto, aqui está ele, e eu não consigo afastar-me. É como naquele dia no passeio do supermercado, em que, mais do que tudo, eu precisava que ele me visse.

E agora viu-me.

– Truman – digo, com a minha voz a soar simultaneamente rouca e estridente –, o que fazes aqui?

Os seus olhos atravessam-me, passando pelo tabuleiro, pelo uniforme, pelas calças pretas – que não me ficam nada bem. *Porque é que isso importa?*

– Tenho algumas pinturas em exposição... Trabalhas aqui? – pergunta ele. De repente, gostava de ser muito mais fixe do que ele. Porque ele parece tão fixe. Demasiado fixe. A expor o seu trabalho numa galeria? Tão fixe. – Não. Nem por isso. Sou empregada de mesa no restaurante que está a fazer o *catering* do evento – digo. – Espera, alguns destes quadros são *teus*?

– Sim. – Ele sorri para mim. É o mesmo sorriso do armário, aquela delicadeza aparente. – É uma grande diferença em relação aos caixotes no meu quarto, não é?

Ele faz referência a esse momento do nosso passado de uma forma tão casual, que me apanha desprevenida.

– Sim. Um bocadinho.

Ele ri-se, metendo desajeitadamente as mãos nos bolsos das calças de ganga pretas. Estou a baloiçar nos pés, equilibrando o tabuleiro numa mão, olhando à volta do espaço luminoso à procura de algo para dizer, algo para fazer.

Sem a Katie, que mais temos em comum?

– Então, quais são os teus? – pergunto, como uma idiota, porque,

na verdade, não tenho estado a prestar muita atenção à arte. Se tivesse prestado, teria de certeza reconhecido o trabalho do Truman.

No mesmo instante, o Truman diz:

– Eu devia parar de te incomodar e deixar-te voltar ao trabalho.

– Ah, pois – digo eu. – Sim, não, claro. Tenho de continuar a fazer a ronda. Sabes como são as pessoas ricas sem álcool...

Não faço ideia porque é que disse isto, já que o Truman é rico.

O meu cérebro deve ter fugido quando os meus pés se recusaram a fazê-lo.

Fico a olhar para a escultura de um busto de mulher a uns metros de distância. O alvo atual dos meus olhos é qualquer coisa menos a cara do Truman.

– Se tiveres um minuto, posso mostrar-te as minhas pinturas – diz ele.

O meu coração bateu violentamente. Quando volto a olhar para ele, ainda está a sorrir, a balançar-se de pé.

Será que quero ver as pinturas do Truman? Sim.

Mas será que devo deixar-me envolver numa conversa com ele? Não. Porque estou a trabalhar. Porque sou uma funcionária responsável. Porque não estou a ser paga para me esgueirar com o Truman Falls, não outra vez.

E porque, não me canso de o dizer, *preciso de me afastar dele*.

O Manny deve ser um leitor de mentes, porque aparece do nada. Sorri educadamente para o Truman e diz:

– Com licença.

Puxa-me pelo cotovelo. As taças de champanhe tilintam enquanto me conduz até à mesa corrida ao longo da parede direita, onde a comida está disposta, e onde está o seu pai, a encher tabuleiros com alguns dos aperitivos.

– Fiz alguma coisa errada? – pergunto, inocentemente, quando chegamos à mesa. Dei umas quantas voltas à sala. Vi esta gente rica devorar comida absurdamente pequena. Que mais há a fazer?

– O quê? Não. Espera... *Fizeste* alguma coisa errada? – pergunta,

olhando-me com desconfiança.

– Claro que não.

– Ótimo. – O Manny pega no meu tabuleiro e substitui-o por outro cheio de “pastéis de nata”. – O Ahmed está a servir as bebidas. Podes começar a pôr a comida a circular?

– Sim, capitão – digo, num tom irritante. Ele dá-me um leve empurrão no ombro. Dou alguns passos antes de o Sr. Álvaro chamar o meu nome. Volto a virar-me. Mais uma volta e deixo cair o tabuleiro. – Sim?

– Como está a correr? – pergunta, apontando com a cabeça para os convidados. Os funcionários estão todos a usar camisas de manga comprida, por isso as suas tatuagens estão completamente tapadas. Até as que tem nas mãos estão escondidas debaixo de luvas.

– Está tudo ótimo – digo eu. Presumo que se esteja a referir à comida e não ao meu encontro inesperado com um fantasma do passado, porque esse, por outro lado, não está a correr muito bem.

– Parece-te que estão a gostar?

– As pessoas estão a *adorar* tudo, Sr. Álvaro. – Dou um toque no braço do Manny com a minha mão livre. – Relaxa, está bem? Esta noite está a correr bem.

Mas o Manny parece tudo menos descontraído. Despacho-me e começo a andar às voltas com o novo tabuleiro, antes que ele, muito educadamente, me comece a gritar para o fazer.

Assim que começo a minha ronda, os meus olhos procuram o Truman, como dois mísseis inimigos. Felizmente, estou num evento de arte, e toda a gente está mais interessada em falar com os artistas do que com a rapariga que lhes distribui a comida. Passo despercebida no meio da multidão, na maior parte do tempo. Algumas pessoas param-me aqui e ali para pedir comida, mas nunca para falar comigo, o que é ótimo para mim. O meu cérebro está em sobrecarga. Preciso de alguns minutos para pensar, para processar.

É evidente que o Truman tem andado ocupado nestes últimos meses. Duvido que tenha passado muito tempo a sentir-se miserável

sem sair da cama, como eu. Tem estado ocupado a ser artista, provavelmente a pintar com vista para janelas e a marcar exposições em galerias de arte ao fim de semana. Mas ainda não sei o que aconteceu em Montreal, por que motivo foi para lá e o que fez enquanto lá esteve. O que estou a tentar perceber realmente é se foi importante. Há alguma razão que justifique ter deixado a Katie durante meses? Duvido que tenha ido fazer montanhismo pelo Quebeque em busca de uma erva com propriedades que despertam do coma quem a cheire.

O pior de tudo é que nada disto me diz respeito. O Truman não tinha de se justificar comigo antes de se ir embora. Eu também não tinha de me justificar quando decidi excluí-lo da minha vida e começar a evitá-lo como se fosse uma doença contagiosa. Então, qual é a diferença? Por que motivo me magoou tanto o seu desaparecimento?

Para ser honesta comigo mesma, a dor não começou no dia em que ele fez as malas e partiu para Montreal. Começou meses antes disso. Começou naquela noite no seu quarto, quando finalmente o tive para mim – a pessoa que eu tinha passado tanto tempo a desejar.

E assim que o tive, perdi-o.

A maré mudou tão depressa, que mal tive tempo de refletir sobre os meus sentimentos. Ainda estava em êxtase por o ter beijado quando recebi a notícia do acidente da Katie. Foi como se os melhores e os piores momentos da minha vida tivessem colidido. O Truman e eu nunca falámos sobre o que aconteceu entre nós nem o que significou. Nem sei se para ele significou alguma coisa, mas para mim significou.

Estou farta de que a minha vida seja tão complicada. O bom é sempre ofuscado pelo mau: o acidente da Katie e aquele beijo; a família do Manny a marcar este espetáculo e o Truman a aparecer. Por uma vez, porque é que não pode acontecer algo de bom sem senãos?

Caminho ao longo da parede esquerda. As pessoas estão em círculos apertados, a beber champanhe e a tentar parecer inteligentes,

como se percebessem metade do que estão a ver. Estou sempre a ouvir palavras como *perspetiva*, *subjetivo*, *justaposição*.

Preciso de um dicionário.

Desvio-me para evitar um grupo de mulheres e dou de caras com uma escultura de... Não sei o quê é, exatamente. É feita de metal. Parece um homem ajoelhado no chão. As suas mãos parecem estar a tentar puxar o que quer que esteja preso à sua cabeça. Uma televisão? Um velho computador de secretária?

– O que achas que significa?

Olho para a minha direita. Uma rapariga mais ou menos da minha idade está ao meu lado. Cabeça rapada, *piercing* no nariz, batom vermelho-vivo. Tem a cabeça inclinada para o lado, enquanto olha para a escultura.

– Algo demasiado avançado para eu entender – digo eu.

– Pode ser um comentário sobre a forma como a tecnologia eliminou completamente qualquer sentido de pensamento original e individualizado – diz ela.

– Ou pode ser apenas um tipo com uma caixa presa à cabeça – acrescento, com o meu impressionante conhecimento intelectual.

Ela ri-se.

– Parece-me o mais provável.

A rapariga pisca-me o olho, tira um pastel do meu tabuleiro e afasta-se. Por um instante, penso em ir atrás dela, mas depois o cabelo preto estúpido chama a minha atenção novamente. Pareço um dos peixes fisgados pela cana de pesca da Ramona.

O Truman está num canto, a falar para um grupo de cinco pessoas. Enquanto fala, gesticula para os quadros na parede atrás. O seu rosto está muito animado. É estranho vê-lo assim tão... feliz. É exatamente isso que parece neste momento, que ele está feliz.

E como sou um monstro malvado, odeio a sensação. Não me parece correto que esteja feliz depois de tudo o que passámos.

Ele vê-me no meio da multidão, e, por um breve instante, os seus olhos encontram os meus. Não sei porque estava à espera de que ele

me acenasse, gritasse o meu nome e me chamasse. Limita-se a desviar o olhar. Continua a falar, continua a sorrir.

Um homem de meia-idade aparece à minha frente e bloqueia-me a visão. Com os dedos sujos, rouba dois pastéis e afasta-se. Apetece-me deixar cair o tabuleiro no chão e deixar que se atirem a ele como pombos, mas acho que até o Manny, sempre tão querido, iria gritar comigo.

Com a minha linha de visão novamente desimpedida, continuo a observar o Truman. Concluo que os quatro quadros na parede são os seus. A esta distância, não os consigo distinguir. Tudo o que consigo ver são redemoinhos brilhantes de cor. Quero aproximar-me.

Em vez disso, dirijo-me para a direção oposta.

O Manny tinha-me dito que o evento iria acabar por volta das dez horas da noite.

O Manny é um mentiroso. Já é quase meia-noite, e as pessoas só agora começam a sair.

Doem-me os pés. Os músculos inexistentes dos meus braços estão doridos por segurar em tabuleiros a noite toda. Sinto-me mentalmente esgotada por ter estado rodeada de tanta gente. Além disso, dói-me o cérebro por ter visto tantas obras de arte. A única que compreendi realmente foi uma fotografia a preto e branco de um gato a beber de uma tigela de água. Não há muito para explicar.

Estou ao lado do Manny na mesa. O seu pai desapareceu para um canto com o Angelo há cinco minutos. Estamos a colocar a comida que sobrou em caixas de cartão que o Manny trouxe. Vai entregá-la a pessoas sem-abrigo, quando acabarmos o trabalho. Não sei como é que continuo a surpreender-me com a sua bondade. Ele merece uma medalha, a sério.

Estou a sonhar com um banho e deitar-me na cama quando o Manny diz:

– Então, quem era aquele tipo com quem estavas a falar?

– *Manny*.

Ele para de empacotar a comida.

– Que é?

Detenho-me por um instante e descanso a cabeça no seu braço, porque não lhe consigo chegar ao ombro.

– Este dia foi bastante mau. Não consigo lidar com os teus ciúmes neste momento – murmuro.

– Que ciúmes? Eu não tenho ciúmes – diz ele, demasiado depressa. Olho para ele fixamente.

– Tens a certeza?

– Não.

Começamos ambos a rir. Pelo menos, é honesto.

Passa para os “bolinhos de bacalhau”, pegando neles com uma pinça e distribuindo-os uniformemente pelas caixas.

– É o irmão da minha melhor amiga – digo casualmente, distraíndo-me a fechar as tampas. O Manny para de se mexer. Coitado, deve estar a entrar em choque por saber um facto da minha vida. – Não o via há meses.

– Sabias que ele ia estar aqui esta noite? – pergunta o Manny.

– Não. Se soubesse, não teria vindo.

O Manny assobia.

– Fogo. É assim tão grave, Eden?

– Nem fazes ideia. – Acabo de tapar as caixas com as tampas e empilho-as umas em cima das outras. – Esta noite correu bem, não achas?

– Que mudança de assunto subtil – diz ele. Eu esboço um sorriso. – Mas sim, correu tudo bem. Pelo menos, acho que sim. Vamos ver o que diz o Angelo.

Pego na pilha de cartões de visita que o pai do Manny deixou na mesa para os convidados.

– Há muito menos cartões agora do que quando começámos – comento.

Levanto a pilha para o Manny ver. Ele acena com a cabeça, impressionado.

– Isso é bom sinal.

– É mau que uma parte de mim queira que o restaurante continue calmo para eu poder relaxar durante o meu turno? – pergunto eu.

– Sim. És uma pessoa horrível.

Deito-lhe a língua de fora. O Manny entrega-me um monte de sacos de plástico e começamos a colocar as caixas cheias de comida dentro deles.

Tudo parece acontecer sem esforço para o Manny – ser simpático, ajudar as pessoas menos afortunadas. Ele é naturalmente bom a ser boa pessoa. Estou prestes a pedir-lhe algumas dicas quando ele diz:

– Então, esse tipo de antes...

– Manuel, *por favor*.

Uso o seu nome completo para enfatizar o quanto estou farta da conversa.

– Não é isso, Eden.

Ele faz-me um gesto com a cabeça, apontando para trás de mim, como quem diz *olha, ali*.

Não quero olhar.

– Não quero falar sobre o Truman. A sério, o que eu quero é fingir que esta noite nunca aconteceu.

O Manny continua a fazer acenos de cabeça estranhos e dramáticos para trás de mim. Os seus olhos estão arregalados, como se estivesse a tentar comunicar alguma coisa sem o dizer.

– Oh, meu Deus. O que é? – disparo e viro-me.

O Truman está mesmo atrás de mim, porque, evidentemente, teria de estar. Claramente, não tenho como fugir desta noite.

Olho fixamente para o Manny.

– Não me podias ter dito que ele estava aqui? – sussurro.

– Estava a dizer-to com os olhos – responde.

– Da próxima vez, tenta usar a boca.

Respiro fundo para acalmar o meu coração, que está a bater acelerado por uma razão completamente alheia. Sacudo as migalhas da minha camisa, dou meia-volta e dirijo-me para o Truman. A galeria

está quase vazia. Ainda deve estar cerca de uma dúzia de pessoas por ali, mas a maioria dirige-se para a porta, que é exatamente o que eu gostaria de fazer.

– Quanto é que ouviste? – pergunto.

– Não muito – mente ele.

Fico ali a brincar com as fitas do meu avental. Consigo ouvir o Manny atrás de nós, a mexer nos sacos de plástico, o som que fazem quando ele enfia as caixas lá dentro. Talvez consiga sair desta conversa mais depressa, se lhe mentir dizendo que preciso de ajudar o Manny a distribuir a comida.

O Truman estraga-me os planos quando diz:

– Ainda queres ver os meus quadros?

Eu devia dizer que não. Devia dizer-lhe que estou muito ocupada e que, tecnicamente, ainda estou a trabalhar, por isso não devia sequer estar a falar com ele. Devia dizer-lhe...

– Claro – diz a minha boca traidora.

Vale a pena ao ver o sorriso que toma conta de todo o seu rosto. *Não vale nada a pena*, corrijo-me mentalmente.

O meu cérebro ri-se de mim.

– Fixe – diz o Truman. – Estão ali no canto.

Enquanto ele me conduz ao longo da sala, imagino esta imagem exata no futuro. O Truman a passear por galerias como esta, só que maiores, mais chiques. Como o MoMA. Ou o Louvre. Ok, se calhar, o Louvre não. Mas, de qualquer forma, vejo-o a ser um artista famoso, a leiloar as suas obras por milhares de dólares, com fãs em todo o mundo, enquanto eu fico a definhar no TugaChicken, com o frasco das gorjetas cada vez mais vazio, a responder aos clientes e a ir a pé para o hospital aos fins de semana.

Quando nos encontramos perto o suficiente da parede, não preciso de lhe perguntar quais são os seus quadros. É completamente óbvio. Reconheço instantaneamente as pinceladas frenéticas, o delicado equilíbrio entre o áspero e o suave. Mais uma vez, sinto uma necessidade louca de lhes tocar.

O Truman coloca-se em frente dos quatro quadros e abre os braços como se dissesse *tcha-ram*.

– São estes os meus – diz ele, com um sorriso estranhamente tímido.

Fico a olhar para os quadros com admiração. Quero arrancá-los da parede e pendurá-los no meu quarto. Dessa forma, posso olhar para eles durante horas, analisá-los até ver diretamente a mente do Truman.

– Uau – solto.

Aproximo-me mais, até ficar a centímetros da parede. Consigo ver a textura das pinceladas, a forma como a tinta se espalha em curvas pela tela.

O primeiro quadro intitula-se *O Jardim*. É de uma rapariga sentada no meio de um prado, acho eu. Tudo em que ela toca fica castanho num mar de verde.

– Posso tocar-lhes? – pergunto.

A minha voz soa distante. Sinto-me longe.

– Força – diz o Truman.

Estico a mão e passo o dedo pelas manchas do rio, pelos ramos das árvores.

O Truman deu o título de *Sequela* ao segundo quadro. São duas pessoas a beijarem-se – não, a abraçarem-se. São feitas de sombras, de traços pretos suaves e linhas esbatidas que não têm um ponto de partida nem de chegada. O mundo à sua volta está a arder. As chamas lambem-lhes os pés. Eles parecem não dar por isso.

O terceiro mostra tão claramente a Katie, que me deixa de respiração suspensa. A tela inteira é água ondulante. As pinceladas de amarelo da luz do sol refletem-se no azul. O Truman pintou a Katie no meio da tela a flutuar, a olhar para o céu. De certa forma, parece que ela está a olhar diretamente para mim.

– Lembro-me deste dia – digo tão baixinho, que não sei se o Truman conseguiu ouvir. – Começou a chover assim que ela entrou na piscina.

O sol tinha desaparecido numa fração de segundo. De repente, o céu abriu-se e a chuva caiu-nos em cima. Eu, a Katie e o Truman começámos a correr tão rapidamente para dentro de casa, que os nossos pés patinaram nas pedras escorregadias.

– A minha mãe fez-vos chocolate quente – diz o Truman.

– Deviam estar quase trinta graus lá fora.

O Truman começa a rir-se e percebo que ele também lá está, voltou atrás no tempo, àquela memória, àquele passado.

– A Katie estava obcecada pelo céu – diz ele.

O comentário apanha-me desprevenida e desvia-me a atenção do quadro. Eu nunca soube disso. A Katie passou por fases em que era obcecada por tudo: astrologia, maquilhagem, programas da Shonda Rhimes. Mas pelo céu?

Não me lembro de ela ter dito nada sobre o céu.

Como é que eu não sabia disso?

– Estava? – pergunto, sentindo-me a pior amiga do mundo mais uma vez.

– Estava – repete o Truman.

Quero correr para o hospital agora mesmo e fazê-la acordar, para que me possa contar todas as outras partes que eu não conhecia.

Não posso ficar muito tempo a pensar nisso. Devo ter uma memória algures da Katie em que ela fala sobre o céu. Não consigo lembrar-me de nenhuma.

Passo para o último quadro. É o único que já tinha visto antes: o quadro da rapariga a chorar. O mesmo que vi no quarto do Truman naquela noite.

Sinto o Truman ainda ao meu lado. Parece que a galeria inteira encolheu, como se se estivesse a fechar sobre mim. Estou de volta ao seu quarto, sentada na cama, encostada a ele, cheia de vontade e desejo. Lembro-me do quanto precisava de o beijar. Parecia que todos os pensamentos tinham fugido da minha mente, exceto aquele: o pensamento dos lábios do Truman nos meus.

Fecho a porta à memória, tapo-a com tábuas, giro a fechadura e

escondendo a chave. Preciso de parar de me deixar levar tão livremente para esses momentos, especialmente em público, onde posso fazer alguma coisa verdadeiramente estúpida.

Não seria a primeira vez.

Olho para o Truman e procuro no seu rosto algum sinal de que também se está a lembrar dessa noite. Ele olha fixamente em frente. Não olha para mim. Isso diz-me tudo o que preciso de saber.

Recuo um passo. Depois outro e mais outro.

– Parabéns pela exposição – digo, com um aceno.

Preciso de sair daqui. Estar perto do Truman é pior do que eu pensava. As memórias não são apenas passageiras – é como se vivessem dentro dele. Com um olhar para o seu rosto, sou transportada de volta no tempo para momentos nos quais não me posso permitir pensar.

Não ouço a reação do Truman. Corro para junto do Manny, suando e respirando tão depressa, que parece que vou desmaiar.

– Preciso de me ir embora. Podes acabar isto?

– Porquê? O que aconteceu? – O Manny levanta-se da mesa, vê a minha expressão e o seu olhar dirige-se imediatamente para o Truman. – Edén, estás bem?

– Estou bem. Eu só... Acho que preciso de apanhar ar.

– Está bem – diz ele, já a pegar no casaco que está na cadeira. – Eu vou contigo.

– Não! Manny, eu estou bem. Fica aqui e ajuda o teu pai, está bem? – Pego na minha mala que estava debaixo da mesa e desaperto o avental. – Vejo-te amanhã.

Corro para a porta, sentindo-me a começar a suar. Num segundo, estou a correr sobre o mármore branco brilhante; no segundo seguinte, são as pedras do jardim da Katie, brilhantes e brancas do banho de sol. Parece-me ouvir a sua voz num grito, mas na verdade é o gemido da porta de metal quando a abro. O ar fresco da noite bate-me na cara, e fico ali, a inspirá-lo. A recordação desaparece. O som da voz da Katie desvanece-se. Está melhor. Tudo parece melhor.

Recomponho-me, coloco a mala ao ombro e agarro o telemóvel com demasiada força. Os carros estão a passar. Um elétrico passa no meio da rua. Há uma *pizzaria* do outro lado da rua, com um letreiro a dizer ABERTO em luzes néon a brilhar na janela. Ao lado, uma lavandaria aberta vinte e quatro horas por dia. Absorvo todos os pequenos pormenores: o ruído desvanecido do alarme de um carro que ecoa umas ruas à frente, o tremeluzir de um candeeiro de rua, o aroma das especiarias no ar do restaurante indiano algumas casas abaixo.

Tento absorver o máximo possível do que me rodeia. Recordo-me de que todas estas coisas – estas imagens, estes sons, estes cheiros – são reais. As memórias já não são. E não importa o quanto as queira por vezes, não posso viver nelas.

Por fim, começo a sentir-me melhor. A minha respiração abranda. A súbita onda de calor desaparece. Ainda assim, sinto-me um pouco instável. Dirijo-me para um banco um pouco afastado. Fica entre um caixote do lixo e uma fila de bicicletas de aluguer. Sento-me e concentro-me no peso do meu telemóvel na mão e da minha mala ao ombro.

Quando foi a última vez que comi?

Tiro da minha mala uma barra energética da Ramona, que tinha trazido antes de sair do nosso apartamento à tarde. Leio a embalagem roxa: *Fudge Brownie*. Se é mais um lote de produtos que lhe enviaram, não tenho grandes esperanças. Quando dou uma dentada, fica-me logo colado aos dentes. E sabe a terra.

Tiro uma fotografia de mim própria a fazer uma careta e envio-a à Mona. *Isto sabe a cocó*, escrevo.

Ela responde de imediato: *E como é que sabes exatamente a que é que isso sabe?*

Respondo com o *emoji* do dedo do meio.

Deito a barra energética no caixote do lixo e olho para a *pizzaria* do outro lado da rua. Será que vale a pena gastar dinheiro numa fatia, quando tenho um frigorífico cheio de comida em casa? Sim, vale a

pena. Volto para a passadeira, carrego no botão e espero que o semáforo mude.

Depois, ouço chamarem o meu nome.

– Eden!

Lá está ele outra vez.

Viro-me para a esquerda, na direção da galeria de arte. É o Truman. Está a correr pela rua, desviando-se dos peões que se dirigem para ele. Ouço-o murmurar “desculpe” vezes sem conta, até estar à minha frente, ofegante.

Tem um dos seus quadros debaixo do braço.

– Olá – diz o Truman, antes de fazer uma pausa para respirar fundo. – Foste embora tão depressa que não te pude dar isto.

Ele estende-me o quadro.

É o da Katie.

– Truman...

Não sei o que dizer.

– Fica com ele – diz. – A sério, quero que fiques com ele.

Abraço o quadro contra o peito. Não tento contrariá-lo. Porque eu quero-o. Preciso dele. Contenho as lágrimas.

– Obrigada.

O semáforo dos carros fica vermelho. Tenho de atravessar.

– Espera. – O Truman estende a mão, como se estivesse a tentar alcançar o meu braço para me segurar, mas pensa duas vezes e deixa-o pairar no ar. – Encontrámo-nos duas vezes esta semana – diz. – Tem de significar alguma coisa.

– Que esta cidade não é tão grande como eu pensava? – atiro-lhe.

O Truman abana a cabeça e passa a mão pelo cabelo, que se solta, liberto de todo aquele gel. Fica pendurado nas orelhas, selvagem como dantes.

– Eden. Eu, hum – gagueja. – Olha, isto é estranho. Eu sei disso. Não nos vemos há meses, e tenho quase a certeza de que me tens evitado. E não faz mal, eu percebo. Mas achas que podíamos falar um dia destes? Sobre, bem, tudo?

– Não acho muito boa ideia – digo.

Olho para o quadro da Katie. Os seus olhos observam-me fixamente.

– Por favor.

A intensidade da dor que ouço nas palavras faz-me quebrar todas as regras e olhar para o Truman diretamente nos olhos. Apercebo-me então de que os sorrisos e as gargalhadas de antes eram só teatro. Ele estava a fingir, dando às pessoas a versão de si próprio que ele pensava que queriam ver – tal como eu faço. Porque este Truman, o que está à minha frente neste momento, parece que se vai desmoronar a qualquer momento.

– O restaurante onde trabalho chama-se TugaChicken – ouço-me a dizer. – Fica na Queen Street. Trabalho lá todas as noites.

Depois, agarro o quadro ainda com mais força e corro para o outro lado da rua.

TRUMAN

O Milo vem a minha casa no dia seguinte. Estamos a olhar para o ecrã da televisão há três horas. Sinto-me desligado do meu cérebro, o que é fantástico. Depois da noite passada, quero evitar pensar e olhar para obras de arte durante os próximos dias. A exposição mexeu com a minha cabeça. Detestei sentir-me tão vulnerável, tão exposto, como se tivesse revelado o meu interior. Ao mesmo tempo... fez-me sentir compreendido e estranhamente valorizado. Depois de pintar em segredo durante tanto tempo, poder exprimir esse meu lado em pessoa foi uma espécie de libertação. E ser capaz de o partilhar com pessoas que pareciam não só perceber mas também gostar do que eu criei... Foi surreal.

Se ignorar a ansiedade o suficiente, já estou com vontade de o fazer novamente. Talvez daqui a umas semanas. Neste momento, preciso de uma pausa para não pensar em arte. Sim, apenas uma pausa da arte. É o único pensamento que tenho hoje. Não estou a pensar na Eden. Não, isso seria despropositado.

Ainda nem passaram vinte e quatro horas desde a última vez que vi a Eden, mas tenho de me impedir fisicamente de sair pela porta e ir diretamente para o restaurante onde ela trabalha para a ver outra vez.

Bastaram-me cinco minutos depois do nosso encontro para perceber exatamente o quanto sou patético. Bastante patético. Um minuto com ela cicatrizou todas as feridas do meu corpo e fez-me sentir inteiro outra vez, ainda que apenas por uns momentos. Bastou um olhar e estávamos de volta àquele quarto. Eu estava a beijá-la, e a dor e culpa dos últimos meses foram apagadas com uma borracha. Ela

transportou-me para trás no tempo. Lembrou-me de como me sentia antes de tudo isto – como me sentia em relação a ela.

A Eden era a amiga da Katie, uma rapariga de olhos enormes que apareceu um dia e parecia nunca mais se ir embora. Estava sempre algures: sentada à mesa da cozinha, deitada à beira da piscina, empoleirada no sofá ou a passear pelo corredor. A Eden estava perto, mas parecia estar tão longe. Existia atrás de uma muralha, porque era errado pensar na amiga da minha irmã como mais do que uma miúda intrometida, chata e irritante. Mas a Eden não era de todo assim. O problema é que eu nunca soube como é que ela era. A Katie parecia tentar manter-nos afastados sempre que podia. Quando falávamos, era sobre nada. Estávamos sozinhos apenas por dois segundos, antes de a Katie vir a correr pelo corredor, agarrar na mão da Eden e levá-la. Mas, de vez em quando, certos momentos convenciam-me de que tinha de haver algo por baixo da superfície, como o dia em que fomos à baixa para as visitas guiadas ao campus. Partilhámos olhares demorados, momentos intensos. Parecia que estávamos ambos à espera de que o outro desse um passo. Que atravessasse a linha.

Naquela noite, no meu quarto, tudo mudou. Transformou todos estes “e se” num momento tangível que, por uma vez, parecia estar ao meu alcance. Quando a Eden falou sobre a minha arte como algo importante e que valia a pena ser partilhada, foi a primeira vez que senti uma chama de esperança no meu peito. Porque ela me percebeu. Ela parecia perceber-me – mesmo aquela parte silenciosa e escondida de mim que não estava à vista de ninguém. Ela recebeu tudo de braços abertos, e pareceu-me ser suficiente para ela. Ou talvez eu fosse suficiente. Pela primeira vez, pensei que talvez chatear a Katie e estar com a Eden não fosse uma coisa assim tão má. Talvez valesse a pena, para poder transformar este pequeno momento em algo muito maior.

Depois, em cinco minutos, o mundo virou-se de pernas para o ar. Nunca tivemos a hipótese de... não sei, *namorar*? De estarmos juntos por mais do que um minuto sem que a realidade implodisse?

E agora ela está de volta e reacendeu em mim aquela pequena centelha de esperança. Quão patético é isto? Mal consegui olhar o Milo nos olhos toda a manhã. Se ele visse a confusão em que a Eden me transformou, nunca mais iria parar de falar disso.

Há também a pequena hipótese de a Eden me odiar. Tenho de lhe perguntar – isto é, se ela voltar a falar comigo.

Passo o polegar sobre o comando da consola, e a personagem do Milo no *Zombie Feast II* cai para o lado e morre. O sangue jorra-lhe do pescoço.

O Milo atira o comando contra a televisão.

– Deste-me um tiro na cabeça? Estamos na mesma equipa!

Pois, não estou lá com muito bom humor.

– Desculpa, amigo. Tive de te sacrificar para me salvar – digo.

A horda de *zombies* que nos tinha cercado distrai-se a comer o corpo da personagem, por isso escapo sem problemas. O Milo vai a correr para a cozinha, enquanto resmunga entre dentes, e ouço-o a abrir a porta do frigorífico. No ecrã, guio a minha personagem pelo deserto. O mapa é um circo abandonado, com tendas assustadoras às riscas e jogos de feira velhos que agora estão infestados de *zombies*. Recarrego a minha arma e dou-lhes tiros na cabeça, a um atrás do outro. A contagem de mortes no lado do ecrã aumenta, mas já não me estou a divertir. A distração foi boa no início, mas agora dói-me a cabeça por não ter comido nada o dia todo. Ponho o comando de lado e vou ter com o Milo à cozinha.

– Não há comida – diz ele, bebendo diretamente do pacote de sumo de laranja.

– Onde raio foste criado? Num celeiro?

Tiro-lhe o pacote. Está vazio. Atiro-o para o lixo.

– Não. Em Mississauga – diz ele.

– Não há comida, porque já a comeste toda.

Quando abro o frigorífico, vejo que o Milo tem razão – está vazio, tirando alguns pacotes de leite e comida indiana de *takeaway* fora de prazo, que já nem ao Milo interessam. A minha mãe tem passado o

tempo todo no hospital e o meu pai tem trabalhado sem parar. Não tenho a certeza se está assim tão ocupado ou se é a sua forma de lidar com a situação. Seja como for, não está cá ninguém para fazer as tarefas básicas. E eu tenho andado tão distraído com os preparativos para a exposição de arte, que também não tenho feito a minha parte.

Verifico o congelador. Xequemate: uma *pizza* congelada. Ligo o forno e enfio-a lá dentro ainda antes de estar pré-aquecido. Depois, puxo o banco da ilha, sento-me e afundo a cabeça entre as mãos. Se ao menos pudesse arrancar o meu cérebro, para que ele parasse de me mostrar o rosto da Eden como um ato de tortura.

– Então – começa o Milo –, é de propósito que não estamos a falar sobre como correu a noite passada ou...?

– Não vamos falar sobre isso – murmuro para o meu antebraço.

– Foi assim tão mau?

– Estás a falar sobre isso – digo eu, irritado.

Ouçoo o banco ao meu lado a bater no chão, seguido do som do ar que é libertado do couro num *whoosh*, quando ele se senta. Gigante de um raio.

– Acho que estou apaixonado pela tua ex – diz o Milo, do nada.

Isso faz-me sentar direito de imediato.

– O quê? – Engasgo-me.

O Milo soa tão abatido, como um idiota perdido de amor.

– Vi-a no bar no outro dia.

– Acho que ela mencionou qualquer coisa sobre isso – digo eu, estremecendo ao lembrar-me da conversa.

Todo o seu rosto se ilumina como uma luz que se acende.

– Mencionou? O que é que ela disse?

– Hã... – Não me parece que seja muito útil contar-lhe que a Santana se escondeu na casa de banho ou que passou toda a chamada a pedir dicas para o evitar. Digo apenas: – Ela está a fazer-se de difícil.

O Milo solta um grunhido.

– Já imaginava. Não sei o que é que ela tem, meu, mas é tão...

– Irritante?

– Sim – diz ele.

– Má?

– Oh, sim, tão malvada – concorda.

– Faz-te sentir que estás a esmagar todo o teu ego mesmo quando te elogia? – pergunto eu.

– Exatamente – diz ele.

Para meu espanto, ele está a sorrir. De orelha a orelha. Disse-lhe todas as características da Santana que eu não suportava, todas as razões que repetia na minha cabeça sempre que acabava com ela, e aqui está este tipo, a adorar tudo, como se fossem qualidades.

Raios partam. Afinal, talvez fossem bons um para o outro.

– A Santana não gosta de promessas vazias. – Ouço-me a dizer. – Ela é demasiado independente para isso. O que ela quer são ações. Mostra-lhe que queres estar com ela. E diz-lhe que está bonita.

– Eu digo-lhe sempre que está bonita – diz o Milo, confuso.

– E?

– E ela diz “Eu sei” e vai-se embora.

– Ela é assim mesmo – confirmo. – Precisas de lhe quebrar o gelo exterior e depois estás safo, meu.

O Milo passa a mão sobre a cabeça rapada. O seu antebraço está coberto por uma tatuagem com uma forma curvada que sempre pensei ser uma cobra. Apercebo-me de que é um pedaço de corda a desfiar.

– Posso ser sincero contigo? – pergunta ele. – Sei que nunca conheci a tua irmã, mas quando soube o que lhe aconteceu... Deixou-me a pensar. Pelo menos, fez-me perceber que tudo pode mudar num instante.

Assinto. Já experimentei tentar ver sempre as coisas pelo lado positivo. É bom. Mas o que funciona melhor para mim é viver metade no lado positivo e metade na escuridão absoluta. Como se costuma dizer, não se pode olhar diretamente para o sol durante muito tempo.

– É mesmo isso – digo.

– Se calhar, vou arriscar com a Santana. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

– Ela partir-te o coração em milhões de bocadinhos? – sugiro, porque sou um grande idiota.

– Pelo menos, estaria finalmente a dar-me algum tipo de atenção – responde, com uma gargalhada.

O forno apita. Finalmente está pré-aquecido.

O Milo resmunga.

– Não me apetece muito *pizza* – diz ele.

Verdade seja dita, também não estou com grande vontade. Depois de ouvir a declaração de amor do Milo pela minha ex, surge-me uma ideia. Provavelmente, não é uma boa ideia. Reformulo: definitivamente, não é uma boa ideia. *Qual é a pior coisa que pode acontecer?* Estou prestes a descobrir.

– Sabes que mais? A mim também não.

Agarro na camisola com capuz que está pendurada na cadeira e enfio-a pela cabeça, apesar de o sol estar a brilhar intensamente lá fora, deixando o nosso apartamento inundado de luz.

– Eu já volto – digo.

As chaves do carro ainda estão em cima da bancada, para onde as atirei ontem à noite. Enfio-as no bolso, pego no telemóvel e dirijo-me para a porta.

– Onde é que vais? – pergunta o Milo, quando passo por ele.

– Apetece-me comida portuguesa.

Quando entro no TugaChicken, o sítio está completamente morto. Não estava à espera disto. O empregado ao balcão levanta os olhos do telemóvel e, como por instinto, pega numa ementa de plástico.

– Mesa para um? – pergunta.

Aproximo-me e leio *Ahmed* no seu crachá. Estou a tentar perceber de onde o conheço, mas depois apercebo-me de que ele esteve na exposição de arte ontem à noite.

– Não, obrigado. Estou à procura da Eden.

Ele limita-se a pestanejar. Tem os olhos vidrados e raiados de vermelho.

– O quê? – diz ele.
– Meu, estás pedrado?
– Chiu! – Ele olha por cima do ombro e depois lança-me um olhar.
– Não digas isso tão alto. Não estou pedrado. Estou... cansado. Não durmo há algum tempo.

Parece que ele não dorme há um ano. Não que eu o possa julgar.
– Olha, não importa. Estou à procura da Eden. Ela está a trabalhar?

Uma lâmpada parece acender-se na sua mente.
– Oh. Certo. O turno dela só começa daqui a pouco... – Ele olha para o relógio. – Daqui a duas horas.

Sou um completo idiota. O que é que ela disse ontem? *Trabalho lá todas as noites*. Merda. Fui tão apanhado de surpresa por ela ter falado comigo que mal ouvi o que ela disse.

Não há problema. Duas horas são apenas cento e vinte minutos. É como ver três episódios de uma série de quarenta minutos. Não é tempo nenhum. É canja.

Agradeço ao Ahmed e dirijo-me para uma mesa, preparado para esperar muito tempo.

– Mas não queres a ementa? – pergunta.
– Pode ser – respondo.

Saí do apartamento com tanta pressa que não comi nada da *pizza*. Tudo o que comi esta manhã foi um *bagel* que o Milo me trouxe. Que merda. Se calhar não o devia ter deixado sozinho em minha casa. Porque é que o meu cérebro avaria sempre que se fala na Eden? Preciso de o pôr a funcionar novamente.

Leio o menu de uma ponta à outra, porque quero conhecer o sítio onde a Eden parece passar todo o seu tempo. A primeira coisa em que reparo é que o menu está pegajoso, como se alguém tivesse entornado refrigerante e nunca tivesse sido limpo. A ementa está em português e inglês, coisa que o meu lado idiota aprecia bastante. Estou a ler a secção das sobremesas, distraído com uma coisa chamada “pastel de nata”, quando vejo uma foto deles no meio da página, e reconheço

que são os pastéis que a Eden andava a servir a noite passada.

Na noite passada, quando ela apareceu do nada durante um dos maiores momentos da minha carreira. Espera, quando é que comecei a ver a pintura como a minha carreira? Não tenho a certeza, mas parece-me ser o termo correto. É realmente a única coisa que parece trazer-me algum tipo de felicidade, por mais fugaz que seja. Por isso, talvez deva persistir, levá-la mais a sério.

A exposição não incluiu o típico leilão de venda. O Angelo disse que servia apenas para mostrar o talento local e ajudar a “divulgar os nossos nomes”. Quando a noite acabou, ele chamou-me à parte e disse que achava que tinha corrido muito bem. Algumas pessoas tinham-lhe feito perguntas sobre mim, como me chamava, se tinha um *website*, por quanto é que os meus quadros se vendiam. Parecia bizarro que não me tivessem simplesmente perguntado diretamente, mas enfim. Gostava de me ter lembrado de levar cartões de visita para distribuir.

Na verdade, se calhar também devia criar um *website*. E talvez considerar deixar o anonimato na minha conta do Instagram. Mas só daqui a uns tempos. A noite passada já foi de mais. Se a minha arte tiver sucesso, quero um pouco mais de paz antes de decidir associar-lhe o meu rosto.

Como um idiota ingénuo, já me estou a imaginar a andar pelas ruas e a ser reconhecido. As pessoas a pedirem-me uma fotografia, um *autógrafo*.

O Ahmed aparece na minha mesa exatamente na altura certa. O meu ego precisa imediatamente de um confronto com a realidade.

Fita-me com um bloco de papel na mão.

– Que vai ser? – pergunta ele.

Está tão claramente pedrado que chega a ter piada.

Peço o almoço especial: frango assado, batatas, arroz e um daqueles pastéis à parte, porque acho que a Eden iria recomendar-mo.

– E uma água. Por favor – acrescento, porque estou sempre a ouvir a voz da minha mãe na minha cabeça: *Diz por favor e obrigado*.

Ele vai-se embora e desaparece para a cozinha. Ouço-o dizer o meu

pedido. Olho à volta do restaurante e tento vê-lo com os olhos de *designer* de interiores da minha mãe. É um pouco piroso, com azulejos de linóleo antigos e bancos de couro desbotado. Ao longo do balcão que fica na parede ao fundo estão bancos alinhados. Parece que costumava ser um *diner* e que o proprietário tinha tentado transformá-lo num restaurante a sério, mas desistiu a meio. No entanto, a comida é boa – pelo menos, daquilo que provei ontem à noite. Mas quase não tinha apetite; os nervos deram-me cabo do estômago.

Os nervos e a expectativa de que a Eden percebesse que figurava nos meus quadros.

Acho que não reparou. Teria visto o reconhecimento no seu rosto, como quando ela viu o quadro da rapariga a chorar. Ela não se apercebeu de que era ela que estava sentada no banco de *O Jardim* nem que éramos nós a agarrarmo-nos um ao outro no *Sequela*. Se calhar foi melhor assim. A Eden passou os últimos cinco meses a evitar-me. Não me parece que ficaria muito satisfeita se descobrisse que passei estes últimos meses a pintá-la.

Olho em volta e tento ver o tipo do cabelo encaracolado com quem ela estava a falar ontem à noite na exposição. Sinto-me aliviado quando não o vejo. Não porque estou com ciúmes nem nada do género. Isso seria completamente ridículo. Completamente injustificado.

O Ahmed aproxima-se com um monte de comida a fumar. Pousa-a à minha frente e depois afasta-se. A dose é enorme, tão grande, que nem o Milo conseguia acabar isto. O arroz e as batatas estão empilhados em mini montanhas. Começo por comer os pastéis – em honra da Katie, que era uma grande fã de comer a sobremesa antes do prato principal. Quando dou a primeira dentada, fico chocado por este sítio não ter uma fila à porta. É das melhores coisas que já comi.

Enquanto como, verifico o meu *e-mail*, as mensagens no telemóvel e no Instagram. Tenho alguns novos seguidores desde ontem à noite, mas deve ser uma coincidência, uma vez que a minha conta é

anónima. O Angelo disse-me que “entraria em contacto para falar de outras oportunidades”. O problema é que não faço ideia do que isso significa. Será que me vai enviar um *e-mail*? Talvez fazer-me outra emboscada num café com a Santana? Provavelmente, posso pedir à Santana que lhe peça pormenores da próxima vez que trabalharem juntos, mas não quero parecer desesperado – embora seja exatamente assim que me sinto.

Vejo as horas. Ainda falta uma hora para o turno da Eden começar. Tento focar-me noutra coisa, como no projeto do céu para a Katie, que está finalmente a avançar. Estive no seu quarto ontem à noite e percebi que a tela que preciso está ali mesmo: as paredes e o teto. Assim que arranjar tinta azul e branca, estou pronto. Bem, falta-me isso e os móveis, para completar o seu quarto. Começo a procurar no Marketplace uma cama, uma cómoda e uma mesinha de cabeceira, nas quais tenciono pintar nuvens. Se o resultado for como imagino, o quarto vai parecer o céu quando terminar.

Percorro os anúncios durante algum tempo, mas nada parece certo. Tem de ser de madeira, para que eu possa lixá-la, e de uma cor clara o suficiente para que os azuis e brancos-pálidos se possam destacar. Talvez carvalho ou bétula. Escrevo os detalhes na barra de pesquisa e carrego em atualizar. Aparece um novo anúncio: *Mobília de quarto de quatro peças em carvalho. Bem estimada!* Clico nas fotografias que o vendedor publicou e vejo que algumas partes da madeira à volta das extremidades estão um pouco danificadas, mas nada que uma camada de primário não resolva. Envio uma mensagem ao vendedor, perguntando se o conjunto ainda está disponível. Ele responde em segundos: *Sim. Pode vir buscá-lo hoje?* Ele vive em Parkdale, que fica a poucos minutos de distância. Respondo-lhe: *Sim.*

Se realmente me esforçar, posso ter o novo quarto da Katie pronto numa semana ou duas. Não que tenha qualquer indicação ou limite de tempo. A Katie pode decidir abrir os olhos amanhã ou no próximo ano. Quando isso acontecer – porque vai acontecer –, vai estar pronto.

A campainha da porta do restaurante toca. Olho para cima e vejo a

Eden, quarenta minutos mais cedo. O cabelo emoldura-lhe a cara, e traz a mochila mais pequena que alguma vez vi pendurada num dos ombros. Ela entra, com os auscultadores enfiados nos ouvidos, e está quase a chegar à porta da cozinha, mas para abruptamente.

Lentamente, vira-se. Os seus olhos pousam diretamente em mim. Depois, abrem-se consideravelmente, tal como na noite passada.

Eu aceno. Ela não se mexe.

– Olá – digo. Ela tira os auscultadores.

Começo a dar-me conta de que isto não foi uma boa ideia. Ela olha-me como se eu fosse a última pessoa no mundo que ela quisesse ver, o que é um pouco doloroso. Depois, aproxima-se muito lentamente, como se se arrependesse de cada passo dado.

Pois, não devia ter vindo.

– O que estás a fazer aqui? – pergunta, soando tão áspera como um sargento a dar ordens.

– Disseste-me para passar por cá.

– Não pensei que aparecesses no *dia seguinte*, Truman.

Não vou admitir que não conseguia parar de pensar nela. Digo:

– Apetecia-me comida portuguesa.

Ela bufa e prende a alça solta da mochila sobre o ombro nu.

– Que conveniente. – Depois, os seus olhos semicerram-se, focando o prato meio comido à minha frente. – Há quanto tempo estás aqui? – pergunta ela.

Bebo um gole de água, empatando.

– Há uma hora. – A Eden pressiona dois dedos na têmpora e fecha os olhos. – Dor de cabeça?

– Sim. Apareceu de repente – diz ela, como se soubesse *exatamente* de onde veio.

Ainda me surpreende quão estranho é vê-la sozinha, sem a Katie a dizer-lhe o que dizer e o que fazer. Era mais ou menos assim que a sua amizade parecia funcionar. A Katie puxava os cordelinhos, e a Eden seguia-a por arrasto. Ao vê-la sozinha, a dizer e a fazer o que ela própria quer, tenho a sensação de que estou a falar com ela pela

primeira vez – pelo menos, com a Eden verdadeira.

– Falei com o Ahmed. Ele está sempre...?

– Pedrado? – pergunta ela. – Sim.

– Ele disse que começavas a trabalhar às cinco – digo.

A Eden parece estar a pensar seriamente em confrontá-lo e dar-lhe um bom sermão.

– Então, o Ahmed escolheu o dia de hoje para se tornar falador. Isso é fantástico. Ele revelou-te mais algum pormenor da minha vida?

– Hã, não?

Algo está errado. Ela não parece nada feliz por me ver. Acho que nem sequer estava à espera de que ela ficasse feliz. Só não estava à espera *disto*.

– É melhor ir-me embora.

Pego na minha carteira e começo a contar algumas notas. É óbvio que a Eden ainda não está pronta para deixar de me evitar. O que é ótimo. É uma treta, mas é bom. Não a censuro. Que verá ela quando olha para mim? *Olha, aqui está a pessoa responsável por a Katie não estar aqui*. Sim, não a posso culpar por me pôr em último lugar na lista das suas prioridades.

Uma parte otimista de mim teve esperança de que a noite passada tivesse mudado alguma coisa. Deve ter sido imaginação minha.

Ponho as notas na mesa e estou prestes a levantar-me quando ela diz:

– Truman, espera.

Depois, tira a mochila das costas e senta-se. Fico à espera de que ela diga alguma coisa quando a vejo a olhar para o prato que mal comecei a comer.

– Tens... fome? – pergunto, com cuidado.

– Um bocadinho. Vim mais cedo para que o Manny me pudesse fazer alguma coisa, antes de começar o meu turno. Já agora, o Manny é o chefe de cozinha. Talvez o tenhas visto ontem à noite. – Ela diz tudo isto a olhar para o prato de comida.

Por fim, deslizo-o para ela do outro lado da mesa.

- Podes ficar com ele – digo.
- O quê? Não. Mal lhe tocaste.
- Comi um bocado. E comi um daqueles pastéis.

Todo o seu rosto se ilumina.

- Não são incríveis? Espera um pouco.

A Eden sai a correr, abaixa-se atrás do balcão. Volta com um garfo limpo na mão, desliza de novo para a mesa e começa a devorar tudo.

– Não comes em casa? – pergunto, mas logo me apetece dar um pontapé em mim próprio. Não é da minha conta o que ela faz ou deixa de fazer. O que me leva a outro pensamento: onde é que ela vive? Não faço ideia de como foram os últimos cinco meses da sua vida.

A falta de conhecimento é alarmante.

– Só temos um monte de cereais que sabem a cartão – diz ela, sem dar mais qualquer explicação. Quero perguntar-lhe quem é o “nós”. Na verdade, há cerca de três triliões de perguntas que lhe quero fazer.

O meu telemóvel toca. É a Santana. Mando-a para o *voice mail*.

– Podes atender – diz a Eden, espetando o garfo numa batata com uma agressividade alarmante.

- Não é importante – digo.

A Santana deve estar a telefonar para se queixar do que quer que o Milo tenha feito agora. Talvez a tenha olhado diretamente nos olhos – o que seria suficiente para ela lhe arrancar a cabeça à dentada.

O meu telemóvel toca outra vez. A Santana.

Os olhos da Eden erguem-se para os meus.

- Parece importante – comenta.

Desligo o aparelho e enfio-o debaixo da perna.

- Há quanto tempo trabalhas aqui? – pergunto.

– Foi por isto que esperaste duas horas por mim? Para discutir a minha carreira de empregada de mesa? – diz ela.

Ponho a cabeça a trabalhar e tento lembrar-me da Eden a ser sarcástica. Não me consigo lembrar de uma única altura em que ela não estivesse... calma.

– Bem, para isso e para te dar de comer – digo eu –, porque claramente mais ninguém o faz.

Ela franze o sobrolho.

– O Manny dá-me de comer. E, tal como eu disse, tenho cereais.

– Parece-me apetitoso.

– Não são. Sabem a cartão.

Eu rio-me. Não consigo deixar de olhar para ela.

– Nunca teria adivinhado.

A Eden empurra o prato vazio na minha direção. Depois, coloca os cotovelos na mesa, cruza os braços e inclina-se para a frente. Está a olhar para mim como se estivesse a tentar ler a minha mente. Lembro-me de que, ontem à noite, não consegui que ela me olhasse nos olhos uma única vez. O que é que mudou?

– Tenho muitas perguntas para ti, Truman – diz ela, finalmente.

– Eu também tenho muitas perguntas para ti, Eden.

– Como o quê? – insiste ela.

Quero perguntar-lhe com quem vive, onde vive, porque está a trabalhar aqui e se ainda vai para a universidade no outono. Quero perguntar-lhe se pensou em mim e porque passou meses a ignorar-me – bom, a essa pergunta eu sei a resposta. O que eu quero mesmo saber é se ela já deixou de fingir que eu não existo, porque eu não consegui deixar de estar consciente disso desde a noite em que a beijei.

Há uma lista de perguntas para as quais preciso de respostas, mas nenhuma delas me parece adequada neste momento.

Abano a cabeça e passo o dedo pela condensação do meu copo de água.

– Cereais? – pergunto. Parece-me o ponto de partida mais seguro.

– A minha colega de casa, a Ramona, é uma *blogger* de comida. Envia-lhe uma carrada de produtos de marcas diferentes para colaborações no Instagram. Os mais recentes foram umas caixas de cereais proteicos que sabem a cartão. Espera, isso pode ser um insulto ao cartão.

Colega de casa. Ramona. *Blogger* de comida. Tento reorganizar

estas pistas da sua vida como peças de um *puzzle*.

– Eras a última pessoa que eu esperava encontrar ontem à noite – diz a Eden, subitamente.

– Nisso concordamos – digo eu.

A Eden pega no guardanapo que está em cima da mesa. Começa a dobrar as pontas e depois rasga-o em pequenos pedaços que caem como flocos de neve.

– Não queria que parecesse que não quero que venhas aqui – diz ela, a olhar para a mesa. – É só que... eu não sei como agir quando estou perto de ti. – Faz uma pausa e continua a rasgar o guardanapo, até não restar nada além de um monte de destruição.

Pego num guardanapo novo e ofereço-lho. Ela pega nele e continua a rasgar.

– Que queres dizer? – pergunto.

Tenho medo de dizer a coisa errada. Como se um passo em falso a fizesse fugir e depois passassem mais cinco meses até ela voltar a aparecer na minha vida.

– Era sempre a Katie e eu. Tu também estavas lá, claro, mas nunca falávamos de nada a sério. – Depois, acrescenta: – É estranho falar dela em voz alta.

– Não falas sobre ela?

– Não – diz a Eden. – Pelo menos, tento não o fazer.

– Porquê?

Ela encolhe os ombros.

– É demasiado doloroso.

– Se calhar, iria doer um pouco menos se o fizesses – sugiro.

A Eden fixa-me de novo com aquele olhar, como se eu fosse um problema matemático que ela não consegue resolver.

– Talvez. – A forma como o diz faz com que pareça que há mais, como uma ideia a crescer. Algo que quer dizer, mas que não diz. Depois, vê as horas no telemóvel e levanta-se à pressa. – Merda, tenho de ir trabalhar. Estás a pensar ficar aqui a noite toda?

A ideia não me parece terrível.

- Deixavas-me?
- Não – diz ela, rapidamente.
- Então, não fico.

Começo também a levantar-me, deixando algumas notas na mesa para pagar a refeição. Tenho de ir ter com o tipo que está a vender a mobília de quarto, antes que ele me despache e arranje outro comprador. A Eden volta a colocar a mochila sobre os ombros.

- Bem – diz ela. – Obrigada pela comida.

Sai a correr antes que eu consiga dizer mais uma única palavra.

15

EDEN

A Ramona irrompe pelo meu quarto esta manhã e arrasta-me para fora da cama. Não literalmente, mas é como se o tivesse feito. Está a tagarelar qualquer coisa sobre uma nova pastelaria francesa que abriu perto de Dundas Square. A sua voz parece uma chaleira prestes a ferver. Não consegui dizer uma só palavra desde que a minha porta se abriu.

– Vou morrer se não nos formos embora agora mesmo, Eden – diz ela.

Está com um ar muito sofisticado, aos pés da minha cama, com um vestido floral com botões e o cabelo penteado para trás num nó apertado.

– Prometo escrever-te um elogio fúnebre incrível – resmungo, puxando o edredão para cima da minha cabeça.

– Não voltes para a cama! Esgota tudo antes do meio-dia!

Espreito por baixo dos cobertores. A luz do sol que entra pelo corredor obriga-me a semicerrar os olhos.

– Porque é que tenho de ir contigo? Pensava que a nossa dinâmica era *tu* saías, conhecias o mundo e trazias-me lembranças na forma de caixas de *takeaway*.

A Ramona olha para mim com tal intensidade, que me faz lembrar quando a minha mãe se costumava sentar aos pés da minha cama, a enumerar todos os meus castigos, como quando fiquei na rua com a Katie depois da hora de recolher ou quando faltei às aulas duas vezes numa semana por causa... bem, da Katie.

A leve sensação de algo que não compreendo atinge o meu peito,

mas não consigo perceber exatamente o que significa. Se significa sequer alguma coisa.

Ignoro-a e deixo-a para a analisar mais tarde, quando não estiver meia a dormir.

– Preciso de fotografias para o Instagram – diz a Ramona.

– E porque é que isso requer a minha presença?

– Preciso de ti lá para me tirares fotografias giras enquanto como um *croissant* e bebo um *café au lait*.

– Por alguma razão tens uma câmara frontal, Mona – digo, com um bocejo a perfurar as minhas palavras.

Ela põe as mãos nas ancas, parecendo dez anos mais velha.

– Queres, por favor, vir comigo? Não quero ir sozinha.

– O que é que aconteceu à Lolo?

A Lolo é a sua amiga fotógrafa. Aparece identificada em cada uma das publicações da Mona no Instagram, ao lado de um *emoji* de uma câmara.

– Está algures a ser feliz com a namorada. Vens?

– Eu preferia...

– Fixe! – E então começa a vasculhar o meu armário, atirando um monte de roupa preta para cima da minha cama. – O teu armário parece um buraco negro.

– É esse o objetivo. – Pego nos calções de ganga e na *t-shirt* que ela escolheu. – São tons diferentes de preto – digo.

Ela para de remexer no meu armário para me lançar outro olhar fulminante.

– E?

– Nada. Adoro usar tons diferentes de preto. Não me incomoda nada.

Depois, por razões alheias a mim, acabo por mudar de roupa, enquanto a Mona espera no corredor, a bater o pé como uma professora impaciente, gritando nomes de bolos da ementa da pastelaria. A única palavra que ressoa no meu cérebro é *croissant*, porque sou uma pessoa terrível e sem cultura.

O quadro da Katie que o Truman me ofereceu está exatamente onde o deixei: encostado à perna da minha secretária. Digo a mim própria que vou arranjar um martelo e um prego para o pendurar, mas não tenho a certeza se quero fazer isso. Olhar para o rosto da Katie é um bocado arrepiante, por isso deixo-o onde está por agora.

Quando me encontro com a Mona no corredor, ela lança-me um olhar que não definiria como de *aprovação*, mas também não de total *desaprovação*. Porém, parece que passei no seu teste, porque, pouco depois, saímos do edifício, descemos a rua e entramos no metro. Emergimos em Dundas Street West. Nessa altura, vejo uma fila de pessoas à porta de um cafezinho engraçado chamado Bonne Journée.

Viro-me para a Ramona. Ela tira os seus óculos de sol caros do cabelo e coloca-os no nariz.

– Não me avisaste que teríamos de ficar à espera numa fila – digo.

Ela dá-me o braço e conduz-nos para a rua.

– Pensei que estava implícito.

– Obviamente que não. – Há pelo menos doze pessoas à espera à porta do café. Ficamos no fim da fila, atrás de duas raparigas que usam boinas com pérolas. – É bom que seja uma experiência que mude a minha vida.

– O facto de saíres à luz do dia já deve ser suficiente para mudar a tua vida – diz. – A sério, vou comprar-te um suplemento de vitamina D. Não sei como é que ainda estás viva.

É fácil. Basta fazer uma simples compartimentação da mente e reprimir uma variedade extrema de emoções.

– Estou muito bem, obrigadinha – minto. Se dissesse a verdade, a Mona provavelmente iria telefonar de imediato aos meus pais e eles marcavam-me uma intervenção.

As portas do café abrem-se, espalhando pela rua um cheiro intenso a manteiga e a café amargo. Assim que sai um grupo de raparigas, algumas pessoas apressam-se a entrar. A fila diminui, e nós avançamos alguns lugares.

– Então, como correu aquela exposição de arte? – pergunta a

Mona, de uma forma demasiado repentina para ser casual.

– Foi ótima – digo eu, como uma verdadeira mentirosa.

Olho fixamente para a frente. Consigo sentir o olhar da Mona, a examinar o meu rosto como um radar, à procura de sinais de... o quê? Tristeza? Dor? É uma grande parvoíce pensar que essas emoções só se manifestam externamente.

– As pessoas gostaram da comida? – insiste.

– Parece que sim – digo eu.

A verdade é que o TugaChicken continua com poucos clientes à noite, por isso não sei bem até que ponto resultou o plano do Manny para aumentar o negócio.

– Como era o trabalho dos artistas? – pergunta ela. Voltamos a avançar na fila. – Algum artista local digno de nota?

– Nem um único – respondo.

É evidente que está a tramar alguma. *Ela sabe alguma coisa*. Não sei exatamente o quê, mas tenho algumas ideias que começam e acabam com um rapaz de cabelo irritantemente escuro.

De facto, a Ramona baixa um pouco os óculos de sol para me olhar diretamente.

– Que interessante – diz ela.

Nesse momento, as portas do Bonne Journée abrem-se de novo. Uma funcionária sorridente faz um gesto para as raparigas à nossa frente entrarem e depois para nós. Sigo atrás da Ramona, porque me sinto deslocada de imediato. O café é ainda mais bonito por dentro, com apliques de parede dourados, balcões de mármore branco e candeeiros floridos. Os tetos são altos e em arco. Ao fundo, está aninhada uma zona de estar mais elevada, atrás de uma escada de poucos degraus. Sinto o cheiro amargo do chocolate preto e o calor do pão fresco. O meu estômago começa a roncar.

A Ramona já está de telemóvel na mão, a tirar fotografias a tudo – ao teto, às pilhas de pratos antigos, às baforadas de vapor que permanecem no ar enquanto o café torra. A montra dos doces capta toda a minha atenção. *Croissants* brilhantes, *macarons* coloridos, *éclairs*

de chocolate, pequenos pratos de porcelana com *crème brûlée*, *palmiers* de maçã. De repente, sinto-me imensamente grata por a Ramona me ter arrastado para fora da cama.

Enquanto as duas raparigas das boinas com pérolas pedem, a Ramona observa a ementa.

– O que é que vamos pedir? – pergunta.

– Uma coisa de cada será demasiado? – pergunto, com toda a sinceridade.

– Não, mas a minha conta bancária pode dizer o contrário. Queres ir arranjar uma mesa enquanto eu peço?

Dirijo-me para o fundo do café e subo os três pequenos degraus até à zona dos lugares sentados. Todas as mesas estão cheias, exceto uma, perto da janela. Dirijo-me para lá, sacudo algumas migalhas da mesa de metal, porque já não consigo desativar o modo de empregada, e sento-me. A música sai pelos altifalantes, um som suave que só pode ser Bon Iver. Não é exatamente o ideal para um café francês, mas eu gosto. A luz do sol entra pela janela numa névoa quente; desliza pelo tampo da mesa e aquece-me o rosto. Fico a olhar para o céu.

A Katie estava obcecada pelo céu.

Foi o que o Truman disse. Estou sempre a pensar nisso. Como é que eu não sabia isso sobre ela? Parece tão insignificante. Ainda assim, não consigo parar de pensar numa coisa: se não sabia isso sobre a minha melhor amiga, que outros segredos é que ela guardava?

Depois penso no Truman, que apareceu no TugaChicken ontem à noite. Pareceu-me um sonho delirante. Lembro-me de como bastou que ele se sentasse para aquele espaço familiar e seguro se transformar em algo tão perturbador. Tão avassaladoramente cheio dele. A sua presença parecia estender-se por todo o restaurante. Não havia como escapar ao ataque de memórias e sentimentos. Eu podia ter-me afastado dele, *devia* ter-me afastado dele. Definitivamente, não me devia ter sentado com ele. Não consigo perceber exatamente porque o fiz.

Talvez seja porque, quando tudo me parece desconhecido, ele

surgiu como uma memória do passado, uma âncora que se afunda ou um carvalho bem firme. Não devia agarrar-me a ele, mas mesmo agora consigo sentir os meus pensamentos a enrolarem-se em memórias que não me deviam dizer respeito.

Já nada disso importa. Esforcei-me por sintonizar o meu cérebro para não pensar no Truman Falls. Qualquer pensamento sobre ele desliza na minha mente, apenas por uma fração de segundo, e depois dissolve-se completamente, como uma bolacha mergulhada em chá quente.

A Ramona aproxima-se da mesa com um sorriso no rosto, segurando um tabuleiro de metal cheio de pequenos pratos. Coloca-o na mesa e diz *tcha-ram*.

– Já tenho tudo – diz ela, sentando-se à minha frente.

O tabuleiro tem tantos bolos cobertos de chocolate, que me sinto o Grinch, com o meu coração minúsculo a crescer-me no peito.

A Ramona retira duas chávenas com pires do tabuleiro, colocando uma à sua frente e empurrando a outra até mim.

– Café para ti – diz ela – e chocolate quente para mim.

– O que aconteceu ao teu *café au lait*?

– Não têm leite sem lactose – diz ela, a fazer beicinho.

– Que foleiro.

Atacamos a comida. A Mona usa a faquinha mais delicada que já vi, para cortar tudo ao meio. O *croissant* é recheado com queijo *brie* e doce de figo, e a camada torrada do *crème brûlée* parte-se com um estalido satisfatório. Partilhamos um bolo recheado com um creme doce e coberto com fruta fresca. De repente, a Mona parece lembrar-se da razão pela qual viemos aqui, porque me dá o telemóvel e começa a arranjar o cabelo.

– Como está a luz? – pergunta, alternando entre inclinar e afastar o rosto da janela.

Abro a aplicação da câmara e centro o seu rosto.

– Está boa – respondo. – Fica bem... Sim, assim.

– Tira de forma a parecer que estou a beber – ordena a Mona. Ela

finge bebericar da chávena, sorrindo com os olhos e olhando diretamente para a câmara. Tento alguns ângulos, para que os outros clientes não apareçam, e depois tiro algumas fotos.

– Gira – digo eu, devolvendo-lhe o telemóvel.

Ela revê uma a uma, acenando com a cabeça em aprovação. A ideia de ter uma carreira que se baseia apenas em tirar fotografias de nós próprios é cansativa. Não sei como é que ela consegue.

A Mona põe o telemóvel de lado.

– Obrigada por tirares – diz ela.

– Não as vais publicar?

– Primeiro, tenho de as transferir para o meu portátil e fazer uma pequena edição. Devo publicá-las amanhã e fazer uma pequena crítica do que pedimos. – Ela faz uma pausa, bebe um gole do chocolate quente e volta a olhar para mim. – De volta à exposição de arte... Não houve nada que se tenha destacado, para ti?

Eu suspiro.

– Mona, desembucha.

Ela pestaneja e esboça um sorriso trocista.

– O quê? Não estou a insinuar nada.

– Passaste a manhã toda a bisbilhotar sobre esse assunto. A sério, pergunta-me o que queres saber.

Não há garantias de que eu responda, mas ela pode sempre tentar.

A Mona põe a bebida de lado e inclina-se para a frente. O seu rosto torna-se mais doce, o que significa que vai falar de um assunto sobre o qual não quero mesmo falar.

– É que... – começa ela. – A Lolo estava na exposição nessa noite.

– Estava? – pergunto.

Penso na multidão de caras desconhecidas que eram apenas isso: desconhecidas. Não me lembro de ter visto a Lolo. Mas depois lembro-me de que estava extremamente distraída com outra pessoa.

Oh, merda. O Truman. Sei exatamente onde esta conversa vai dar.

– Ela só lá esteve um minuto ou dois. Mas...

– Mas o quê? – intervenho, com uma raiva que me surpreende. – O

que é que a Lolo viu exatamente que tinha de te contar?

A Ramona hesita.

– Ela disse que te viu a falar com o Truman Falls. Não estou a tentar ser intrometida, Eden. Estou só a certificar-me de que estás bem.

Às vezes, esqueço-me de que a Ramona e algumas das suas amigas andaram no secundário comigo. Depois de me ter mudado para a cidade, é difícil lembrar-me das partes da minha vida antiga que me acompanharam até aqui.

Por vezes, também me esqueço de que há outras pessoas que conheciam a Katie. Outras pessoas que também sentem a sua falta. Que eu não era a sua única amiga e que não sou a única pessoa que chora por ela.

– Eden? – diz a Mona.

Normalmente, é nesta altura que enfio todos os sentimentos que não consigo resolver dentro de mim, como se fosse uma mala, e depois puxo o fecho, bem fechadinho, sem divulgar uma única palavra. Por alguma razão, não quero fazê-lo desta vez. Ver o Truman duas vezes foi explosivo. É assim que me sinto: como se a minha cabeça e o meu peito pudessem entrar em combustão, se eu mantiver esta confusão dentro de mim por mais um segundo. Não vou contar à Ramona todos os pormenores excruciantes dos últimos meses, mas posso começar por algum lado. Por agora, posso dar-lhe algumas migalhas.

– O Truman estava na exposição de arte – começo. Olho para o céu. É mais fácil do que ver o olhar de surpresa da Mona quando a sua imperturbável colega de casa começa finalmente a abrir-se. – Não aconteceu nada. Ele estava a expor algumas pinturas. Falámos durante uns minutos.

– De que falaram? – pergunta a Ramona. A sua voz é como uma pena a pousar no gelo, suave o suficiente para que não quebre.

– Sobre tudo das obras de arte dele – respondo.

– Falaram sobre a Katie?

O nome é suficiente para me provocar um ataque de dor. O sorriso da Katie atravessa as minhas memórias, o seu rosto como uma luz que atravessa o céu. É como se me tivesse espetado uma faca no peito.

– Um pouco.

– Certo – diz a Mona. Passa a mão pela mesa e dá-me uma palmadinha na mão. – Como é que está o Truman?

– Ele parecia estar bem – digo, o que não me tranquiliza muito. Há uma diferença entre *parecer* estar bem e *estar* realmente bem. Tenho a certeza de que pareço estar bem para muita gente, mas só eu sei que não estou nem perto disso. E tenho a sensação de que se passa o mesmo com o Truman.

– O que aconteceu exatamente entre vocês os dois?

Desvio-me do céu e volto-me para a Mona. Ela está a passar o dedo pela borda da sua chávena.

– Entre mim e o Truman? – pergunto.

A Mona anui.

É aqui que eu traço a linha.

– Não é algo em que goste de pensar – digo.

A Ramona sorri de forma tranquilizadora. Sinto que ela está a recuar, a deixar-me ir. Sabe que atingi o meu ponto de rutura. Forçar só vai fazer estalar a superfície do gelo.

– Compreendo – diz ela. Fico grata quando ela muda de assunto. – Queres ir embora daqui? Eu ia ao Whole Foods fazer umas compras. Podes vir comigo?

Depois, a luz do sol desaparece completamente. Atravessou-se uma nuvem, bloqueando completamente os raios. Que falta de educação. Mas parece-me um sinal. Respondo à Mona que não, não quero gastar sete dólares só por uma caixa de ovos. Na verdade, preciso de ir a um sítio.

Estão flores frescas na mesa em frente à janela do quarto da Katie, rosas vermelhas e cor-de-rosa. As persianas estão completamente abertas. Terá sido o Truman a oferecer-lhe aquela vista para o céu?

Vou em bicos de pés até à beira da cama e fico ali, a olhar. Cinco meses depois, ainda não consegui fazer com que as palavras saiam. Estão presas na minha garganta, alojadas atrás de um milhão de pedidos de desculpa.

Há tanta coisa que lhe quero contar: as pinturas do Truman, o meu emprego no TugaChicken, o vício da Ramona por jogar *Animal Crossing*, o início na Universidade de Toronto no outono. Quero dizer-lhe que conseguiu finalmente chegar aqui – ao coração da cidade que tanto amava. Quero que voltemos ao ponto onde ficámos. Se fechar os olhos, estou de volta ao seu quarto – só que a janela está fechada. A Katie não saiu à socapa. Na minha mente, ela está enroscada na cama com o portátil pousado numa almofada. Está a comprar mobília. Está a preparar o nosso futuro. Ela está lá. E está viva, está viva, está viva.

Quando estou perto da Katie, a minha mente agarra-se ao mais pequeno indício de esperança. Porque, aqui à sua frente, parece-me absolutamente impossível que a sua luz se tenha apagado para sempre. Não é possível. Alguém tão brilhante e completo como a Katie não pode ficar aqui deitada. Têm de haver mais páginas na sua história. Mais da sua vida. Há tantas pessoas que ela ainda tem de conhecer; tantas pessoas que tem de amar. Todas as suas partes escondidas que ela tem de me contar. Preciso de lhe perguntar porque está obcecada pelo céu e porque nunca mo contou. Preciso de saber todos os pensamentos que alguma vez lhe passaram pela cabeça. E estou a afundar-me, a afundar-me completamente com a percepção de que posso nunca mais ter outro minuto com ela.

Somos assim agora. Foi aqui que os risos e a condução sem destino pela cidade nos levaram. A uma cama num hospital. A uma esperança abandonada e a tantos “e se” que me sinto completamente sufocada.

Pego na mão da Katie e olho para as suas unhas. Ainda estão azul-celeste, de quando as pintei pela última vez. Na mesa do quarto da Katie, está um velho estojo de maquilhagem que a sua mãe trouxe. Está cheio de frascos de verniz de cores vívidas. Pego no estojo e começo a trabalhar. Embebo discos de algodão com acetona e conto à

Katie sobre a exposição de arte. Tiro-lhe todo o verniz das unhas e conto-lhe cada pormenor dos doces que comi hoje com a Ramona. Escolho uma cor nova de verniz – ainda azul, mas desta vez um índigo profundo – e pinto-lhe as unhas. Não é a melhor manicura, porque esse era um dos talentos da Katie, mas está bem o suficiente.

Fisicamente, estou aqui, à cabeceira da Katie, a pintar-lhe as unhas, a ouvir o som do seu batimento cardíaco no monitor. Mas, mentalmente, estou num lugar completamente diferente. Num outro ano. Numa outra vida.

Estávamos no início de agosto, e a humidade era tão densa, que se abatia sobre nós como uma nuvem. A Katie tinha passado no exame de condução, por isso os pais compraram-lhe um BMW preto brilhante, com bancos de pele castanha aos quais as nossas pernas suadas se colavam. Ela ligava o ar condicionado e passávamos os dias a conduzir pela cidade sem nenhum destino em mente. Na terça-feira, fomos ao *diner* aberto vinte e quatro horas e comemos apenas pratos de batatas fritas. Na quarta-feira, sentámo-nos no parque de estacionamento da escola e baixámos os vidros das janelas quando começou a chover. A nossa cidade era pequena, mas nós ocupávamos muitíssimo espaço.

Na quinta-feira, a Katie decidiu que tínhamos de ir à praia. Acordei cedo e pedi emprestado o saco de praia da minha mãe. Enchi-o com protetor solar, creme, bálsamo labial, barras de cereais, revistas e uma toalha às bolinhas. A Katie foi buscar-me ao meio-dia e voámos pelas ruas vazias. Ela pôs o rádio a tocar tão alto, que abafava as nossas vozes. Eu não lhe perguntei como sabia que caminho seguir sem olhar para um mapa; confiava apenas que ela ia na direção certa. De vez em quando, olhávamos uma para a outra e sorríamos, um sorriso grande e cheio de dentes. *Olhem para nós. Somos tão crescidas.*

Conduzimos durante duas horas até que a vista das ruas se transformou em água e tomou conta de toda a paisagem. Segui a Katie pela areia. Descalcei as sandálias quando ela o fez. Andei descalça pela areia quando ela o fez. Ela escolheu um sítio mesmo junto ao

mar. Na altura, pensei que estávamos demasiado perto da água, que se viesse uma onda grande nos cobriria por completo, mas depois a Katie estendeu a toalha e eu fiz o mesmo sem dizer uma palavra.

A água de Georgian Bay estava muito fria. O chão era rochoso e a areia demasiado quente. Corremos para as ondas, a gritar e a rir. Depois, deitámo-nos nas toalhas e partilhámos um par de auscultadores, a ouvir a música da *playlist* da Katie. Eu disse-lhe que não gostava muito das músicas.

– Tens de expandir o teu gosto – disse ela.

Provavelmente, tinha razão, por isso continuámos a ouvir.

O seu cabelo era dourado à luz do sol, espalhando-se pela areia. Conseguia ver o ar a subir e a descer do seu peito, ouvi-la a cantarolar ao som da música. Olhei para o céu, e o mundo parecia maior do que eu conseguia imaginar, como se de alguma forma comesse e terminasse connosco.

O monitor cardíaco continua a soar, a um ritmo constante. Um lembrete doloroso. E esta é a pior parte, o pior de tudo. Ela ainda está aqui. Está *mesmo* aqui. E, no entanto, por outro lado, está a oceanos de distância.

Acabo de lhe pintar as unhas, passando o verniz azul na unha do polegar. As suas mãos parecem ter mergulhado num céu noturno. Sei que tenho de me ir embora. Raramente aguento mais do que quinze minutos.

– Até logo – digo, antes de sair pela porta.

Os meus olhos começam a arder quando saio à rua. Estou tão farta de chorar que me limito a conter as lágrimas, impedindo-as de sair, como se fossem prisioneiras numa cela. A esta hora, as ruas da cidade ainda estão relativamente calmas. A hora de ponta só vai começar dentro de algumas horas, quando as pessoas começarem a correr para o metro. Neste momento, está só uma pessoa à porta do hospital, sentada num banco de metal.

Como pareço atrair todo o tipo de desastres, essa pessoa é o Truman.

Está sentado, com o olhar fixo à sua frente. Tem os braços estendidos sobre o banco de uma forma que ocupa muito espaço. Desta vez, dirijo-me a ele com determinação. Há algo que lhe quero dizer, que *preciso* de dizer. O pior foi ter percebido lentamente que ele é a única pessoa que me pode dar o que quero.

Respiro fundo, ergo a cabeça e aproximo-me. Ameaço de morte os meus olhos, para que não derramem uma única lágrima.

– Truman – digo, com uma força desafiadora.

Ele nem sequer parece surpreendido, limita-se a voltar o rosto para mim e a piscar os olhos azuis semicerrados.

– Eden. Olá. – Depois, olha para trás, para a entrada do hospital. – Já vais?

– Sim. – Brinco com a alça da minha mala para ganhar tempo, mas sei que a melhor maneira de acabar com isto é simplesmente despejar, por isso é o que faço. – Olha, tu disseste algo sobre a Katie estar obcecada pelo céu, e eu não consigo parar de pensar nisso.

Ele parece intrigado.

– Porquê?

– Porque eu nunca soube disso – digo eu. – Porque ela era a minha melhor amiga, e eu nunca soube disso.

Os meus olhos começam de novo a arder. *Não se atrevam.*

O Truman passa a mão pelo cabelo – ainda que eu não possa saber isso, porque não estou a olhar para ele. Não estou a olhar, não estou a olhar, não estou...

– É apenas um pequeno pormenor sobre ela – diz o Truman. – Tu sabes tudo o resto. Sabes tudo o que é importante.

– Mas e se não souber?

Odeio que a minha voz saia entrecortada.

O Truman desloca-se no banco, libertando espaço.

– Queres sentar-te? – pergunta.

Eu abano a cabeça. Não, não me quero sentar. A forma como ele está a olhar para mim já me distrai o suficiente. Não é a pena com que as pessoas me olham normalmente. Os olhos do Truman estão cheios

de compreensão, como se ele estivesse sobrecarregado com o mesmo peso com que tenho vivido nos meus ombros.

– Sinto-me longe dela – digo. As palavras saem de um lugar secreto dentro de mim, um lugar que eu não abria há muito tempo. – Como se as memórias estivessem a desaparecer, e depois não me restasse nada.

O Truman sorri.

– Não tens de explicar – diz ele. – Sei exatamente como te sentes.

Era disso que eu estava à espera.

É altura de ir direita ao assunto.

– Acho que ambos sabemos que te ando a evitar há algum tempo – digo.

– Não tinha reparado – diz ele, de uma forma que deixa bem claro o contrário.

O meu cérebro começa a enveredar por um caminho perigoso. Até que ponto exatamente é que o Truman tem reparado em mim?

– De qualquer forma, tenho uma ideia.

– Uma ideia? – repete ele, arqueando as sobranceiras.

– Talvez possamos começar a passar pequenos períodos de tempo juntos.

Tenho de forçar as palavras a saírem. Passar tempo com o Truman Falls é literalmente uma das coisas mais angustiantes em que consigo pensar. Mas, para ser sincera, ele é também a única outra pessoa neste mundo que conhece todas as partes da Katie que eu não consigo entender. Podia perguntar à sua mãe, mas as únicas vezes que falamos é quando estamos com a Katie, no hospital, e eu não estou propriamente virada para passar lá muito tempo com toda esta dor.

– Para fazer o quê, exatamente? – pergunta o Truman.

Acho que lhe conseguir captar a atenção. Ele está a olhar diretamente para mim. Os seus olhos azuis mantêm-me no lugar.

– Quero que me fales da Katie – respondo.

– Tu és a melhor amiga dela. Sabes tudo o que há para saber.

– Não – corrijo-o. – Eu não sabia que ela adorava o céu.

Sei que parece um pouco ridículo, e o olhar que o Truman me

lança confirma-o.

– É um facto aleatório, Eden.

– Quero saber todos os factos aleatórios – digo.

Não me interessa que sejam pequenos ou insignificantes. Se forem sobre a Katie, são importantes para mim, porque ela é importante para mim.

– Achas que te vai ajudar de alguma forma? – pergunta.

– Não preciso de ajuda. Preciso de... informação.

– Sobre a minha irmã – esclarece ele, esticando as pernas à sua frente. Passam pessoas na rua, mas não lhes estou a prestar atenção. Quando o Truman está por perto, parece que não consigo concentrar-me em mais nada para além dele.

Meu Deus, isso é uma constatação horrível.

– Exatamente – digo eu, revolvendo o meu cérebro tolo.

– E qual é o senão?

Isso faz-me parar.

– O que é que isso quer dizer?

– Tu própria disseste que me tens andado a evitar – diz o Truman.

– Isto parece ser o oposto de evitar.

Dou-me conta de que não pensei em como o Truman se iria sentir com isto.

– Tu queres evitar-me?

– Não. – Ele responde tão depressa, demasiado depressa. Tento não tirar muitas conclusões sobre isso. – No restaurante, disseste que te custava falar da Katie. – Assinto, porque é verdade, eu disse isso e não sei bem porquê nem como é que deixei algo assim escapar. – Talvez isto seja bom para nós os dois.

– Como assim?

– Tu tens alguém com quem falar sobre ela – diz ele.

Eu faço a pergunta crucial.

– E o que é que tu ganhas com isso?

Não deixo de reparar na mudança de expressão do Truman. Baixa os olhos para o chão e o braço que estendeu nas costas do banco

desliza contra a sua perna. Recolhe-se.

– Também tenho alguém com quem falar sobre ela – diz ele, baixinho.

– Tens os teus pais – digo. – Tens os teus amigos.

Do nada, transformei isto numa competição de quem tem o maior desgosto. Faz-me lembrar apenas que não tenho muitas pessoas que partilham as minhas memórias da Katie. Exceto o Truman. Ele está em quase todas.

– Não é a mesma coisa – diz ele, simplesmente. – Continuando, acho que falar sobre ela pode ser bom para nós os dois. Será bom recordar a outra versão dela antes de tudo isto.

Pois. Tudo isto, como o hospital que nos serve de pano de fundo.

– É exatamente com isso que estou a contar. Temos um acordo?

O Truman levanta-se. Vem na minha direção, transportando-me para a memória do seu quarto e fazendo-me desejar sentir a sua presença. Ele estende a mão, como se quisesse que a apertasse. Mas eu não quero. Não quero tocar-lhe. Não quero saber qual será a sensação do seu toque. Tudo mudou, e só faz sentido se isso também tiver mudado.

Fico a olhar para a sua mão o tempo suficiente para ele a deixar cair de novo ao seu lado.

– Acho que sim – diz ele, um pouco ofendido.

– Fixe – digo.

Começo a andar para trás, um passo atrás do outro. Já me estou a arrependar. O grande portão que estava fechado com firmeza está agora aberto de par em par, e o Truman entrou por ele adentro.

– Dá-me o teu telemóvel.

Detenho-me.

– O quê? Porquê?

– Precisas do meu número – diz ele, como se soubesse que eu apaguei o seu número do meu telemóvel, numa triste tentativa de o apagar da minha vida. – De que outra forma vamos planear estes encontros?

- Ninguém disse nada sobre encontros – gaguejo.
- Queres que te passe a informação telepaticamente?
- Sim, esse é o meu método preferido de comunicação.

O Truman ri-se.

- Podes sempre enviar-me uma mensagem no Instagram.

Fico *paralisada*.

– O que é que queres dizer com isso? Eu nem sequer te sigo no Instagram – digo.

O meu rosto está a arder como um raio do sol.

– Puseste um *like* na minha foto quatro segundos depois de a ter publicado, Eden.

Eu... Eu quero desaparecer. Se o chão se abrisse e me engolissem inteira agora mesmo, eu não me iria importar. Deixaria que me arrastasse para o centro da Terra. Que me queimasse até ficar em cinzas.

– Obviamente, o meu telemóvel foi pirateado – digo, para salvar o que resta da minha dignidade.

– Obviamente – diz ele, a sorrir. Assumo que esteja a sorrir. Não tenho a certeza, porque, claro, não estou a olhar para ele. Claro que não.

– *Está bem.*

Tiro o telemóvel do bolso e dou-lho. Ele escreve o seu número, suponho, e depois devolve-mo. Faço um grande esforço para não lhe tocar. Se ele repara, não diz nada.

– Avisa-me quando quiseres falar – diz o Truman.

O banco geme quando ele se volta a sentar. O vento levanta-se, soprando-lhe o cabelo à volta da cara. Eu quero... oh, meu Deus, quero passar os meus dedos por ele.

Sou a maior parva do mundo.

TRUMAN

O início do projeto de pintura do quarto da Katie lembra-me dolorosamente que nunca pisei um ginásio em toda a minha vida. As latas de tinta pesam-me tanto nos braços, que desisto e pouso-as no chão do elevador. Até a idosa de cabelos grisalhos que está ao meu lado me lança um sorriso triste e com pena, como se conseguisse pegar nas latas sem problemas e ainda correr um bom bocado à minha volta. Com o rabo entre as pernas, esgueiro-me para o apartamento. Está tudo silencioso. O meu pai está no escritório e a minha mãe deve estar no hospital com a Katie. Para mim, é melhor concentrar-me no silêncio.

O quarto da Katie é o último do corredor. É estranho chamar-lhe o seu quarto, porque, na verdade, é apenas um quarto vazio. Todos os seus pertences ainda estão congelados no quarto na nossa casa antiga. Na altura, vi a forma como os meus pais se demoravam na porta; como nunca conseguiam pôr os pés lá dentro. Eu percebo. Costumava fazer a mesma coisa. Estar lá dentro era sufocante. As memórias viviam nas paredes, e era impossível não sentir a sua ausência, sobretudo quando se está rodeado de todas as coisas que ela adorava.

Abro a porta do quarto com o pé. O quarto está abafado e húmido – deixei as janelas abertas durante a noite para deixar sair o cheiro do primário que apliquei nas paredes. Os móveis em segunda mão que comprei estão no meio do chão, cobertos por uma proteção de plástico azul. Não importa se ficarem manchados de tinta, pois vou voltar a pintá-los quando as paredes estiverem prontas. É esse o meu objetivo para o dia: acabar as paredes. Ou, pelo menos, acabar *a maior parte*

delas.

Ponho as latas de tinta no chão e, por enquanto, não lhes mexo. Olho para as paredes e, antes de começar, visualizo o que estou a tentar criar. Quero que pareça que o quarto não tem quatro paredes e um teto. Quero que se misturem uns com os outros, que haja continuidade. Quero que o céu pareça interminável, que pareça vasto. Quero que a Katie se sinta como se estivesse a flutuar, suspensa no tempo.

Procuro no chão o lápis que atirei para aqui ontem à noite. Rolou e ficou preso na grelha da ventilação. Pego nele e pressiono a ponta no dedo.

Nunca tinha assumido um projeto tão grande. Não faço ideia de onde começar. Podia ver tutoriais. Podia contratar alguém para o fazer. Mas parece-me errado. Tenho de ser eu. Quero que isto saia diretamente da minha mente para estas paredes. Por mais estúpido que pareça, quero que ela saiba que coloquei uma grande parte de mim nisto. Não me parece que possa dar ou fazer muito mais pela Katie neste momento. Isto é tudo o que tenho.

Que se lixe. Começo por esboçar rapidamente nuvens na parede a lápis. Coloco-as aleatoriamente. Desenho nuvens pesadas perto do chão, pairando a centímetros do rodapé. As leves e fofas flutuam mais perto do teto. Depois, desenho mais no meio para preencher a área, deixando espaço suficiente para o azul do céu brilhar. Por agora, deixo o teto descoberto até encontrar um escadote.

Quando a ponta do lápis se torna arredondada e macia do uso, paro e olho em volta. Não sei do que estou à espera. Não sei bem como é que isto vai ficar quando estiver concluído. Mas confio no meu instinto e quero ver onde ele me leva. São precisas algumas tentativas para conseguir abrir a lata de tinta azul. Deito-a no tabuleiro e misturo um pouco de branco, adicionando-o lentamente, até obter a tonalidade exata que procuro: azul-pálido, como ganga desbotada.

Mergulho o rolo na tinta e balanço-o para a frente e para trás, cobrindo-o uniformemente. Começo pelas zonas maiores, entre as

nuvens. A primeira pressão de azul na parede é surpreendente, uma explosão de cor que, por alguma razão, me preenche completamente. Continuo a pintar, a deslizar o rolo pela área, e a minha mente começa a perder-se.

Foi no verão passado, no início de agosto, num daqueles dias em que o sol parecia estar ali mesmo no nosso jardim e não no céu. A piscina ocupava todo o espaço, mas a Katie e a Eden estavam deitadas perto da vedação, na relva, em fato de banho. A minha mãe tinha-lhes feito limonada em copos cor-de-rosa com palhinhas. Tínhamos uma mangueira enrolada num dos ramos de uma árvore ali perto, que deitava água numa névoa suave. Quando o vento abanava os ramos, a água soprava mesmo por cima delas.

– Impressionante – disse eu, protegendo os olhos da luz do sol com a mão.

– A ideia foi da Eden – disse a Katie.

A sua voz soava longe, escondida pela neblina de verão.

Esperei que a Eden se virasse e olhasse para mim, como fazia sempre. Mas ela continuou a olhar para o céu, agitando os dedos dos pés.

– Truman – disse a Katie –, podes ir buscar-nos mais limonada?

Fiquei debaixo da mangueira, a sacudir a água do meu cabelo como um cão.

– As tuas pernas deixaram de funcionar? – perguntei.

A Katie tirou os óculos de sol e olhou para mim.

– Estamos a bronzear-nos.

– Parecem duas lagostas demasiado cozidas – disse eu.

A pele da Katie estava muito vermelha. Eu sabia que ela não se tinha lembrado de pôr protetor solar. A sua mente estava sempre a disparar para todo o lado. Nunca parava para pensar nas consequências.

E a Eden... Sinceramente, estava a esforçar-me demasiado para não olhar para ela.

– Pareces o Casper, o fantasma *antipático* – respondeu a Katie.

A Eden olhou diretamente para mim, esforçando-se por conter um sorriso.

– Au, essa magoou, Katie – disse eu, com um ar inexpressivo.

Depois, peguei na mangueira que estava na árvore e rodei o manípulo. A água passou de uma névoa para um jato forte, encharcando as duas. Eu ria-me à gargalhada, agarrado à barriga, enquanto a Katie gritava.

– Truman! – Ela saltou a gritar, tentando usar os braços para proteger a cara da água. – Vou contar à mãe! – choramingou a Katie, antes de entrar pela porta do pátio.

A Katie podia ser muitas coisas, mas era sobretudo um bebê enorme quando não lhe faziam as vontades.

Depois, percebi que a Eden não se tinha mexido. Ainda estava deitada na relva, encharcada da cabeça aos pés. O que mais me impressionou foi o seu sorriso.

Ocupei o lugar da Katie e deitei-me mesmo ao seu lado.

– Olá – disse eu, enquanto a água continuava a cair sobre nós. Não conseguia ver os seus olhos através dos óculos de sol, que estavam agora salpicados de gotas.

– Isso foi mauzinho – disse a Eden, com um sorriso inabalável.

– Eu sou o irmão mais velho e mau – disse eu. – É o meu trabalho.

A Eden puxou os óculos de sol para o cabelo. A cor dos seus olhos oscilava do castanho para o dourado com a luz do sol. A água colava-lhe o cabelo à testa e ao rosto. Lembro-me de querer estender a mão e penteá-lo para trás. Mas isso teria sido estranho. Muito estranho. E ligeiramente inapropriado.

– A Katie disse-me que não vais começar a universidade no mês que vem – disse a Eden, tirando as madeixas molhadas da cara.

Tinha terminado o secundário há dois meses. Em vez de seguir os estudos no outono, tinha decidido fazer um *gap year*.

– Pensei em tirar algum tempo para pensar no que quero fazer – disse eu.

Parecia muito melhor do que a verdade: sentia que a minha vida se

assemelhava a andar a tropeçar cegamente numa floresta à noite, sem distinguir a esquerda da direita.

– É uma parvoíce termos de saber tudo aos dezoito anos – disse a Eden.

Apesar de eu já ter pensado o mesmo, pareceu-me a coisa mais inteligente que alguma vez tinha ouvido. Naquele instante, não sei bem como, mas deixei de sentir que era errado ser um miúdo sem rumo.

A água da mangueira não parava de cair sobre nós. Tinha a camisa encharcada, e a Eden estava encharcada da cabeça aos pés. Devia levantar-me e desligar a mangueira, ou pelo menos voltar a pô-la no modo de dispersão suave.

Não me mexi.

Não queria fazê-lo.

– É estúpido – disse eu, porque estava a tentar pensar em coisas para dizer, enquanto observava a água a pingar das pestanas da Eden de cada vez que ela pestanejava.

– A Katie não gosta que eu fale contigo – disse ela, abruptamente.

– Ela disse-te isso?

Não fiquei totalmente surpreendido. A Katie deixara bem claro que eu não devia falar com a Eden, porque isso era “estranho” e “absolutamente medonho, Truman”.

Mas a Katie não estava ali. E era raro ter um momento que durasse mais do que alguns segundos a sós com a Eden. Talvez me estivesse a sentir ambicioso, talvez um pouco aventureiro. Talvez a combinação da Eden e do sol abrasador me fizesse não querer saber da voz reprovadora da Katie na minha cabeça.

A Eden assentiu.

– Disse.

– Ela tem medo de que gostes mais de mim do que dela – brinquei.

A Eden voltou a pôr os óculos de sol e virou a cabeça para cima para o céu.

– Impossível – disse ela. – Acho que não consigo gostar mais de

ninguém do que dela.

Olhei para as suas mãos pousadas na barriga. Tinha as unhas pintadas de verde-lima.

– Eu também sei pintar as unhas – disse eu. – Só digo isto caso seja crucial para determinar quem é o teu irmão Falls preferido. De vez em quando, também penso em formas divertidas de pendurar mangueiras.

– *Tu* sabes pintar as unhas? – perguntou ela, dando-me novamente toda a sua atenção – que era mais do que a que eu conseguia assimilar.

Queria dizer-lhe que pintava muitas coisas. Em vez disso, limitei-me a responder:

– Sei.

A sua boca desenhou um sorriso adorável.

– Sem deixar os dedos cheios de verniz?

Hum. Estava a provocar-me.

– Não prometo nada.

Atingiu-me então que estávamos a flirtar. Porque é que tínhamos demorado tanto tempo a fazê-lo?

Depois, a porta do pátio abriu-se, e a Katie saiu com dois copos na mão.

– Truman! – gritou ela, apressando-se até nós, com a limonada a escorrer pelos copos e pelas mãos. – Deixa a Eden em paz, seu nojento, e sai do meu lugar.

Sentindo que tinha sido apanhado a fazer algo de errado, levantei-me e deixei a Katie ocupar o lugar. Depois, arranjei a mangueira, para que deitasse água suavemente.

– Já agora, a Santana está lá dentro – disse a Katie, enquanto se sentava na relva.

Lembro-me de ter ficado ali, à espera. Não sabia exatamente de quê. Talvez de que a Eden dissesse alguma coisa. Talvez de que me pedisse para ficar, o que era uma completa parvoíce.

– Ouviste-me, Tru? A Santana está lá dentro.

– Está bem – disse eu.

Olhei para a Eden uma última vez, mas ela já estava a olhar para o lado, envolvida de novo no que quer que a Katie estivesse a dizer.

Depois, o sol e a água desaparecem, e o único céu azul é aquele que estou a pintar na parede do quarto da Katie. Já está quase totalmente coberta. Passo do rolo para um pincel pequeno, para delinear as curvas das nuvens, pintando por cima dos traços suaves do lápis. Depois, está... terminado. Não completamente. Terei de lhe dar outra demão de azul amanhã. Vou juntar um pouco mais de tinta branca, para clarear a cor e dar mais profundidade ao céu. Está a parecer-me um pouco unidimensional. Falta-me apenas pincelar as nuvens e já está. Depois disso, tenho de acrescentar algumas pinceladas de amarelo, para a luz do sol, e termino o teto. Só irá faltar a Katie. Quando vir o quarto, a sua cara vai iluminar-se por completo.

Tento lembrar-me da última vez que vi o rosto da Katie iluminar-se, e a minha mente leva-me de volta à noite da festa. Eu tinha um único dever: ficar de olho nela. Tomar conta da minha irmãzinha, protegê-la. Era só isso. Uma coisa tão simples que eu consegui estragar de uma forma que parece literalmente irreparável. Perdi a minha irmã nessa noite. Sinto que perdi também o amor dos meus pais. Perdi a capacidade de me olhar ao espelho sem odiar o que vejo. As outras pessoas também o fazem.

A Eden aparece no meu pensamento.

Hoje, no hospital, foi impossível não reparar que ela não conseguia estar demasiado perto de mim. Que não me queria tocar, como se apertar a minha mão fosse uma maldição horrível. E eu nem sequer a posso culpar – essa é a pior parte. Ela *devia* estar relutante em relação a mim. Não devia querer aproximar-se demasiado, porque já a deixei ficar mal uma vez. Quem sabe se não o vou fazer de novo?

Mas...

Mas, ainda assim, dou por mim a desejar poder fazê-la mudar de ideias. E por que motivo é isso tão importante para mim? Para mostrar à Eden que eu, o quê, sou boa pessoa? Que me posso redimir depois de termos perdido a Katie naquela noite? Ela é a última pessoa

que eu devia tentar impressionar. E, no entanto, aqui estou eu, a fazer pactos à porta de hospitais, para falar da minha irmã com alguém, a única coisa que me consegue despedaçar lentamente o coração e deixá-lo em cacos. Nem sequer hesitei quando ela perguntou. Claro que vou falar com ela sobre a Katie, dizer-lhe tudo o que ela quiser saber. Porque depois daquela noite no meu quarto – depois de tudo o que correu tão mal –, ainda estou aqui, com esperança de que talvez alguma coisa corra bem. Porque foi exatamente isso que senti ao beijar a Eden: senti-me bem.

Queria voltar atrás e fazer tudo de forma diferente. Queria ter enviado uma mensagem a todos os meus amigos, a dizer para não irem lá a casa. Queria que a janela da Katie tivesse ficado fechada e que ela nunca tivesse saído. Queria ter percebido que ela tinha desaparecido.

Há tantas coisas que eu queria. E muitas são mais importantes do que qualquer tipo de sentimentos que a Eden sinta por mim. Mas aqui estou eu, a pensar em como seria bom ter tido mais um momento com ela, antes de as nossas vidas se terem destruído à nossa volta.

Sacudo-os. Afasto esses pensamentos. A obsessão por uma rapariga não pode ser o meu foco principal neste momento. Em vez disso, fecho as latas de tinta e abro de novo as janelas, deixando sair o cheiro. Estou a reajustar a cobertura de plástico que pus no chão, quando ouço vozes vindas do fundo do corredor. Acho que os meus pais estão em casa.

Nem sequer penso em ir sorrateiramente pelo corredor. Porque haveria de o fazer? Não há nada a esconder, nada a sussurrar. Mas quando viro e entro na cozinha, os meus pais estão a fazer isso mesmo. Estão junto à bancada, de cabeça baixa, a falar tão baixo, que me arrepiam os pelos dos braços. A minha mãe, cuja tristeza não a abandona há meses, parece ainda mais abatida. O meu pai tem a mão no seu braço. Parece estar a mantê-la em pé.

O coração cai-me aos pés. Deve ser por causa da Katie. Deve ter acontecido alguma coisa.

– O que se passa?

A pergunta sobressalta-os. Olham para cima exatamente ao mesmo tempo, com os olhos cheios da mesma inquietação. Reparo no olhar que trocam, como se se perguntassem *O que é que ele ouviu?*

– Truman – começa a minha mãe, depois faz uma pausa. – Estás coberto de tinta.

– Estava a trabalhar no quarto da Katie. De que estavam a falar? Mudou alguma coisa no estado da Katie?

Já estou com a cabeça às voltas, à espera do pior, a imaginar um milhão de cenários horríveis. Depois, o meu pai aproxima-se de mim, e a sala fica mais pequena. Ou talvez seja eu que me encolho, porque me sinto uma criança outra vez. Um miúdo que só quer que alguém lhe diga que vai ficar tudo bem. Mesmo que seja mentira. Neste momento, já não quero saber.

– A tua irmã está bem – diz o meu pai. Olhar para a sua cara é como olhar para um espelho. Ainda me apanha desprevenido. – Como está a ficar o quarto?

Percebo a mudança de assunto. Passa-se algo estranho. Alguma coisa mudou, mas não sei bem o quê.

– Está a correr bem – respondo. – Podes ir dar uma olhadela.

O meu pai dá-me uma palmadinha no ombro.

– De manhã. Vou-me deitar.

Depois, vai-se embora, a caminhar pelo corredor. *De manhã.* Provavelmente, isso quer dizer nunca. É uma maneira simpática de dizer *Olha, não estou interessado.* Não o diz com más intenções. Eu percebo, a arte não é para todos. Os meus pais nunca se interessaram muito pelos meus quadros. Nunca fizeram perguntas nem disseram que eram bons. Era apenas uma coisa que eu fazia, com que passava o tempo. Não era nada sério. Não era um trabalho, e definitivamente não era uma carreira. Mas, durante muito tempo, pareceu-me ser tudo o que eu tinha. E agora é a única coisa que me faz continuar.

A minha mãe ainda está junto à bancada, a olhar para mim.

– Ela está mesmo bem? – pergunto novamente.

Não consigo afastar a sensação de que alguma coisa está errada.

– Não mudou nada, Truman. A Katie está bem – diz.

Depois, sorri, vincando as rugas do seu rosto. É o suficiente para me fazer calar, para me fazer dar meia-volta e regressar ao meu quarto. Deito-me, a olhar para o teto. A luz da Lua ilumina o quarto, porque ainda não arranjei energia para pôr umas cortinas. A ideia de procurar um martelo e uma escada suga-me toda a vida do corpo. Quero apenas deitar-me em silêncio. No escuro. Porque isto é bom. É fácil.

De repente, o meu telemóvel acende-se com uma mensagem. É da Eden. A escuridão desvanece-se um pouco.

Acabo de trabalhar por volta das 10. Encontramo-nos lá?

Certo, o nosso acordo. Falar sobre a Katie. É isso que ela quer: memórias, histórias. Felizmente para a Eden, tenho montes delas que estou desejoso de partilhar. Falar com a Santana e o Milo sobre ela não é a mesma coisa. Eles não percebem. Com os meus pais é demasiado difícil. Mas com a Eden... Na verdade, não sei bem como é que vai ser. Mas quero descobrir.

Respondo à Eden: *E vamos para onde?*

Não sei, escreve ela. Depois, *havemos de pensar em algum lugar*.

Bom, então está bem.

Encosto o carro em frente ao TugaChicken. Não faço ideia para onde levar esta rapariga. Nem o que lhe dizer. Nem como agir ao pé dela. A Eden disse que não sabe como agir ao pé de mim. Bem, o sentimento é mútuo. Passei tanto tempo a olhar para ela de longe, que a minha mente não consegue processar o simples facto de ela estar... aqui, agora.

Através das janelas do restaurante, consigo ver a Eden de auscultadores, a limpar o chão. A primeira vez que a conheci ela tinha catorze anos, usava aparelho nos dentes e estava acampada no sofá da nossa sala, a ver repetições de *One Tree Hill* com a Katie, com os dedos cobertos de migalhas de Cheetos. Lembro-me que ela olhou para mim,

e os seus olhos abriram-se de repente. Depois, a Katie disse: *Este é o meu irmão, o Truman*. E a Eden limitou-se a abanar e abanar a cabeça, como se fosse um boneco. E foi só isso. Ela estava lá. Passaram quatro anos, e ela nunca se foi embora. E agora está aqui, a trabalhar a tempo inteiro, a viver sozinha numa cidade diferente, a tentar encontrar o seu lugar neste mundo implacável e impiedoso. Já não faço ideia de quem ela é. Na altura, mal sabia. Mas, naquela noite no meu quarto, eu soube. Aí, conheci-a – eu vi-a totalmente. E se isso voltar a acontecer – se ela me mostrar esse lado novamente –, é provável que seja demasiado para mim.

É provável que esteja completamente perdido.

Os meus olhos seguem a Eden pelo restaurante. Está a limpar o balcão e depois dirige-se para a cozinha. De repente, fico nervoso, porque, dentro de alguns minutos, ela não vai estar lá dentro e eu aqui fora. Não haverá uma janela entre nós. Ela vai estar aqui, ao meu lado, à espera de que eu faça o que quer que seja que ela queira. E eu sou um estúpido, um idiota que vai, sem dúvida, encontrar alguma maneira de estragar tudo e afugentá-la mais uma vez.

Sou um idiota. Devia era ir-me embora. Ligar o motor. Voltar para casa. Ela nem sequer me viu. Era a escolha inteligente. Era a escolha certa.

Mas eu nunca disse que era inteligente, por isso, fico à espera. Continuo à espera. E depois espero mais um pouco. Releio a mensagem que ela enviou: *Acabo de trabalhar por volta das 10. Encontramo-nos lá?*

Bom, aqui estou eu, à espera de ver o que acontece.

Alguns minutos depois, as portas do restaurante abrem-se e vejo a Eden no passeio, ao lado do tipo que reconheço da exposição de arte. Ele fecha a porta, falam durante um segundo, e depois ela dirige-se para o meu carro e bate na janela, para chamar a minha atenção – como se a minha atenção não estivesse nela todo este tempo. O cabelo escuro está solto e emoldura-lhe a cara, caindo-lhe sobre os olhos. Quando abro a porta, a Eden parece preencher todo o espaço.

– Oi – digo, porque uma sílaba é basicamente tudo o que o meu cérebro consegue produzir neste momento.

Ela senta-se com um suspiro e atira a mala para os pés. Persegue-a o aroma de comida, enchendo o carro com o cheiro a óleo de fritos.

– Não percebo porque é que te dás ao trabalho de ter um carro nesta cidade – diz ela. Aparentemente, dizer um simples *olá* é claramente sobrestimado.

– Hã? O quê?

Ela olha para mim no escuro.

– Os transportes públicos existem por alguma razão. Tal como andar a pé. É esse o objetivo de se viver no centro da cidade.

O meu cérebro salta do ponto A para o ponto Z, tentando perceber o que está a acontecer neste momento.

– Aconteceu alguma coisa no trabalho? – pergunto.

– Não.

– Estou a tentar perceber o que te deixou com esse bom humor.

Ela lança-me de novo um olhar intenso o suficiente para queimar por inteiro várias cidades, tipo Khaleesi de *A Guerra dos Tronos*, e diz:

– Se queres mesmo saber, recebi uma queixa de um cliente. Não é a primeira vez. – Depois, faz uma pausa. E olha para mim como se estivesse à espera de que eu me precipitasse e dissesse alguma coisa. – Este é o momento em que te mostras surpreendido, Truman – termina ela.

Oh. Pois. Depois, solto um suspiro, mesmo a tempo.

– O que é que fizeste? – pergunto, antes de me aperceber do meu erro.

– Porque é que achas que fui eu que fiz alguma coisa? – responde ela.

Decido que a melhor maneira de sair desta situação é ficar em completo silêncio, o que se revela ser uma escolha acertada, porque a Eden continua.

– Estava ao telemóvel e posso, se calhar, ter-me esquecido de levar a comida a uns clientes. E isso pode ter feito com que...

– Se calhar? – sugiro.

– ... se calhar, a comida estivesse um pouco fria quando a levei até eles – termina.

Anuo, observando secretamente a Eden no escuro. Ela parece-me um pouco triste. Talvez esteja cansada do trabalho. Seja como for, falta-lhe a animação habitual: os olhos inquietos que numa fração de segundo se transformam num olhar carrancudo. É bom saber que o mau humor não afeta o sarcasmo que lhe sai pela língua como lava.

– Queres saber o que eu penso? – pergunto.

– Não, mas podes dizer-me na mesma.

Que provocação.

– Acho – começo – que a culpa não foi tua.

Esta afirmação parece chamar-lhe a atenção, porque para de olhar para fora do vidro. Olha diretamente para mim. De repente, fico a desejar que não o tivesse feito, porque os seus olhos são, bem, *demais*.

– Tens toda a razão, claro. Mas o que te leva a dizer isso?

– Querias esquecer-te da comida deles? – pergunto.

– Claro que não.

– Então, não há mais nada a fazer. Cometeste um erro, e quê?

A Eden parece considerar isto por um momento. Os seus olhos percorrem o meu cabelo, que deve estar uma confusão mesmo depois do grande esforço que fiz para o domar; a minha cara, que provavelmente está cansada e sonolenta; e depois o meu casaco, que eu sempre achei fixe, mas agora já não tenho tanta certeza. Espero, extremamente ansioso, que ela diga o que quer que seja que está a pensar sobre mim.

Ela limita-se a desviar o olhar.

– Onde é que vamos? – pergunta.

A pergunta que eu receava.

– Não sei – confesso. – Tens alguma coisa em mente?

– Não – responde ela, lentamente. – Sei lá. Que tal, um sítio de que a Katie gostasse?

– Hum...

Como é que eu me tinha esquecido que fizemos este acordo por causa da Katie? Definitivamente, não o fizemos porque a Eden quer passar tempo comigo. E claro que eu também não quero. Isso seria uma loucura.

A Eden não diz uma palavra. Ouço-a tamborilar com os dedos ao longo da perna. É tão diferente da Katie, que nunca parava de falar. Os meus pais diziam sempre que os seus pensamentos corriam mais rápido do que a boca conseguia acompanhar. Estava sempre a falar de sítios na cidade onde queria ir um dia: restaurantes que queria experimentar, exposições em museus que queria visitar, peças de teatro para as quais queria comprar bilhetes. Mas não deixam de ser isso mesmo: os sítios que a Katie *queria* visitar um dia. Nunca teve a oportunidade de o fazer.

Nesse momento, começo a pensar que talvez possamos visitá-los por ela.

– Há um restaurante a que a minha avó me levou a mim e à Katie uma vez, nos anos dela – digo eu. – Fazem o batido de morango preferido dela.

A Eden franze a testa.

– Morango?

– A Katie era mesmo esquisita, não era?

Rodo a chave na ignição. O carro ganha vida, e a Eden salta no assento quando ele abana.

– O que estás a fazer? – diz ela, rapidamente. Parece completamente sem fôlego.

Forço-me a concentrar naquilo que a Eden está a dizer e não nos dedos a roçar a sua pele, quando põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– A conduzir para o restaurante?

– Não podemos ir de carro. Temos de ir a pé.

– Eden, é muito longe...

– Não vamos de carro – repete.

A sua voz faz-me pensar que algo está errado. Desligo o motor e

tiro as chaves da ignição. O silêncio atinge-nos, e ela desaba contra o banco. Relaxa. Respira de novo.

Não sei o que está a acontecer. Não sei o que dizer. Sinto-me a pessoa mais inútil do planeta neste momento. Não consigo perceber o que fiz para desencadear tal reação, mas quero desfazê-lo. Que raio aconteceu?

– Não vamos de carro – digo, baixinho. – Não temos de ir de carro para lado nenhum.

Nesse momento, tudo faz sentido de uma vez. O acidente. O acidente de *carro*. A Katie. O para-brisas. O condutor bêbedo. Claro.

Quero estender a mão e pegar-lhe na sua. Algo me diz que só vai piorar as coisas. Lembro-me de como ela hesitou no hospital quando lhe estendi a mão. É uma situação delicada. Preciso de ter muito cuidado. Não se pode tremer quando se está a lidar com algo tão frágil.

– Eden?

Ela está a olhar para o colo, a mexer num fio solto das calças de ganga.

– Desculpa – diz ela.

– Não tens de pedir desculpa – digo. – A sério. Não tens mesmo.

A Eden continua a apanhar o fio. Enrola-o à volta do dedo e puxa, arrancando-o.

– Já não consigo conduzir – diz ela.

– Não tens de te explicar.

Apesar de o dizer, quero que ela o faça. Quero saber mais sobre ela.

Abro as janelas, pensando que talvez o ar fresco possa ajudar. O carro está a ficar um pouco abafado, um pouco sufocante. Não quero que ela se sinta presa – muito menos comigo.

– A Katie adora o céu – diz a Eden. – Podes dizer-me porquê? Deve haver uma história por trás disso.

– Há – digo. Acomodo-me no assento, uma vez que a Eden parece ter abandonado a ideia de ir a pé até ao restaurante. – No quinto, ou

talvez no sexto ano, não tenho a certeza, a Katie foi a uma visita de estudo ao Centro de Ciência de Ontário. Chegou a casa nesse dia a brilhar. A sério, Eden, a miúda estava *radiante*. Passou a noite inteira a falar de uma exposição sobre os diferentes tipos de nuvens: cúmulo, estrato e outras de que não me lembro. Havia uma demonstração com gotículas de água e gelo, que recriava literalmente uma nuvem, ali mesmo no Centro de Ciência. Acho que a Katie lhe tocou e ficou fascinada. Passou semanas a falar de nuvens, a pesquisar sobre elas. Até ficou obcecada por aviões e comentou uma vez que queria viver lá em cima com eles. Não sei, talvez seja uma parvoíce. Mas é algo de que ela gosta muito. Ou, pelo menos, costumava gostar.

Consigo sentir o peso do olhar da Eden, um olhar duro e suave em simultâneo. Não olho para ela. Não quero que veja o que estas memórias me fazem, como me levam para um sítio tão leve quanto sufocante.

– É uma história muito boa – diz a Eden.

– Sim.

Assola-me a vontade de voltar para casa e de me fechar no quarto da Katie, para acabar de lhe dar aquele céu. Talvez seja disso que ela está à espera. Talvez quando estiver completo, ela acorde.

Pensamento estúpido, estúpido. Ainda assim, preciso de pegar num pincel.

– Onde é que foste este verão?

A pergunta da Eden faz-me voltar ao presente, a este carro abafado.

– Hã, o quê?

– Este verão – repete ela. – Estiveste fora durante algum tempo. Para onde é que desapareceste?

Primeiro, fico pasmado por ela ter reparado. Segundo, não acredito que ela se preocupa o suficiente para perguntar.

– Montreal – digo eu. – Fiz um curso de arte no programa de verão de uma universidade. – Depois, continuo, continuo a divagar, porque de repente é muito importante que a Eden perceba isto. – Candidatei-

me e fui aceite antes do acidente da Katie. Depois, tudo mudou. Eu não ia, mas...

– Mas precisavas de te afastar? – pergunta ela.

Fico sem palavras.

– Exatamente. Exato.

– Eu percebo – diz ela, calmamente. – O desejo de estar perto da Katie, mas, ao mesmo tempo, de estar o mais longe possível de qualquer recordação dela. É um bocado cruel, não é?

– Muito – digo eu, porque o meu cérebro voltou a conseguir produzir respostas de apenas uma palavra.

A Eden compreende. Esta rapariga compreende-me. Claro que compreende. A Eden sentou-se na minha cama comigo durante uma hora, a analisar a minha arte. Ela viu a minha mente na totalidade, o meu coração, sentou-se ali e *interessou-se*. Ouviu. Aprendeu. Por isso, é óbvio que também ia perceber isto. É claro que ela seria a pessoa que me iria oferecer esse conforto mínimo que tenho procurado na minha família e nos meus amigos. Mas não. Em vez disso, encontro-o aqui, numa rapariga com quem não falo há meses. Que beijei uma noite e depois me arrependi durante cinco meses.

Cinco meses a querer beijá-la de novo.

– Achas que ela vai acordar? – pergunta.

Diz isso com tanto cuidado, como se estivesse a testar as palavras. Deve ser a primeira vez que pergunta isto a alguém.

– Sim – digo, com total honestidade.

Ela vai acordar. Tem de acordar.

– Como é que tens tanta certeza?

– Porque acho que este mundo não pode existir sem alguém como ela.

Semicerro os olhos quando a Eden acende a luz por cima de nós. Ela inclina-se, aproximando-se da minha cara. O que é que...

– O que é isso? – diz ela. Está a apontar para a minha cara, mantendo uma distância segura entre a minha pele, claro.

– O quê?

Olho-me ao espelho. Tenho uma mancha de tinta azul mesmo debaixo do olho. Outra na têmpora. Tenho também algumas manchas no cabelo.

– Oh – digo eu, envergonhado. Começo a limpar a tinta com os dedos, a tentar tirá-la. – É tinta.

– Estás a trabalhar em quê? – pergunta ela, com tanta sinceridade, que o meu coração explode.

Quero contar-lhe. Sei que vai entender. Mais que isso, ela provavelmente vai adorar. Mas falar do que estou a fazer no quarto da Katie não lhe faz justiça.

Vou ter de lhe mostrar.

– O que fazes amanhã de manhã? – pergunto.

A Eden recosta-se no lugar, deixando a distância entre nós crescer de novo. Deve ter atingido o limite de tempo que consegue olhar para mim, porque voltou a olhar para a janela. Três segundos parece ser o máximo.

– A minha agenda está bastante preenchida – diz ela.

– Ah, sim? Com o quê, exatamente?

– Dormir, ficar na cama, aqueles pacotes de cereais de que te falei...

– Pareces ser uma rapariga ocupada – digo, sem saber bem porque estou a sorrir.

– Muito ocupada – diz ela. – Por acaso, tens sorte de conseguir estar aqui agora.

Sinto-me com sorte.

– O que fazes antes do trabalho? – Tento de novo.

– Porque perguntas? – contrapõe ela.

– Quero mostrar-te uma coisa.

EDEN

Chove toda a manhã. O céu está cinzento e denso, os passeios estão molhados e escorregadios. O vento uiva quando bate no edifício. Soa ainda mais alto devido à altura do nosso apartamento. Faz-me lembrar o quadro do Truman da exposição de arte, da Katie na piscina, no dia em que o céu se abriu e a chuva caiu sobre ela, completamente do nada. Ela estava a rir, a sorrir, radiante, como se nada a pudesse afetar, mesmo estando completamente encharcada. Hoje, o meu coração está um pouco pesado, ainda que um pouco menos do que sinto normalmente quando penso nela. Não consigo perceber exatamente a que se deve nem o que mudou. A minha mente está sempre a voltar ao Truman. Talvez ele tivesse razão – talvez falar sobre ela ajude. Talvez seja a lembrança de que ela existe fora da minha mente, de que há outras pessoas que viveram com ela antes de a cortina se fechar.

Um dia de chuva é exatamente do que preciso. É a desculpa perfeita para ficar na cama e não fazer nada. Claro que faria o mesmo se o sol estivesse a brilhar, mas agora é socialmente aceitável.

Só que era suposto pagar a renda na semana passada e ainda não dei a minha metade à Ramona. O cheque está algures no meu cacifo do TugaChicken, enfiado debaixo de *tupperwares* manchados e de camisolas enroladas. Por isso, quando a Mona me perguntou se não podia passar lá a buscá-lo, disse-lhe que depois o trazia para casa à noite, quando o meu turno acabasse, como faria qualquer pessoa com lógica. Prontamente, referiu que eu já andava a dizer isso há uma semana, o que é verdade. A conversa acaba, de alguma forma,

connosco lá fora, as duas debaixo de um só guarda-chuva, ao fundo do quarteirão do TugaChicken.

A Ramona insistiu em vir, porque acha que sou uma criança em quem não confia para fazer nada sozinha. Além disso, acho que, gulosa como ela é, sempre teve curiosidade de ver o restaurante em que trabalho.

Saímos da chuva e entramos no TugaChicken. Estão duas mesas ocupadas por clientes, o que são mais duas do que o normal. O Ahmed está sentado ao balcão, no meu lugar habitual, a segurar o telemóvel na horizontal e, provavelmente, a jogar algum jogo de que espero nunca ouvir falar. A música do *Animal Crossing* já vive permanentemente na minha cabeça graças à Ramona.

– Este sítio é... – A Ramona não termina a frase. Ela observa os azulejos em mau estado, a tinta desbotada, a mobília gasta e a obscuridade geral que paira no ar. Mas cheira bem. Temos isso a nosso favor.

– Queres comer alguma coisa? – pergunto-lhe.

O Ahmed olha para mim do balcão sem dizer uma palavra. Levo a Ramona até uma mesa e ela senta-se. O banco de couro range.

– Se tu quiseses, pode ser.

Ela está a olhar à volta do espaço, provavelmente a tentar encontrar um canto giro que possa editar no Photoshop para ficar digno do Instagram. Acho que está com azar.

– Vou ver o que o Manny está a cozinhar – digo, e dirijo-me para a cozinha.

Parece-me um crime estar aqui sem estar a ser paga. Atravesso a porta da cozinha e vejo o Manny a trabalhar ao fogão, mexendo uma panela gigantesca com uma colher de pau. Ele vê-me e sorri. Pequenas gotículas de suor escorrem-lhe pela testa.

– O que estás aqui a fazer? – diz ele. – Espera, já são cinco horas? – Olha rapidamente para o relógio.

– Ainda tens algumas horas antes de teres de levar comigo. Vim buscar o meu cheque.

Dirijo-me à arrecadação, que também é uma casa de banho, e vasculho no meu cacifo. Se calhar, devia limpar alguma da tralha que aqui tenho. Na verdade, devia fazer isso agora mesmo. Mas claro que não o faço, pois o que é a vida senão um grande jogo de procrastinação? Pego no cheque e volto para a cozinha. O vapor da receita que o Manny está a cozinhar aquece-me por completo.

– O que é isso? – pergunto eu.

– “Caldo verde” – diz o Manny, em português, duas palavras que eu reconheço.

– Sopa verde?

O Manny remexe numa gaveta e tira uma colher.

– É um clássico português. Tem chouriço, couve, batatas, caldo de galinha. Com este tempo sombrio fiquei com desejos disto. Queres provar?

– Claro que sim.

O Manny mergulha a colher na panela e depois estende-ma. Está muito quente, com pequenos remoinhos de vapor a emergir. Sopro algumas vezes e depois bebo. Não fico surpreendida por descobrir que é deliciosa. O Manny sabe o que está a fazer.

– Gostas? – pergunta ele, radiante.

– É delicioso. Achas que há suficiente para roubar duas tigelas?

O Manny tira o pano branco do ombro e limpa a testa.

– Não me posso sentar agora...

– Não te estava a oferecer a ti, Manny, caramba. A minha colega de casa, a Ramona, veio comigo.

– Ah. Sim, claro. Dá-me um segundo e eu já tas levo.

– És o maior! – digo, a fugir, antes que ele possa gozar comigo.

A Ramona ainda está sentada à mesa, a deslizar os dedos pelo telemóvel. É quase meio-dia, o que significa que está na altura da sua publicação diária. A Ramona diz que a chave para as redes sociais é a consistência: queremos irritar as pessoas, mas de uma forma que as faça *querer* ser irritadas por nós. Para mim, não faz qualquer sentido.

– O Manny vai trazer-nos sopa – digo eu.

– Estão vinte e tal graus lá fora, Eden.

– Desculpa, estás a *recusar* comida grátis?

A Mona cala-se. Tiro o telemóvel do bolso e espreito para o ecrã muito casualmente. Não estou, de todo, à espera de nada. Não estou à espera de uma mensagem de uma pessoa específica sobre uma mancha de tinta azul suspeita e a promessa de me mostrar mais. Claro que não.

– Estás sempre a olhar para o telemóvel – diz a Mona, lendo a minha mente.

– Não, não estou.

– Durante o caminho até aqui, tiraste o telemóvel do bolso de dois em dois minutos – diz ela. – Até no metro, onde não há rede.

– Estou só à espera de que o *Mario Kart Tour* seja atualizado – minto.

A Mona dá-me um pontapé debaixo da mesa.

– O que é que se passa?

Lanço um enorme suspiro, como se fosse o lobo mau. Está bem. *Está bem.*

– Posso estar à espera de uma mensagem.

– De quem? – pergunta ela.

– Do Truman.

Tenho de lhe reconhecer o mérito, porque a Ramona não reage de todo ao nome. Sei que está a fazer um esforço gigantesco, mas consegue aguentar-se. Interessante.

– Então, e ele vai mandar-te mensagens sobre o quê, exatamente?

– Não sei – confesso. – Esse é o problema.

A Mona pega no longo cabelo do ombro e começa a entrançá-lo inconscientemente.

– Queres explicar?

Normalmente, era aqui que eu fechava o cofre, rodava a fechadura e me certificava de que estava completamente trancado e seguro. Em vez disso... Quero contar à Ramona o que se está a passar entre mim e o Truman. Talvez ela me possa ajudar a perceber o que se está a

passar, porque eu claramente não sei.

Digo-lhe que estive no seu carro ontem à noite e da tinta azul. Deixo de fora o meu sobressalto quando ele ligou o motor. Preciso de manter algum tipo de limites.

– Parece ser alguma coisa para a Katie – diz a Mona, quando acabo.

– Era nisso que eu estava a pensar.

Só não sei o que é. E a curiosidade está a dar cabo de mim.

– E como foi falar com o Truman outra vez? – pergunta a Mona.

– Estranho – digo-lhe, honestamente. – Parecia que estava a falar com um completo estranho e com alguém que conheço desde sempre, em simultâneo.

A Mona termina a trança e atira-a para cima do ombro.

– Parece-me uma grande confusão.

– Nem fazes ideia.

Depois, perco completamente a atenção da Mona. O Manny vem na nossa direção, sorrindo como um cachorrinho, com duas enormes tigelas de sopa fumegante nas mãos. Vejo o momento exato em que ele repara na Ramona. Ele *para*, literalmente. Para de andar. Para de sorrir. Ficam a olhar um para o outro como se fossem idiotas, até o Manny se lembrar de como se anda e chegar à mesa.

– Duas tigelas de caldo verde – diz ele, colocando-as à nossa frente.

– Por um instante, pensei que as ias deixar cair – digo. – Manny, esta é a Ramona, a minha colega de casa. Ela é uma crítica dura quando se trata de comida.

O sorriso que toma conta do rosto do Manny é ofuscante. Ele dirige-o para a Ramona, e ela derrete-se como um gelado caído no passeio. Apercebo-me de que estou a presenciar algo especial. Algo giro. Apesar disso, tudo o que quero é comer, e é isso mesmo que começo a fazer.

– A Eden falou-me muito de ti – diz o Manny, cruzando os braços contra o peito. Será que ele está a... *exibir os músculos*?

– Ele está a mentir – digo, entre goles. – Eu não disse uma única

palavra.

A Ramona ri-se, de uma forma muito mais aguda do que o habitual.

– Não me surpreende, Eden. – Depois, estende a mão, e o Manny aperta-a. – Prazer em conhecer-te. Este sítio é teu?

– É da minha família. Eu sou o chefe de cozinha – diz ele, com tanto orgulho, que praticamente se baba.

Eles continuam a apertar a mão sobre a mesa. Apetece-me atirar uma tigela de sopa para cima da cabeça de cada um.

– Estou excitadíssima por provar a tua comida – diz a Mona.

Puxa a tigela de sopa para o outro lado da mesa – a mesma sopa de que ela se estava a queixar, devo acrescentar.

O Manny passa as mãos pelo avental e afasta-se.

– Tenho de voltar lá para dentro, antes que a panela ferva e derrame. Divirtam-se, minhas senhoras.

Minhas senhoras?

Ele desaparece para a cozinha. Lanço um olhar desconfiado à Mona.

– O que é? – diz ela, inocentemente. Com a primeira colherada, os olhos saem-lhe das órbitas. – Uau.

– Sabes bem o quê.

– Nunca me tinhas dito que o teu patrão é tão giro, Eden.

– Ele não é o meu patrão – digo, soprando para a colher. – E o Manny tem um gosto questionável relativamente a mulheres.

– Ele convidou-te para sair?

– O facto de teres percebido isso tão facilmente é incrivelmente ofensivo – brinco. – Mas sim, convidou. Não aconteceu nada. Quer dizer, beijámo-nos uma vez, mas não significou nada. E o Manny é, tipo, o melhor rapaz deste planeta. Devias avançar.

A Ramona sorve a sopa sem dizer mais nada, apenas a sorrir para si própria.

Que nojo.

Depois, o meu telemóvel toca, e eu dou um salto tão abrupto, que

entorno sopa na mesa. A Mona olha para mim com as sobrancelhas arqueadas, como se dissessem *eu bem te disse*.

– Cala-te – resmungo.

Pego num monte de guardanapos e limpo a mesa. Depois, pego no telemóvel. É uma mensagem do Truman, claro. É uma morada. E depois leio: *Consegues chegar aqui em trinta minutos?*

Oh, sim. Sim, consigo.

– O que é que ele disse? – pergunta a Mona.

– Enviou-me a morada.

Até o nome da rua soa chique. Deve ser um daqueles arranha-céus luxuosos, com um porteiro que usa luvas de seda brancas. Provavelmente, tem sotaque britânico. Deve ser tão fino. Tão chique. Tão fixe. Vou lá entrar com as minhas sapatilhas velhas e deixar um rasto de lama pelos tapetes beges luxuosos. Vão expulsar-me porta fora. Provavelmente, serei banida para todo o sempre. Aposto que vão colar uma fotografia a preto e branco da minha cara na parede da sala de segurança com a legenda: *Cuidado com esta rapariga nojenta da classe baixa. Não a deixem entrar*.

Se calhar, é melhor não ir. Assim, evito a vergonha de me sentir deslocada. Além disso, não quero assim tanto ver no que o Truman está a trabalhar. Nem aproveitar para o ver. Não quero mesmo nada disso. Não me irrita nada passar um dia inteiro *sem* o ver. Não quero mesmo...

Pego na minha mochila estúpida e enfio os meus bracinhos estúpidos nas alças. Quem é que eu quero enganar?

– Tenho de ir – digo à Mona, enquanto escrevo a morada no meu telemóvel.

– Já calculava – murmura ela.

O edifício do Truman fica a uma curta caminhada do hospital e a poucos quarteirões daqui. Perfeito. Uma caminhada de dez minutos é pouco tempo para me pôr a pensar em tudo. Claramente, não é tempo suficiente para me começar a sentir nervosa por ver o Truman. Que motivo há para ficar nervosa? Absolutamente nenhum, é isso mesmo.

– Diverte-te com o Manny – digo e saio porta fora, antes que ela se comece a passar e a implorar-me para ficar.

O Manny é um *golden retriever*. Um ursinho de peluche em forma de humano. Além disso, é chefe de cozinha, e a Mona vive e respira comida. Tenho a certeza de que se vão dar bem.

O calor faz-me perder o fôlego assim que saio para a rua. Não sei bem por que razão sou sempre apanhada de surpresa pela humidade excessiva que se faz sentir todos os dias, uma vez que já é assim há meses. Digo a mim própria que estou desejosa que o inverno chegue, mas depois passo o inverno à espera do verão. É um ciclo interminável. A minha linha de pensamento entra em colisão total.

Pelo menos, parou de chover.

Sigo as indicações no meu telefone até ao prédio do Truman. Estou a começar a familiarizar-me com as ruas aos poucos, mas ainda não sou experiente o suficiente para ir sem o GPS. Conheço certos caminhos como a palma da minha mão – o hospital, o TugaChicken, o nosso prédio. Tudo o que não me é familiar é território desconhecido. Atravesso a rua a correr sempre que há uma pausa no trânsito, como a Katie costumava fazer. Ela nunca esperava pelos semáforos nem pelos sinais de trânsito. Ela simplesmente ia, confiando que as pessoas iriam parar. Normalmente, paravam. Até que não pararam.

Não quero pensar nisso. Em vez disso, penso no que o Truman precisa de me mostrar tão desesperadamente. Foi exatamente isso que pareceu quando falou nisso: que ele estava desesperado. Estou curiosa e, ao mesmo tempo, a torcer por ele. Como se quisesse que ele me prove que estou errada. Que me mostre a sua parte oculta e me prove que vale a pena cuidar dela.

Acima de tudo, quero ter a certeza de que ele não desistiu da Katie quando se foi embora. Talvez então eu possa enganar-me e acreditar que também não desistiu de nós.

Mas, nesse preciso momento, apetece-me atirar-me para o meio da estrada, porque de onde raio veio esse pensamento? Nós? Não existe nenhum *nós*. Nunca tivemos a hipótese de fazer com que existisse um

nós. E se tivéssemos tido, será que era mesmo isso que eu iria querer?

Chego ao edifício do Truman e vejo que é exatamente como imaginava: incrivelmente alto e desnecessariamente extravagante. As portas são de ferro forjado e enormes. Mas não há porteiro. Nisso, enganei-me. Chego à pequena entrada e vejo um ecrã tátil para os visitantes. Introduzo o número do apartamento do Truman seguido do código que ele me deu. A porta abre-se, e eu entro. Cheira a eucalipto e consigo ouvir água a correr, como se houvesse uma fonte *zen* algures. O balcão da receção está vazio – um pequeno cartaz diz *Voltamos dentro de trinta minutos*. Atravesso o chão de mármore e viro a esquina para os elevadores. Primo o botão da seta para cima, sentindo-me estranha e deslocada.

Mas, de repente, já estou à frente do apartamento do Truman e está na altura de encarar os factos: estou nervosa. O meu coração bate tão depressa, que mal consigo respirar. Tudo isto é estranho. Não devia estar aqui. Sem a Katie para quebrar o gelo, estar perto do Truman é como aproximar-me demasiado de uma fogueira. No segundo exato em que me convenço a chamar o elevador e ir para casa, a porta abre-se, e vejo o Truman à minha frente, a sorrir, com a *t-shirt* branca coberta de tinta azul. Tem, mais uma vez, manchas de tinta no cabelo, nas maçãs do rosto, no pescoço e algumas a desaparecerem por baixo do colarinho da camisola.

Pensando melhor, o elevador é muito longe. Se calhar, devia ficar por aqui.

– Olá – diz o Truman, os lábios finos a sorrirem. Parece verdadeiramente feliz por me ver. – Vieste.

– Despertaste-me a curiosidade – digo, casualmente. É assim que eu sou: fria, calma, controlada.

– Era esse o objetivo. – Ele abre a porta toda. – Anda ver no que tenho andado a trabalhar.

Quando entro, os nossos ombros tocam-se por breves instantes, mas faço de conta de que não me apercebo desse facto insignificante, obviamente. Depois, ao ver o apartamento do Truman, apetece-me

viver lá. É amplo e limpo. Tudo é brilhante e neutro. Não há nódoas nos tapetes brancos aveludados, e os candelabros parecem ter sido importados de um país de que provavelmente nunca ouvi falar.

Uau. Eu e a Mona temos literalmente vivido numa despenha.

– Bela casa – digo eu.

O Truman parece ficar pouco à vontade. Passa a mão pelo cabelo, o que faz com que uma grande parte fique azul.

– O quarto da Katie é por aqui – diz ele.

Começa a andar pela sala de estar e depois pelo corredor. Então é isso que ele me quer mostrar, o quarto da Katie?

A porta do quarto está aberta, e o cheiro a tinta inunda o corredor. Vejo respingos de azul à medida que nos aproximamos, idêntico ao tom espalhado na pele do Truman. A minha curiosidade já ultrapassou o grau dez. Neste momento, estou num doze bem firme. Sigo o Truman até ao quarto e... E saímos completamente do apartamento. De alguma forma, é como se estivéssemos no meio do céu.

As paredes são de um azul-celeste que sobe até ao teto. As nuvens foram pintadas com tanta textura e profundidade, que parecem ser fofas ao toque. Também estão nuvens pintadas no teto. E, quando olho para cima, fico rodeada por este mar infinito de azul.

– O que é isto? – pergunto.

Apetece-me chorar. Acho que vou chorar.

– Aquilo em que tenho andado a trabalhar para a Katie – diz o Truman, algures atrás de mim. Não estou a prestar atenção.

Caminho para a parede, porque quero tocar na nuvem. Quero sentir o que a Katie sentiu ao apertar um pedaço de algodão entre os dedos e ver isso alterá-la para sempre. Estou prestes a passar os dedos pela tinta branca quando o Truman agarra a minha mão.

– Ainda está fresca – diz.

Ele está a tocar-me. A sua mão está na minha. Estamos de volta àquela noite no seu quarto. O beijo iminente. A desgraça que se segue.

Afasto a mão rapidamente.

– Desculpa – digo.

Depois, tudo se conjuga e percebo o que está à minha frente. É o quarto da Katie. Que o Truman *pintou*. Ele tornou possível dar-lhe um pedaço do céu.

O meu coração afundou-se bem ao fundo no meio do meu corpo, como uma pedra. Estou tão hipnotizada por ele e pelo que ele é capaz de criar. Os seus dedos são feitos de magia – só podem ser. Como é que alguém transforma quatro paredes num céu sem ser a pessoa mais incrível do mundo? Sinto-me atingida por tantos sentimentos ao mesmo tempo, que se torna avassalador. Sou capaz de cair. Talvez precise de esquecer tudo o que pensava saber sobre o Truman Falls. Talvez precise de começar do zero.

– Pintaste isto? – pergunto.

Claro que pintou. Só quero ouvi-lo dizer isso.

Ele sorri, um sorriso suave e envergonhado.

– Sim, pinte. Gostas?

– Se eu gosto? Truman... – Dou uma pequena volta, absorvo cada parede, cada centímetro do espaço que ele transformou. – É...

– É muito para interiorizar – sugere.

– Quando é que começaste isto?

Estão latas de tinta, tabuleiros de pintura e pincéis espalhados por todo o chão. Está um monte de coisas no meio da sala, coberto por uma proteção de plástico azul. O Truman pega num dos pincéis e começa a mexer nele, passando as cerdas limpas pela palma da mão.

– Há alguns dias – diz ele.

– Fizeste tudo isto nuns dias?

O Truman encolhe os ombros, e os seus olhos erguem-se para os meus. Aquele rosto reto e estreito costuma ser apenas ângulos e linhas afiadas. Mas neste momento está mais suave. Ele não parou de sorrir desde que entrámos aqui.

– Não tenho muito que fazer, neste momento – diz ele.

– As paredes estão acabadas? – pergunto.

– Estão, sim. Acabei as nuvens esta manhã.

Aponto para a proteção de plástico.

– E o que é que está debaixo daquilo?

– Oh. Certo – diz o Truman, como se se tivesse esquecido de que aquilo estava ali.

Quando levanta a proteção, vejo algumas peças de mobiliário: uma cabeceira de cama, uma mesa de cabeceira e uma cómoda, tudo em madeira clara, quase branca.

– Esta é a parte em que me dizes que também és carpinteiro e que construístes tudo do zero? Porque eu posso precisar de uns minutos para processar isto tudo.

O Truman ri-se, e eu odeio-me, porque, raios, é um riso agradável.

– Ficavas impressionada se dissesse que fui eu que construí?

– Talvez.

– Detesto desiludir-te, Eden, mas não fui. Comprei tudo em segunda mão a um tipo na Internet.

Fico feliz por ouvir isso. Descobrir que ele tem mais um talento secreto não pode ser bom para o meu bem-estar neste momento. Ainda estou um pouco tonta com a revelação do quarto. Ou talvez seja dos químicos da tinta. Provavelmente, subiram-me à cabeça, fazendo-me sentir coisas que não existem realmente e tal.

– O que é que vais fazer aos móveis? – pergunto eu.

O Truman passa a mão pela cómoda de madeira. Ele é tão alto e o seu corpo tão magro e esguio, e, no entanto, a sua presença estende-se de parede a parede. Consigo ver as veias que correm pela sua pele pálida, e também todas as manchas de tinta que a decoram.

– Não sei bem – diz ele, passado um minuto. – Ia pintá-los, mas estou preocupado que possa ser demasiado.

– O que é que queres dizer?

– Como se... – O Truman coloca o pincel em cima da cómoda, põe as mãos na lateral e começa a empurrá-la. Empurra-a contra a parede, mesmo junto à grande janela. – Não consigo decidir se não será demais, ter a mobília e as paredes pintadas como o céu. – Ele lança-me outro daqueles sorrisos envergonhados. – Estou muito indeciso – explica. – Mas quero que isto seja perfeito para ela. Percebes?

– Parece-me bastante perfeito – digo.

– O que achas que devo fazer?

Apanha-me completamente desprevenida.

– Com a mobília? – O Truman confirma, observando-me. – Acho que devias perguntar a alguém que tenha uma veia criativa. Eu não pinto nada desde, sei lá, o jardim de infância. E mesmo assim era muito má.

– Quero saber o que pensas – insiste.

– Acho que devias pintar os móveis – digo, sem pensar. Parece-me bem que o céu esteja em todo o lado.

Então, o Truman pega novamente no pincel e estende-mo. Dou um passo atrás, porque não sou, definitivamente, digna dessa confiança para um projeto tão precioso. Vou arranjar alguma maneira de o estragar, como entornar a lata inteira de tinta e destruir o céu por completo.

– Queres que *eu* te ajude? – pergunto.

Foi por isso que ele me pediu para vir cá?

O Truman dá mais um passo na minha direção, apontando o pincel para o ar como se fosse uma arma letal. Nas minhas mãos, pode bem ser.

– Se quiseres – diz ele.

Encolhe os ombros, mas a sua cara parece tão aberta, tão sincera. Como se ele... Como se quisesse que eu dissesse que sim.

– Quero – respondo.

Claro que quero fazer parte de uma coisa que um dia vai ser tão especial para a Katie. O meu cérebro tenta interromper, dizendo-me o habitual – *se ela acordar* –, mas não estou com disposição para isso. Neste momento, quero viver um dia inteiro com a esperança de que sim, a Katie vai acordar. E um dia vai entrar neste quarto e poderá viver no céu. Vai ser tão bom saber que desempenhei um pequeno papel para lhe proporcionar isso.

– Então, pega no pincel, Eden – diz o Truman, oferecendo-mo novamente.

– Não posso garantir que não vou estragar tudo – aviso.
– Impossível.
– E se entornar uma lata inteira de tinta por todo o lado?
– Nesse caso, limpamos. Vi-te no TugaChicken na outra noite. És muito boa com a esfregona – brinca ele.

Eu gracejo.

– Só sei limpar quando me pagam para o fazer.

A boca do Truman contrai-se.

– É esse o preço que tenho de pagar? Tenho de comprar o teu tempo?

– A minha falta total de habilidade artística vale cada cêntimo. Garanto.

Sorrio também, o que é estranho. Nunca sorrio ao pé do Truman. Não, eu nunca sorrio. Ponto final.

Uma vez mais, aponta com o pincel em direção ao meu peito. Com relutância, pego nele. Será assim tão difícil passar um pouco de tinta azul sobre madeira? É canja. Só precisava de ter jeito.

– Por onde devo começar?

O Truman entra em modo de instrutor. Faz-me lembrar o Manny na cozinha e a forma rítmica e determinada com que se move. O Truman deita uma pequena quantidade de tinta azul num tabuleiro que está em cima de uma pequena mesa rebatível. Depois, estende a proteção de plástico no chão, pega na mesa de cabeceira e coloca-a lá em cima. Não sei se é tão cuidadoso normalmente ou se simplesmente não confia em mim para não entornar tinta por todo o lado. Seja como for, é uma boa decisão. Ele olha para o pincel na minha mão com os lábios franzidos. Quase consigo ver as pequenas engrenagens artísticas a rodarem no seu cérebro. Ele remexe num saco de plástico e tira um mini rolo de pintura, pequeno o suficiente para caber na largura da mesa de cabeceira.

– Usa antes isto – diz ele, trocando-o pelo meu pincel. – É muito mais fácil de usar e a tinta vai ficar mais suave.

– Então, por onde é que começo?

Estou ali parada como uma completa idiota, de rolo de pintura na mão e com o cérebro vazio de todo e qualquer pensamento.

– Mergulha o rolo na tinta – diz ele. Faço isso. – Depois, rola-o no tabuleiro para retirar o excesso – diz ele. Também faço isso. – Depois disso, começa a pintar. – É mais fácil falar do que fazer.

Rolo mais um pouco, até que a maior parte da tinta escorra, e depois viro-me para a mesinha de cabeceira. Uma vez que já me conformei com o meu próprio falhanço, vou em frente. Passo o rolo contra a madeira em movimentos longos e regulares. E, sem mais nem menos, começa a ficar azul.

– Hum – digo eu, um pouco espantada. – Não é assim tão difícil. – Continuo até toda a parte superior da madeira estar pintada.

– Tens um talento natural – diz o Truman. Sinto-me como uma criança. Quero um autocolante com uma estrela dourada para colocar no centro da minha testa. – Podes fazer a mesma coisa em todos os lados. Depois, passa para o pincel de cerdas para que chegue às fendas que o rolo não consegue alcançar. Depois de secar durante a noite, vou aplicar uma segunda demão.

Estou a abanar a cabeça, como se fosse realmente muito útil e soubesse exatamente a que é que ele se refere. Pincel de cerdas? Uso-o a toda a hora. Segunda demão? Claro que sim. O Truman começa com a cómoda, empurrando-a para cima da proteção, e depois aplica a primeira demão de tinta. Eu faço duas tarefas em simultâneo: enquanto pinto os lados da mesinha de cabeceira, observo-o a trabalhar. É um pouco hipnotizante. Ele maneja o pincel com tanta facilidade, como se cada pincelada fosse uma extensão da sua mente e não uma mísera pincelada de tinta. Quero abrir a sua mente como se fosse um ovo e ver tudo o que está lá dentro. E não apenas as partes sobre a Katie, mas as partes sobre ele também.

– Então, e Montreal? – digo eu.

É como se estivesse a agitar uma bandeira branca em sinal de tréguas. Como se estivesse a tentar preencher o espaço que se abriu entre nós nestes últimos meses.

– O que é que tem?

– Como é que foi o curso de arte? – pergunto, passando a tinta pelo painel direito da mesinha de cabeceira.

– Foi diferente de tudo o que já fiz. Era tudo sobre a forma humana. Corpos, rostos, linhas e curvas. Pintámos muitas pessoas. – O Truman faz uma pausa e depois acrescenta: – Muita nudez.

Paro de pintar.

– Tenho a certeza de que gostaste. – Ele salpica-me com o pincel. Algumas gotas azuis voam pelo quarto e caem na proteção de plástico.

– Ah, não me acertaste.

– Não era nada disso – diz ele, inclinando-se para cobrir o pincel com uma nova camada de tinta. – Não é, tipo, sexualizado. É mais uma apreciação mútua. Não nos estamos a focar em nenhuma parte específica do corpo. É mais para ver como todas as linhas do corpo se ligam, desde os membros aos músculos... esse tipo de coisas.

– Interessante. O que é que mais gostaste de pintar no curso?

O Truman esquece-se completamente do pincel que tem na mão. Olha para mim com os olhos bem abertos. Apercebo-me de que são exatamente da mesma cor que a tinta.

– Queres mesmo saber?

Ele diz isso como se fosse a coisa mais louca do mundo, como se ninguém se interessasse pela sua vida há muito tempo.

Ocorre-me que talvez seja verdade.

– Não perguntava se não quisesse – digo.

O Truman fala-me de um projeto em que trabalhou, em que ele teve de pintar um estranho. Ou seja, literalmente encontrar alguém na rua e pedir-lhe autorização para ser pintado.

– Eu mal falo uma palavra de francês, por isso ninguém fazia ideia do que eu estava a dizer. Depois, uma senhora mais velha viu-me e começou a traduzir. Todas as pessoas disseram que não.

– Então, quem é que pintaste? – pergunto.

– A senhora – diz.

– A tradutora?

O Truman anui. Está ajoelhado no chão, a pintar o fundo da cómoda.

– Depois, paguei-lhe um café. Falámos durante cerca de duas horas.

– Hum – digo.

– O que é que isso quer dizer?

– Nada. Nada, a sério.

– *Eden*.

– *Nada* – digo, com o mesmo tom dramático. – Simplesmente, nunca me passou pela cabeça que passavas o teu tempo em Montreal com mulheres com o triplo da tua idade.

– O que é que pensavas que eu estava a fazer em Montreal? – pergunta ele, a rir.

– Não a tomar café com avozinhas, isso de certeza. Além disso, não sabia que tinhas ido para Montreal até me teres dito no teu carro.

– Então, para onde pensavas que tinha desaparecido? – pergunta ele.

Dou-me conta de que este quarto está muito, muito silencioso. Se parássemos de falar, poderíamos ouvir a chuva que recomeçou ou o zumbido do vento que sopra lá fora.

– Não pensei muito nisso – digo-lhe.

É a verdade. Obviamente, perguntei-me para onde é que ele teria ido. Claro que até fiquei um pouco chateada por se ter ido embora. Não conseguia perceber como é que se podia ir embora quando havia tanto em jogo. Não se aposta tudo e depois abandona-se a mesa antes de as cartas terem sido jogadas. A menos que se esteja desesperado. A menos que pareça que a vida depende disso.

– Nunca perguntaste aos meus pais? – diz ele. – Estás no hospital com a minha mãe a toda a hora.

Pouso o rolo e passo para o pincel, mergulhando-o na tinta.

– Não falávamos de ti – digo eu.

Ficamos num silêncio pesado. A chuva cai. Ouço o ritmo suave dos nossos pincéis a cobrirem a madeira lixada.

– Os meus pais não ficaram muito contentes por eu me ter ido embora – diz o Truman. Não diz, *sussurra*.

– Se calhar, não compreendem – digo.

– Não compreendem. Não compreendem nada. Tive de sair daqui durante algum tempo. Não tinha nada a ver com estar a abandonar a minha irmã. Eu... precisava de um tempo – diz ele.

– Eu disse que se calhar *eles* não compreendem, Truman. Mas eu compreendo.

E não sei porque é que não consigo dizer apenas isso. Continuo a falar, como se fosse aquela velha torneira enferrujada que finalmente voltou a funcionar. É como se toda a água que se acumulou durante semanas começasse a sair a toda a velocidade.

– Eu passo o dia a dormir – digo. – A minha colega de casa goza comigo por isso, e os meus pais também. Acham que sou preguiçosa, que quero ficar na cama o dia todo, como uma inútil. Mas há um momento... um momento pequeno, muito pequenino, que acontece sempre que acordo. É como se o meu cérebro ainda não se tivesse ligado, como se ainda não se tivesse lembrado de tudo o que aconteceu nestes últimos meses. Por uma fração de segundo, a Katie ainda está aqui. Não houve nenhum acidente nem o coma. *Nada*. Ela está aqui. E é tão real, que me agarro a esse momento. Estou sempre a tentar voltar a dormir, para poder acordar e sentir isso de novo.

As palavras estão todas cá fora. Esta grande revelação que nunca contei a ninguém. Nem sequer sei porque o disse. Talvez porque estou finalmente a falar com alguém que compreende este tipo de luto específico. Não é todos os dias que se perde uma pessoa quando ela ainda está cá.

O luto é algo final. São os funerais e os cemitérios e o entendimento de que aquela pessoa se foi, que nunca mais a vamos ver. É dor, mas é aceitação. O luto da Katie é diferente. É uma dor forte e uma esperança fraca. É saber que provavelmente nunca mais voltarei a falar com ela, mas que, de alguma forma, há uma hipótese de ainda o poder fazer. É dizer monólogos no seu quarto no hospital e

agarrar-me a memórias que parecem demasiado distantes. Não sei como fazer o luto, porque ela ainda está aqui. Ela ainda está aqui. Está aqui, está aqui, está aqui.

Ela está tão longe.

Não sei quando começou, mas estou a chorar. As lágrimas escorrem-me pelas faces e acumulam-se na minha camisola. Afasto-me da mesa de cabeceira, porque não quero estragar tudo. Posso brincar o quanto quiser sobre como seria engraçado derramar uma lata inteira de tinta, mas, se isso realmente acontecesse, iria desfazer-me em cacos. O que o Truman está a fazer aqui é tão bom. É muito melhor do que qualquer coisa que eu tenha feito nos últimos cinco meses. Se estragasse nem que fosse um fragmento, apenas uma mancha de tinta no lugar errado, poderia muito bem desfazer-me. Como um novelo de linha a desenrolar-se pelo chão do quarto.

Depois, o Truman ajoelha-se ao meu lado. Tira o pincel da minha mão. *Bem pensado*, digo para mim mesma, *salva a mobília*. Mas depois levanto os olhos do chão e vejo-o a olhar diretamente para mim com uma preocupação enorme e não percebo porquê. Talvez não esteja a tentar proteger a mobília. Talvez esteja a tentar proteger-me a mim.

– Estou bem – digo, fungando como uma idiota. – Desculpa. Vamos fingir que eu nunca disse isto. E que nunca chorei.

– Podemos fazer isso, se quiseres – diz ele, docemente. – Ou podemos reconhecer que esta merda é difícil. E não há nada de errado em ter dificuldades a ultrapassar isto, Eden.

– Parece que não há fim à vista – digo eu. Como se estivesse a atravessar um túnel negro e estreito que se prolonga a cada dia que passa.

– Então, vamos continuar a pintar – diz o Truman.

– Quem me dera que fosse assim tão fácil – digo.

Assoo o nariz com a manga da camisa, porque simplesmente adoro irradiar *sex appeal*. Depois, reparo que o Truman está a conter o riso com tal esforço, que toda a sua cara está a ficar vermelha.

– O que é?

– Nada – diz ele, prestes a rebentar.

– *Truman...*

– Quando esfregaste o nariz, ficaste com um bocadinho...

Ele aponta para o meu nariz, e dou-me conta de que deve estar cheio de tinta, porque este homem está quase a desmanchar-se.

– Não pode ser assim tão engraçado – digo, odiando o facto de estar a lutar contra um sorriso.

– É como se o Rudolfo tivesse um nariz azul – diz ele.

– Uau. *Uau*. Odeio essa imagem.

Esfrego o nariz, o que deve piorar a situação, porque é nesse momento que o Truman finalmente rebenta. O seu rosto está completamente iluminado, o sorriso tão rasgado, que as gargalhadas flutuam até às nuvens que ele pintou. Estou a tentar resistir, mas ele consegue arrastar-me também. E depois ficamos os dois a rir como um bando de miúdos, dobrados, meio agachados no chão, apoiados nas nossas mãos. O Truman está tão perto. É tão inebriante, com a tinta que serpenteia na sua pele, desaparecendo entre o tecido da sua *t-shirt*. Sinto uma vontade insuportável de a tirar e de ver onde as linhas azuis e brancas lhe tocam na pele. Quero beijá-lo outra vez. Seria tão fácil. Talvez pareça que o tempo não passou. Talvez seja como naquela noite no seu quarto, como se estivéssemos à beira de algo grandioso. O passado e o presente estão a misturar-se. Lembro-me de como eram os seus lábios, de como eram as suas mãos a embalar o meu rosto. É tão estranho como é possível voltar a entrar sem esforço na vida de alguém e parecer que não passou tempo nenhum, que nada mudou. E, no entanto, está tudo diferente.

– Vamos equilibrar este jogo – digo eu.

Passo o meu pincel na sua testa. Uma ténue mancha azul cobre-lhe a pele. Que raiva, só lhe faz sobressair mais os olhos. É claro que mesmo coberto de tinta tudo lhe fica bem. Este rapaz é incrivelmente cruel.

Devo estar a franzir o sobrolho. Mas o Truman está a sorrir. Ele parece... feliz. Verdadeiramente feliz, por completo. Não me lembro

da última vez que o vi feliz. Ou da última vez que me senti, bem, o que quer que seja que estou a sentir.

O Truman aponta o pincel para a minha cara, como uma ameaça.

– Não me obrigues, Eden.

– Nem te atrevas – digo, com o máximo de vigor que consigo, para lhe incutir medo. Parece funcionar, porque ele deixa cair o pincel no chão e depois deita-se ali mesmo, em cima da proteção.

– Uau – suspira. – Parece mesmo que estamos debaixo do céu.

Deito-me ao seu lado. Também quero ver. E ele tem razão. Ele tem toda, toda a razão. Daqui de baixo, podíamos estar em qualquer lado. Deitados num prado. Num parque. Na cadeira do antigo jardim da Katie, há tantos verões. Em vez disso, estamos aqui, sob o céu que o Truman criou. É melhor do que o verdadeiro.

O Truman inclina a cabeça para o lado. Olha para mim, mas não tenho a certeza de qual é a versão que está a ver: a Eden, a melhor amiga calada da sua irmã; a Eden, a rapariga que se sentou na beira da sua cama e esperou por um beijo. Espero que veja a pessoa que eu sou agora: a Eden, a rapariga que se esforça ao máximo para seguir em frente, que quer novamente sentir a felicidade. E não sei como nem porquê, mas acho que quando o Truman olha para mim, consegue ver isso mesmo.

A tinta já secou na cara do Truman, com pequenas manchas azuis a salpicarem-lhe a pele. Faço a única coisa de que tenho medo – a única coisa que quero fazer. Estico a mão e passo os dedos pelo seu cabelo. Separo as madeixas que estão coladas com tinta. Observo como o seu peito sobe e desce, uma lembrança suave de que estamos aqui.

– Vamos dar tréguas – diz ele do nada.

Não pergunto se ele está a falar da luta com a tinta ou de tudo o resto – do silêncio de cinco meses, da distância, de eu o evitar. Durante tanto tempo, parece que estivemos em lados opostos, a existir tão longe um do outro. E agora estamos a começar a voltar um para o outro, cada vez mais perto do meio. Então, eu digo:

– Está bem.

O meu coração está a bater tão depressa, que consigo ouvi-lo mais facilmente do que o sinto. Está mesmo aqui, a pulsar nos meus ouvidos, a ressoar na minha mente.

Ficamos ali deitados, com tinta azul na pele, a sorrir um para o outro. Sei que o tempo ainda está a passar, que algures fora destas quatro paredes, as pessoas estão a correr pela cidade, a correr para o trabalho, para as aulas, para os encontros com os amigos. Mas aqui, a ver a tinta secar na pele do Truman, estamos num mundo completamente à parte.

– Os teus olhos parecem o céu – digo eu.

São azuis, vastos e assustadores.

Quando os dedos do Truman se enroscam nos meus, eu deixo.

TRUMAN

Fiquei à espera da retração. Que a Eden recuasse. Que se afastasse de mim. Largasse a minha mão e, não sei, se afastasse o mais possível. Estamos aqui deitados, e eu continuo à espera. Nunca acontece.

É a primeira vez que a Eden me toca desde aquela noite em que a beijei. A primeira vez que ela não tentou manter a distância entre nós. Aqui e agora, com os nossos dedos manchados de azul, entrelaçados.

– Pois, mas o azul é a tua cor – digo eu. Tem tinta esborratada no nariz e nas maçãs do rosto.

Ela encosta a cara no chão e vira-se para mim. Os seus olhos são de um castanho brilhante, ardente e incontornável.

– Achas que sim?

– Acho que sim.

Digo a mim mesmo que tenho de me recompor. Sinto-me sem fôlego só por estar a dar a mão à Eden. Por estar a poucos centímetros dela. Pergunto-me se a ela também lhe parece faltar o oxigénio por estarmos tão perto. Ou se o coração também está a bater-lhe no peito como o tambor mais rápido do mundo. Não posso ser o único a sentir toda esta energia, esta tempestade elétrica a crescer dentro de mim. Ela parece tão calma, com uma mão no peito e a outra na minha.

Esta é a Eden, a rapariga em quem pensei todos os dias dos últimos cinco meses e que esperava voltar a ver. A mesma rapariga que passou a ter como missão esquecer todos os aspetos da minha vida, o que não era um problema, pois já tinha começado a aceitar esse facto. Até agora – agora que ela destrancou a porta e me deixou entrar. Neste momento, só penso como raio é que vou conseguir manter-me longe

dela outra vez.

– Tens de ir buscar o *Purrrnicus* – diz ela, de repente.

Então, era nisso que ela estava a pensar: no gato da Katie. Não estamos só em páginas opostas; estamos em dois livros completamente diferentes.

– Porquê?

– É o gato da Katie. Devia estar aqui, não achas? Mais perto dela.

– Ele é um gato de rua, Eden. Ele iria odiar isto aqui.

– Mas ele está sozinho na vossa casa antiga – diz ela.

– O meu pai vai lá ver como ele está. E eu achava que detestavas esse gato?

– E detesto – diz ela, rapidamente. – Ele é um gato malvado, mesmo mau. Talvez seja o pior gato do mundo.

– Para um gato tão mau, pareces preocupar-te muito com ele.

Ela lança-me um olhar fulminante. Deus me livre que alguém diga que esta rapariga tem um coração.

– Chegaste a voltar lá alguma vez? – pergunta ela, mudando rapidamente de assunto.

– Tonto não ir lá – digo, engolindo o nó que me apareceu na garganta. O pensamento de tentar explicar porque é que me afasto daquela casa é desgastante.

– Percebo-te – diz a Eden.

O nó desaparece. Então é esta a sensação de falar com alguém que nos compreende? Não ter de insistir e explicar cada sentimento profundo ou pensamento perturbador. Ter alguém que destape o véu que esconde a nossa mente, sem fugir a sete pés. A Eden percebe isso. Acho que ela é a única pessoa que entende realmente.

– Vamos falar de algo que não seja completamente deprimente – diz a Eden. – Qual é o teu filme preferido?

Eu rio-me.

– *O Bom Rebelde*. É um filme que o meu pai adora. Costumava vê-lo comigo e com a Katie a toda a hora. Já o viste?

– Eu não vejo filmes – diz ela.

Esta rapariga é a pessoa mais estranha do planeta. E eu não me farto dela.

– Então odeias a felicidade. Já percebi.

Reparo que a Eden larga a minha mão e fica a olhar para o teto, com as mãos no peito. O cheiro a tinta pesa como uma nuvem. Devia levantar-me e abrir a janela... Não me mexo.

– A minha capacidade de atenção é muito reduzida – diz ela. – Qualquer coisa acima de quarenta e cinco minutos é tortura.

– Então, aos quarenta e seis minutos, fazes um *checkout* mental?

– Isso mesmo, faço as malas e vou-me embora.

– Esquisita – digo eu.

– Singular – diz ela, com toda a sinceridade. – Eu sei que os quadros que tinhas na exposição de arte eram de mim.

Fico sem saber o que responder a isso.

– Está tudo bem – diz ela, rapidamente, ainda sem olhar para mim.

– Não estou zangada por causa disso. Por acaso, no início, nem tinha percebido. Mas tenho razão, não tenho? A rapariga sentada no banco? As duas pessoas a abraçarem-se?

Claro que ela tem razão. Claro que sou um completo idiota. Em minha defesa, são duas das minhas pinturas favoritas, de todas as que já fiz. E nunca me passou pela cabeça que a Eden aparecesse na exposição naquela noite e os visse. Mais facilmente teria apostado que um meteorito me iria cair na cabeça. E, de repente, ela estava ali, a olhar para aquelas criações da sua própria imagem. Rezei para que ela não se apercebesse. Pensei que me tinha safado. É óbvio que sou um idiota.

– Tens razão – digo eu. Não há uma pá grande o suficiente para me tirar deste buraco.

– Porque é que me pintaste? – pergunta ela.

Cheguei à bifurcação da estrada: posso dizer-lhe a verdade ou posso mentir. Decido-me pela verdade.

– Porque te beijei – digo – e não conseguia parar de pensar nisso. Depois, a Katie desapareceu. Depois, tu desapareceste. Eu também me

senti desaparecido. E sempre que olhava para uma tela e tentava criar algo, os únicos rostos que me vinham à cabeça eram o teu e o dela. Podes tentar adivinhar qual dos dois era mais doloroso para mim.

Desvio os olhos do teto e olho para a Eden, que parece estar a debater-se para não olhar para mim.

– Oh.

É tudo o que diz. Talvez seja melhor assim, porque se ela dissesse que nunca pensou no beijo, isso iria magoar-me. Mas se ela dissesse que também não conseguia parar de pensar nisso... talvez fosse bastante mais difícil de processar. E, de repente, o espaço que nos separa fica demasiado grande.

– Eden?

Tudo o que eu quero é que ela me dê alguma coisa: uma gargalhada, um sorriso, outra sílaba. E, então, levanta-se sobre os cotovelos, com o cabelo a cair-lhe à volta dos ombros numa ondulação escura e selvagem. Os seus olhos encontram os meus antes de descerem para a minha boca. Ela não precisa dizer uma única palavra. Sei que está a pensar no beijo. Não apenas agora. Ela também tem pensado sobre ele. Talvez o tenha revivido realmente e o tenha fixado da mesma forma que eu.

Fico à espera de que ela estenda a mão, que se incline para a frente, que me dê algum sinal de que também quer isto. Depois, levanta-se e sacode o pó da roupa.

– É melhor ir andando. Tenho de ir trabalhar daqui a bocado – diz.

Tenho de me esforçar muito para não lhe pedir para ficar.

Depois de a Eden ter saído, caio no sofá e desbloqueio o telemóvel. Tento não pensar demasiado, enquanto abro o Instagram. Mudo para a minha conta anónima de arte. A foto de perfil é o meu reflexo no espelho da casa de banho. Editei a fotografia para que ficasse desfocada e não se conseguisse ver a minha cara. Agora, substituo a foto editada pela original, para que o meu rosto esteja visível para todos os meus seguidores. Troco o pseudónimo *Capote* na minha biografia por Falls. E, assim, já não tenho mais nenhum lugar onde me

possa esconder.

É uma sensação agradável.

EDEN

Quando saio do apartamento do Truman, sinto-me tonta de uma forma que não me agrada nada. Sinto-me como uma placa de mármore, que alguém começou lentamente a lascar, e é estranho sentir-me... feliz. Mesmo que seja só um bocadinho. Mas se for honesta comigo mesma, não me sinto nada estranha. Sinto-me bem. Sabe *bem*. É uma sensação a que me posso habituar, mesmo que ainda não tenha a certeza se é uma sensação que mereço.

Chego a casa e não encontro a Ramona em lado nenhum. O nosso apartamento é tão pequeno, que não há propriamente sítios em que se possa esconder. Deve ter saído com uma amiga ou ido a algum restaurante novo. Podia ver no Instagram, mas já estou atrasada, por isso rezo para que a Mona não tenha sido raptada. Depois, visto rapidamente a minha roupa de trabalho e vou até ao TugaChicken.

É uma luta impedir que os meus pensamentos repitam todos os pormenores do dia. Estou sempre a ver as nuvens fofas que o Truman pintou e depois a tentar imaginar como ficará o quarto da Katie quando estiver concluído. Visualizo rapidamente o tempo que passámos juntos, e o meu cérebro fica preso a um pormenor: a mão do Truman na minha. Não me pareceu estranho nem alheio, mas quente e certo. Talvez seja a constatação mais assustadora de todas: passar tempo com o Truman não foi nada do que eu pensei que iria ser. Fiquei à espera de que as memórias da Katie assolassem pela minha mente com toda a força. Estar perto do seu irmão era razão mais que suficiente para que o passado me apanhasse e me arrastasse para o fundo.

Em vez disso, senti-me leve. Como se aquele quarto fosse um espaço seguro para falar sobre a Katie, e pudesse fazê-lo tão abertamente, que queria apenas *continuar* a falar sobre ela. A memória da Katie já não provocava dor. A ferida estava a sarar. E essa foi a parte mais estranha, porque nunca me tinha sentido assim antes.

Agora, tenho de lidar com a constatação de que passar tempo com o Truman Falls pode ser exatamente aquilo de que sempre precisei.

É uma constatação surpreendente. Extremamente inconveniente. É, definitivamente, bastante inadequada.

E, no entanto, aqui estou eu, a sair do metro, a poucos minutos do TugaChicken, já a pensar quando poderei voltar a ver o Truman. Raios.

Nada disso importa neste momento. Entro no TugaChicken e paro abruptamente como uma personagem de desenho animado. Não admira que a Ramona não estivesse em casa. Ela está *aqui*, sentada numa mesa em frente ao Manny.

A campainha em cima da porta toca quando entro. Olham os dois para mim em sincronia. Estou tão bem-disposta que acho isso adorável, em vez de ser ridículo e irritante. O Manny está a sorrir tanto, que não me surpreendia se a sua cara se partisse ao meio. A Ramona tem a decência de ficar envergonhada.

– Eden! – chama o Manny, acenando-me. – Vem sentar-te.

Aproximo-me, pensando em como é estranho ver o Manny noutra sítio que não seja a cozinha. A Mona desliza pelo assento de couro para me dar espaço. Acomodo-me, olhando para os dois, à espera de uma explicação.

– O que é que vocês andam a fazer? – pergunto, desconfiada.

O telemóvel da Mona está pousado no meio da mesa. Ela pega nele e estende-o para mim. Tem o perfil do Instagram aberto, numa publicação sua à porta de uma gelataria, a lambar um cone de chocolate.

– Lembras-te desta gelataria que publiquei no mês passado?

Não, não me lembro.

– Sim – minto.

A Mona revira os olhos, lendo o meu pensamento.

– Lembras-te que te disse que o negócio estava com dificuldades, Eden? Depois de ter feito aquela publicação, eles explodiram nas redes sociais. Lembras-te? Já te contei isto tudo. O dono contactou-me para me agradecer pela publicação. Até deram o meu nome a um sabor?

Ah, sim. Agora já me lembro.

– O Mona Lima – digo eu, para provar que, de facto, presto atenção quando as pessoas falam comigo. – Gelado de lima com pedaços de bolacha.

– Parece delicioso – diz o Manny.

– O que é que isso tem a ver com o TugaChicken? – pergunto eu. Um segundo depois, percebo tudo. – Oh. Oh.

– Vou trabalhar com o Manny e fazer algumas publicações a divulgar o restaurante – explica a Mona, com os dedos a enrolar inconscientemente pedaços do cabelo numa trança. – Acho que, se o promover bem, pode ajudar a trazer alguns clientes. Vamos encher este sítio com gente mais nova.

Concordo inteiramente com isso.

– Os jovens deixam as melhores gorjetas – digo.

O Manny ri-se. Reparo que usa uma *t-shirt* limpa, sem uma única nódoa, e que os seus caracóis – normalmente fofos e soltos – foram domados com gel. Hum. Decido que o vou chatear mais tarde por se arranjar tanto para a minha colega de casa.

– O meu pai vai gostar muito, Ramona – diz o Manny, olhando para ela do outro lado da mesa, como se estivesse pronto para se ajoelhar e pedi-la em casamento.

– Não é nada de especial. E estou excitadíssima por trabalhar contigo – diz a Mona, com aquela sua voz doce como mel. É tão adorável, que acho que vou ficar maldisposta.

Faço um grande esforço para me levantar da mesa e pôr-me de pé.

– Vou picar o ponto. Vocês os dois continuem a fazer o que quer

que seja que estão a fazer.

Dirijo-me para a cozinha, deixando a Mona e o Manny a falar de negócios e, provavelmente, a apaixonarem-se. A colaboração é, de certa forma, uma ótima ideia. Se a Mona conseguir realmente encher este sítio de clientes, estará a ajudar tanto a família Álvaro.

Na sala de descanso, estou a meio da arrumação de todos os pertences no meu cacifo quando algo me chama a atenção. Uma vez que esta sala serve de arrecadação e de casa de banho, estão sempre um monte de coisas aleatórias guardadas aqui: decorações de Natal, caixas de pratos velhos, uma prateleira inteira empilhada com garrafas de detergente da loiça. O meu interesse é despertado pela caixa das ferramentas. Especificamente pelo martelo...

No final do meu turno, pergunto ao Manny se mo empresta. Ele diz que sim.

Nessa noite, no meu quarto, o quadro que o Truman me deu está encostado à minha secretária, exatamente onde o deixei. A Katie e eu estamos num concurso de olhares. Quer dizer, eu estou num concurso de olhares com um quadro, mas é tão realista, que estou à espera que ela pestaneje para mim a qualquer momento.

Volto a analisar o meu quarto, porque o meu eu indeciso não consegue escolher um sítio para pendurar o quadro. Gostava de o pendurar por cima da cama, mas o medo irracional de que caia a meio da noite e me deixe inconsciente faz com que me incline mais para o pendurar por cima da secretária.

Estou consciente de que deveria pegar numa fita métrica e certificar-me de que está centrado na parede, mas opto por ir às cegas. Pego no prego que também roubei do TugaChicken e escolho um ponto ao acaso na parede nua por cima da secretária. Encontro, a olho nu, o que me parece ser o meio. Bato no prego com o martelo, sabendo muito bem que a Ramona está a dormir ao fundo do corredor e que provavelmente vai acordar e matar-me. Mesmo assim, bato outra vez, depois mais outra e depois mais uma vez, até que está bem

preso e só se vê a cabeça circular a espreitar para fora.

Tenho cuidado ao manusear o quadro da Katie. Ajusto-o ao prego e empurro-o um pouco para a esquerda, para que fique direito. Depois, dou um passo atrás e fico a olhar para a cara da minha melhor amiga, porque não há mais nada a fazer. Ela está ali, na água, a olhar para o céu, mas parece que está a olhar diretamente para mim.

Apercebo-me de uma coisa estranha: já não me sinto completamente só.

TRUMAN

Passei os dois dias seguintes a trabalhar no quarto da Katie. As paredes estão completamente pintadas, os móveis estão a brilhar com a segunda demão e só falta o teto. Apercebo-me do meu erro quando já é tarde de mais: devia ter pintado o teto primeiro para evitar que a tinta pingasse para baixo. Não há nada que possa fazer agora. Compro um rolo de pintura mais comprido e acabo a primeira demão num par de horas. Depois, os meus braços começam a doer e fico desejoso de visitar a Katie e de lhe dizer que o seu quarto está quase pronto. A este ritmo, deve estar pronto no final da semana.

É meio da tarde, mas tenho de me forçar a não cair na cama. Lavo os restos da tinta e dirijo-me para o hospital. Quando lá chego, acontece-me uma coisa muito estranha. Desta vez, quando entro pelas portas automáticas do hospital, não preciso de respirar fundo e preparar-me para o que estou prestes a experienciar. Acho que talvez seja porque nunca tinha vindo aqui com boas notícias. Mas contar à Katie tudo sobre o seu quarto parece-me uma boa notícia. E, de certa forma, atenua a dor que estas visitas costumam provocar.

Quando saio do elevador no sétimo andar, vejo a minha mãe ao fundo do corredor. Ela está a falar com o médico da Katie. Estão a olhar para a ficha que ele tem na mão. Não consigo ouvir o que estão a dizer, mas não parece ser nada de bom. Claro que normalmente as pessoas não estão a sorrir nos hospitais, mas um sorriso, neste momento, seria ótimo para sanar os meus nervos. O médico entrega à minha mãe alguns panfletos antes de se ir embora.

– Mãe! – chamo, a meio do corredor.

Os seus olhos erguem-se rapidamente e parece meio em pânico. Observo, confuso, enquanto ela enfia na mala os papéis que o médico lhe deu.

Estão duas cadeiras no corredor à porta do quarto da Katie. A minha mãe afunda-se numa delas. Parece que não dorme há dias. Agora que penso nisso, não me lembro da última vez que a vi em casa.

– Pensei que viesses mais tarde – diz ela.

Tem os olhos vermelhos e inchados. Esfrega as têmporas com os dedos, como se sentisse uma dor de cabeça a chegar.

– Terminei o quarto da Katie mais cedo do que tinha planeado... – Depois, porque preciso de saber, pergunto: – Está tudo bem?

– Está tudo na mesma – diz a minha mãe.

Na mesma. É bom e mau ao mesmo tempo. Bom, porque significa que nada mudou: a Katie ainda está aqui, ainda se está a aguentar. Mau, porque significa que nada mudou: a Katie ainda está aqui, com os olhos por abrir.

– Estavas a falar com o médico sobre o quê? – pergunto.

Sento-me na cadeira vazia, consciente de que a Katie está alguns metros atrás desta parede.

– Estávamos a discutir o tratamento da Katie para o futuro.

Não faço ideia do que isso significa.

– Não vai ser o mesmo tratamento que teve até agora?

A minha mãe faz uma coisa estranha. Coloca a sua mão sobre a minha no braço da cadeira. Dá-lhe umas palmadinhas e aperta-me os dedos.

– Veremos – diz ela, a sua voz soando demasiado final, como se não me estivesse a dizer algo de propósito. – Preciso de sair. Vou levar um cliente para comprar móveis. Vais ficar com a tua irmã?

Mais um momento que ela varreu rapidamente para baixo do tapete.

– Sim, vou ficar um bocado.

A minha mãe sai, e eu sento-me à cabeceira da Katie e conto-lhe tudo sobre o quarto: as nuvens, os móveis, as cores, a vista do teto

quando ela estiver deitada na cama.

– Agora, o resto é contigo – digo eu. – Tens de acordar e ver por ti própria.

Nesse momento, o cansaço dos últimos dias apodera-se de mim. Adormeço no sofá durante algumas horas. Quando acordo, já o céu escureceu. A primeira coisa que ouço é a máquina ligada à Katie que está sempre a apitar; é o som do seu coração a bater em pequenas ondas vermelhas que enchem o ecrã. Depois, vejo a Eden sentada na cadeira ao lado da cama. Está a passar os dedos pelo cabelo da Katie.

– Bom dia, raio de sol – diz-me ela, com um tom de sarcasmo de alto nível. – Dormiste bem?

Esfrego os olhos, semicerrando-os perante o brilho das luzes.

– O que estás a fazer aqui?

– Não sabia que precisava da tua autorização para a visitar – diz a Eden.

Tem o cabelo preso num rabo de cavalo, mostrando aquele rosto cheio e em forma de coração. Está a usar uma camisola com capuz cinzenta e desbotada, pelo menos, três tamanhos acima. Envolve-a por completo de uma forma irritantemente adorável. Apetece-me mesmo atravessar a sala e beijá-la.

Não o faço, obviamente.

– Não deves ter visto o *e-mail* – retruco. – Como é que ela está?

– A dormir – diz a Eden.

Gosto desse pensamento. Sempre é mais fácil lidar com isto se a imaginar simplesmente a dormir.

Levanto-me do sofá e todos os ossos do meu corpo rangem.

Tenho dezanove anos, mas, pelos vistos, parece que vou a caminho dos cinquenta. Pego numa garrafa de água que está em cima da mesa, bebo um gole e depois passo a cadeira vazia para junto da da Eden.

– Sei que os médicos dizem que talvez ela nos consiga ouvir – diz a Eden, com tanta esperança, que me esmaga a alma.

Os seus olhos estão muito abertos e vermelhos quando se vira para mim. Não consigo perceber se é por não dormir ou se esteve a chorar.

Talvez seja os dois.

- Acho que consegue – digo.
- Contaste-lhe sobre o quarto do céu?
- Só um bocadinho.

É uma pequena mentira piedosa. Tenho a sensação de que a Eden iria gostar de estar lá quando a Katie visse o quarto. Se calhar, devia ter esperado por ela para contar à Katie.

- Conta-lhe – diz, quase exigindo.

Então, respiro fundo e faço tudo de novo. Ali sentado, digo à Katie tudo sobre o quarto que estou quase a acabar. Falo-lhe das paredes azuis, das nuvens fofas, da mobília e de como, se nos deitarmos no chão, parece que estamos lá fora, no meio do mundo. A parte mais estranha é que não me sinto *estranho* por partilhar tudo isto à frente da Eden. Pelo contrário, é bom saber que ela me está a ouvir. Que ela se interessa.

– Ele está a ficar com os créditos todos, Katie – diz a Eden. – Fui eu que fiz praticamente o trabalho todo. Ele limitou-se a ficar lá a enrolar o cabelo no dedo.

- *A enrolar o cabelo?*

Ela esforça-se imenso por não se rir.

- Que outra razão tens para o ter tão comprido?
- Porque fica bem? – sugiro.

O olhar que a Eden me lança faz-me pensar numa ida ao barbeiro pela primeira vez em anos. Raios partam esta rapariga. Atingiu-me diretamente no coração.

– De qualquer forma – continua a Eden, aclarando a garganta –, eu também ajudei com o quarto. Até me atrevo a dizer que carreguei o projeto às costas. Até tenho dores nas costas para o provar.

- Queres mesmo provar o que estás a dizer? – pergunto eu.

O rosto da Eden ilumina-se completamente.

- O que é que tens em mente?
- Se és uma pintora tão boa, pinta qualquer coisa.
- Como o quê? – insiste ela.

– Como eu.

Tenho a certeza de que a Eden se vai rir e dizer algo do género *não me lixes, isso não*. Por isso, quando ela sorri, estende a mão e concorda, fico contente por estarmos num hospital, porque eu poderia, literalmente, cair para o lado.

– Estás a falar a sério? – pergunto.

– Muito a sério.

Selo o acordo com um aperto de mão.

– Vais ter de nos dar licença, Katie. Isto acabou de ficar interessante.

Passa um pouco das seis, quando eu e a Eden voltamos para o meu apartamento. A luz do sol é perfeita para pintar, por isso abro as cortinas e deixo-a entrar. A Eden espera no sofá, enquanto eu pego em tudo o que ela vai precisar: uma tela em branco, pincéis, tintas. Estou tão entusiasmado, que as minhas mãos tremem. Não sei se é por estar a passar tempo com a Eden ou por estar à espera de ver que tipo de catástrofe esta miúda está prestes a criar. Por outro lado, seria muito típico da Eden surpreender-me completamente e revelar-se uma artista incrível. Resta saber a verdade.

Preparo a sala de estar, coloco todos os materiais na mesa de centro e sento-me no sofá. A Eden ocupa a cadeira do outro lado. Observo como ela pega no tabuleiro e deita cores diferentes de tinta, com as sobrançelas franzidas enquanto se concentra. Faz-me desejar ser eu a pintá-la.

– Está tudo bem, Eden. Sem pressão. Estamos apenas a arriscar tudo o que temos – provoco, descontraindo-me nas almofadas do sofá, enquanto ela continua a espremer tubos de tinta.

– Podes estar calado? Preciso de silêncio total. Faz de conta que és uma estátua de pedra – diz ela. – Daquelas que não falam.

– Uau. Estás de mau humor.

– Estou sempre de mau humor – responde a Eden.

Ela cruza as pernas na cadeira e coloca a tela branca no colo,

segurando um pincel numa mão e o tabuleiro de tinta na outra.

– Ainda estás a tempo de admitir a derrota – digo eu. – Não temos de passar por este sofrimento.

– O que te faz ter tanta certeza de que serei assim tão má pintora? – pergunta ela, fazendo girar o pincel com tinta preta. Nem preciso de me perguntar por que parte de mim é que está a começar. Tão previsível.

– Até estou à espera do contrário – admito.

– Agradeço o aumento de confiança. Agora, podes inclinar-te um pouco para trás? Descontra-te. E tira o cabelo da cara. Isso, assim mesmo. Vira a cabeça um pouco para o lado para o sol... Perfeito. Não mexas nem um músculo.

– E se eu mexer?

– Não faças isso.

– E se eu tiver de espirrar?

– Aguentas – grita ela.

– Isso não pode matar? – pergunto.

Os seus olhos estão tão semicerrados como dois riscos. *Riscos.*

– Não sei, Truman. Vamos descobrir.

Desato a rir-me à gargalhada. Não consigo evitar. Ela é completamente diferente do que esperava.

– Por onde vais começar? – pergunto.

– Pensei que te tinha dito para não falares.

– És muito má, Eden Flora.

– Tens fita-cola? Estou a pensar se se colará bem à tua boca.

– Qualquer desculpa serve para chegares perto da minha boca, não é? – Parece estar a ponderar seriamente saltar da cadeira e matar-me neste sofá. Levanto as mãos, rendendo-me. – Está bem. Eu calo-me. Ganhaste.

Ficamos ali sentados em silêncio. O único som é o do pincel na tela e um suspiro ocasional da Eden. Não consigo ver o que ela está a pintar, mas consigo ver que está irritada pela cara que faz. De vez em quando, segura o pincel entre os dentes para soltar o cabelo, mas

depois prende-o e volta a soltá-lo. Não consigo parar de olhar para ela. Nem sequer estou a olhar para a sua cara. Olho antes para as suas mãos. Para o pescoço. Observo a forma como a tela está apoiada no seu joelho e a mancha de tinta preta na ponta do dedo, a cor que eu sei que escolheu para o meu cabelo. Olhar para a Eden é como estar num museu. Há tanto para ver. É como se os meus olhos estivessem a lutar entre si para encontrar um lugar para pousar.

Ela é hipnotizante.

– Os teus olhos são irritantes – diz ela, quando já passou demasiado tempo em silêncio. – Não há tinta que tenha a cor azul certa. São como vidro num segundo e o céu no outro.

– Estás obcecada pelos meus olhos. Já percebi.

– Não percebeste nada.

– Está bem, então. Já estás quase a acabar?

– Acho que sim. Não está muito bom. Eu não sou boa em arte, só para que saibas. Não esperes, sei lá, a Mona Lisa ou algo assim.

Solto uma gargalhada.

– Não estava à espera disso.

A Eden sorri. Desta vez, os meus olhos sabem exatamente para onde olhar.

– Fixe – diz ela, levantando-se da cadeira.

A Eden atravessa a sala, com o quadro bem seguro nas mãos. Ela afasta-o de mim, para que eu não possa espreitar. Estou desejoso de ver como é que ela me pintou. Não me apercebo de como os nossos papéis se inverteram drasticamente. O sofá geme um pouco, quando ela se senta ao meu lado. O seu joelho bate no meu. Que coisa ridícula de se notar. Mesmo assim, reparo nisso.

– Posso ver? – pergunto, esperando parecer paciente e calmo, não como se estivesse praticamente desesperado por ver o que ela criou.

A Eden coloca a tela no colo, apoiando a base nas coxas e afasta-a propositadamente de mim, para que eu não consiga ver nem um centímetro.

– Está mau – diz ela.

A vergonha insinua-se na sua voz de forma pouco familiar. A Eden raramente se sente envergonhada. De facto, raramente é outra coisa para além de sarcástica e pronta a disparar um comentário astuto e altamente destrutivo.

Mas está a agarrar-se ao quadro com demasiada força. E se há alguém que entende a vulnerabilidade que vem com a partilha de algo que se criou, sou eu.

– Não estou exatamente à espera que seja *bom*, Eden.

Ela fulmina-me com um olhar. Demora um segundo para que qualquer vestígio de fragilidade se desfaça por completo, e depois ela está de volta.

– O meu ódio por ti atinge novos patamares todos os dias – diz ela. Mas está a sorrir, por isso, penso que é bem possível que não me odeie.

– Mostra-me. Não me vou rir – prometo.

A Eden morde o lábio inferior. Põe o cabelo atrás da orelha – que reparo ter quatro *piercings* diferentes. Acho que ela está a empatar, mas depois decide-se e, com um suspiro pesado, vira a tela para mim. Estudo-a durante um minuto. Ela acertou no cabelo preto, na pele pálida, nos olhos azuis. Parece-se um pouco comigo. Ou se calhar com o meu gêmeo falso. Talvez um primo em terceiro grau, na melhor das hipóteses.

– Tinhas razão – digo eu. – Não é, com toda a certeza, a Mona Lisa.

– Truman!

A Eden segura o quadro como se fosse uma arma – e não duvido que esta rapariga consiga arranjar maneira de o transformar nisso. Depois, pensa melhor e dá-me um murro no braço. Isto não pode ser seguro. A tinta ainda não secou. Ela vai destruir o meu sofá e a tela de uma só vez. Mas não me importo, e acho que ela também não se importa.

– Não está assim tão mau – diz ela, estudando o seu trabalho. – A tua cabeça está um pouco desequilibrada e acho que um dos teus olhos não devia ser maior do que o outro, mas está tudo bem.

– Se calhar, um dos meus olhos é mesmo maior do que o outro – digo eu.

A Eden emite um pequeno e suave *hum* e depois aproxima-se de mim, inclinando-se ligeiramente, até estarmos quase frente a frente. Pega no meu queixo entre os seus dedos, mantém-me imóvel e analisa o meu rosto de uma forma demasiado calma para ser natural. Acho que deixo de respirar durante todo o tempo. Na verdade, há uma boa hipótese de noventa por cento do meu cérebro simplesmente ter parado de funcionar. Tê-la tão perto, sentir o toque suave dos seus dedos, é um contraste tão surpreendente com aquilo que ela é habitualmente. O seu olhar de aço torna-se suave e líquido. Não há uma ponta de hostilidade na forma como olha para mim.

– São definitivamente do mesmo tamanho – diz ela.

Certo. Os meus olhos.

– É bom saber – digo, soando cansado.

Meu Deus, se calhar preciso mesmo de me deitar.

Depois, ela afasta-se, arrastando-se de volta para a almofada, levando consigo toda a luz e suavidade.

– Nada mau para uma primeira tentativa – diz a Eden.

Está a tentar mudar de assunto, como se pudesse varrer o que quer que tivesse sido aquele momento para baixo do tapete.

– Mereces nota máxima pelo esforço – digo eu, porque o meu cérebro ainda está a tentar recompor-se.

A Eden pousa o quadro no sofá. Algo no seu cérebro está a dizer-lhe que é boa ideia pousar um quadro acabado de pintar num sofá de pele branca. Está a manusear a tela com tanto cuidado e de uma forma tão adorável, que não digo uma única palavra.

Ela olha para mim por cima do ombro e lança-me aquele olhar familiar de desdém.

– Não sejas tão parvo – diz ela.

Tem uma mancha de tinta preta na bochecha, à qual se colaram fios de cabelo soltos. Não consigo parar de olhar para ela.

– Preferes que eu seja fixe e charmoso? – digo.

O seu riso é um golpe no meu ego.

– Se fores capaz disso, claro.

– Posso ficar com a pintura? – atiro.

A Eden está atónita.

– Para que é que a queres?

Ela tem razão. Eu não a devia querer para nada. Não está sequer bem pintada, e consigo imaginá-la a assombrar os meus pesadelos. Mas estou completamente fixado no facto de ter sido ela a criá-la. Esta rapariga impetuosa, que há uma semana mal suportava estar no mesmo sítio que eu, pintou a minha cara estúpida, que nem é grande coisa. Além disso, sinceramente, há uma boa hipótese de ela arranjar forma de a destruir antes mesmo de chegar a casa, se eu a deixar nas suas mãos.

– Quero emoldurá-la e prendê-la à parede – digo eu, apontando para a parede em branco, por cima do sofá. – Aqui mesmo.

– Acho que os teus pais não vão achar graça – diz a Eden.

Provavelmente, tem razão.

– Talvez no meu quarto, então.

As suas sobranceiras arqueiam-se. É o único sinal. O resto da sua expressão está calma, pensativa. Quero saber em que é que está a pensar, mas sei perfeitamente que, se perguntasse, provavelmente, não me diria. Porque esta é a Eden, a rapariga que se cobre de camadas de humor e sarcasmo para manter toda a gente à distância.

– Tu não queres mesmo ficar com a pintura – diz a Eden.

Ela está enganada. Quero. Por isso, estendo a mão para agarrar o quadro. E ela... Ela impede-me. Coloca a mão sobre o meu pulso. Não é quase nada. É insignificante. Mas ambos reparamos.

A Eden faz uma pausa, com os olhos fixos no ponto exato em que os seus dedos me tocam. Não sei como é possível sentir-me tão consciente da presença de outra pessoa, e, no entanto, sempre foi assim com a Eden. Quando ela está perto de mim, é ofuscante e brilhante. Quando não está, não a consigo tirar da cabeça.

Ela está aqui agora.

Aproximo-me um pouco mais. Só consigo pensar no beijo que acabou demasiado depressa. No futuro que nunca chegámos a explorar. Os *sentimentos* que nunca chegámos a explorar. Talvez seja tarde demais para muitas coisas, mas não é tarde de mais para nós.

– Truman.

A Eden di-lo com uma voz que me avisa que me vai afastar a qualquer momento. Mas, de repente, é urgente que não a deixe fazê-lo. Não quero ser afastado e posto de lado. Não posso deixar passar mais cinco meses antes de ter outra oportunidade com ela. Tudo o que eu quero é estar mesmo aqui, com ela.

Por uma vez, deixo de pensar em tudo o que pode correr mal. Esqueço-me da culpa e do arrependimento, de todas as pessoas que existem fora destas paredes, e pego no rosto da Eden com as minhas mãos. A sua boca abre-se, provavelmente para gritar comigo, mas eu beijo-a antes que ela consiga dizer o que quer que seja. Beijo-a, porque, sinceramente, é a única coisa que quero fazer.

A Eden cede, inclina-se para a frente, e o seu corpo relaxa no meu. Perco-me algures na sensação das suas mãos no meu rosto e depois nas minhas costas. Consigo sentir a tinta molhada nas pontas dos seus dedos, quando tocam na minha bochecha. Sinto o gosto da raiva e da tentação e da possibilidade de isto ser errado, mas nenhum de nós para. Porque precisamos disto.

Porque cinco meses foram demasiado tempo.

Porque acho que estávamos destinados a acabar assim.

EDEN

O Truman beija-me, e a minha mente fica completamente vazia, como um quadro preto limpo do giz. Vejo a inclinação do seu rosto a aproximar-se como uma mancha; vejo o céu no azul dos seus olhos. Revivo-o uma e outra vez. Memorizo-o. Memorizo a forma como ele segura no meu rosto. O seu sabor. A forma como o sinto, como se o passado e o presente se misturassem neste momento único que toca a perfeição. É a primeira vez que a minha mente fica completamente em silêncio. Não há sussurros, não há ruídos. No silêncio, o Truman beija-me, e eu sinto a suavidade, a facilidade. Parece-me uma aceitação pacífica, como estar à beira da felicidade.

Ainda assim, a memória do nosso primeiro beijo pesa-me. Está sempre lá, no fundo da minha mente, à espera de me lembrar que me devo manter afastada do Truman – mesmo num momento como este, em que não o quero fazer.

Assim que o Truman se afasta, sorri.

– Hum – diz ele.

Não é exatamente o que quero ouvir.

– Hum?

– Não pensava que pudesse superar aquele primeiro beijo – diz, da forma mais parva possível.

– Acontecem coisas más quando nos beijamos – digo eu. Por um lado, digo-o porque é verdade e, por outro, porque uma parte de mim sente que mereço estragar este momento.

– Acho que não nos beijarmos é uma coisa má.

As mãos do Truman envolvem a minha cintura. Olho fixamente

para o rosto que acabei de passar uma hora a pintar. Realmente, não lhe fiz justiça. Não sei se alguém consegue capturar a essência do rosto do Truman, porque ele é muito mais do que a soma das suas partes. Não se trata da curva da sua boca ou da cor dos seus olhos – foi aí que me enganei. É a forma como todo ele se suaviza quando fala; a forma como ele esboça o sorriso mais minúsculo à menção da Katie; a forma como as linhas do seu rosto se transformam em arcos suaves quando está perto de mim. Faz-me lembrar a forma como pinta, com uma precisão perfeitamente controlada, nem demasiado leve nem demasiado forte. Ele torna tudo suave.

– Posso perguntar-te uma coisa? – pergunta.

Ainda está encostado a mim, com a testa encostada à minha. As suas palavras tocam-me no coração. Preocupa-me que ele vá dizer alguma coisa que estrague o momento e que traga a realidade de volta.

– Sim – digo, lentamente, já a sentir o momento a escapar-me.

– Sempre me perguntei porque me evitavas depois do acidente da Katie – diz, com tanta hesitação, que me deixa envergonhada. – Porque me culpavas?

Devo ter ouvido mal.

– Culpava-te? A única pessoa que eu culpo sou eu própria.

Sinto as suas mãos ficarem tensas na minha cintura.

– Culpas-te de quê?

– Do acidente da Katie – continuo. Nunca consegui admitir isto a ninguém. A ninguém, exceto a ele. – A culpa foi minha. Eu fui a última pessoa a vê-la. Passei a noite inteira no quarto com ela e depois fui-me embora. Distraí-me contigo, quando nos beijámos. Se não o tivesse feito, a Katie não teria saído pela janela. Não teria chocado com aquele carro. Não estaria num hospital. Em vez disso, estaria aqui connosco, agora. Convenci-me de que a culpa era toda minha e ainda acho que é. Olhar para ti era uma lembrança daquela noite. Por isso, deixei de o fazer. Deixei de pensar em ti. Comecei a evitar-te como podia. Tentei bloquear todas as coisas más que aconteceram naquela

noite, e acho que, ao mesmo tempo, acabei por bloquear também as coisas boas. Porque beijar-te não foi uma coisa má. Apenas o que aconteceu depois.

Já disse demasiado, mas parece-me que não é suficiente. Quero ir mais fundo e dizer ao Truman que já sinto isto por ele há muito tempo, como se ele fosse a luz trémula de um interruptor, quando uma sala fica demasiado escura. Que a sua arte é uma obra-prima e que a sua mente, assim como o seu coração, também o é. Que odeio a forma como o seu cabelo se enrola atrás das orelhas, mas que não quero que isso mude nunca. Que beijá-lo naquela noite no seu quarto me destruiu completamente, porque me arrependo muito. Mas o pior é que, de facto, não me arrependo nada. Beijá-lo-ia cem vezes mais. Em qualquer sítio. Em qualquer exposição de arte. Com qualquer cor de tinta nas minhas mãos. Quero-o vezes sem conta, porque ele é extraordinário em todos os aspetos.

– Foi por isso que me ignoraste? – pergunta ele. – Por causa da culpa? Achas que isto é culpa *tua*?

– De quem mais poderia ser?

– Minha – diz ele, tão depressa. – A culpa é minha, Eden. Foi tudo culpa minha. Eu sou o irmão da Katie. Devia ter sido eu a olhar por ela naquela noite, não tu. Nada disto foi por tua causa.

As suas palavras paralisam-me completamente.

– Truman – digo eu –, nem por um segundo pensei que o acidente da Katie fosse culpa tua.

– Nunca pensei que fosse tua – sussurra ele.

Os seus dedos apertam a minha cintura, e cedo à pressão, à lembrança subtil.

– Então, pensaste que eu te ignorava porque te culpava pelo acidente da Katie?

– Sim – diz ele.

Tudo começa a encaixar-se. Passámos os dois os últimos cinco meses a convencer-nos de que temos culpa de a Katie ter saído de casa naquela noite. Em que momento é que vamos deixar de o fazer? Parar

de apontar o dedo e de nos destruirmos a nós próprios? Acho que os corações e as mentes não foram feitos para aguentar tanta dor autoinfligida. Acho que preciso de parar. Acho que precisamos ambos de parar. Mas como é que se deixa um hábito que se enraizou tão intensamente na nossa mente? Que parece ter marcado toda a nossa existência? Há muito tempo que deixei de me ver como uma simples rapariga de dezoito anos que vai para a universidade no outono, que se mudou para uma nova cidade e fez novos amigos, que andou com a sua vida para a frente, quando o mundo tentava puxá-la para trás. Durante meses, vi-me assim: um fracasso, uma péssima amiga, a causa do coma da Katie e a rapariga que preferiu uma paixão estúpida à vida da melhor amiga. Mas como era suposto eu saber, naquele momento, que a vida da Katie estava em risco? A única coisa que sentia que estava em risco era o meu coração. Só me apercebi de como estava errada quando já era demasiado tarde. Teria culpa de não prever que a Katie ia fugir? Já não sei.

– Talvez devêssemos ter esclarecido tudo isto há cinco meses – sugiro.

Ao ouvir isto, o Truman ri-se. É como se as nuvens estivessem a flutuar no céu e o sol a espreitar por elas.

– Talvez – diz ele. – Ou talvez nos seja permitido errar de vez em quando.

– Talvez – concordo, esperando um dia poder acreditar nisso.

– Já agora, acabei o quarto dela. Bem, o teto ainda não. Mas o resto está pronto.

Parece que todo o meu corpo está a sorrir.

– A sério?

– Anda ver.

O Truman agarra na minha mão e puxa-me com ele. Em segundos, estamos no corredor, onde o cheiro a tinta ainda paira no ar. Entramos no quarto da Katie. Depois, somos transportados para o meio do universo.

As paredes estão incríveis, como da última vez. Mas agora também

estão aqui os móveis, as peças que pintámos. O céu continua a brilhar. Olho para o Truman ao meu lado, para os nossos braços entrelaçados. Ele está radiante como o sol.

– Acabei esta manhã – diz ele, cheio de orgulho. – As paredes precisavam de alguns retoques e tive de arranjar alguns dos... Eden, estás a chorar?

Claro que estou a chorar. Estou uma confusão, e o meu coração subiu para algures na minha garganta. Uso as mangas da camisola para secar as lágrimas e depois empurro o cabelo para a frente da cara, para esconder o calor que me invade as bochechas.

– Não – digo eu, acenando desajeitadamente com a mão no ar. – Acho que é só do cheiro da tinta. Tipo, os químicos e essas coisas, que me estão a picar os olhos.

O Truman não acredita. Mas também não me contradiz.

– Claro. Pois. Então, o que achas?

– Está perfeito.

São as únicas palavras que consigo dizer, sem me transformar numa poça com peças de roupa preta a boiar, como se fosse o pior bote salva-vidas do mundo.

– Esta é a melhor parte. – O Truman puxa-me para o chão, até estarmos deitados de costas, como quando passámos o dia a pintar. – Fecha ligeiramente os olhos – diz ele –, mas não totalmente. Como se estivesses a olhar para o sol.

Faço-o. Entre a névoa das minhas pestanas, tudo o que consigo ver é o azul e o branco. Parece mesmo que estamos a olhar para o céu.

– Uau – solto.

– Sim – diz ele. – Achas que ela vai gostar?

Sinto-me tão perdida, tão confusa. Sinto-me tão zangada com a possibilidade de a Katie nunca ver isto. Mas, ao mesmo tempo, sinto-me tão feliz que um dia ela possa ver. Sinto-me satisfeita e reconfortada por ele lhe ter dado isto – por também me ter dado isto a mim.

– Eden – diz o Truman. – E tu?

- Não sei – respondo. – Não consigo pensar agora.
- Posso afastar-me mais, se quiseres.
- Não é por causa de *ti*.

O Truman apalpa-me a barriga. Eu afasto-lhe a mão com uma palmada.

- É do cheiro da tinta? – diz ele.

– Do cheiro da tinta – digo eu, virando a cabeça para o lado, para encontrar os seus olhos. Eles estão ali, à minha espera, sabendo que o cheiro da tinta é apenas uma desculpa para algo que é demasiado difícil de dizer.

Sinto o seu dedo mindinho tocar-me no pulso de uma forma suave e hesitante, como se não me tivesse beijado há poucos minutos. Pergunto-me quanto tempo é que ele se vai obrigar a manter esta delicadeza comigo. Pergunto-me quanto tempo será necessário para que as cicatrizes com que ambos ficámos naquela noite comecem a sarar.

– Fiquei chateada por teres partido este verão – sussurro, quando o silêncio se prolonga o suficiente para a minha voz soar distante. – Não percebi como é que conseguiste deixar a Katie. Como me conseguiste deixar a mim. Agora percebo, a sério, percebo. Mas, na altura, não percebi.

Desta vez, quando olho para o Truman, vejo que os seus olhos estão fechados e a cabeça virada para o teto, mas os seus dedos ainda lá estão, no meu pulso.

- Odiei-te por teres deixado a Katie – digo.
- Não faz mal.
- Mas acho que estava mais chateada por me teres deixado.
- Lamento – diz ele, com os olhos ainda fechados.
- Eu também – digo eu.

Não sei quem se move primeiro, mas de repente os nossos rostos são apenas um. Pergunto-me porque é que o Truman precisou de reproduzir o céu nestas paredes, quando basta olhar para os seus olhos para o encontrar.

– Preciso que faças uma coisa por mim – diz o Truman. – Dizias sempre que a Katie não gostava quando falávamos ou estávamos juntos.

– Não gostava.

Ela nunca me disse porquê. Talvez tivesse ciúmes por a minha atenção estar virada para outra pessoa que não ela.

– Bem, não quero que te afares mais de mim, Eden. Por isso, talvez tenhas de quebrar a tua promessa com a Katie.

– Quebrar *a minha promessa*? Até parece que fiz um juramento de sangue.

– Parece mesmo o tipo de coisas esquisitas que vocês as duas gostavam de fazer.

– Nós bebíamos pacotes de sumo e ficávamos a bronzear-nos na piscina dos teus pais o dia todo. Não me parece que juramentos de sangue ocupassem o topo da nossa lista de tarefas, Truman.

O seu peito expande-se enquanto se ri, com os olhos a dançar de uma forma sonhadora e brilhante. Depois, sinto-me mal por usar adjetivos tão bonitos para descrever este rapaz. Mas talvez ele o mereça. Talvez.

– A questão é – continua ele – estamos juntos ou não?

– E ainda dizem que não há cavalheiros. – Desta vez, sou eu quem se aproxima. – A Katie não vai gostar disto – sussurro.

– Ela não tem de gostar – diz ele.

Depois, o Truman beija-me outra vez. Sinto-me como se o céu acima de nós fosse todo nosso.

TRUMAN

Nos dias seguintes, a Eden decide que a tarefa mais importante da sua vida, neste momento, é juntar a Katie com o *Purrnicus*.

– É o gato dela, Truman. Ela não o vê há *cinco meses*.

Ela enfatiza a quantidade de tempo que passou, como se fosse o ponto mais forte do seu argumento. Nem sequer sei se os gatos reconhecem a passagem do tempo. Tenho quase a certeza de que não.

– Tudo o que precisamos de fazer é ir à tua casa antiga, pegar no *Purrnicus*, levá-lo ao hospital durante uma hora para estar com a Katie, e depois voltamos a pô-lo lá fora, antes da hora de recolher – diz a Eden.

Ela está sentada no chão do meu quarto, a vasculhar uma caixa de plástico com os meus quadros antigos. As memórias que tenho da última vez que ela o fez são tão nítidas, que tenho de desviar o olhar.

– Não podemos levar um gato no metro – digo.

– Esqueceste-te de que tens um carro?

– Tu não gostas de andar de carro – digo eu.

Ela fica em silêncio e depois diz:

– Estou disposta a tentar.

É nessa altura que me apercebo do quanto este gato significa para ela.

– Vais continuar a pedir-me até eu dizer que sim? – pergunto.

A Eden pega num quadro horrível antigo que fiz, de um pôr do sol, olha para ele um segundo e depois volta a pô-lo na caixa.

– Vou acabar por te cansar – diz ela. – Mais vale poupares-nos algum tempo a ambos e dizeres já que sim.

Levanto-me da cama e dirijo-me para a secretária, onde estão as minhas chaves, atiradas para cima do meu portátil. Pego nelas e rodo o porta-chaves à volta do meu dedo.

– Vamos lá acabar com isto.

A Eden dá um salto de uma forma muito pouco típica. É um bocado alarmante, na verdade.

– A Katie vai adorar – diz ela, já a correr para fora do meu quarto e para o corredor. Ela desce as escadas a correr, ainda a falar do gato.

– Pensava que odiavas o *Purrrnicus* – digo eu, lembrando-me de todas as vezes que ela o enxotou e lhe chamou uma variedade de alcunhas, sendo as mais populares “estúpido” e “raio do gato”. É óbvio que mudou de ideias.

– Oh, sim, não o suporto.

Pensando melhor...

– Mas a Katie adorava-o – continua –, e juntá-los parece-me bem. Além disso, fui a tua casa há umas semanas, e ele pareceu-me muito sozinho. Esteve o tempo todo a roçar a cabecinha gorda contra o meu tornozelo, e foi então que percebi que ele está desesperado, se até a mim se vira à procura de afeto.

A Eden demora algum tempo a entrar no carro. Eu não digo uma palavra. Não a pressiono, porque não me compete fazê-lo. Nem consigo imaginar como se deve sentir, como deve estar assustada e nervosa. Deixo-a à vontade. Ela fica parada no banco durante quinze minutos antes de conseguir pôr o cinto de segurança. Depois, fica parada durante mais dez. Ponho a minha mão no seu joelho.

– Como estás? – pergunto-lhe.

– Vamos – diz ela.

– Tens a certeza?

– Sim – diz, com uma força impressionante.

A viagem à minha casa antiga demora uma hora. O trânsito está constantemente congestionado; não amaina até sairmos das ruas da baixa e apanharmos a rampa para a autoestrada. Depois, os arranha-céus e as lojas sem fim transformam-se em longas extensões de

floresta e edifícios industriais. Hotéis, concessionárias de automóveis, locais de culto. Estamos a regressar a casa.

A Eden trouxe um *tupperware*, que pôs em cima do suporte para copos. Está cheio de comida do TugaChicken. Ela pede-me – ou ordena-me, na verdade – que passe pela sua casa para a entregar ao pai.

– O que é? – pergunto. Ela não me deixa espreitar para dentro.

– Frango com batatas que o Manny fez ontem à noite.

Desvio os olhos dos carros por um pequeno segundo para olhar para a Eden. O cabelo cai-lhe pelos ombros em ondas grossas e escuras. Os seus olhos são grandes e brilhantes, e ela sorri enquanto semicerra os olhos contra a luz do sol. Penso em todos os momentos em que estive com ela num carro no *passado*. Naquelas alturas em que a Katie se sentava no lugar do passageiro, a Eden atrás e eu no lugar do condutor. Passava as viagens a olhar para ela pelo retrovisor durante frações de segundo. Não podia arriscar mais do que isso. Agora, não consigo desviar os olhos. Sinto-me sortudo por poder olhar para ela.

– Porque é que não me trazes a comida que o Manny fez, hã?

– Porque é que não me vens visitar ao trabalho e a compras, hã?

– Se quiseres que te vá visitar ao trabalho, basta pedires. Já chega de insinuações – provoco.

Os meus olhos estão de novo na estrada. Consigo sentir o seu olhar como dois *lasers* em brasa, a atravessar a minha pele, a romper a minha armadura.

Deixo a Eden em casa dos seus pais, e ela entra a correr, carregando a caixa de comida como se fosse a tocha olímpica. A porta da frente abre-se, e reconheço o seu pai, a puxá-la para um abraço. Quando me acena, pergunto-me o que estará ele a pensar disto, ou o quanto sabe, ou se a Eden lhe contou alguma coisa sobre nós. Será que existe mesmo um *nós*? Não quero insistir em etiquetas. Estou feliz por ela estar de volta à minha vida. É tão simples quanto isso.

Mal passam cinco minutos, e a Eden já está a correr pela entrada

da garagem e a entrar no carro. Reparo que, desta vez, nem sequer hesita. Senta-se imediatamente, aperta o cinto de segurança e conduzimos a curta distância até à minha casa antiga. Só cá voltei uma vez nos últimos dois meses, para vir buscar algumas coisas quando regressei de Montreal. Não tinha qualquer interesse em visitar este sítio nem todas as memórias que cá vivem. Mas apercebo-me de que enfrentá-lo com a Eden ao meu lado parece-me um pouco mais fácil.

Começo a entrar no acesso à garagem, quando vejo, de facto, o *Purrrnicus* esparramado mesmo no centro da estrada, a dormir de costas, ao sol.

– Admito que é um bocadinho fofo – comenta a Eden.

Ela está a mentir com todos os dentes. Aquele gato é adorável como o caraças.

Estaciono o carro ao seu lado, dando ao pequenote todo o espaço do mundo. A Eden ajoelha-se de imediato ao seu lado, coçando-lhe os tufo de pelo atrás das orelhas. Eu agacho-me ao seu lado e esfrego-lhe a barriga. Ele ronrona tão alto, que parece que alguém ligou uma serra elétrica.

– Olá, amigo – digo eu, passando a mão pela sua cauda. A Eden abancou à entrada da garagem, de pernas cruzadas e tudo.

– Ei, vens para dentro ou quê?

– Posso esperar aqui fora? Não quero mesmo ir lá dentro – diz.

– Oh. Sim, não há problema.

– A não ser que queiras que eu vá contigo! – diz ela, rapidamente.

– Queres? Se quiseres, eu vou.

– Não, não, eu estou bem. Fica de olho no *Purrrnicus*, para não termos de o procurar por todo o bairro.

A Eden sorri para mim.

– Não te esqueças da transportadora dele. Acho que está no armário da entrada – diz ela, porque é claro que conhece a minha casa melhor do que eu.

A caminhada até à porta da frente parece estranhamente longa.

Apercebo-me de que as minhas mãos estão a tremer quando vou colocar a chave na fechadura. Parece que não a consigo encaixar. Rodo-a para um lado e para o outro, mas as minhas mãos estão a tremer tanto, que não consigo acertar com as ranhuras.

Não tenho a certeza absoluta se consigo fazer isto. E isso faz-me pensar no que se estará a passar comigo, para achar tão difícil abrir o raio de uma porta. As memórias lá dentro estão a implorar por liberdade. Não me quero afogar nelas. Não quero ser apanhado na corrente. Porque, no momento em que esta porta se abrir, a Katie vai estar em todo o lado: é a rapariga sentada à mesa da cozinha, com a porta do frigorífico aberta; deitada no sofá, a avançar pelos canais de televisão; é a rapariga dos passos suaves a subir as escadas; no corredor com chinelos de coelho; é a madrugadora que lava os dentes às seis da manhã.

Começo a sentir-me esmagado por esta investida do passado, até que sinto uma mão sobre a minha. É a Eden. Ela introduz a chave na fechadura. Abre a porta. Pega na minha mão.

– Vem comigo – diz ela, e leva-nos para dentro de casa.

Entramos, e o silêncio é assombroso. Está tudo exatamente como deixámos. Os sapatos da Katie ainda estão colocados num ângulo estranho na carpete, para o sítio onde ela os atirou. O seu casaco ainda está pendurado no gancho. Tento encontrar um centímetro de espaço que não esteja tocado por ela e não consigo.

A Eden bate com o ombro no meu e aperta-me a mão.

– Ela está em todo o lado, não é?

– Em todo o lado – repito.

Observo com admiração como a Eden se dirige para o armário, remexe lá dentro e tira uma transportadora amarelo-pálida para animais de estimação.

– Sabia que estava aqui – diz ela. Depois, está de novo ao meu lado, e o peso desaparece um pouco. – Precisas de mais alguma coisa?

Não. Vamos embora. É a Eden quem pega na chave e tranca a porta atrás de nós. Lá fora, o ar está frio, e o sol ofusca-nos. Tento

respirar o mais silenciosamente possível, para que a Eden não se aperceba do quanto estou afetado.

Junto-me a ela na entrada da garagem. Ela tem a transportadora mesmo ao lado do *Purrnicus*. Abre a pequena porta de metal e tenta empurrá-lo para dentro, mas ele não está a gostar. Continua a esprepear de costas, com a barriga no ar e o sol a aquecer-lhe a pele.

– *Este gato maldito* – murmura.

De alguma forma, isso faz-me sentir ridiculamente melhor.

Pego no *Purrnicus* e coloco-o na transportadora. Depois, voltamos à estrada. O *Purrnicus* mia durante a viagem toda, e eu estou sempre a lançar olhares à Eden que dizem *eu disse-te que isto era uma má ideia*. Mas ela está tão ocupada a sorrir abertamente para aquele gato, que nem dá por isso.

– É permitido trazer gatos para o hospital? – pergunta ela.

Nesse momento, apercebemo-nos os dois do nosso erro.

– Se calhar, devia ter perguntado antes de virmos para cá – digo eu.

– Se calhar.

Telefone para o hospital e consigo falar com a Celia, a enfermeira da Katie. Explico a situação, e ela concorda que não há problema em trazer o *Purrnicus*, desde que seja só por uma hora ou assim. Por isso, regressamos à cidade. A Eden está radiante quando o hospital surge à nossa vista.

Assim que entramos no quarto da Katie, a Eden fecha a porta e abre a transportadora. O *Purrnicus* está hesitante. Fica lá dentro durante alguns minutos, farejando tudo ostensivamente. Depois, toca com a pata no chão de tijoleira, seguindo-se as outras patas. Aventura-se pela sala com toda a curiosidade do mundo, cheirando cada centímetro e cada fenda.

– Muito bem, seu patife, trouxemos-te aqui para veres a Katie, não para te pores a cheirar tudo o que te apetece. Vamos lá.

A Eden pega nele e deita-o na cama, mesmo em cima das pernas da Katie.

Ambos recuamos e ficamos a observar. O *Purrnicus* cheira o cobertor e depois sobe pela barriga da Katie até à almofada. Cheira-lhe o queixo, o cabelo. E depois deixa-se cair ali mesmo, enroscado no seu peito. O quarto está tão silencioso, que o ouvimos ronronar.

Fico à espera de que a Katie acorde nesse momento. Não é possível que exista um momento melhor do que este para o fazer. Mas, por mais que o *Purrnicus* encoste a cabeça à sua bochecha, os seus olhos não se mexem. Mesmo assim, acho que ela ficaria feliz por saber que ele está aqui.

– Tomaste a decisão certa – digo à Eden.

Os seus olhos estão cheios de lágrimas quando se vira para mim.

– Não fiques tão surpreendido.

A Eden vai trabalhar nessa noite, e eu levo o *Purrnicus* para o apartamento. Amanhã, vou levá-lo de volta para casa, quando não me sentir completamente esgotado. Estou deitado na cama, com o *Purrnicus* enrolado aos meus pés, quando os meus pais entram no meu quarto. É tão chocante vê-los aqui. Especialmente quando estão assim. A minha mãe lança-me o mesmo sorriso que deu à Katie, antes de lhe dar a notícia de que o hamster tinha morrido.

– O que é que se passa? – pergunto.

Nem tenho tempo de me preocupar com a última vez que aspirei o quarto. A minha mente já se está a preparar para o pior cenário possível.

– Temos de falar contigo – diz o meu pai, com a sua voz fria de advogado.

O meu coração aperta.

– Está bem – digo eu. *Está bem. Está bem. Está bem.*

Isto não pode correr bem, nem de longe.

– Podemos sentar-nos? – pergunta a minha mãe, obviamente a empatar.

Sento-me na cama e liberto espaço na beira. Eles sentam-se e fazem festas ao *Purrnicus*, que começa imediatamente a ronronar. *Olha*

à tua volta, amigo, percebe o ambiente. Depois, a minha mãe agarra-o e encosta-o ao peito. Parece que recuou uns anos, transformando-se numa criança, a esfregar o seu rosto contra o focinho.

Olham os dois para mim como naquela noite em que entrei no hospital com a Eden a reboque. Lembro-me de que a minha mãe não conseguia falar. Ficou ali parada, congelada, a olhar para alguma coisa que mais ninguém conseguia ver. Foi o meu pai que me agarrou nos ombros, me contou os pormenores do estado da Katie e me levou para a sala de espera.

É isso mesmo que parece.

O meu corpo inteiro arrefece, como se o oxigénio, o sangue e tudo o mais de que sou composto me tivessem abandonado.

– Estivemos a falar com os médicos da Katie ontem à noite – começa o meu pai.

Deixei de ouvir pouco depois disso. O choro da minha mãe chegou facilmente, mas vejo que está a forçar um sorriso. Pergunto-me porque achará que tem de fingir que isto é uma coisa boa. Todos sabemos que não é. O meu pai está a dizer palavras como “qualidade de vida” e “a Katie não iria querer isto”. Eu só consigo pensar que tudo isto é ridículo. A única pessoa que sabe o que a Katie quer está, neste momento, deitada numa cama de hospital, incapaz de falar.

Não há ar aqui.

Nunca pensei durante quanto tempo a Katie estaria em coma. Sempre pensei que um dia ela acordaria e que a poderia levar para casa. Poderia mostrar-lhe a mobília nova do seu quarto, e ela sorriria, provavelmente chamar-me-ia parvo e iria provocar-me por ter tido saudades suas. Eu iria negar, mas depois acabaria por lhe dizer que sim. Nunca imaginei que tivéssemos de tomar esta decisão por ela. Nunca consegui imaginar nenhum tipo de futuro do qual a minha irmã não fizesse parte.

Se não fosse o tubo de oxigénio permanente que lhe permite respirar, pareceria a princesa adormecida que ela adorava. Pareceria que estava apenas a dormir. Mas quando o outro carro lhe bateu e ela

voou pelo para-brisas, não foi apenas o seu cérebro que ficou danificado. Ela também não conseguia respirar por si própria.

– Truman?

Desta vez, é a voz da minha mãe, num tom doce, como quando chamava o meu nome a meio da noite, quando eu era pequeno, a espreitar pela porta para ver se eu estava a dormir.

– Sim.

– Em que estás a pensar?

– Não sei – digo. Estou a gritar por dentro. Estou a despedaçar-me.

– Já passaram quase seis meses. – Desta vez, é o meu pai. Está a chorar, pela primeira vez. – Sabes que ela não iria querer isto – sussurra ele.

A pior parte é que ele tem razão. A Katie não iria querer passar anos numa cama de hospital, aguentando-se suspensa só porque nós queremos que ela o faça.

– Não precisamos de decidir hoje – diz a minha mãe –, mas é uma coisa em que temos de pensar.

– Está bem.

A conversa está terminada.

Fico à espera de que os meus pais saiam. Depois de eles se irem embora, não me mexo. Finjo que o meu corpo é de chumbo e fico ali, no mesmo sítio, até o sol nascer. Imagino como seria esta sensação durante anos, de não me poder mexer. É uma merda. Depois, apercebo-me de que esta pode ser a vida da Katie para sempre.

Ela não iria querer isto.

Ninguém quereria.

Será egoísta mantê-la viva? Visitá-la num quarto de hospital durante a próxima década, apenas porque nenhum de nós tem força para lhe dizer adeus?

Os meus pais querem desligar-lhe o suporte de vida, mas acho que não se apercebem de que a Katie não é a única que o está a usar para sobreviver. Eu também estou. Desligar a máquina pode muito bem levar-me ao fundo com ela.

TRUMAN

Passou uma semana, e os meus pais ainda não mudaram de ideias. Estamos sentados no quarto de hospital da Katie, que se tornou o nosso quarto de família, o único sítio onde estamos os quatro juntos. Os meus pais estão no sofá, e eu estou à beira da cama da Katie. Tem os pés de fora do cobertor, e as unhas dos pés pintadas de amarelo – sem dúvida obra da Eden.

Desvio o olhar. Fecho os olhos, cerro o maxilar. Quero estar em qualquer lugar menos aqui, em qualquer lugar menos preso na minha própria vida, na minha própria mente.

O médico entra, com a sua barba branca e longa e a barriga redonda. Está a sorrir de forma suave, como fazem todos os médicos à nossa volta. Como se qualquer coisa um pouco menos gentil nos desfizesse em pedaços. É possível que isso aconteça.

Começa a falar com os meus pais sobre as opções da Katie. Mais uma vez, eu não me meto.

Penso na Eden. Sobre o facto de ainda não lhe ter contado. Acho que estou à espera de que os meus pais mudem de ideias. Que caia do teto uma faixa onde se lê *Apanhados*. Quando a Eden souber, está tudo acabado. Torna-se real. E é mais fácil para mim manter esta dor cá dentro. Não quero passá-la para ela – não agora, que ela começou novamente a sentir-se feliz.

Mas se os meus pais forem para a frente com isto... Não sei quanto tempo restaria à Katie. Quantos dias teríamos para nos despedirmos. Eles têm de fazer a sua escolha, para que eu possa fazer a minha.

Fecho os olhos. Tudo o que vejo é preto. Pergunto-me o que verá a

Katie. Espero que ela veja azul. Que haja nuvens e sol, e aquele ondular dos raios de sol nos dias de verão. Não quero que ela passe a eternidade a olhar para a escuridão sem fim.

Como é que me despeço da minha irmãzinha? Como é que digo adeus a alguém que não está aqui para o ouvir? Preciso que ela acorde, agora mesmo, só por um segundo. Preciso de lhe dizer que lamento. Há tantas outras coisas que preciso de lhe dizer.

Depois, volto a ouvir aquelas palavras: suporte de vida. Desta vez, é a voz do meu pai. Abro os olhos e vejo o médico a acenar com a cabeça. Leio os seus lábios. *Quando estiverem prontos.* É esse o problema. Eu nunca vou estar pronto.

Desligar a máquina é como desistir. E eu não posso desistir da Katie. Não sem sequer lhe poder dar o céu.

Quando o médico sai, a minha mãe está a chorar com a cabeça no peito do meu pai. Não consigo ter pena. Foi ela que fez isto a si própria, não foi?

É um pensamento cruel e nojento.

– Não façam isto – digo, não reconhecendo a minha própria voz. – Ela ainda pode acordar. Ela ainda está a lutar. Eu sei que está.

Viro-me para a minha irmã. Pego-lhe na mão e tiro-lhe o cabelo da cara. Os seus olhos estão fechados. A sua pele está pálida. O apitar constante do monitor de batimentos cardíacos enche o quarto. Aperto-lhe a mão com muita força, implorando-lhe que acorde.

– Por favor – sussurro, pestanejando por entre as lágrimas. – Mostra-lhes que ainda estás aqui, Katie. Mostra-lhes.

Mas ela limita-se a ficar ali, sem vida. Não se mexe. Não respira por si própria. Não solta uma resposta astuta. Não grita. Não sorri nem mexe os dedos. Ela está aqui e, ao mesmo tempo, não está. Oh, Deus, eu bem sei o que é isso.

– Truman? – diz o meu pai outra vez. O choro entrecorta-lhe as palavras. Eu não olho para ele. Já sei o que vai dizer. – Temos mais duas semanas com ela.

Não consigo respirar. A dor atravessa-me o peito. O meu coração

está a arder. A partir-se. Estilhaços atravessam a minha pele. Tento levantar-me, mas tropeço nos meus pés. Agarro na cara da Katie. Chamo o seu nome. Talvez o esteja a gritar. Imploro e imploro e imploro para que ela acorde. Agora mesmo. Não há mais tempo. *Tens de acordar.*

Sinto mãos nos meus ombros, puxando-me para trás. Tento afastá-las. Preciso de mais um minuto com ela. Catorze dias nunca serão suficientes. Preciso destes sessenta segundos.

Estou sempre a dizer o seu nome. *Katie, Katie, Katie.* Tento estender a mão e agarrar na sua, mas não consigo mexer-me com o meu pai a segurar-me. Por isso, desisto. Caio ao chão. A minha cabeça bate nos joelhos, e enrosco-me numa bola ao lado da minha irmã. Quero encolher-me sobre mim próprio. Quero desaparecer. Mais do que tudo, quero trocar de lugar com ela.

Passo pelo meu pai. Ignoro as lágrimas da minha mãe. Saio a cambalear do quarto do hospital e desço o corredor completamente destroçado.

Devo estar a perder o juízo, porque continuo a desejar a Eden, e de repente ela está aqui, mesmo à minha frente. As portas do elevador abrem-se, e eu corro para ela. Parece um anjo, banhada de amarelo. Puxo-a para o meu peito e espero sentir-me inteiro outra vez. Espero que o amor que estou a começar a sentir por ela me remende e feche as minhas feridas.

Isso nunca acontece.

Agarro-lhe o rosto. Solto-a. Entro no elevador e vejo as portas fecharem-se. A Eden vira-se, observando-me. Os seus lábios estão a mexer-se, as sobrancelhas estão franzidas.

As suas mãos estendem-se, mas as portas já estão a fechar. E então desço, para baixo, para baixo, para baixo. Afundo-me até ao chão. Os meus olhos estão tão desfocados, que estou a ver a dobrar, a triplicar.

Quando as portas do elevador se abrem, atravesso-as a correr, desço o corredor e vou diretamente para o exterior. O sol bate-me primeiro na cara; depois, o vento. Afundo-me ali mesmo, no passeio,

no meio da entrada do hospital. Deito-me, descanso a cabeça no chão frio.

Olho para cima, mas tudo o que vejo é o teto de betão por cima de mim. Não está certo. Isto não está certo. De joelhos, rastejo até ver o céu aberto. Depois, deito-me e fico a olhar para o azul. *Melhor*, penso. *Assim está melhor*.

Penso que passa uma hora antes de ouvir alguém chamar o meu nome. Ouço passos. Depois, uma mão aperta-me o ombro. Abro os olhos e vejo a Eden ajoelhada ao meu lado. Os seus olhos estão vermelhos. As maçãs do seu rosto estão manchadas de lágrimas.

Tento tocar-lhe, mas ela afasta-se.

Ela não está a dizer o meu nome – está a gritá-lo.

Ela não está a abanar o meu ombro – está a bater-lhe.

A Eden está a gritar. A chorar. E eu obrigo-me a sentar-me. Forço-me a concentrar-me, a parar de olhar para o céu. Ouço a minha própria voz, mas não consigo perceber as palavras.

– Tu sabias! – grita ela. – Sabias há uma semana e não me disseste? Ela é a minha melhor amiga, Truman! A minha melhor amiga! Não és a única pessoa que a ama!

Estou a balançar à beira do precipício do mundo.

A Eden agarra na minha cara e concentra os seus olhos em mim.

– Truman?

– Desculpa – digo, afastando-me.

As mãos tombam ao seu lado. Vejo o desgosto no seu rosto. Eu mereço isto. Tenho de o fazer.

– Pensei que eles iam mudar de ideias – digo. – Eu não conseguia dizer-te. Não conseguia torná-lo real.

A Eden está a soluçar tanto, que todo o seu corpo está a tremer como uma folha numa brisa constante. Quero abraçá-la, puxá-la para mim. Quero protegê-la, porque não consegui proteger a Katie. Agora é demasiado tarde. Desiludi-as às duas, não foi?

– Devias ter-me dito – diz ela, soluçando por entre as lágrimas.

– Acho que talvez te ame – digo eu.

São as únicas palavras que me vêm à cabeça. A Eden abana a cabeça.

– Não – diz ela. – Não podes. Nós não nos devemos amar. Não podemos. – Ela olha para as mãos, voltando ao velho hábito de não olhar para mim, de não me tocar. – Beijámo-nos, e aconteceu o acidente da Katie. Depois, voltámos a beijar-nos e olha o que isso causou, Truman. Não podemos continuar a fazer isto.

Qualquer réstia de luz que tenha ficado dentro de mim queima-se quando a Eden se vira e vai embora.

Não sei como o faço, mas consigo erguer todas as partes despedaçadas de mim próprio e ir para casa. Acho que a cor preferida da Katie era o cor-de-rosa, mas não me lembro bem. Pode ter sido azul, como o céu que tanto a intrigava. Ou pode ter sido laranja. Ela estava sempre a pintar as unhas de laranja. Estão manchas do seu verniz por toda a mesa da cozinha lá de casa. A minha mãe dizia-lhe sempre para pintar as unhas noutro sítio, mas a Katie nunca fazia caso.

Ao entrar no apartamento, penso que talvez a sua cor preferida fosse o amarelo. Fecho a porta atrás de mim. O som da porta a bater ecoa pelo espaço, mas não o consigo ouvir. Estou a pensar no amarelo, a cor de uma camisola que a Katie estava sempre a usar. Era de malha e tinha um buraco no pescoço. O meu pai tentou cosê-la uma vez, mas só fez com que o buraco ficasse maior.

Depois, quando me sento no sofá, penso que talvez a sua cor favorita fosse o vermelho. E depois penso na Eden e em como me senti ao beijá-la.

Não vi nada naquela noite, mas o sangue da Katie também era vermelho. Quando voou pelo para-brisas e aterrou na estrada. Ficou vermelho por todo o lado.

O meu pai disse que a ambulância demorou sete minutos a chegar. O trânsito parou quando os carros bateram. Acho que o mundo inteiro deve ter parado enquanto ela estava ali deitada.

Lembro-me de como me senti quando recebi o telefonema.

Lembro-me de como me senti ao beijar a Eden no meu quarto nessa noite. Parecia que, por uma vez, algo de bom me tinha acontecido. Mas depois estava lá em baixo, na festa, com o telefone a tocar. Era a minha mãe. Estava a chorar, a gritar. Demorou um minuto até conseguir dizer as palavras. *Acidente* foi o que ela disse primeiro. Depois, *Katie*. Caí ao chão um pouco depois disso.

A Eden estava lá naquela noite, ajoelhada ao meu lado. Lembro-me de me perguntar como era possível que num segundo me sentisse a respirar pela primeira vez e noutro estivesse encolhido no chão da cozinha, a afogar-me.

Recordo o branco das paredes do hospital quando entrei com a Eden. Lembro-me de pestanejar perante a luminosidade forte. Cheirava a limpo. Demasiado limpo.

Lembro-me de ver a minha mãe ao fundo do corredor, abraçada ao meu pai. Consegui ouvi-la a chorar assim que as portas do elevador se abriram. Não gostava de a ouvir chorar. Era como se o seu coração se partisse por dentro, e os pedaços usavam a boca para se libertarem.

Sei que foi assim que ela se sentiu, porque foi assim que eu me senti. É como ainda me sinto por vezes.

Lembro-me de entrar no quarto da Katie com a Eden ao meu lado. Tivemos de esperar quase seis horas enquanto ela estava a ser operada. Não me lembro de quantos ossos partiu, nem como se chamavam. Mas lembro-me da sensação de estar ali a ver a minha irmãzinha deitada à minha frente. Tinha demasiadas ligaduras. Cobriam-lhe a cara, os braços, as mãos e os tornozelos.

Só soube que era a Katie porque dois dos seus dedos estavam de fora, com as unhas pintadas de amarelo.

A Eden estava a chorar ao meu lado. Dessa vez, foi ela que se afundou primeiro no chão. Eu já lhe tinha estendido a mão uma vez, mas ela tinha-se afastado. Não conseguia olhar para ela. Não nesse momento. Não depois do que aconteceu. Então, fui ter com a Katie e segurei naqueles dois dedos. Não disse nada. Não conseguia encontrar as palavras – elas não vinham.

Fecho os olhos e encosto a cabeça ao sofá. O sol é demasiado forte. Tento bloqueá-lo. Apercebo-me de que perdi a Eden. Deixei toda a gente ir embora, e estou aqui, sentado neste sofá, a pensar em todas as cores do arco-íris, a tentar descobrir qual era a preferida da Katie.

Decidi que é o azul.

Convenço-me de que é verdade.

EDEN

A Ramona esforça-se tanto por me ajudar. Vem ao meu quarto trazer-me pratos de comida. Senta-se na beira da minha cama e diz-me que foi ao TugaChicken ver o Manny. Conta-me que contrataram uma nova empregada de mesa na semana passada, para me substituir – porque eu não consigo fazer nada neste momento. Conta-me que ela e o Manny ainda estão a pensar em ideias para ajudar o restaurante, que hoje tirou algumas fotografias para publicar. Ela não para de falar. Eu deixo de ouvir.

Como é suposto querer saber disso quando o mundo se está a desmoronar? Sem o Truman e com a Katie prestes a deixar-me também, não há mais irmãos Falls na minha vida. Não me sentia tão só desde que entrei no nono ano e conheci a Katie pela primeira vez.

Eu era a rapariga nova. A esquisita. A miúda que tinha sido educada em casa durante tanto tempo, que se tinha esquecido de como fazer amigos ou de como se comportar com as pessoas. Estava na aula de Inglês. Estávamos a ler *O Rapaz do Pijama às Riscas*. Lembro-me de estar sentada na última fila e de me sentir sozinha. Invisível. A professora disse as palavras que eu mais temia: *Formem pares e discutam os capítulos um a três*. Tinham todos alguém a quem recorrer, exceto eu.

Preparava-me para trabalhar sozinha, até que uma rapariga sentada à minha frente, com o cabelo mais amarelo que alguma vez vi, se virou e bateu com a mão na minha secretária.

– Queres fazer par comigo? – perguntou ela.

Reparei que cada uma das suas unhas estava pintada de uma cor

diferente e que tinha cerejas vermelhas penduradas nas orelhas furadas.

– Claro – disse eu.

Ela disse-me que o seu nome era Katie. E foi isso. Passámos a ser nós. E agora, aqui deitada na cama, desejo poder voltar a esse dia, a qualquer momento antes da noite de primavera em que um homem bebeu demasiado e se meteu ao volante, e depois chocou contra o carro da minha melhor amiga. O momento em que vi o Truman ir-se abaixo nos azulejos da cozinha, ao descobrir que a irmã podia estar morta.

Fecho os olhos com força e espero que estes últimos meses tenham sido um sonho horrível. Que acorde com a Katie a ressonar ao meu lado, num saco-cama cor-de-rosa claro, e com o Truman sentado na bancada da cozinha, com os pés a balançar no ar e uma taça de cereais.

Se soubesse que andava um condutor embriagado na estrada, não teria deixado a Katie sair da festa. Se os pais da Katie soubessem como o filho estava frágil, não desligariam o suporte de vida da filha. Se a Ramona soubesse a dor que me está a atravessar o coração, não me traria bandejas de restos de comida fria, pensando que isso me ajudaria em alguma coisa. Ela deixava-me em paz. Quero que toda a gente me deixe em paz.

Faltam sete dias. Só mais sete dias com a Katie.

Adormeço. Não acordo durante horas. Talvez o dia inteiro.

Na manhã seguinte, estou completamente perdida, movendo-me por espaços que não reconheço. A nossa cozinha parece mais pequena do que o habitual. O apartamento inteiro parece ter encolhido, como se a Ramona o tivesse posto no programa errado da máquina de secar. Forço os meus pés a calçarem um par de sapatilhas e obrigo-me a sair. Tenho de ir ter com a Katie. Só faltam sete dias. O meu tempo com ela tem uma data de validade.

A Ramona não está em casa. Deve ter ido a um *brunch* ou ao TugaChicken visitar o Manny. Não interessa. A única pessoa que

compreende é o Truman. E ele mentiu-me. Escondeu-me a informação mais importante, e eu fui tola o suficiente para pensar que algo estava a acontecer entre nós.

Acho que talvez te ame. Foi o que ele disse.

Impossível. É impossível amarmo-nos um ao outro. Haverá sempre demasiada dor, demasiada mágoa entre nós, impedindo-nos de nos aproximarmos demasiado.

Quando saio do prédio, apercebo-me de que é de noite. Está escuro como breu cá fora, e eu nem sequer tinha reparado. Verifico o meu telemóvel. São nove e meia. Estranho.

O caminho para o hospital parece-me menos familiar do que o habitual. Estou às voltas como um relógio velho e avariado. O peso dos meus pensamentos aumenta a cada segundo. Estou pronta para me deixar desmoronar completamente.

Quando chego ao hospital, não consigo entrar. Digo a mim mesma: *Faltam sete dias. Não podes desperdiçar um único segundo. Percebeste? Para de ficar parada. Vai para dentro. Para de desperdiçar tempo que não tens.*

Mas eu não consigo. Não consigo, não consigo, não consigo.

Entrar torna tudo real. Faz o relógio andar para a frente, quando tudo o que quero é que ele pare completamente. Por isso, sento-me no banco lá fora e espero por... Na verdade, não sei porquê.

A minha mente desliza para o Truman. Não sei como deve estar a lidar com isto. Se eu estou partida em cem pedaços, ele está em milhares. Ele está de volta àquela cozinha, com o telefone na mão, a ouvir a notícia do acidente vezes sem conta.

Os meus pensamentos parecem manifestar-se, porque, nesse momento, o Truman está aqui, mesmo à minha frente. Os pequenos detalhes tornam-se rapidamente visíveis: os olhos vermelhos, o cabelo mais despenteado do que alguma vez vi, o peso indescritível que parece empurrá-lo para mais perto do chão.

– Eden – diz ele.

Pestanejo uma vez. Duas vezes. Limpo as lágrimas com dedos

trémulos. Estico a mão para lhe tocar, para me certificar de que ele é real. A sua mão levanta-se para preencher o espaço entre nós. Depois, os seus dedos tocam nos meus.

Afasto instantaneamente a minha mão.

– O que estás aqui a fazer?

O Truman parece destruído, ainda pior do que naquela primeira noite no hospital. Pelo menos, nessa altura, ainda havia esperança de que a Katie acordasse um dia. Agora, já não temos nada. Apenas a realidade esmagadora e a vida que lhe sucede.

– Vim vê-la – diz, tão docemente.

Reparo no seu olhar – o mesmo que vejo no espelho, aquele vazio.

– Não tem de ser assim – digo eu. – Não devia ser assim.

Ele nem sequer estremece. Não mostra qualquer tipo de dor. E porque é que haveria de mostrar? A irmã vai morrer. Um quantas palavras duras de uma rapariga de quem ele gostava não terão o mesmo efeito. É difícil repartir a dor em duas partes.

O Truman senta-se no banco ao meu lado e enterra a cabeça nas mãos. Não sei porque fico ali parada, à espera de que ele diga alguma coisa, de que ele faça algum comentário ligeiro a gozar comigo. Claro que não o faz. Porque haveria de se importar agora? Tudo parece insignificante perante a tragédia.

Mas continuo à espera. Espero por um vislumbre do Truman que estava a começar a conhecer.

Quando levanta a cabeça e os seus olhos encontram os meus, espero que o meu coração dê um salto. Espero por aquela sensação familiar de querer correr para os seus braços, mas só consigo pensar na rapariga que se interpõe entre nós. A rapariga que sempre se interpôs entre nós. Não quero ressentir-me da Katie por me ter afastado do seu irmão. Não quero culpá-la de nada. Ela não tem culpa de nada disto.

É mais fácil culpar-me a mim própria. Culpá-lo a ele.

O Truman tira a cabeça das mãos. O seu cabelo está indomável, soprando ao vento noturno, como espirais de tinta derramadas numa

tela.

– Vens comigo? – diz ele, do nada.

Não quero falar com ele. Não quero ir a lado nenhum com ele.

– Ir para onde? – pergunto eu.

Não importa. Eu sei que vou para onde ele disser.

TRUMAN

Ouço o vento a uivar contra o hospital, enquanto os olhos da Eden procuram o meu rosto.

– Quero ir despedir-me – digo.

– Dizer adeus? – repete ela.

Assinto e cruzo os braços sobre o peito para combater o frio que sinto constantemente. Ou talvez precise de ocupar as mãos, para que elas não vão à procura da Eden.

Pensei que ela teria mais perguntas sobre eu ter aparecido do nada. Vim para o hospital, porque não consigo dormir. Porque há uma contagem decrescente na minha vida, e só me parece correto passar cada segundo à cabeceira da Katie. Mas, de repente, a Eden está aqui, sentada neste banco, sozinha, com um ar tão destruído, tal como eu me sinto. Não consigo evitar. Fico à espera de que ela me peça para explicar. Em vez disso, abana a cabeça e segue-me até ao carro sem dizer uma palavra.

Ela deve saber que tem algo que ver com a Katie. Tem sempre algo que ver com a Katie. Mas já não se trata apenas da minha irmã. Isto é sobre mim, também. Sobre a Eden. Sobre nós. Muitas coisas chegaram ao fim nestes últimos dias.

Muita coisa vai acabar esta noite, também.

As ruas estão silenciosas enquanto conduzo. Não há carros e quase não há luz. Tenho o rádio desligado, e a Eden está em silêncio, ao sairmos da cidade mais uma vez e regressarmos à nossa terra natal. Não consigo encontrar uma única palavra para dizer. Nada parece natural. Nada me parece correto.

Quando entro no nosso bairro, a Eden anima-se. Olha pela janela, esticando o pescoço para ver as casas que passam.

Não sei se se lembra deste caminho. Aquele que percorri vezes sem conta depois do acidente. Está marcado na minha mente, nas minhas pálpebras. Está sempre aqui, à espera, a assombrar-me. É estranho voltar a conduzir por esta rua e pensar no que aconteceu aqui, naquela noite.

A Eden deve ter percebido para onde estamos a ir, porque desvia o olhar da janela. Virando-se para mim, pergunta:

– Porquê?

Não digo nada.

Não sei o que dizer.

Olho para o relógio. Dez e meia. Olho de relance para a Eden. Os seus braços estão arrepiados. Ligo o ar condicionado e desvio o olhar do seu, porque dói demasiado. Tão simples quanto isso.

Chegamos a um semáforo vermelho, e os meus olhos seguem a forma do seu rosto ao luar. A curva dos seus lábios, a inclinação do seu nariz, a forma como as pestanas lhe beijam as maçãs do rosto. Absorvo-a, até à última gota, sabendo que esta pode ser a última vez que estou tão perto.

Depois, desvio o olhar. Mas, tal como este percurso, a sua imagem continua lá, gravada na minha mente.

A minha mente gira em espiral, deixando as minhas mãos a tremer. A minha visão desfoca-se. As minhas pernas começam a contorcer-se. Não consigo concentrar-me na estrada, e os semáforos misturam-se num arco-íris sólido.

Tento recompor-me. Em vez disso, encosto.

– Truman? – diz a Eden, numa voz calma, quando o carro para. As suas palavras são tão doces. Tal como naquela primeira noite. – O que se passa?

– Preciso de um minuto.

Ela suspira.

– Eu percebo – diz ela. – As memórias.

Ela entende. Ela é a única pessoa que entende.

Depois, estende a mão e segura a minha. E eu odeio isso. Odeio o quanto me faz sentir bem. Quão completo. Feliz. Eu não deveria sentir nada disso. Sinto-me como se tivesse sido amaldiçoado para ser constantemente despedaçado. A minha irmã está prestes a morrer. Não devia sentir mais nada além do peso disso. É errado.

– Eu devia ter-te contado sobre a Katie – digo, quando o silêncio se prolonga demasiado. – Não parecia real, Eden. E eu não conseguia aceitar que era real. Que os meus pais fizessem isto à filha. Estava a tentar proteger-te, mantendo tudo em segredo. Estava a tentar proteger-me a mim próprio.

Ela afasta a mão.

– Continua a conduzir, Truman.

E é o que faço. Ligo o motor, recomponho-me e limpo as lágrimas dos cantos dos olhos. Depois, digo:

– Tive saudades tuas.

É impossível aguentar isto.

Nos cantos da sua boca, está o fantasma de um sorriso. É um sorriso apropriado para o fantasma da rapariga em que ela se tornou e para o fantasma do rapaz sentado ao seu lado. É isso que somos agora: sombras a viver na escuridão. À espera de que cada dia termine.

O meu coração bate demasiado depressa, quando ela olha para mim. Como se quisesse apenas rastejar pelo espaço entre nós e plantar-se à volta do meu coração. Mas acho que ambos sabemos que não podemos. Que os dias de fingir que éramos felizes e capazes de estar juntos acabaram.

Porque eu amo a Eden. Acho que a amo mesmo. Mas habituei-me a dizer adeus às pessoas que mais amo. E esta noite, estou a dizer adeus a duas.

Ainda consigo ver as marcas dos pneus na estrada, apesar de já terem desaparecido há muito tempo.

A Eden hesita, ainda encostada ao carro. Estou a caminhar no local

onde estavam as marcas dos pneus, a seguir o caminho por onde o carro estava a conduzir. A seguir o caminho onde se deu o acidente. A seguir o caminho onde o carro da Katie capotou, caindo na relva.

Parece surreal. Como se tivesse sido num tempo diferente, numa vida diferente. Como se tivesse acontecido a outra pessoa. Não à Katie Falls. Não à minha irmã.

Ajoelho-me no chão e passo o dedo pelo asfalto. Se fechar os olhos, consigo ouvir o guincho dos pneus. Consigo ouvir o som que os carros fizeram quando bateram. Consigo ouvir o grito da Katie, ouvir o vidro a partir-se quando o seu corpo atravessou o para-brisas. Consigo ouvir o seu silêncio, enquanto estava deitada no chão, quase sem conseguir respirar. E consigo ouvir as sirenes ao longe, a aproximarem-se.

É por isso que não fecho os olhos. Que os deixo sempre abertos. Bem abertos.

Deito-me, aqui mesmo, na rua, aqui mesmo, sobre as marcas invisíveis dos pneus. Não sei onde aterrou o corpo da Katie, mas imagino que tenha sido aqui, mesmo por baixo de mim. Gostava de me poder afundar no asfalto, voltar atrás no tempo e trocar com ela, para que fosse eu a ficar aqui deitado.

Estou a chorar quando a Eden se deita ao meu lado. Olhamos juntos para o céu noturno, sem uma nuvem à vista. Apenas estrelas, espalhadas pelo azul aberto.

Queria dar-lhe o céu.

Agora, nunca mais o farei.

– Nunca mais voltei aqui – diz a Eden. – Depois do acidente, recusei-me a passar por esta estrada. Apanhava as ruas secundárias, caminhava ao longo da ravina... fazia de tudo para não voltar aqui.

– Eu vinha aqui todas as noites – digo eu. – Quando não conseguia dormir, vinha para aqui, deitava-me neste sítio exato e ficava à espera.

– De quê? – pergunta a Eden.

– Não sei – confesso. – Que um carro chegasse. Que a Katie aparecesse, vinda do meio das árvores. À espera de acordar e

descobrir que tudo isto foi um sonho. Um sonho mau e horrível.

– Truman...

– Ela teria querido isto, Eden. A Katie não iria querer viver assim, suspensa por um suporte de vida.

– A Katie que eu conheci nunca teria desistido – diz a Eden, com tanta força, que não duvido que ela acredita piamente que é verdade.

– Ela teria continuado a lutar.

Ela levanta-se, movendo-se rapidamente, caminhando de volta para o carro e para longe de mim.

Eu sigo o exemplo. Sigo-a.

A Eden encosta-se à porta do carro. Está a chorar. Odeio a frequência com que a vejo chorar.

– Estou zangada, Truman. Deixa-me estar zangada. Deixa-me ficar chateada. Deixa-me gritar e acreditar que a minha melhor amiga é uma lutadora. Que ela não iria querer morrer.

Estendo a mão para lhe limpar as lágrimas dos olhos, mas ela afasta-se. Não volta a tocar-me.

É como se o tempo voltasse para trás.

EDEN

Começa a chover um pouco mais tarde. A chuva cai sobre a estrada, tornando o asfalto brilhante sob a luz do luar. O Truman está encharcado. As minhas roupas pingam água. Não sei como acabámos aqui, à chuva, na estrada que quase tirou a vida à Katie. É como se ela estivesse aqui connosco, algures nas árvores ou nas sombras, ou mesmo na chuva que nos escorre pela cara.

Vejo o Truman a destrancar o carro, com movimentos calmos. Instintivos. Consigo ver o peso que carrega no corpo. Vejo-o a afundar-se em si próprio. Ele senta-se no banco de trás, chega-se para o lado e segura-me a porta.

Quando me sento ao seu lado e fecho a porta, apenas o silêncio nos envolve, além da chuva que bate no tejadilho do carro. Quero olhar para ele, mas a promessa da despedida permanece demasiado forte entre nós. Esta chuva pode muito bem ser um oceano que nos separa, uma extensão interminável que se estende entre os nossos corações.

Como gosto tanto de sentir desprezo por mim mesma, viro-me para ele. O cabelo pende-lhe sobre o rosto; gotas de água deslizam-lhe pela pele. Os seus olhos azuis estão inacreditavelmente brilhantes na escuridão. Baixo o olhar para as suas mãos, que batem ritmadamente nas coxas. Parece destroçado, atormentado por fantasmas que lhe confundem a mente e toldam o coração.

Acho que o amo. Ou que o poderia amar. Acho que poderia amá-lo durante muito, muito tempo. Mas o tempo nunca fez parte dos nossos planos. Em vez disso, fomos tendo momentos, momentos curtos como este, em que pudemos roubar um beijo e um olhar, e agarrámo-nos a

eles, esperando que um dia fosse suficiente. Quando a chuva se transformar em pó, e o céu clarear. Quando os nossos caminhos deixarem de se cruzar, sendo apenas duas pessoas com um passado condenado.

– Eden. – O meu nome parece tão certo na sua boca. – Não quero despedir-me de ti – sussurra ele.

Sinto-o a aproximar-se, sinto o calor que me aquece da cabeça aos pés sempre que o Truman está ao meu alcance. E quando a sua mão encontra o caminho para a minha perna, limito-me a olhar para ela.

– Isto é demasiado difícil, Eden. É demasiado difícil passar por isto sem ti. Preciso de ti comigo – repete.

E, oh, meu Deus, é tanto egoísmo. O peso das suas palavras. O desespero na sua voz. Claro que o Truman precisa de mim. Claro que eu preciso do Truman. Preciso do Truman como preciso do oxigénio nos meus pulmões. Ele é uma tábua de salvação e uma âncora em simultâneo, e não posso estar com ele sem me afogar.

Somos uma tragédia terrivelmente irónica, condenados desde o primeiro momento em que nos vimos.

E mesmo assim, agarro-o. Agarro-lhe a cara com as minhas mãos e beijo-o, pela última vez. Aperto a boca contra a sua com tanta força, que consigo sentir as fendas do meu coração, as que estão gravadas na minha alma, a começarem a remendar-se, com cada toque da sua língua e cada roçar dos seus dedos.

Abro o fecho do casaco do Truman. Tiro o tecido molhado da sua pele e passo as mãos pelo seu peito, pelas curvas e as linhas suaves que me tiram da minha mente e me elevam algures acima das nuvens. Sinto o seu hálito no meu pescoço, sinto as suas mãos na minha pele nua. As minhas roupas vão parar ao chão com o resto das suas.

Estou aterrorizada. Estou desesperada. Estou a afogar-me em culpa e a flutuar no amor. Abraço-o o mais que posso, porque esta é a última vez que os meus dedos lhe podem tocar na pele como se fosse minha.

Ele diz o meu nome, e eu fito-o. Observo os seus olhos de aço a

perfurarem o meu coração e a acenderem um fogo algures no fundo do meu corpo. Devia afastar-me. Mas puxo-o apenas, para mais perto.

– Truman.

É um sopro, uma libertação de ar, e a sua boca está mesmo ali, na minha, sem que eu tenha sequer de pedir.

E depois ele está em todo o lado. Sinto-o no meu coração, nas minhas pálpebras, nas pontas dos meus dedos. Ele está no meu peito e nas minhas costas e nas minhas pernas, e a sua respiração está a turvar a minha mente, e isso é bom. *Não quero ver um mundo sem ele a pairar algures no centro*, penso.

Quando o Truman sussurra *amo-te*, retribuo, por mais errado que me pareça. Passo a minha boca pela sua pele, molhada de chuva e suor, e envolvo as minhas pernas à volta das suas costas, puxando-o com mais força, até não haver mais espaço entre nós.

Talvez seja terapêutico. Talvez seja destrutivo. Se calhar, não há diferença.

Ficamos ali deitados, até a chuva parar de cair e os trovões deixarem de ressoar no céu noturno. A tempestade acabou. E nós também. Agora, é definitivo.

Afasto a minha cabeça do peito do Truman e olho para cima, para o seu rosto encostado à janela de vidro. A sua respiração embacia-o a cada expiração. Ao sentir-me despertar, ele vira o rosto para o meu. Não sorrimos. Desta vez, o meu peito não está a vibrar. Dói, apenas.

O Truman abana a cabeça e desvia o olhar. Volto a vestir a minha roupa e passo para o banco do passageiro. O Truman também se veste. Um minuto depois, estamos a descer pelas ruas escuras e desertas.

O Truman baixa as janelas, deixando entrar o ar da noite. As janelas desembaciam, como se apagassem o que acabámos de fazer, o que acabámos de ser.

Ficamos sentados em silêncio até eu perguntar:

– E agora?

O Truman para num semáforo vermelho. Já estamos a meio

caminho da cidade. O meu prédio vai aparecer do lado direito da estrada dentro de dez minutos.

É tudo o que nos resta: dez minutos, para sentir que vivemos num mundo ocupado só por nós os dois.

– Não sei – diz ele. – É mentira. Eu sei, Eden. Mas não é aquilo que queres ouvir.

Depois disso, deixamos de falar.

Bem sei o que o Truman quer. Ele quer-nos a nós. Ele quer-me a mim. Ele quer uma vida de felicidade, de beijos e momentos sinceros que serão arruinados para sempre pela culpa que serpenteia à volta do meu coração sempre que pouso os olhos no seu rosto belo.

Passei tanto tempo a andar para trás e para a frente comigo mesma. A tentar decidir se podia amar o Truman Falls e viver uma vida plena de felicidade. A verdade é que não posso. A culpa estará sempre presente. Enquanto estivermos juntos, estarei constantemente a lamentar a perda da Katie. Ele é uma lembrança ambulante da rapariga que vou perder e das escolhas que me trouxeram até aqui.

O Truman estaciona em frente ao meu prédio. Estendo a mão para o espaço entre nós e encontro a sua mão à espera.

– Sempre precisei de ti – digo-lhe. – Vou sempre precisar. Mas não é suficiente, porque, por mais feliz que me faças sentir, a culpa está lá, a apertar-me com mais força. Nunca poderei ser feliz contigo. Não posso ser a namorada que tu queres que seja. Não posso esquecer a Katie nem o quanto a desiludi. Não posso pôr tudo isso no fundo da minha mente. Tens de me deixar ir. Tens de ir ter com a tua irmã e passar estes últimos dias com ela. Tens de me esquecer, porque não podemos ser felizes juntos. Não podemos.

Acho que ele está a chorar, mas os seus olhos estão fechados tão firmemente, que é difícil perceber.

– Vais ficar bem? – sussurro, sentindo a sua mão murchar na minha.

– Sim – diz ele.

É mentira. Ambos sabemos disso.

Inclino-me sobre o assento e beijo-o uma última vez. Sinto o sabor das memórias e de tudo o que partilhámos. No momento em que as nossas bocas se separam, deixo-as ir.

Deixo-o ir.

Observo-o do lado de fora do carro. Observo-o na escuridão, nas sombras em que ele parece estar. O seu olhar está fixo na estrada à frente. Fica ali parado, com o carro em ponto morto, como se tivesse demasiado medo de arrancar.

Depois, a porta abre-se, e o Truman corre para mim, abraça-me e aperta-me contra ele. Aperto-me contra o seu peito, e sinto o seu coração a bater sob o meu rosto. É brilhante e vivo, e sei que um dia ele também vai conseguir ser assim.

O Truman murmura algo no meu cabelo. Não percebo o que diz, mas acho que não é suposto perceber. Este momento é para ele.

Quando se afasta, sorri. O sorriso mais breve e o mais triste, também.

– Não posso prometer que não vou parar de te pintar – diz ele.

Quando se afasta, chamo o seu nome uma última vez.

Ele detém-se, vira-se.

Absorvo cada um dos seus mais ínfimos detalhes. A sua beleza é dolorosa. O seu coração é belo.

– És um artista incrível, Truman. E melhor pessoa do que eu.

Ele entra no carro e arranca.

É a verdade. Ele é bom. É amoroso e gentil e o melhor irmão que a Katie poderia ter pedido. Fui eu que o destruí, fui eu que lhe desgastei a bondade aos poucos.

Mas agora é livre. Livre para ser bom, sem mim.

TRUMAN

Mal sobrevivi ao perder a Katie da primeira vez. Mas, da segunda, estou pronto.

Fico ao lado da sua cama. Agarro-lhe a mão com toda a força que tenho. Encho o quarto com as suas coisas favoritas: o verniz amarelo, o urso de peluche que estava sempre na sua cama, a camisola de malha favorita e uma velha pulseira da amizade.

Os meus pais estão do outro lado da cama. A minha mãe está a chorar. O meu pai é uma âncora de resignação. Eu não conseguiria chorar nem se quisesse. Estou vazio por dentro e por fora, como um deserto estéril. Um terreno baldio.

Olho para a cara da Katie e vejo toda a vida que outrora a inundou. Consigo imaginar o seu sorriso lindo, o seu riso brilhante, sentir os seus cotovelos magricelas a sobressaírem quando a levava às cavalitas. Consigo sentir o seu olhar implacável, aquele aço duro que num instante se transformava em seda. A Katie é mais parecida comigo do que alguma vez me apercebi. Somos os dois afiados nas extremidades, mas macios como algodão por dentro.

O médico entra na sala, e, de repente, as luzes diminuem de intensidade. Ele faz uma pergunta aos meus pais. Pelo canto do olho, vejo o meu pai acenar com a cabeça e tirar o telemóvel do bolso. Depois, põe uma música a tocar. Sem me aperceber, surge-me uma memória de algum lugar do passado. É a canção preferida da Katie. Aquela que ela dançava todas as noites de verão, quando eu adormecia no sofá.

Enquanto o médico se prepara para o fim, sinto o cheiro dos

marshmallows que a Katie costumava assar. O perfume de baunilha em que ela gostava de se encharcar. Os *waffles* que a minha mãe fazia para ela todos os domingos de manhã. Consigo sentir a sua mão pequenina a segurar a minha, quando éramos crianças; consigo ver os seus olhos arregalados a olhar para mim, fazendo-me sentir como a criança mais corajosa do mundo.

Preciso de tempo. Horas ou dias. Segundos, até. Aceito qualquer coisa. Qualquer último momento, para ficar aqui com ela, pensando que talvez ainda me possa ouvir. Talvez possa acordar. Talvez possa fazer com que tudo fique bem novamente.

– Espere – digo eu. O médico volta-se para mim. Os meus pais observam, intrigados. – Preciso de um minuto com ela.

Quando o quarto fica livre, puxo o cobertor da cama da Katie e deito-me ao seu lado. Envolver a nos meus braços e encosto a sua cabeça ao meu peito. Algo me atravessa, rasgando-me de dentro para fora. Fico à espera de chorar. Nada vem.

Depois de todo este tempo, ainda não consigo encontrar palavras para lhe dizer. *Desculpa* e *amo-te* não parecem ser suficientes. Em vez disso, seguro-lhe na mão e fecho os olhos. Imagino-a a dormir ao meu lado. De repente, somos outra vez crianças, enroscados no jardim, com manchas da relva nos joelhos. Consigo ver o céu vasto e aberto por cima de nós. Sinto o sol na minha pele, o vento no meu cabelo. Imagino-a lá em cima, finalmente a dormir nas nuvens. Segura e feliz. Viva e luminosa. Katie, a rapariga no céu.

Os meus olhos abrem-se, e estamos de novo no quarto sombrio do hospital. Os seus olhos estão fechados. Afasto-lhe o cabelo da testa. Beijo-lhe a face. Digo-lhe que a amo. Espero que, onde quer que ela esteja neste momento e onde quer que ela vá em breve, me possa ouvir. Que acredite em mim.

A porta abre-se, e a sala enche-se de gente outra vez. Eu fico ao lado da Katie, agarrado à sua mão. *Não me deixes*, penso. *Ainda não. Nunca.*

A minha mãe endireita-lhe a almofada, enquanto treme por tanto

soluçar. O meu pai aconchega-a, puxando-lhe o cobertor até ao queixo.

Ouçõ a porta do quarto a abrir-se, lentamente. Alguém entra. Viramo-nos para olhar. É a Eden. Ela está de pé, na entrada, e segura em... Está a chorar, a segurar dezenas de nuvens de cartão nos braços. Parece que as cortou de caixas velhas e pintou-as de branco. Têm um cordel preso a elas e um rolo de fita-cola. Nesse momento, ela olha para mim com um sorriso despedaçado e minúsculo. Ela fez a única coisa que eu não consegui fazer: ela trouxe o céu para a Katie.

Pomos mãos à obra. Até o médico da Katie ajuda. Colocamos as nuvens por todo o lado: nas janelas, nas paredes; o meu pai até se levanta na cadeira e pendura algumas no teto. Algumas nuvens estão dobradas, e o corte é irregular, mas fica absolutamente perfeito.

Encontro o olhar da Eden, esperando que ela saiba o que isto significa para mim. O que deve significar para a Katie. Se alguma vez duvidei que estava apaixonado por ela, agora sei a resposta.

Então, reunimo-nos de novo à volta da Katie. A Eden atrás de mim. Os meus pais juntos, de braços dados. Eu fico ali, como uma boia no mar perdida algures na noite. Não tiro os olhos da Katie. Nem por um único segundo. Nem quando as máquinas se desligam. Nem quando a minha mãe enterra a cabeça no peito do meu pai. Nem quando o quarto fica em silêncio e eu sei que ela se foi.

A mão da Eden está no meu ombro. Sei que as lágrimas lhe caem pelas faces, como água a descer a encosta. Está a despedaçar-me, lentamente. Fecho os olhos. Sufoco as lágrimas.

O mundo parece deslocar-se do seu eixo. Tudo fica escuro quando a Katie se vai. Toda a luz é retirada do universo, desaparecendo com ela. Cada cicatriz em mim que tinha começado a sarar abre-se novamente. Ela foi-se. *Foi-se.* Eu quero afundar-me com ela. Enterrar-me com ela. Ir com ela. Para qualquer lugar menos aqui, neste mundo avassalador, em que parece impossível respirar.

Deito-me na cama ao seu lado. Seguro-lhe o rosto com as mãos. *Agora estás bem, penso eu. Estás bem. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.*

Digo-lhe todas as palavras que gostaria que alguém me dissesse.

Já é a segunda vez que estamos neste hospital a perder a mesma miúda. Pensei que a dor da primeira vez acabaria comigo. Mas esta dor... esta é interminável. Um buraco negro. Nenhuma outra tristeza se compara. Daria tudo para sentir a dor que senti naquela noite de primavera. Era uma fração disto. Isto é avassalador, inescapável. Sou cinza a cobrir o chão. O fogo apagou-se completamente.

Sem saber para onde estou a ir, levanto-me. Não quero sair do lado da Katie, mas estas quatro paredes estão a aproximar-se, ameaçando esmagar-me. *Porquê fugir?*, penso eu. *Deixa que me esmaguem.* Aperto a mão da minha irmã pela última vez, dolorosamente, e cambaleio até ao corredor. Tudo está a girar. A minha vista está desfocada.

Desço o elevador e atravesso as portas do hospital. Inspiro ar fresco, como alguém a afogar-se. Continuo a andar, continuo a mover-me. Atravesso uma rua e depois outra. Estamos a meio da noite. Não há carros, não há pessoas. Paro, quando os meus pés não aguentam mais. Caio no chão e coloco a cabeça entre os joelhos.

Sinto-me como uma pedra atirada para um lago, condenada a afundar-se sob a maré turva; como um perdido numa floresta com árvores por todos os lados, sem uma bússola nem rede. Como um rapaz que perdeu a sua juventude demasiado cedo e que se esforça desesperadamente por reconstruir a sua vida, peça a peça.

A agonia parece interminável. A dor é um poço profundo dentro de mim. O luto pesa sobre mim; só passaram alguns minutos e já me sinto demasiado fraco para sobreviver a isto. Como vou poder andar para a frente? Continuar? Levantar-me e viver alguma espécie de vida normal?

E depois, o vento sopra. Faz soar a campainha na porta de uma loja próxima. O meu coração para. Aquele som, aquele tilintar despreocupado... É o riso da Katie. De repente, as sombras parecem separar-se, e uma réstia de luz regressa. Consigo ver a Katie a saltar pelos passeios. Consigo ver o seu sorriso, brilhante como o sol da manhã. O mundo ainda está cheio da Katie. Memórias e momentos

tomam conta do ar. Ela está em todo o lado, viva através de mim. Quero passar a mão pelo seu braço. *Fica*, diria eu. Dessa vez, ela ficaria. Não há mais nenhum sítio para onde ir.

Amarrava um cordel ao seu braço e a outra ponta ao meu. Amarrava-a a mim. Dessa vez, perder-nos-íamos juntos. Voaríamos pelas nuvens como um só. Ela não precisaria de ter medo; eu estaria ao seu lado em cada passo do caminho.

Consigo imaginá-la à minha frente, a ver a confusão em que me tornei. Sentado no passeio como um pedaço de barro partido. *Levanta-te*, diria a Katie, revirando os olhos. *Tão dramático*.

A Katie, a miúda que nunca parava quieta.

A Katie, a miúda que nunca desistia.

A minha irmã, a miúda que me dava a mão e caminhava ao meu lado. No fundo, sei que isto é a última coisa que ela queteria. Ela não queteria que a sua morte fosse o fim da minha vida, o fim da minha felicidade. Queria que fosse o começo. Queria que eu fosse inquieto. Queria que fosse como ela, naqueles dias de verão em que saltava pela casa, cheia de movimento e de vida até ao seu último suspiro.

Será que a Katie queteria que eu me ajoelhasse? Será que queteria que eu parasse de pensar e desistisse? Que barricasse as portas, as trancasse e engolissem a chave? Eu sei a resposta.

Os meus ossos gritam, o meu coração está em pedaços, mas levanto-me. Continuo a andar, sem fazer ideia para onde vou. Só sei que ela iria querer que eu fosse a algum lado.

Vou fazer isto por ti, Katie, penso. Vou lutar por ela. Viverei por ela. Não consigo acreditar que ela se foi para sempre. Sei que está algures lá em cima, aninhada entre as nuvens, a olhar para baixo, a sorrir.

Tenho de acreditar. Tenho de acreditar.

EDEN

Independentemente do que tivesse acontecido no ano passado, nunca estive nos meus planos passar uma manhã de domingo no funeral da minha melhor amiga.

Os meus pés afundam-se na terra, ao atravessar o cemitério. O sol ainda mal atravessa as nuvens, e a relva está húmida do orvalho da manhã. Uma brisa fria preenche o ar, entranhando-se nos meus ossos. Obrigo-me a respirar. Obrigo os meus pés a andarem para a frente, quando querem tão desesperadamente correr em sentido contrário.

Um pequeno grupo de pessoas reuniu-se para o funeral da Katie. O caixão está fechado, debaixo de um salgueiro. Atrás, está um padre, vestido de negro, um lembrete iminente da morte. As filas de bancos estão quase vazias. Lembro-me de a mãe da Katie ter dito que o funeral seria pequeno, íntimo. Não estaria cheio de miúdos da escola e dos rapazes cujos corações a Katie tinha partido.

O Truman e os pais sentam-se na fila da frente. Reconheço a Santana atrás do Truman, com o seu cabelo ruivo impossível de não se fazer notar. Está um silêncio pesado no ar, como uma nuvem escura que se aproxima depois de uma tempestade, uma nuvem que nunca vai desaparecer. Observo o Truman do outro lado da relva. Não o vejo há uma semana, desde o hospital. Não nos falamos desde a noite em que nos despedimos no seu carro e seguimos caminhos diferentes.

Parece vazio, com arestas cortantes. Os seus olhos estão cavados, com olheiras. O cabelo preto está desalinhado, soprando sem vida ao vento. Não passa de uma sombra do rapaz que eu conheci. Sei que se ele olhasse para mim, pensaria o mesmo.

Desde a noite em que a Katie morreu, o tempo deixou de existir. Minutos, horas e dias misturam-se uns nos outros. Não há nascer do sol nem pôr do sol. Apenas o tiquetaque do relógio, a espera de que cada dia termine, para que possa fechar os olhos e fingir que nada disto é real. A tristeza é profunda. É impossível de descrever. Vou carregá-la no meu peito para o resto da minha vida. Estará sempre lá, pesando-me suavemente, até ao dia em que se desvanecer em sofrimento.

Os minutos passam, e os lugares começam a encher-se, de tias e tios que nunca conheci, velhos amigos da família, avós, alguns rostos que recordo das manhãs de neblina de verão e das noites frias de outono. Vejo o Truman levantar-se, apertar-lhes as mãos e abraçar alguns. Ele é um cadáver trazido à vida, uma chama completamente apagada. Vejo que ele está a tentar – *a tentar* – manter a compostura, mas acho que não há ligaduras suficientes no mundo para o recompor.

Por fim, quase todos os lugares ficam ocupados. Digo incessantemente a mim mesma: *Vai, senta-te, dá os teus pêames. Abraça a mãe da Katie e depois o pai. Toca no ombro do Truman, diz-lhe que estás aqui.* Mas não me consigo mexer. Só de pensar em aproximar-me um centímetro do caixão, apetece-me rastejar para fora da minha pele.

Contento-me em ficar debaixo de uma árvore ali perto. O funeral começa. O padre diz algumas palavras, reavivando o passado e os pontos altos da vida da Katie. Quero mandá-lo embora. *Saia daqui*, diria, antes de assumir o controlo e contar as minhas próprias memórias. As recordações verdadeiras da rapariga verdadeira que ali jaz, a momentos de desaparecer para sempre.

Quero fugir e nunca olhar para trás. Mas não o faço. Fico até o padre dizer as últimas palavras. Até descerem o caixão para o buraco. Até lhe deitarem terra por cima. Até a mãe dela chorar tão alto, que faz abanar as árvores e afugenta os pássaros. Os meus olhos estão no Truman. Fico à espera de que ele se parta, que se desfaça nas extremidades e desapareça por completo. Isso nunca acontece. Ele

mantém-se firme, como um carvalho sólido. Abraça a mãe, enquanto ela chora, e limpa-lhe as lágrimas do rosto. Ele está lá, presente. Vejo-o nos seus olhos, vejo-o voltar a ser ele próprio por um breve momento. Sei que está a fazer isto pela família. Sei que quando ele estiver sozinho na cama, esta noite, voltará a tornar-se pedra.

E depois, o funeral acaba. Ela foi-se. Limpo as lágrimas do meu rosto. Obrigo-me a recordar a Katie como a rapariga brilhante, corajosa e destemida que era. Era assim que era e sempre será.

Digo a mim própria que um dia irei voltar e sentar-me junto à sua campa. Dir-lhe-ei, finalmente, todas as palavras que estão presas na minha garganta há meses. Quando souber que palavras lhe quero dizer, fá-lo-ei. Farei com que tudo fique bem. Ela terá de me perdoar. Tudo ficará bem.

No caminho de regresso à rua, paro num banco aninhado no passeio. Espero que a minha respiração abrande, que a névoa se dissipe dos meus olhos, que os meus pensamentos não estejam tão pesados.

Estou ali sentada, à espera, quando o Truman aparece do nada e se senta ao meu lado. Os bancos parecem ser a nossa cena. Não preciso de olhar para saber que é ele. É como se eu pudesse sentir a vida a pulsar através dele. O meu corpo sabe quando ele está perto; o meu coração sabe que deve acelerar, como faz sempre que está perto do Truman.

Fico à espera de que ele fale. O que é que ele quer? Um ombro para chorar? Uma companhia? Alguém que lhe diga que tudo vai ficar bem? Não lhe vou mentir.

Mantenho o meu rosto virado para a frente, com os olhos fixos nos carros estacionados ao longo da rua. Vejo o Truman esticar as suas longas pernas, antes de se encostar ao banco. As suas mãos estão cruzadas no colo. O corpo está rígido, frio como pedra. A sua respiração é um sopro branco, no ar frio que agora se aproxima do outono.

Depois, os seus olhos estão em mim. Sinto-os roçar a minha cara.

Sinto cada olhar, cada pestanejar. Sinto-o passar por mim, como se fosse a eletricidade de um fio elétrico. Mantenho o meu rosto virado para a frente, sabendo que ficarei perdida no momento em que os nossos olhos se encontrarem.

Ainda não tenho a certeza se o amei. Acho que sim. Quero que ele seja feliz, mas essa felicidade não pode vir de mim. Pelo menos, não agora. Haverá sempre demasiada culpa, demasiada dor entre nós. Sempre que olho para ele, vejo a cara da Katie, ouço a sua voz. Pergunto-me se o passar dos anos e a cura do meu coração vão mudar alguma coisa. Se isso alguma vez será suficiente para eu baixar a guarda e sentir-me verdadeiramente feliz com ele.

Acho que sim. Acho que podemos encontrar o caminho de volta um para o outro.

Mas, para já, eu e o Truman tivemos o nosso momento. E para o tempo que durou, foi quase tudo. Foi quase suficiente para acalmar a tempestade que levantámos. Sei que nunca mais vou gostar de ninguém desta maneira, nunca mais vou sentir o calor familiar que floresce dentro de mim, quando os seus olhos encontram os meus. Mas vai ficar tudo bem – porque tem de ficar bem. Somos como o inverno e o verão, feitos para existir no mesmo mundo, mas não juntos. Nunca ao mesmo tempo. Precisamos da nossa própria vida, dos nossos próprios momentos para crescer, sempre com essas memórias para recordar.

Agora, sentado no banco, a mão do Truman atravessa o espaço entre nós e agarra na minha. Sinto-me imóvel, como se um simples movimento o pudesse assustar. Tímida e muito lentamente, ele entrelaça os nossos dedos e encosta as nossas mãos ao banco de madeira fria.

Respiro fundo, para acalmar o meu coração acelerado, e depois olho para ele. Os meus olhos encontram facilmente o caminho para os seus. Estão à minha espera. O azul mais pálido no ar frio, como vidro do mar partido, ao longo de uma costa salgada.

Fixamos o olhar um no outro, enquanto a chuva cai, atingindo o

chão e os ramos das árvores. Os seus olhos guardam todos os momentos do nosso passado: aquele primeiro beijo roubado no seu quarto; as manhãs de verão deitados na relva do jardim; nós a pintarmos o céu no novo quarto da Katie; a despirmo-nos no banco de trás de um carro velho. Está tudo ali, todos os nossos últimos momentos.

E então, ocorre algo incrível. O Truman sorri. Um sorriso verdadeiro. Daqueles que se alargam pelo rosto. Daqueles que dividem o mundo ao meio. Daqueles que são como luz solar radiante, após um inverno rigoroso.

Nesse momento, no mais breve dos momentos, o mundo aquieta-se. O vento acalma-se. Por um breve segundo, tudo parece bem. Tudo vai ficar bem.

Aperto os dedos do Truman. Sorrio de volta. Quero dizer um milhão de coisas diferentes, mas cada palavra iria cortar o momento de paz que construímos à nossa volta.

Depois, levanto-me. Mexo-me um pouco mais facilmente, como se a gravidade tivesse diminuído um pouco. O peso desvaneceu-se – ligeiramente, mas já é alguma coisa.

Quando vou a caminho de casa, as nuvens dissipam-se. O sol aquece-me o rosto. O céu abre-se num azul surpreendente, da cor dos seus olhos.

Pela primeira vez, numa escuridão sem fim, sinto um vislumbre de luz.

Agradecimentos

Nem acredito que voltei a fazer isto. Obrigada à equipa da HarperCollins – vocês continuam a tornar os meus sonhos realidade.

O maior agradecimento à minha editora, Elizabeth Lynch, por duas coisas: por deixar comentários como “Lindo!”, que tornaram as revisões um pouco mais fáceis, e pela compreensão atenciosa, que ajudou a tornar este livro o melhor possível. Obrigada à Catherine Wallace por (mais uma vez) lidar com as confusões caóticas que são os meus primeiros rascunhos. E por me ter ajudado na primeira metade deste. (E por me ter dado a ideia de levar o céu para o hospital.)

Obrigada às pessoas que leram este livro quando era apenas um desastre disponível gratuitamente na Internet (um grande aplauso para o Wattpad!). Obrigada por torcerem pelo Truman e pela Eden desde o primeiro até ao último capítulo. Esse apoio foi o que me inspirou a chegar ao fim da história.

Obrigada à minha família, que ficou absolutamente *entusiasmada* por ter tido conhecimento deste livro desde o início, e não uma semana antes de chegar às livrarias, como da última vez. Ups. Obrigada à minha mãe, por me ter dado a ideia de escrever o meu segundo livro sobre ela. (Obrigada a mim própria por não ter dado ouvidos a esse conselho.) E obrigada à Alessia e ao Antonio, por existirem, basicamente. Acho que ser um terço dos Triple As seria aborrecido sem vocês os dois. Só um bocadinho.

Obrigada aos meus amigos escritores que são, muito honestamente, os melhores. São as primeiras pessoas a presenciar a minha tagarelice sem filtros e, de alguma forma, ficaram comigo do primeiro ao segundo livro. Obrigada pelos conselhos constantes, pela honestidade

brutal e por não gritarem comigo por criar personagens que usam demasiada roupa preta. E à Olive, a minha amiga não escritora, por me manter sã na outra metade do tempo.

Guardei os melhores para o fim: Misty, Bella e Chico. Por serem os mais fofos e por me deixarem dar-vos festinhas, quando os meus níveis de *stress* atingiram novos máximos. Alerta de *spoiler*: escrever um livro é um bocado difícil.